

4542463
ANA DE CASTRO OSORIO



MUNDO NOVO

ROMANCE



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L^{DA}
PÓRTO

de
1744

MUNDO NOVO

Obras de Ana de Castro Osorio

Romances, Novelas, Teatro

Infelizes, esgotado. — **Ambições**, (romance), esgotado. — **Quatro Novelas**, esgotado. — **Dias de Feita**. — **A verdadeira mãe**. — **O direito da mãe**. — **Mundo Novo**, romance. — **Bem prega Frel Tomaz**. — Teatro.

Questões sociais

Às mulheres Portuguezas. — **Instrução e Educação**. — **A mulher no Casamento e no Divorcio**. — **A mulher na agricultura**. — **Em tempo de guerra**. — **A grande allança**.

Educação e literatura Infantil

A minha Patria, 10.º milhar. — **Uma lição da Historia**, 21.º milhar. — **Os nossos amigos**, 45.º milhar. — **Lendo e aprendendo**, 13.º milhar. — **Alma Infantil**, 5.º milhar. — **Bôas crianças**, 15.º milhar. — **Os animals**, 10.º milhar. **Via-gens aventureosas de Felício e Felisarda : ao Polo Norte e ao Brasil**, 3.º milhar. — **De como Portugal foi chamado á guerra**, 4.º milhar. **O Livrinho Encantador**, 9.º milhar. — **Contos tradicionais**, 10 volumes. — **Rimas de Maria-a-Bandeira**, *Ilustrações de Leal da Câmara*.

ANA DE CASTRO OSORIO

6
Zunhos

27

♀
3129
1. 19394

MUNDO NOVO

6257
FR. 55

ROMANCE



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.^{da}
PORTO

64
FR.
109
3995

TU

12/17

TRIC

1913
178
267

177
178
179

———— TIPOGRAFIA ————
da COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, Lda
Rua da Boa-Vista, 207—PORTO



DE LEONOR DA FONSECA A REGINA DE ALBUQUERQUE

Minha querida

Prometi escrever-te logo que o vapor se puzesse em marcha, para te dizer, com os olhos abertos para a policromia gloriosa da nossa linda terra, as impressões da partida, toda a áspera saudade dum tempo que é ainda de hoje e mergulhou já no irreparavel passado que — bem o sinto! — nunca mais poderemos fazer reviver.

Ah, Régi, se podesses compreender a sensação dolorosa, quasi materialmente dolorosa, que senti ao primeiro movimento deste grande vapor, que abordáramos com a segurança de quem desembarca numa ilha, tão fixo parecia estar a este recanto do mundo, que é a nossa Patria, como um bloco de rocha no meio do Tejo! . . .

Se podesse dizer-te, de fórma a bem a comprehenderes, a dôr de amputação moral que senti ao ver-me arrastada lentamente para longe da cidade, que explendia em toda a apoteóse de oiro desta primavera de encanto! Se te podesse dar a impressão estranha que senti,

de que alguma coisa da propria existencia ficava nas vossas mãos, que de longe me aceonavam os ultimos adeuses, no vaporsito que os levava ao cais!...

E não me digas Regina, que soffro porque assim o quiz, que na minha vida não havia nada, material nem moral, que me obrigasse a partir. Não repitas as palavras crueis com as quais me querias convencer de que não devia deixar tudo quanto num momento unico da minha existência me deu a consoladora ilusão de que o mundo tem alguma coisa, dentro dos seus fracos limites espirituais, que vale o sacrificio de existir.

«Partes porque queres!...—disseste ainda à ultima hora, sacudida, quasi áspera, com os olhos postos no largo desenho da cidade, recortando-se nitidamente no azul translucido do céu.—Partes porque queres!... A felicidade não se encontra em terra estrangeira. Eu morreria no exilio—... Quando em pequena me levaram para fóra de Portugal adoeci de pura magua e quando de novo me encontrei na Patria, a primeira vez que puz o pé em terra portuguesa caí de joelhos e desatei a chorar numa crise de nervos, beijando-a com devoção.»

Oiço-te ainda, revejo-te encostada à amurada deste grande transatlantico onde não falta nenhum dos confortos materiais, que a nossa educação exige, que de hora para hora me afasta mais de vós todos, queridos e inolvidaveis amigos, que sois a unica, a verdadeira familia do meu coração.

«Partes porque queres!...—Insistias, talvez na vaga esperança de que à ultima hora

ainda pudesse desistir do cumprimento de um dever, que está só na minha consciencia e vontade, mas que nem por isso deixa de ser um verdadeiro e indisciplinavel dever. E acrescentavas, melancolica e repreensiva :

« Bem sei que me chamas romantica. Compreendo que tens pelas minhas ideias sentimentais a tolerancia carinhosa que um medico pode ter pela fraqueza do doente, que por impotencia de vontade não reage contra o mal e por isso difficilmente se cura. Mas que queres?... Tenho um grande amor aos meus caprichos e illusões sentimentais e só por eles compreendo a vida. Não admito que o cerebro domine os nervos e destrua a linda inconsciencia, que nos leva na dôce corrente da existencia. Apesar do muito que te quero sinto-me incapaz de bem compreender as tuas revoltas e os teus ideais e as tuas ambições e portanto não sei desculpar esta fuga; porque é uma verdadeira fuga o que fazes. Repito, repetirei sempre :— «Partes porque queres!...»

Ai, querida, que illusão a tua! Como se nós quizessemos alguma coisa! Como se a nossa vontade pudesse torcer, como um brinquedo, o destino que nos obriga a seguir por um caminho, que tantas vezes é de amargura, deixando outro, que todas as probalidades nos indicavam como fiador duma existencia calma!...

Porque vou para longe, na ânsia de encontrar um mundo novo que os meus sonhos e as minhas esperanças indicam, no desejo ardente de viver uma existencia de luta, nobremente labutada, comprando assim o meu direito á vida?! Não sei! Ou por outra, sei muito bem

que o impulso misterioso que me arrasta para longe de vós, no vago desejo de novo que tanto tem feito sofrer a pobre humanidade, e tem sido também o maior factor do seu progresso, não me deixaria ser feliz, dessa felicidade calma que para mim sonhavas e que só me traria o desespero e a tortura da impotência, num destino falhado.

É que eu, minha querida, sob esta aparência raciocinadora e fleumatica que tantas vezes irritava os teus nervos de emotiva, tenho na alma todas as fantasias aventurezas da nossa raça, queima-me o sangue de muitas gerações de emigrantes e descobridores.

O que tem conseguido manter a minha fama de pessoa refletida e ponderada, tem sido, podes têr a certeza, o fundo de timidez que ha no meu character, mal disfarçado com uma segurança aparente, que muitos alcunham de orgulho. E assim; parto para viver o meu proprio destino. E' alguma coisa!... E' uma razão que aos meus propios olhos me justifica.

Escreverei!... Foi a ultima palavra que lhes deve ter chegado aos ouvidos, quando o vapor se afastava lentamente, deixando-os entregues ás preocupações de momento, á vida, a uma existencia de que faço parte, deixa-me ter esta vaidade, porque, nunca mais—tenho a certeza!—arrancareis da memoria a recordação da amiga, que durante alguns meses sofreu e riu convosco, passou as horas boas e as más fazendo parte integrante da vossa propria existencia.

E agora que me sinto absolutamente só no meio desta multidão indifferente e, para mim,

antipática, como tudo quanto me é inteiramente desconhecido, venho escrever-te, tentando dar-te, por um escrupuloso exame de consciencia, a convicção moral da necessidade que tive de vos deixar.

Começo esta ao acender as luzes do salão, já quando de todo se perdeu no horizonte a ultima e vaga linha da costa portuguesa...

Tomei posse do meu beliche, onde vou só —felizmente!—tendo custado não sei quanto mais, que o Miguel me disse ter metido nas contas, que me entregou, e que eu, apesar de todo o meu apregoado senso prático, só agora vi na mala de mão para onde as atirei, com o dinheiro por ele cambiado para as despesas de bordo,

Depois de tomar posse desse cantinho, que vai ser toda a intimidade da minha existencia durante uns quinze dias, pelo menos, subi á tolda e dei a volta á varanda, onde já se encontra menos gente, pela tarde que esfriou um pouco e pela necessidade que todos, mais ou menos, sentem de enraizarem nos habitos elegantes de bordo, indo vestir-se para o jantar.

A terceira classe cheia, positivamente abarrotada de emigrantes de todas as nações da Europa, que vão em cáta da fortuna, que tão esquivia vai ser para a maioria—carne para canhão que não mais voltará á terra-mãe, sangue de miséria que ajudará a sedimentação dolorosa das novas sociedades, que os esperam, indiferentes.

Ha risos, cantos, acordes isolados de guitarra, mas a impressão geral é soturna, desolada, miseravel, avultando na pobreza descon-

fortada as crianças, que se estendem pelo chão, lambusadas e chorônas, ou se agarram às mães com o olhar pasmado de quem se encontra em face dum misterio, que baralha todas as ideias adquiridas.

Para quantos dos que ahi vão, pobres camponeses arrancados ao recanto agreste a que as gerações se tinham aferrado, como ralzame de carvalheira secular, o mar, este mar largo que a noite começa a encher de sombras e o vento a picar numa agitação que é como uma caricia no costado do vapor, não era ainda hontem o desconhecido pavoroso, lembrado com terror em todas as orações, «pelos que andam sobre o seu perigo»?! . . .

A vida que os agita e empurra, não se sabe bem para que destino incerto, faz da promiscuidade abjecta da terceira, qualquer coisa de repugnante e de animal, que é tanto mais dolorosa quanto é diversa toda essa gente, que nem a lingua, nem a raça, nem os costumes ligam simpaticamente nos mesmos interesses e aspirações. Daqule emaranhado de existencias humanas, que vozeiam surdamente, sóbe até á varanda onde me debrucei curiosa, um cheiro nauseante a rancho, a molhado, a sujo, que me faz afastar, nesta covardia fisica que me conheces, perante aquilo que é feio e triste.

Do outro lado da *terceira*, os viajantes da *segunda* teem o ar correcto de quem sabe muito bem avaliar a propria importancia, imitando preocupadamente os despropositos elegantes dos da *primeira*.

No arrepio da noite que me envolvia me-

lancolicamente vim para o salão onde algumas damas inglesas escrevem nas pequenas secretarias em roda, mal se apercebendo dos grupos já relacionados do principio da viagem, que tagarelam sobre as impressões do dia de excursão e passeio nas ruas de Lisboa, que viu passar, sorrindo, os véus flutuantes e os vestidos curtos das mulheres, a objectiva a tiracolo e o figurino acusador da sua qualidade de aves de passagem para longínqua emigração.

Alguns passageiros, como eu, entrados de novo, conservam-se a distancia, estranhos ainda á vida de bordo, que se compara, na sua estúpida e agitada vacuidade, á monotonia de uma cura de aguas em hotel de luxo, nalgum desses recantos fundos de vale, onde as nascentes medicinais rebentam e correm para alívio dos doentes e proveito dos industriais da especialidade. Sem comunicações faceis, nem atractivos fóra do ambito da propriedade, elas condenam, doentes e sãos, a uma promiscuidade moral que dificulta a cura a quem sinta, como eu sinto, o horror da convivencia com desconhecidos e indiferentes.

Concentrando-me no meu proprio sentir afasto-me de todos os grupos, apanhando alvoraçadamente a primeira secretaria deixada vaga por uma loira rapariga, que se dirige para a caixa do correio com um baralho de postais ilustrados, em que Lisboa e seus costumes vão retratados para o conhecimento do mundo.

Pego na pena para te escrever e revivo toda. as emoções da partida, vindo-me persis-

tentemente á lembrança a tua frase cruel e injusta:—*partes porque queres!*...

A resposta vem tumultuariamente aos meus labios e esfria logo, na impossibilidade de ta dizer bem alto, numa daquelas discussões e conversas em que o tempo se passava sem darmos por isso, no lindo aconchego da tua salinha florida, como uma estufa.

E tenho que calar e condensar na palavra escrita, menos espressiva e espontanea, a resposta á tua accusação.

Acredita, Regina, quanto mais me concentro no meu proprio sentir mais me convenço de que esta minha resolução derivou, logicamente, da minha propria existencia psicologica, inadaptable á vida comum de toda a gente.

Viver é lutar; e junto de vós, ao abrigo dos vossos corações cheios de tolerancia, o que poderia fazer em acção pela ideia que faz parte da estructura moral do meu ser?!

Ahi, concordo, ha muito que fazer para aligeirar o peso enorme da injustiça e crueldade atávica, que esmaga a consciencia feminina; tinham vocês razão em mo repetir constantemente para afastar do meu espirito o projecto desta viagem que, no fundo—é necessario ser absolutamente franca,—participava do desejo aventureiro de viver alguma coisa de mais estranho e novo. Aparentemente tinham vocês razão, mas, pensando bem, o que poderá fazer, dentro duma sociedade estabelecida e cimentada, como a nossa, nas praxes de todos os preconceitos e costumes, a vontade, por maior que seja, duma pessoa só, especialmente duma mulher, se não tem direitos civicos para

conquistar um lugar de direcção ou não tiver, ao menos, o dinheiro que é um meio, inferior talvez, mas indispensavel como força de acção para tornar a vida dos fracos menos injusta e menos cruel ?!

Desiludida e prepositadamente desanimadora, perguntavas-me, sorrindo da minha fé de combatente:—se cuidava ir encontrar a *arvore das patacas*, o oiro ambicionado para uma obra tão grande e tão urgente numa terra tão ásperamente procurada e tão cruelmente defendida pelos ambiciosos de todo o mundo, a maior parte sem ideais nem escrupulos, lutando com heroicidade, numa ânsia cada vez maior do gôso e do conforto, pelo dinheiro que tudo porporciona ?!

Mas, não é só a ambição material de ganhar dinheiro, que me sirva de arma para a luta, o que me impulsiona e faz partir para esta aventureosa jornada. Bem sabes tu, querida Regi, quanto sou despreocupada das questões economicas que, no entanto, convenho, são indispensaveis de atender dentro das sociedades economicas e materialistas em que temos de agir. O que, porem, me impulsionou, confesso, foi o desejo de me encontrar num mundo novo, numa sociedade diferente da nossa, constituida por pessoas laboriosas, que sabem o valor real da vida, despidas de preconceitos, gente desempoeirada pela libertação nobilitante do pensamento, onde, julgo, me vou encontrar bem a gosto, trabalhando sem peias, lutando sem entraves para apressar a hora da justiça que antevejo.

«A tua felicidade estava ali»—dizias, apon-

tando para ele, para o amigo do nosso coração, para o companheiro do nosso espirito, para o poeta estranho e amargurado que não fez um gesto para modificar o destino que nos afastava mais uma vez—e agora, para sempre, naturalmente!...—no decorrer de duas existencias, que o acaso aproximou em diversos momentos duma dolorida e rara doçura espiritual e o mesmo acaso separou irremediavelmente, na resaca brutal da vida exterior.

E ante a minha negativa de convicta, voltaste-te para o lado onde o Miguel assistia ao embarque e acomodamento da minha bagagem e acrescentaste a sorrir:—«ou ali!...»

Senti na propria modelação da tua voz, que a maior simpatia era para esse lado, considerando carinhosamente o belo rapaz, que tanto procurou desviar-me da resolução tomada, para depois, ante a inabalavel determinação, se mostrar tão empenhado em satisfazer todos os meus desejos, provando a sua dedicação a todos os instantes na maneira como tratou tudo quanto dizia respeito aos meus interesses.

Compreendo a tua simpatia por ele, por esse bom Miguel, que se arvorou em minha providencia e cujo interesse me envolve e me acompanha, sentindo o seu reflexo aqui na viagem, neste grande navio onde me sinto tão só, tão desolada e perdidamente só!

Por todos os lados encontro o rastro da sua solicitude carinhosa: nos empregados superiores aos quais me recomendou, nos criados que gratificou, na criada a quem prometeu boa-espórtula se lhe levar boas noticias no re-

gresso, na disposição da minha bagagem, de modo a facilitar-me o serviço, na graça com que floriu o bliche com os ramos que me trouxeram e até—custa-me confessa-lo pelo que tem de vexante para as minhas aspirações de autonomia—no troco do meu pobre dinheiro, que se esforçou por cambiar, o mais possível a meu favor, numa horrível canceira pelos bancos e cambistas, que lhe levou, seguramente, umas poucas de horas em que despreocupadamente, eu nem sequer pensava na necessidade de fazer tal operação.

E porque faz o Miguel um tão grande dispendio da sua energia e do seu tempo, ele tão avaro de uma e do outro, como creatura de equilibrio e de senso pratico, que é?!

«Porque te ama!»—dizes tu, minha incorrigivel sentimental.

Ah, mas não é amor aquilo, sabes tu?! E' a convicção da superioridade de homem pratico, que me quer impôr, arvorando-se em dirigente da minha vida material, já que desistiu de o ser da moral. Ha muitíssimos homens que se contentam com essa apparencia de mando e fecham as mulheres na gaiola da sua solitudine exterior, sem comprehenderem como essa propria dedicação estatelada ao público, é vexante para a altiva consciência do individuo autonomo que todos devemos sêr!... O que o Miguel fez por mim—não me chamas ingrata! —não me comove, porque outra qualquer pessoa o faria, pelo simples desejo de ser agradavel ou receber uma gratificação.

Vejo a tua indignação nervosa ao ler estas palavras... mas, deixa-me ser absolutamente

franca, agora que estou só com a tua alma e não vejo o teu sorriso de ironia, nem tenho que rebater as tuas opiniões e palavras de descrença sobre o meu ideal de individualismo consciente. O que me afasta de Portugal neste momento, o que fez uma realidade imediata do que fóra por muitos anos uma vaga ideia mal enraizada na minha consciência, foi exactamente a recrudescencia de ternura amorosa do nosso bom Miguel, cego a todas as aspirações abstractas, muito bem plantado na vida, muito senhor de si e do seu futuro, cheio da força social que lhe dá a certeza de que a fortuna pessoal do pai, ao serviço da industria tão bem encetada, lhe garante uma existencia farta e sem preocupações, podendo realizar sem canseiras o que ele chamará as suas extravagancias: — viligiaturas comedidas em termas ou praias de luxo; de anos a anos uma passeata ao estrangeiro; a renovação do mobiliario fóra da moda; a posse de um automovel e de algumas parelhas de cavalos (a sua paixão atávica de criador) e por fim, o casamento por amor com uma rapariga de convivio agradável e familia conhecida, e que ele vista e calce e passeie, e lhe dê em troca os filhos necessarios para a continuação da dinastia dos Mendes, da Rebordosa, que tem na amarelecida papelada da sua farta geneologia de «Homens bons» do conselho, atléticos brigões de feiras e romarias, riquissimos lavradores e comerciantes, alguns inofensivos conegos e duas ou três senhoras-abadêssas em fechados conventos de afamadas cronicas, poucos militares, pouquissimos letrados e muitos criadores de bom gado de raça.

para os curros de Lisbôa, e, talvez, algum titular da aristocratisação ultima do constitucionalismo.

Tu sabes, Regina, quanto no fundo do meu coração estimo esse bom Miguel, que me conheceu pequenina, que me habituei a vêr como um generoso irmão, sempre pronto a advogar a minha causa perante o julgamento severo, que as minhas travessuras reclamavam; meu companheiro nas horas perturbadas da adolescencia, meu amigo sempre nas amarguradas emergencias desta existencia baralhada e truncada, que é a minha. Mas o que não podes, sequer, calcular é o abismo que moralmente me separa dele, não como leal e desinteressado amigo, mas como marido, que pretendia tornar-se.

A ideia deste casamento, acariciado e combinado entre as nossas duas mães, que foram amigas de collegio, apavora-me, positivamente!

E' provavel que o tivesse aceite, com muita illusão e uma grande bôa vontade idealista de o fazer feliz, quando, aos dezaseis anos voltei à Rebordosa com a minha educação feita, no dizer optimista e na convicção ingenua da minha mãe. Mas que educação era essa, Regina? Pobre fermento de sonhos, ambições e vaidades, terreno preparado para todas as aventuras dum futuro que a minha dealbante consciência não podia sequer antever e, muito menos, determinar.

O que sabia então? Absolutamente nada, devo confessa-lo com tanto mais orgulho, quanto é certo que foi com ésses fraquíssimos elementos de defesa que me empurraram para

a vida, a mim, como a tantas outras raparigas da nossa classe.

Com essa custosa educação sem finalidade, que minha mãe proclamava perfeita e completa, adquirira, apenas, o conhecimento superficial das linguas francesa e inglesa, com o bastante de alemão para lêr sem compreender, uma pagina do seu tipo gótico.

De resto . . . umas luzes gerais sobre artes e sciências vagas, como é de uso indispensavel numa menina de boa condição, para não incorrer no desaire de afirmar, como os santos inquisidores que torturaram Galileu:—que a terra está segura e firme no espaço como uma rocha, enquanto o sol meigamente a rodeia como adorador fiel . . . Além destas perfunorias sabenças, quiz a minha negação absoluta para a música, que me fosse dado como indispensavel cultura artistica umas habilidades picturais, elementos suficientes para matar o tempo na Rebordosa.

Nessa ocasião, era porém, muito prematuro o casamento para os calculos dos pais do Miguel, que não tinha ainda assente no caminho a enveredar, apesar dos seus vinte anos, que a ambos nos pareciam sêr uma idade já bastante avançada . . .

E, como também os meus dezaseis não inspiravam uma profunda confiança nos animos paternos, resolveu a minha senhora mãe: que toda a misteriosa conspirata ficasse em segredo, para mim, não fosse eu sentir-me muito presa antes do tempo e me tornasse infeliz e doente pela caprichosa espera dum noivado em perspectiva.

É inútil dizer-te, que nenhuma das conversas e conluios passaram sem que os meus ouvidos e a minha atenção as apanhasse de passagem, embora o Miguel para mim se mostrasse com um ar protector e de misterio, que o convencia da sua alta superioridade de homem e de mais velho. E eu, *obrigada a não saber nada*, sorria para dentro com a ingénua hipocrisia de todas as raparigas no meu caso.

O resto já tu sabes, ou antes, sabes os factos gerais, que me tornaram aos vinte e seis anos e unica senhora e árbitra do meu destino.

Com a vida publica do meu pai, sempre pronto para desempenhar comissões de serviço nas colonias, habituei-me, no convívio com gente estranha, a uma libertação de pensamento e a uma visão larga das coisas, que determinou a libertação externa, deixa-me assim expressar, num terreno bem preparado... como dizes, com muito propriedade e a impagavel flagrancia e graça da tua conversa.

A bordo dos paquetes, que durante anos de peregrinação nos transportaram da Costa Occidental Africana à Costa Oriental, da India à China e à Oceania, tive occasião de lér em revistas e jornais estrangeiros tudo quanto reflête, duma forma mais ou menos simpatica, a questão social a que, impropriamente, se convencionou chamar feminismo.

Neste periodo da minha existência, que classifico de intellectualmente incubador, li tudo quanto me passou pelas mãos, ao acaso das bibliotécas de bordo, desde os romances detestaveis do sentimentalismo piégas, ás canalhices abjectas dos industriais da pena. Os li-

vrinhos de literatura branca espalhados pelo mundo por conta e ordem das sociedades moralistas dos Estados Unidos, como as aventuras rocambolescas dos dramas policiais e dos romances historicos de capa e espada, tudo passou pelos meus olhos e entrou no meu espirito sem lhe deixar a menor sombra de impureza. A par de muitissimo alimento improprio, que o meu organismo vitalmente rejeitou, consegui tomar conhecimento de tudo quanto de melhor existe no literatura inglesa, na francesa e na nossa, apesar da grande dificuldade que sempre encontrei em obter os livros portuguezes.

Foi a geito e a proposito desta minha sêde de leitura, que mais se entrelaçaram e apertaram os fios de oculta simpatia espiritual, que me ligam ao nosso querido poeta.

Não culculas o sentimento de dignificação, que me engrandeceu aos meus proprios olhos, quando ele poz ás minhas ordens a sua imensa colecção de livros—não digo bibliotéca porque sei quanto as classificações pedantes o irritam—que recolheu um a um ao longo da sua tão calma e util jornada pela vida, amando os escolhidos como a bons amigos individuais, desfazendo-se impiedosamente de todos os maus ou inuteis.

Considerando-me sua discipula, embora nunca me tivesse imposto a minima parcela de opinião dogmatica, toda a minha ternura espiritual se concentrou no amigo, que me dava a sua confiança e a sua estima duma fôrma tão subtil e feminina, no sentido em que tomo a feminilidade espiritual, pela delicadeza emotiva

no sentir, que não pela antipática classificação fisiologicamente sexual.

Chegando a este ponto da minha confissão, bem sei, Regina, que é para ti motivo de surpresa a maneira esbatida e vaga como se conservou no fundo do meu coração, e porventura no dele, este grande affecto que nos facilita um convívio cheio de carinho, ligando-nos desde a primeira hora em que nos encontramos, era eu pouco mais do que uma criança e ele já um consagrado entre as centenas de pessoas que o conheciam e dele falavam com um respeito, que a sua superioridade justificava.

O fio de oiro deste nosso affectuoso interesse, foi-se estendendo e reatando pela vida fóra, sempre que o acaso nos reuniu, como o desenrolar do fuso maravilhoso no conto de «*Rolando, o noivo esquecido,*» que enche de luz a imaginação infantil.

É nota, minha querida Regina, que o acaso não tem sido muito prodigo nos encontros que nos tem proporcionado, jámais forçados pela nossa determinação, jámais ligados nos intervalos por qualquer correspondencia de simples e amistosa lembrança.

No entanto, a nossa vida espiritual corre sempre paralela porque, ao reencontrarmos-nos, ambos temos a nitida impressão de que não foi oposta a curva intelectual e moral que o nosso espirito descreveu.

Tu, minha querida, que no fundo és muito menos idealista do que eu, apesar da tua fama de sentimental, não comprehendes bem este sentimento tão vago, que eu propria não cheguei nunca a determinar, sendo mesmo abusar

da tua condescendente amizade referir-me à sua quási irreal existência . . .

Foi pois nesses anos de vida larga e desafogada nas colonias, que me fiz o que me encontraste, quando a morte de meu pai nos trouxe, no refluxo da vida, para Lisbôa, que mal conhecia no seu meio exterior, nos rapidos estadios de repouso, entre duas viagens.

E após esse desastre maximo para a nossa existência moral e material encontrei-me volvida em chefe de familia, eu, menina mimosa e tutelada pela atmosfera de carinho e de respeito em que o nome de meu pai me conservara até aí. Tornada, eu filha lamelia, de um dia para o outro o unico arrimo moral duma linda e bôa senhora, que durante a sua existência, afagada e recolhida, nunca tinha posto os pés na rua desacompanhada!

Felizmente que te reencontrei nessa querida e grande Lisbôa indifferente e ilogica e que tu simpatisaste com o meu feitio moral, que nas suas linhas gerais tão bem se casa com o teu.

A aproximação do Miguel, que a protestos vários passou a residir quasi sempre aí, deu-me a conhecer que, tanto êle como os pais, desejavam estudar as modalidades que a vida imprimira ao meu character, tendo a vaga — e justificada — apreensão de que a Leonor que sou hoje pouco ou nada tem daquela que aos deza-seis anos era massa maleavel, e ainda por levar, que bem se poderia incorporar sempre-juizo, na composição geral da familia, com a marca de pão de luxo.

Não te sei dizer, com garantia de acerto, se

para os pais de Miguel eu serei ainda a espôsa desejavel para o filho. Afigura-se-me que não, apesar da grande ternura paternal, muito cavalheiresca, e *ancien régime* do senhor João Mendes da Rebordosa, que se mostra agradado quando lhe conto episodios das viagens e lhe digo os casos pitorescos, concordando, amavel e teoricamente, com as minhas aspirações de perfeita justiça, rindo como *galante huomo* das impaciencias e impertinencias do filho, sempre armando em senhor de baração e cutêlo. A mãe não a conheço bem a fundo, colocando-se propositamente na sombra dos seus deveres de governante tutelada do marido e do filho, como futuro chefe de familia. Se alguma simpatia tem por mim, será apenas o reflexo da grande amizade que a ligou, desde menina, a minha mãe.

Nesta situação, que eu chamarei de cordeal espectativa, fiz o possivel por, diplomáticamente evitar situações irreparaveis e palavras que se tornam em algemas e dar azo a que o Miguel tivesse occasião de se mostrar tal qual é.

Dizer-te, neste momento único de absoluta sinceridade, que não será fácil repetir-se, pela anormalidade das circunstancias morais em que me encontro, que não lhe tinha senão amizade fraternal, parece-me que seria mentir.

Involuntariamente caminhava para êle, na ânsia de nos realisarmos no todo completo, que é, a meu vêr, o casamento. Por vezes me surpreendia a sorrir com o seu sorriso, estrelecendo ao contacto da sua mão máscula e nervosa, quando apertava a minha, com a energia do animal que sabe gosar a posse da sua présa. Ao presentir-lhe os passos na escada e

aquele seu tocar na campainha rapido e repetido, de quem não pode nem deve esperar, já por vezes sentia o sangue afluír-me ao coração para subir ás faces numa onda de rubor; o que me vexava pelo ar de noiva ánsiosa e ingénua, que a seus olhos podia mostrar.

Seria mentir, sem desculpa, o negar-te, agora que me sinto já libertada, que muitas vezes me surpreendi pensando com ternura na boa casa antiga onde poderia entrar como familia,—eu que neste momento me sinto tão desoladamente só!—encontrando de novo o carinho doce de meus pais nesses velhos, que deles foram amigos. . . pensando até—deixa-me ir com o meu sonho até ao fim—que a minha inteligente influência e bom exemplo poderiam beneficiar essa região em que a mulher é tão escravizada e brutalizada pela vida. Com a cabeça e os olhos cheios do trabalho admiravel das mulheres dos países nòrdicos, deleitava-me a idealisar a criação de escolas profissionais e associações das lavradoras instruidas, que desejava que fossem todas as senhoras das redondezas; estudava culturas e métodos novos de valorizar a terra pela industria, dando á mulher o seu verdadeiro papel de mãe e orientadora da familia no belo e largo sentido moderno da palavra, não á romana, como a entende o judicioso critério da grande maioria da gente portuguesa.

Mas, vér o Miguel encolher os hombros, sorrindo ironicamente ao que éle chamava «as minhas fantasias romanticas de intelectual» e afirmar com ar superior de delegado de provincia:—«que a vida se encarregaria de me

limpar da cabeça essas teias de aranha» . . . — para ele tudo quanto não seja o dia a dia positivo da existência, é considerado *teias de aranha* — era para os meus nervos a chicotada revigoradora dum duche escocês. Ouvindo-o troçar, e por vezes discutir com ar enfasiado, tudo quanto representa para mim um ideal de justiça, que é a minha religião, o meu espírito confrangia-se, ou melhor, apavorava-se, perante a interrogativa do futuro e a progressiva diminuição da minha estima cerebral prejudicava, em absoluto, o amôr físico, que ameaçava prender-me.

No dia em que êle me disse, brincando com a haste dos nardos perfumados que me trouxera, e que na surpresa da minha paixão pelas flores e pelos perfumes fortes, quasi me levava a fazer-lhe uma declaração de amôr: — «que, para ele, a mulher, só representava na vida do homem a belesa frágil e o capitoso perfume duma passageira flôr». . . — repetindo ante o meu protesto: — «que a mulher não devia ter direitos, de que não saberia usar e os deveres lhe bastavam para preencher os dias da existência, unicamente devotada ao homem, seu senhor. . .» — no momento em que afirmou «que mulher sua terminantemente seria impedida de exercer qualquer profissão remunerada, achando vexante e pouco seguro para o marido, que a mulher ganhasse dinheiro proprio, embora não despresasse o que trouxesse em dote, ganho por outros, e do qual seria o administrador. . .» — Francamente, minha querida Regina, abriu-se entre nós um abismo tão fundo, tão fundo, que transpo-lo seria expôr-me

ao perigo maximo de detestar o homem que devia amar.

Ouvindo-o, todo o meu affecto se transformava em desprezo e até em odio retrospectivo, estremecendo de horror pela minha própria miséria, se tivesse casado com éle antes de ser a mulher que hoje me encontro, sabendo o que sou e o que quero sêr.

Bem sei que esta minha ingénua confissão te vai causar riso, mas cumprindo a minha promessa quero ser absolutamente franca para ti, nesta hora que é para a minha consciência uma verdadeira Pascoa da Ressurreição.

Com todos os meus pensamentos estatelados diante dos teus olhos de *juls da penitencia*, a minha alma entrará no Mundo-Novo, do qual me aproximo em cada volta da helice, pura e limpa, como uma patêna, depois da consagração. . . Pois fica sabendo, Régi, que visionando os dias de revolta e de tédio que teria passado na Rebordosa, se a sorte me tivesse casado mais cedo,—ou peor ainda—vendendo-me absorvida e afeiçoada ao meio e ser ohje. . . o que me inspira tão profundo desgosto nas outras, o animalsinho de egoismo e de passividade, sem ideal que ultrapasse os pequenos gosos da vaidade—que se sente satisfeita com a posse duma joia ou o estrear dum vestido q'ue enraivará as outras pobres—enche-me de apavorado espanto!

«Cuidarias dos filhos — disseste-me um dia, opondo a tua visão duma existência materialmente equilibrada ás minhas duvidas justificadas, lembras-te? — «Tu que adoras as crianças serias a mais encantadora das mães».

Pois não seria assim, escuta-me sem te indignares. Nem sempre são bons pais os que estimam, como eu, as crianças, com o enlevo e o encanto de quem admira a vida sob as formas mais delicadas do seu lado estético. Em geral os melhores pais, os mais dedicados e sacrificados á felicidade dos filhos, sentem pelas crianças alheias uma indiferença absoluta.

O que seriam os meus filhos e do Miguel, nascidos ha seis ou sete anos na atmosfera asfixiante da familia Mendes, na qual, tradicionalmente, a mãe só representa o elemento de passividade, material e moral, que lhe delimitou o alcorão?! . . . Bonequinhos de luxo, sabiamente manejados nos seus engonços difíceis, unico desafogo e entretenimento duma pobre mãe, obrigada a medir as palavras, soffrear os impulsos mais generosos, recortar as crenças como guarnições de jardim bem tratado, nem demasiadamente praticante para não ser chamada reaccionária, numa familia de tradições liberaes nas lutas do constitucionalismo, nem indifferente de práticas exteriores para que não fossem os outros suspeitar que se queria fugir aos espartilhos dos dogmas officiais, que são pergaminhos nobiliarquicos em todas as sociedades em decadencia. . .

Não! decididamente era eu a pessoa menos talhada para entrar, como princeza consorte nos senhorios da Rebordosa, não sendo toleravel ao meu character aceitar um marido, que tomando á letra as disposições do Codigo, assumisse o papel de protector e, mais ainda, o de tutor.

Estou a ver o franzir descahido dos teus

labios, sorrindo ironica do que aos teus olhos não passa de ingenuidade na forma de encarar as questões que me tocam directamente. Estou a ouvir-te murmurar o que tantas vezes annunciaste com segundo sentido no decorrer das nossas discussões de principios «de paixão *jacobina*» classificando as convicções firmes, que não admitem transigencias ou fraquezas de character, o que segundo muita gente ondeante em seus juisos, não é duma suprema elegancia. E ao ler-me terás desejos de repetir: — «Ora, minha pobre Leonor, as opiniões que os homens teem em solteiros, são apenas palavras de que o sentido só mais tarde se conhece, conforme a orientação que a vontade da mulher lhes imprime. Quando o povo construiu aqueles proloquios e anedoctas; «o que a mulher quer Deus o manda», e «o homem põe e a mulher dispõe» o caso das nozes do sr. Abade, os «cinco reis por cada homem que tivesse medo da mulher. . . «e tantos outros com o mesmo sentido, só tinha em vista provar que apesar dos seus fumos de senhorio, quem no fundo dirige a sociedade é a mulher, que se insinua e domina o homem, que mais alto proclama o seu mando. . .

É que a mulher, usando os processos de escrava sem direitos, adula e mente para fazer do senhor servo dos seus desejos e caprichos.

Bem sei! É o processo usado desde o principio do mundo e ainda bem vulgarisado nos paises, como o nosso, em que a educação, por escassa e desorientada, não dá a independencia economica à mulher, nem lhe desenvolve a noção justa da dignidade pessoal.

Mas, esse processo não se coaduna comigo, como da mesma forma não serviu para ti, apesar de todas as tuas boas teorias e sábios conselhos. Para meu uso próprio quero encontrar no homem com quem me ligue, na convicção firme de ser a sua companheira até á morte, a compreensão nitida duma igualdade moral, que só nobilita o amor e a família.

Entrar no casamento, como base de estabilidade social fundada na família por uma porta falsa, onde é necessário abaixar a cabeça e seguir por um corredor escuro até chegar ao salão nobre, convence-te que é absolutamente impraticavel para a consciência da minha individualidade e vai de encontro a todos os principios que para meu uso proprio estabeleci. . . e dos quais sou escrava, como dizes.

E aqui tens, minha amiga, explicado, como te prometi, o misterio da minha fuga, que attribuíste a capricho determinado pelas tendencias, mais ou menos aventurezas, da nossa raça.

Responderás ainda a todo este meu esmiuçar de sentimentos intimos, uma coisa aparentemente logica e simples, e que tantas vezes vi esboçada nas tuas palavras:— é que o viver ahi conforme a determinação da minha vontade, não implicava de modo algum a obrigação do meu casamento, fosse com quem fosse.

Tudo isso tem uma apparencia de verdade que pode iludir, mas é só a apparencia, podes estar certa! Como hasde reconhecer em todo a nudez da minha confissão, eu não me sentia tão fisicamente invulneravel, que tivesse a absoluta certeza de resistir á vontade envolvente do Miguel, que me conhece desde criança.

e sabe os meus gostos e predilecções, sem me eriçar de espinhos que o iriam maguar na sua vaidade e no seu orgulho, porventura até no sentimento de posse, a que tu chamas amôr, o que porventura determinaria a quebra dos laços de saudosa ternura que à família me prendem, materializados nas relações de amizade que ligaram os nossos pais.

Aproveitando a oportunidade que me facultou a identificação desse velho tio, que me apareceu como indicação providencial, nesta hora triste de incerteza, resolvi a minha viagem em demanda de um mundo novo, duma sociedade liberta do pêso esmagador dos velhos preconceitos seculares e vou, cheia de vontade e cheia de fé, na certeza de poder triunfar num meio sem compromissos com o passado, em que todos se honram do trabalho e da inteligência, como as unicas nobilitações compatíveis com o espirito moderno.

Fujo à tentação egoista e covarde de vir a ser tão sòmente, como dizia aquela encantadora Rosita, procurando com energia e coragem um logar de destaque no teatro, *uma senhora casada!*

Sinto o calafrio de terror que nos percorre a espinha ao entrar numa prisão subterranea, dessas que nos deixaram para memoria historica os nossos antepassados, encarando o casamento conforme é aceite e tolerado pela maioria das mulheres: uma escravidão mansa ou uma soberania hipocrita, que aperta sem esmagar a alma feminina e lhe tira toda a nobreza, toda a espontaneidade e toda a iniciativa individual.

Quando eu era ainda criança, um velho amigo da casa, rabugento e irritado com a explosão rebelde do meu espirito, apostrofou-me um dia: — «a menina nunca hade ser, como a sua mãe, a verdadeira mulher do seu marido! . . .

Foi uma profecia, estás vendo. Porque eu, que nessa ocasião já me revoltava e protestava pela maneira tiranica como êle tratava a mulher—uma pobre rapariga do pòvo que o aceitára velho e doente, na aspiração humana de subir na escala social, visto que o casamento é a única porta que se abre à natural e honesta ambição feminina — nunca poderia aguentar uma existência sem autonomia, dentro da qual não poderia ter ideias nem iniciativa sem que tudo passasse pelo papel mata-borrão da vontade soberana de meu marido e senhor.

Por mais amável e delicadamente que a sua autoridade se manifestasse, eu tive sempre uma super-sensibilidade espiritual que me não deixaria ser a esposa-pupila que foi, por exemplo, a minha mãesinha.

Pelo que da nossa vida conheces e pelas próprias palavras dela, bem compreendeste que a sua existência decorreu quanto possivel feliz e calma, envolvida e acarinhada como sempre foi pela grande ternura protectora de meu pai. E foi tão aliviada a sua missão de esposa e de mãe, no sentido da responsabilidade dirigente, que nem chegou sequer a pezar bem o que o seu papel teria de inferiorização social sem a gentileza e a correcção fidalga com que o marido soube temperar o seu inato autoritarismo.

A certeza de que minha mãe foi absoluta-

mente feliz na anulação da vontade determinada, dá-me tanta alegria quanta liberdade para dirigir o meu próprio destino, sem remorso. Conhecendo de perto esse exemplo, não me seduz o resultado, porque o meu critério me indica sem hesitação, que uma felicidade edificada sem os raríssimos materiais que fizeram do nosso lar um refugio invejável, não é duradoura. Para ser feliz como foram os meus pais era necessário, em primeiro lugar ser a doce e linda criatura resignada ao seu papel de oculta divindade familiar, que foi a minha mãesinha; depois, encontrar num homem de caracter e de energia como meu pai, as qualidades de intelligencia, delicadeza, educação primorosa e bondade, que foram as características, rarissimamente aliadas, que o tornaram o melhor e o mais querido dos maridos, tão querido que o seu pobre coração não resistiu á dôr de o ter perdido.

«Olha, Leonor — dizia amiudadas vezes minha mãe, preocupada, talvez, pelo isolamento em que me ia deixar — se deparasses com um marido como teu pai foi para mim, morreria feliz! . . .

Não a querendo contrariar, e na certeza absoluta de que ela desejava um impossivel, formulava no meu pensamento a pergunta: — «E seria um homem, como meu pai, o mais próprio para aceitar e ter ao seu lado uma companheira com opiniões, com vontade e com destino autónomo, como esta sua filha? . . .»

Francamente, e com a mão na consciencia, julgo que não! Porque, tal como sou, ainda para o seu coração e para o seu espirito repre-

sentava a exteriorisação das suas próprias qualidades de energia, e de individualismo autoritário; e o que uma filha traz de desdobraimento orgulhoso do próprio ser, só por exceção um homem pode sentir espiritualmente pela estranha, que forçou a sua vida moral pela porta frágil do sentimento amoroso, tornando-se a sua companheira.

A prova de justeza do meu critério têmola no facto, a que tantas vezes aludimos nas nossas palestras e discussões, de haver muitos pais que compreendem e apoiam as reivindicações sociais das mulheres e raros maridos que, incondicionalmente e sinceramente, as aceitam na sua completa justiça.

Mas... é tempo de acabar esta, que me tem levado a escrevêr as horas de isolamento que prefazem os dois dias que me separam de Lisboa e me vão aproximando da incomparavel Madeira, que guardo na memoria como visão de repouso, desde a primeira hora que ante meus olhos surgiu, numa aguada empalidecida pelo sol, na já longinqua manhã da adolescência, em que fiz a minha primeira viagem.

Devemos avistar a ilha, como então, nas primeiras horas da manhã.

Estou já inscrita para a excursão, organizada da mesma forma inalteravel do costume, apenas desta vez subindo-se mais um escalão na montanha onde um novo hotel galgou um mais elevado posto. Esta boa gente prática, que toma sobre si o encargo de facilitar tudo quanto isoladamente se tornaria de impossivel realisação merece, neste momento, o meu aplauso mais incondicional, pois é graças a ela, que por

uma insignificante libra esportulada, todos nós vamos poder ter a sensação maravilhosa de nos embebermos por algumas horas nessa paisagem de sonho, que já a distância nos atrai, e que vamos ter o prazer nervoso duma descida na cesta, escorregando pelas calçadas encebadas, timonada pelos madeirenses morenos de voz cantada e áspera, que se riem do arrepio álgido que encrespa a espinha dos timoratos passageiros e faz soltar gritinhos histéricos às senhoras excursionistas. Graças ao seu trabalho disciplinado, serei eu, amanhã, uma das muitas passageiras que reclinam o linho branco dos seus vestidos bordados do século xx nas almofadas de ramagens do churrião, que desliza atrelado aos bois, magestático e soléne, como liteira de proconsul romano.

Ao entregar a minha libra, filosofei de mim para mim sôbre as vantagens da civilização que me facilitava um tão grande prazer por tão insignificante sacrificio monetario, lançando um sorriso de compassiva ironia àqueles velhos tempos românticos em que o dinheiro se considerava um fardo inutil para a felicidade espiritual dos entes superiores... que no fim de contas nunca o desprezaram senão pela filosofia expressa no raciocinio da raposa e das uvas...

Assim, minha querida Regina, dou férias a todo o trabalho do pensamento e descerei ao povoado com a gulosa satisfação de um lobo muitos dias preso nos cumes gelados das seranias, rebolando-se na alfombra orvalhada do vale, que desperta para a revigoração da primavera.

Sorrirás da comparação supondo — com provadas razões — que não tendo o homem lembrança dos avatares que o ligam às formas brutas não poderei precisar a sensação duma fêra brava. Mas... que queres? Suponho-me vivendo a sua áspera existencia de isolado e julgo interpretar a reacção vital que o enfrenta à natureza.

A'manhã não tens que me invejar, nessa Lisboa florida de violetas e de rosas, estrelada de campainhas de oiro, perfumada de junquinhos e jacintos, picada dos beijos sangrentos dos « casadinhos » que daqui estou a vêr na larga bacia de Delft da tua mēsa do salão, que assim recolhe o sangue redentor do inocente Adonis, sacrificado mais uma vez no mistério augusto da primavera, que desperta para a eterna e triunfante ressurreição da vida...

Também eu vou morder morangos — se já os haverá?... — apanhar flôres, que mãos humildes de crianças nos lançam á passagem, numa sollicitação delicada de esmola, escolher rendas e bordados e aumentar o meu tesoiro de pequenas coisas frageis da indumentária local, que ámanhã disporei no meu beliche e lhe tirará a rispidez e a frieza de logar de passagem ocasional.

Sinto-me neste momento tão satisfeita, tão renovada por dentro, tão feliz de me ver gozar exteriormente a vida, que o fim desta carta deve soar aos teus ouvidos como a girandola de toguetes que inaugura as festanças de fama nos arraiaes das nossas aldeias.

Termino, pois, visto ter ainda que escrever postais de bordo a todos os nossos amigos aos

quais especialmente dirás, como os levo no coração e no sentido.

Para a tua colecção escolherei na Madeira os mais bonitos.

Escreverás, como te pedi, no primeiro vapor que seguir este, dirigindo para o Rio a tua correspondencia?

Depois de amanhã continuarei o meu diário de bordo, que é, afinal, o diário do meu pensamento e da minha sensibilidade moral.

Termo já, para que esta entre na caixa antes de fechar.

Estes inglêses, como todos os inglêses, *si vera est fama*, não admitem fantazias meridionais em face das horas marcadas pelo regulamento . . .

Na proxima carta enviarei algumas observações sobre os meus companheiros de viagem, que mal distingo ainda na massa anónima e indiferente que me cerca.

Abraça-te com affectuosa saudade a

Tua do coração

Leonor.

Querida Regina

O nosso vapor, de novo em marcha, depois das poucas horas passadas nesse paraizo, que é a Madeira, já me não dá o fio conductor da confissão psicologica de que a primeira carta, hontem por mim deitada na caixa, parecia ser o inicio.

Está quebrado o encanto. O *explendido isolamento* que julgava ter alcançado, com a altivez forte dum destino a si proprio entregue, fundiu-se, como o da grande Inglaterra, ao primeiro encontrão do acaso.

Já não sou, neste enorme barco que me leva, não sei para que destinos novos, uma anónima que por acaso vive a vida comum de centenas de desconhecidos, aos quais a não liga o mais tenue fio da existencia.

Não! Entre essa multidão que ainda hontem era para mim o vácuo, já me encontro em camaradagem simpática, já o acaso me deparou uma velha e inalteravel amizade, que por sua vez acarretou para o meu convívio, com uma solicitude comovente, um punhado de bons amlgos.

Dispertado o teu bom sorriso de ironia por me veres tão depressa confirmar a tua velha opinião—de que sou uma pessoa fundamentalmente sociável,—o que ainda ponho em duvida, deixa-me dizer-te como as coisas se passaram:

Tendo sido, como te contei, uma das primeiras pessoas a inscrever-se para a excursão, logo aos primeiros alvares da manhã saltei na minha caminha estreita e de guardas, como de criança, mesmo por baixo da vigia do beliche e por ela enfiei a cabeça para descortinar a linha de terra, tão nitida e tão fantastica em seu precioso recorte.

Ainda te não disse que é, nas viagens por mar, um dos meus prazeres o debruçar-me na vigia do camarote, a olhar a agua junto ao costado do vapor, que sem hesitação a corta e afasta, espadanando soberbamente.

Eu, que não sou, como sabes, uma contemplativa, levo muito tempo da manhã, no mais soberbo desdem pelo enjôo, que não sei mesmo o que seja, vendo as figuritas de espuma que se formam e se desfazem, como uma ronda de fadas e nereides, deliciosas de irreabilidade na sua existencia de um momento.

Hontem, porém, não era o mar que me atrala, mas o desejo de embeber os meus olhos sequiosos de beleza nessa paizagem que a pouco e pouco se vai defenindo na linha do horizonte e aproximando-se com uma segurança e uma nitidez, que nos compensa da esquivança com que por largos anos se furtou ao conhecimento dos nossos antepassados.

E foi á pressa, receando, perder o momento da chegada, que reclamei o banho e tratei de

me vestir, a cada momento calculando a distancia que nos separava da terra.

A luz do amanhecer cambiava a cada instante o aspecto das coisas e um momento houve em que toda a ilha, emergindo do glauco da agua mal iluminada, se tocou de roxo esmorecido, numa tão calma e doce tonalidade, que mais se me afigurava a imaterialidade cinematografica em que a vida é luz e com a ilusão da luz se desvanece.

Fui hontem das pessoas que mais cedo subiram á tolda e das primeiras que reclamaram o almoço, eu que geralmente levo a manhã no beliche a gosar o prazer verdadeiramente egoista de me sentir viver, para o fim unico de existir, sem ligação com a humanidade que me rodeia.

Quando me debrucei na varanda, o vapor ainda não tinha virado de bordo e caminhavamos para a terra, que se entregava desvanecida á nossa contemplação, na verdura pujante do arvoredos, que lhe deu o nome, toda picada de casais e vivendas brancas.

Absolutamente senhora de mim sentia um certo orgulho infantil de me saber só, arbitra unica dos meus desejos e destinos, pela primeira vez na minha vida, sem o apoio moral duma consciencia amiga a fortalecer-me na acção.

Confesso, que a contrabalançar esta sensação de independencia, uma vaga e ansiada incerteza me apertava a garganta e secava a bôca, já cançada de não falar.

Assim, tu calcularás sem grande dificuldade o meu sobresalto ao ouvir atraz de mim

voz amiga falando-me com a segurança e naturalidade de quem se encontra na Baixa á hora papalva do chá elegante:—«O' Leonor, como se encontra você por aqui?!».

Voltei-me, num assombro, ouvindo o meu nome dito dessa forma familiar e encontrei o sorriso carinhoso e a mão amiga, estendida para a minha, de Leopoldo Charlesmont. Nunca te falei neste rapaz, que viveu muito na nossa intimidade em Lourenço Marques? Pois foi ali um dos nossos melhores amigos e um encantador companheiro de *exilio*.

Apesar do nome que lhe vem dum longinquo avô que por ahí se deixou ficar após a invasão napoleonica, preso pelos olhos aveludados duma linda morgadinha do Douro, é bem português em todos os escaninhos da sua bela alma sincera e entusiastica.

Quando nos conhecemos era empregado superior duma companhia anglo-portuguesa, conseguindo manter, á força de diplomacia e subtilidade de intelligencia—que meu pai muito admirava—o seu lugar de arbitro em todas as questões e o ser amigo de todos os portugueses, numa terra de intrigas arrepiantes e de interesses violentos, a chocarem-se numa furia verdadeiramente primitiva.

Tu não podes calcular a alegria que senti ao vê-lo naquele instante diante de mim, sorridente e calmo, como se estivesse a apresentar-me os seus cumprimentos no palacio do Governador de Moçambique.

Diante dos meus olhos passaram nesse instante, como uma evocação de sonho, os factos, pessoas, paisagens, tudo quanto fez parte

da minha propria existencia durante alguns, —e dos melhores!—anos da minha vida.

Ante o revivescer desse passado que existirá sempre, enquanto não fenecer no meu proprio cerebro a faculdade remomerativa que o torna um facto de cada hora, nem me lembrava de que a Madeira se erguia em frente, ao alcance dos meus olhos em todo o esplendor da sua paisagem opulenta.

O Leopoldo disse-me a estranheza que sentira hontem ao ver na lista dos excursionistas o meu nome e como sorria divertido ao combinar consigo proprio a surpresa deste momento. Enquanto, lentamente, o vapor manobrava para lançar ferro e em volta do costado pululavam os barquitos onde se apressava e grasnava a guarda avançada dos mascates das especialidades insulanas e os destemidos mergulhadores, contou-me que ia ao Rio e Argentina ao serviço duma casa de vinhos do Porto e por ser uma viagem rapida e incomoda, toda sujeita aos caprichos de negociantes, devedores e credores, não trouxera a mulher e a filha mais nova, que é todo o seu enlevo e o seu grande sonho de ambição. Os dois rapazes, que conheci uns destemidos garotos, em Africa, estão uns homens, a estudar para engenheiros coloniais na Inglaterra.

Esta nossa conversa foi feita á pressa, aos sacões, na ânsia de nos reconhecermos rapidamente, reservando para depois do passeio os detalhes, e anunciando-me a companhia a bordo de bons amigos, que me ia apresentar, o que efectivamente se realisou momentos depois, ficando desde logo incorporada no grupo. Fran-

camente te confesso que fiquei satisfeitíssima, porque não é fácil encontrar assim de improviso uma família mais encantadora em conjunto. O pai, um medico muito distinto, a mãe, uma doce e cativante figura de mulher ainda mal refeita do horror de ter perdido um filho num colégio, onde fazia brilhantes estudos, e um rapasinho que se tornou desde logo o meu pagem solícito, companheiro fiel de todas as extravagancias excursionistas; uma pequenita cheia de graça e vivacidade meridional acumulada no fulgor estranho duns olhos que lhe enchiam o rosto de luz e, como guia experimentado em semelhantes viagens, o amigo e colega de Leopoldo, irmão da senhora, Armando Cabral, o mais franco, leal e português dos portugueses da invicta cidade.

Com esta facilidade com que se ligam relações e se formam amizades, quando nos encontramos isolados sobre a tolda dum navio, que representa a terra estrangeira, formou-se o nosso grupo a que se agregaram alguns portugueses mais, que apareceram para a excursão, sendo nomeado representante official dos interesses lusitanos o Leopoldo e o Armando Cabral seu chanceler.

Descemos para o barco que nos levou ao caes, já quando o vapor era invadido por uma verdadeira feira franca de negociantes, que estendiam deante dos olhos fascinados dos passageiros, que não iam a terra e se espalhavam por todo o navio, na indisciplina, por tolerancia aceite, nos portos de paragem.

Já me tens ouvido falar tanta vez no prazer destas apressadas corridas pela cidade, na

subida ao monte e descida na cesta, uma das mais inolvidáveis sensações da viagem, com o almoço obrigatório num dos hotéis da montanha, defrontando a larga paisagem a desdobrar-se diante dos nossos olhos deslumbrados por aquele estranho conjunto de vegetação, que é um misto da Africa e da Europa, pinheiros e abétos em confraternização com os coqueiros delgadinhos e finos como plantas de mimo, as palmeiras orgulhosas e hostis a entremear com as vinhas e as manchas floridas dos parques das vilas, que desnecessário se torna repetir uma descrição fastidiosa.

O dia, que hontem alvorecera duma limpidez edénica, ensombrou-se rapidamente, ou por outra, a névoa começou a descer da montanha e a envolver os vales, de modo a formar um tódo algodoado e monotono disfarçando os contornos, mal rompendo aqui e ali uma arvore mais frondosa, uma rocha mais aguda, uma casa mais alta. Olhando de cima tínhamos a perfeita noção de nos encontrarmos entre nuvens, completamente alheios e separados da existência normal.

Algumas pessoas mais timoratas desistiram, em tais condições, de descer na cesta, escusado sendo afirmar-te que nem eu, nem o meu *pagem*, um pequeno e ponderado homensinho de catorze anos, nos sentimos intimidados com tal facto. Tivemos o orgulho de sermos os primeiros a tomar os lugares naquela cestinha de verga forrada de chita de ramagens, que mais parece um brinquedo infantil do que uma forma de transporte, e confiando-nos à direcção de dois guias, que a correr e a gritar

duma forma estranha aos nossos próprios ouvidos lusitanos, depois de várias paragens em estações de repouso para os músculos e refresco para as gargantas, nos deixaram na estação terminus.

Como fomos felizes na louca e excitante correria! Como fomos felizes, e nos rimos, e como eu tive, nessa ocasião, bem mais do que o Luisito, a sensação de ter catorze anos!

Atravessada a barreira de ar humido, que lá em cima nos dera a impressão de um dia morrinhento de chuva, viemos encontrar no vale o mesmo sol claro e loiro que tocava de carinhosa tonalidade a paisagem idílica.

Quando os nossos companheiros nos alcançaram, pois o exemplo fôra decisivo para a caravana, já eu e o Luis tínhamos escolhido um montão de pequenas coisas encantadoras dos basares, que oferecem espalhafatosamente as indústrias locais, de mistura com muita insignificância do comercialismo alemão. É já difícil especializar bem o que é do autêntico regionalismo popular no meio de milhares de bugigangas *made in Germany*. O que escolhemos com mais cuidado foi a inevitável cadeira de verga para a viagem, e mais uma pequena mesa de trabalho, que é para mim objecto indispensável a bordo. Faz parte da minha adaptação ao meio, tanto como a cadeira de repouso, servindo-me para sôbre ela escrever na coberta, para guardar livros e trabalhos... sendo, enfim, um centro de simpatia na *colônia*. Onde está a mesinha e a cadelra, está o nosso grupo, está Portugal.

E como este nosso grupo, pelo menos a

parte mais constante e mais íntima, não dança, arranjamos sempre um cantinho bem nosso para a palestra, afastado da luz, do ruído do salão e da tolda que lhe fica próxima, até onde se estende o baile diário em que toda esta gente — afigura-se-me — além dum grande desejo de fazer exercício tem a ânsia de não pensar que vai na monotonia duma viagem marítima. Há por aí algumas intrigas amorosas, segundo as informações dos meus companheiros, mas entertecem-se tão discretamente e tem uma fragilidade transitória e por tal forma superficial, que ficam entre os sorrisos da ociosidade de bordo, sem conseqüências de maior. Amanhã, quando por acaso se encontrarem na vida normalizada e fixa da terra, mesmo aqueles que hoje tanto interesse põem em se conhecer intimamente, sorrirão à lembrança deste episódio, como dum vago sonho diluído na memória das coisas inconscientes.

Leopoldo Charlesmont e eu temos conversado muito, trocado impressões sobre a vida que no seu fluxo e refluxo continuo por tanto tempo nos separou, para de novo nos reunir sobre a tolda dum navio inglês. Os melhores momentos de palestra são esses em que recordamos o bom tempo em que se firmou a nossa velha amizade, naquela formosíssima «Lourenço Marques» a cujo luar liamos as notícias de Portugal, na varanda espaçosa da nossa residência. Realmente não se compreende um português (e bem sabes que não distingo os sexos quando falo sobre assuntos gerais) que não tenha, pelo menos uma vez, saldo da metrópole e sabido o que é a vida mais larga e desprendida das colo-

nias. Recordando essa época a que o meu coração se prendeu por um liame de saudade indestrutível, não posso nunca deixar de lembrar o que o Leopoldo foi para mim nessas horas amarguradas, em que meu pai me calu subitamente morto nos braços, do rompimento do aneurisma.

Mal recebeu a noticia telegráfica acorreu do fundo do Transvaal, onde se encontrava em serviço, para não nos deixar senão a bordo, com todas as nossas coisas arranjadas, e regularizada a enfadonha papelada que êstes assuntos reclamam.

Estando a seu lado, sinto a repousante certeza de me encontrar junto dum bom e sincero e leal amigo. O que diriam se lessem esta declaração, essa chusma impertinente das tuas relações, especialmente a D. Policarpa, que fez da moral um chicote com que pretende meter na forma toda a sociedade, disciplinada pela sua estreita e agressiva mentalidade? Élas que se apavoram com as minhas teorias humanistas, contentes na sua passividade futil, de sultanas, que não compreendem a pura e leal amizade entre sexos diferentes, porque se conservam ancestralmente femeas perante todos os homens!.. Felizmente estou livre de as aturar por agora, supondo que outras serão as ideias e o procedimento das mulheres, que uma nova sociedade prepara para uma vida nova, mais libertada, mais normalmente honesta e mais nobre.

Nestas horas intermináveis de bordo, quando à noite é impossível trabalhar no salão, e na tolda a luz escasseia, passamos o tempo a recordar os casos engraçados de outróra, achando

do-lhes a mesma graça, ou talvez mais ainda, do que tiveram no seu tempo.

O Leopoldo não sabia que o Paulo estivesse em Lisboa e ficou desolado por não se encontrarem a bordo, quando vocês vieram despedir-se de mim.

Embarcou á última hora, tendo aproveitado o tempo de paragem do vapor em visitas de negocio. Esquecia-me dizer-te que o Leopoldo foi um dos raros amigos íntimos que o nosso Poéta teve na Africa, tendo-se encontrado depois, várias vezes, pelas colónias, que ambos teem percorrido um na sua qualidade de magistrado, outro na de competencia indiscutivel em todos os assuntos coloniais.

Ha bocado, entre duas espirais de fumo do seu charuto perfumado, vicio impertinente que não consegui combater em todos os meus amigos, o Leopoldo perguntou-me á queimadura, simulando uma indiferença que me fez sorrir, tão mal disfarçada foi:— «Não compreendo bem o motivo porque a encontro aqui, Leonor, quando o seu destino era, indubitavelmente, casar com o Paulo!... Estando êle agora em Lisboa, com franqueza, não compreendo!...»

Sorri e vagamente esbocei as minhas razões, que o não convenceram... nem a mim.

E acrescentou surpreendido e convincente:

«Não, não! Creia que estão fazendo uma tolice, não sei o motivo, não sei as razões, mas constato o facto matematicamente. Tive sempre a convicção de que vocês gostavam um do outro, e a minha maior surpresa ao encontra-la aqui foi saber que estava só.

Faz ideia, querida Regina, que esta conversa me sobressaltou e comoveu, mais do que desejava mostra-lo, e foi com o ingenuo artificio duma menina sentimental, que lhe respondi: — não haver absolutamente nada que me provasse a verdade desse facto, que era filho do seu desejo de ver juntas duas pessoas que bem lhe queriam.

E, confesso-te, foi com intima satisfação que o ouvi comprovar o seu dito com estas palavras:

«Que o Paulo gostava de você, nunca tive a menor dúvida, porque era a Leonor uma das raríssimas pessoas, senão a única, a quem elle jámais se referiu senão com palavras de carinhoso interesse. E você sabe como elle é mordaz nas apreciações! . . .

«É justo! É como diz a verdade odeiam-no, porque é bem certo que ninguém gosta de a ouvir . . . — não me sustive que não respondesse com vivacidade, o que o fez sorrir e continuar no mesmo tom de fraternal carinho, que dá um tão doce encanto à nossa convivência:

«Pois sim, verdades! . . . Chame-lhe você o que quizer, mas o que é certo é que lá diz o ditado, que «nem todas se dizem» . . . e elle assim não tem encontrado muitos amigos na vida.

«Nem os precisa. Para quê? Não vive de vaidades e quem vive para a sua existência espiritual e autónoma, para que precisa de amigos . . . que não prestam? E olhe que não prestam os que não sabem ouvir uma verdade, nem emendar um erro, em atenção a um affecto. « Por tudo isso — continuou elle sorrindo duma fórma um bocadinho irónica, que já me estava

a irritar — por tudo isso, Leonor, não conheço outro homem que possa ser seu marido com a certeza, para mim consoladora, de a saber feliz. Só êle lhe poderia dar o enlevo duma camaradagem espiritual e dôce sem a imposição duma vontade autoritária de que nunca o vi usar. Você que é um temperamento voluntarioso e de acção, não deve procurar, não escolha nunca, um marido que tenha uma vontade sem transigência e uma energia contundente . . . Não! a Leonor deve casar com o Paulo é o destino . . .

Sorria, minha querida Regina, lembrando-me do conflito psicológico que me leva neste momento para um destino tão incerto, e que já prevejo difícil, pelas informações que me dão êstes meus amigos, que bem conhecem a sociedade e a terra brasileira.

Respondi ao Leopoldo com a sinceridade com que te respondi, lembra-te? Quando um dia me fizeste a mesma observação e as mesmas perguntas:

— Quando êle um dia me tocou no assunto, tão delicadamente que mais parecia o roçar leve duma pluma passando pelo rosto, hezitei . . . preza à vaga promessa do idílio infantil com o Miguel, de que minha mão me comunicara discretamente os projectos familiares. Talvez ao prender-me assim ao passado antes de eu entrar francamente na vida, ela tivesse em vista desviar-me de qualquer surpresa, que não me desse a garantia de felicidade estavel, que sonhara para o meu futuro.

E eu, aceitando como próprio êsse compromisso, prendi-me a êle com uma ânsia de pureza medieval. Na grande sinceridade do meu

caracter, tinha escrúpulo de me desligar, do que a meus olhos assumira a fé jurada e devia abroquelar-me para toda a existência, tornada a minha palavra o branco sendal da amada, que um cavaleiro andante levasse na ponta da sua lança, por toda essa moirama da vida...

Antes de mais nada, é preciso explicar-te uma coisa que dá toda a luz a esta fantazia romanesca, de que, por certo, te estás a rir.

E' que eu, minha querida Régi, por um interessante caso de regressão literaria, apesar de não ser velha, fui educada pelas ideias de cavalaria (que efémeramente o romantismo pôz em moda) no convívio com a tia Bárbara, aquela encantadora velhinha de que te tenho falado tanto.

Depois dos contos de fadas e princezas, das parlendas e romances, que me recitára todas as noites a criada Rosa, até que adormecesse na minha caminha branca de guardas, ainda repetindo: — dize-me, ó cavaleiro, pela cruz da tua espada . . . — comecei a lêr todos os romances e a devorar todas as poesias do tempo em que a tia Bárbara era uma linda rapariga que fazia época nos salões de Lisboa e do Pôrto, e passeava pelas praias e termas e pelas casas fidalgas da provincia, a sua esplendida voz de contralto e a graça de rapariga instruída e bem colocada na sociedade.

Desde Garrett que era a sua paixão, lembrando-me ainda de como choráva a sua morte, cantarolando com as lágrimas a envidraçarem-lhe os lindos olhos azuis, «as asas brancas» até Soares de Passos e João de Lemos, passando por Castilho e por Herculano e Rebelo da Silva,

não houve poeta nem romancista que não me fizesse lêr e compreender com o seu coração velhinho, ainda cheio do perfume dessas flores de saúde, que são o encanto daquelas que foram lindas, inteligentes e amadas e da juventude não trouxeram despeitos nem invejas . . .

Com a sua vizinha que os anos tinham quebrado, como um precioso instrumento doutros tempos, trauteava os recitativos da época e cantava as canções patrióticas, que tanto faziam vibrar o coração ardente dessa mocidade, que se perdia no sonho dum passado, que eu mal podia evocar ! . . .

É confrontando com certo desdém irónico as pessoas que nos rodeavam, queria que eu compreendesse como era cheio de entusiasmo o coração dos moços de outróra e como tinham coragem as lindas raparigas, que se atreviam a cantar nos salões azuis e brancos do liberal constitucionalismo aquelas quadras da «Maria da Fonte» que a voz do povo atribuía ao adorável Garrett.

Com os romances de Camilo, cujos personagens quási todos tinham pontos de contacto com historias reais de famílias, suas conhecidas, e os romances poeticamente realistas de Júlio Diniz, terminava a convivência intelectual com os prosadores da sua época, admitindo, por concessão muito especial, no círculo das suas relações espirituais, João de Deus e os Ilricos, que mais ou menos fizeram a sua seqüência.

Os realistas eram condenados impiedosamente, alcunhando o Eça de assassino do ideal,

não querendo vêr quanto é illusória a linha que separa, em arte, as escolas literárias.

Sempre que ela conseguia haver-me naquella sua esplendida quinta das Penices, para onde definitivamente se retirou após a morte do marido, entregava-me com solemnidade a chave da bibliotéca e deixava-me à vontade escolher as minhas leituras, na grande colecção de livros francêses, que vinha dos enciclopedistas aos últimos românticos.

Depois de lêr tudo, com um eclétismo que foi a salvação do meu critério, a minha mais especial simpatia fixou-se definitivamente nas obras perturbantes daquele grande espirito rebelde que foi George Sand, tão idealmente apaixonada como materialmente humana e ingenuamente realista.

Foi ella, a genial e inconsciente feminista, a admirável iniciadora do romance social, que influiu mais no meu espirito e modelou, talvez, as primeiras e ainda vagas aspirações de combatente em que hoje me encontro.

E dessa auto-educação sentimental, e da influencia das ideias decantadas pelo tempo, de que a tia Bárbara fazia a apologia, criou-se no meu espirito uma atmosfera de lealdade, uma tão exaggerada comprehensão dos compromissos moralmente tomados, que me julguei absolutamente e definitivamente ligada ao meu noivado com o Miguel.

Compreendes agora, como me parece que o Leopoldo compreendeu, o motivo porque, julgando-me já presa ao meu casamento futuro, como uma pequenina noiva da India, passei os primeiros anos da minha juventude sem admi-

tir, sequer, a ideia duma traição espiritual ao marido que me esperava.

È se esta situação me embaraçou e me deu horas amarguradas de remorsos tragicos, como tempestades terriveis num copo de agua, devo-lhe tambem a especie de indemnidade com que atravessei situações, que para outras se tornam gravissimos perigos Moraes. Couraçada pela responsabilidade que tomara com um compromisso de honra, pode fugir às intrigas banaes e aos *flirts* estupidos, que verdadeiramente desfloram a alma da maioria das raparigas, que vivem em contacto com a sociedade. Assim, pode conservar uma insenção e uma inteireza moral, que me elevou aos meus proprios olhos e me satisfazia a propria consciencia, embora tenha desagradado sempre à gente banal.

Mas, o Paulo mais timido e sincero no sentimento do que psicologo na compreensão das palavras, aceitou como boas as minhas grandes razões e... continuâmos a ser os melhores amigos do mundo, nunca mais havendo referencia de parte a parte ao magno assunto.

Agora... é tarde. Ele tem a sua vida de isolado, já organizada definitivamente, os seus interesses criados, a sua existencia cheia de preocupações e projectos, que se não coadunam com a meada de pequenos deveres e continuas contrariedades que traz, em geral, a vida em comum. Compreendo perfeitamente que o Paulo seja hoje incasavel, mesmo comigo, a quem vocês o julgam, injustamente, tenho a certeza, preso pelo coração.

E eu... sinto tambem que a minha existencia se desdobrou extraordinariamente com o

interesse pela solução das questões, que tanto sofrimento tem trazido à humanidade! Penso que não tenho já o direito de ser egoistamente feliz, pensando que ha tanta mulher neste mundo que sofre fome e sêde de justiça e que eu poderei auxiliar na sua humana revolta.

Não te rias! Mal ou bem, com razão ou sem ela, julgo cumprir uma grande e util missão social interessando-me pela libertação do meu sexo.

O Leopoldo não se conformou com as minhas explicações, nem se convenceu com os meus argumentos, como tu as não comprehendeste tambem, não querendo dar o assunto como discutido.

Amanhã devemos chegar a Cabo Verde, a ultima terra portuguesa que encontramos no caminho. Da nossa gente só está meio resolvido a desembarcar, para fazer a vontade ao sobrinho, o Armando Cabral. A paragem é curta e ha sempre receio do mar, que neste ponto, às vezes, faz surpresas desagradaveis aos excursionistas. Apesar do que para nós representa de sentimentalmente patriótico esse ultimo bocado de terra portuguesa onde tocamos, a curiosidade não é tanta que nos anime aos encomodos do desembarque. Que esta opinião não vá ofender os teus sentimentos de patriotismo intolerante . . . Amanhã tremulará nos mastros deste grande transatlantico que representa a opulencia duma forte nação, em pleno desenvolvimento da sua força, a bandeira que representa o orgulho da nossa raça, que a precedeu em poderio.

Por muito que a gente se julgue superior

ao sentimento egoista da Patria, não vencemos esta impressão, que é tão humana e tanto representa de grande e de belo na historia das civilisações.

Adcus Regina, vou terminar à pressa a minha correspondencia para ahi, mas não te esqueças tu, de me lembrares a todos os amigos e de ficares com a absoluta certeza de que te não esquece nunca a

tua do coração,

Leonor.

Querida Regina

A nossa demora em Cabo Verde foi pequena, o tempo suficiente para tomar carvão.

No entanto, não deixou de ser bem aceite como um derivativo, mais ou menos interessante, na vida monótona de bordo e que todos os passageiros alvoraçadamente aproveitaram, pela mesma razão porque aos ociosos e às crianças tudo serve para matar o tempo, que lhes é inútil carga e tanta falta faz aos que têm a necessidade imperiosa do trabalho, e nele encontram compensação espiritual ao esforço dispendido.

Eu, que pela força das circunstâncias ingressei agora na falange numerosa das classes inactivas, aproveitei, como os outros, o espectáculo.

Como os outros debrucei-me na amurada olhando as pequenas embarcações, que á força de remos se dirigiam para nós, rodeando o enorme transatlântico, como cardume de peixes atraídos por uma baleia monstruosa, que só precisaria resfolegar para os engulir numa gol-

fada, como engulimos sem darmos por isso milhares de microbios num copo de agua, que mal nos mitiga a sêde.

De todos esses barquinhos subia até nós uma vozearia estranha de pretos, pouco menos de nós, oferecendo aos nossos olhos o espectáculo, que mais ou menos todos conhecemos, de se atirarem á agua e num rapido mergulho trazerem nos dentes, ou nos dedos, as moedas que os passageiros lhes lançam.

E um e outro pula como golfinho, e volta á superficie arreganhando para cima a dentuça branca, já prontos a novamente mergulhar, se a generosidade do espectador corresponder á sua bôa vontade.

As crianças estão divertidissimas e eu, que me sinto feliz com a sua alegria, dou generosamente a minha cotisação para que se repitam os saltos e a festa se prolongue.

A bordo vieram os representantes da nossa soberania, não te escondendo o movimento de mau humor que me causou ouvi-los classificar a todos de «portugueses» pelos nossos hospedeiros, com aquele ar calmo, lavado e forte, que lhes dá segurança e autoridade na vida.

É porque, minha cara Regina, só um dos funcionarios que visitavam, em nome de Portugal, o grande navio inglês fundeado nas nossas aguas, era verdadeiramente da nossa raça.

Mais tarde o Leopoldo de Charlesmont, ouvindo as nossas queixas, minhas e do Luisito, que tambem sentira a mesma impressão de revoltado orgulho, expoz-nos as suas ideias, sobre o character, verdadeiramente providencial

para o nosso destino de descobridores e colonisadores, da facilidade da mestiçagem que tem a raça portuguesa.

Sorrindo com aquele ar desdenhoso que lhe dá à boca um vinco de ironia, que irrita os que o não ouvem, porque as palavras são menos cortantes e amargas do que o sorriso, o Leopoldo mandou-nos assentar ao seu lado no *bar*, onde se encontrava divertidissimo, porque dali observava e julgava dos progressos das intrigas que se iam desenrolando a bordo. Nesse momento mostrava-nos o capitão argentino, arregaçando os bigodes á Kaiser, rendido ante a soberba triunfal duma linda senhora, que seguia com os filhitos a encontrar-se com o marido, depois dumas largas ferias numa praia da Escossia, que deram aos pequenos anglo-brasileiros a frescura da côr rosada, que o sol em breve irá adoçar e brunir.

Do seu posto de observação, habilmente escolhido, armazena notas, para o que ele chama o seu estudo psico-social da vida de bordo, enquanto nos vai dizendo coisas judiciosas, prelacionando patrioticamente sobre a idoneidade portuguesa de todos os coloniais.

Fez-nos depois notar a linha graciosa da «mademoiselle» que por instantes se debruçou na varanda inundada de sol, teoricamente vestida com uma tunica de cassa azul-cinzeno com florinhas rosadas, e que a luz crua dos tropicos detalhava, atravez das ligeiras roupas, como nas fotografias do raio X em que a carne é apenas uma sombra em volta do esqueleto. O grupo buliçoso das meninas argentinas, de quem ela é *institutrice*, veio rodea-la e chama-la

para outro posto de maior interesse e ele continuou a dizer-nos coisas muito convincentes sobre o benefício que foi para Portugal a facilidade de adaptação e a ausência de preconceitos raciais, podendo-se fazer assim, com uma população numericamente fraca, um tão vasto e inatacavel imperio.

Protestei energicamente, porque essa falta de orgulho racial tão bem defendido por teoria, não é defeito . . .—ou qualidade?—portuguesa, mas sim dos homens da nossa terra. Levo a minha tolerancia ao ponto de conceder que se chame um beneficio patriotico essa falta de escrupulos, mas não se deve igualar e confundir, nesse, como em muitos outros pontos da nossa acção social, o papel feminino com o do homem; porque a verdade é que em quatro seculos de colonisações varias, a percentagem das mulheres que teem contribuido directamente com o seu sangue para a mestiçagem exagerada da raça, não é muito numerosa.

Teoricamente dou razão ao Leopoldo, preleccionando sobre a incorporação patriotica de todas as colonias no corpo homogenio da grande nação portuguesa, mas fóra do campo abstracto das teorias, não posso esconder que me sinto absolutamente inferior nesse ponto, se é ser inferior ter o respeito da sua raça e sentir instintivamente esse preconceito, que nos afasta, sem outra razão, de criaturas que, porventura, possam ter grandes virtudes.

Filosofando e discursando sósinha no meu gabinete de trabalho, escrevendo e pensando sobre teorias e problemas sociais, confesso-te que acho cruel, injusto, e até absurdo, esses

preconceitos; mas em face da vida, o instinto é superior ao pensamento e ao piétismo e compreendo admiravelmente a força seleccionadôra da Natureza aproximando os animais por famílias e grupos raciais, despresando inconscientemente o hibridismo curioso, que só por artificio se torna em factos concretos. Conheces muito bem esta minha forma de ser, e agora mesmo me está a fazer sorrir o recordar aquellas nossas discussões a proposito do Otélo, que não oiço sem repugnancia, mascarado de preto como alguns actores o representam, num contraste revoltante com a palida e loira Desdémona.

Até me vem à memoria o que nós falámos e discutimos quando nos mostraram na Misericórdia de Lisboa um livro especial para o registo do baptismo dos engeitados de côr, diferenciando-os dessa forma dos que, parece, lhes deviam ser igualados pela desgraça.

Todos os argumentos pró e contra vieram refletir-se na discussão em que o Leopoldo tinha, sem duvida, o papel mais simpatico.

Para salvar a responsabilidade feminina, insisti no facto de haver relativamente poucos casamentos entre portuguezas e homens d'outras raças, só por isso podendo bem demonstrar-se uma persistente energia na defesa do seu sangue, que não lhes tem sido levada em conta, entre as suas virtudes.

Referi-lhe até aquella groceria do Costa Pires, quando abriu a queixada num ronco de leitão com fome, metendo o bedelho na nossa conversa com a D. Ana de Lima tão fina, tão simpatica e tão sincera no seu apostolado liberta-

dor!... «*as mulheres portuguesas não casam com estrangeiros, porque elles passam por Espanha antes de cá chegar!*...»

No entusiasmo da minha hipótese mostrei com argumentos e com razões sentimentais, como é digno de admiração o papel de defeza da mulher perante as raças, que a Natureza, por vezes, pretende confundir numa grande e, talvez, justa mestiçagem. E a minha argumentação fechou com uma frase de efeito de que me arrependo aqui, ao teu ouvido, por quanto parecerá inestetica à tua sensibilidade requintada de artista:—que se é belo o esforço animal para garantir, atravez de todos os perigos a integridade duma existencia, que esplendida energia a de manter atravez de gerações e gerações as qualidades duma raça!!... E essas, teem-nas mantido as mulheres do nosso país!...

O Leopoldo, que sabe muito e tem uma intelligencia raciocinadora de filosofo, sorriu dos meus entusiasmos e deu-nos logo uma lição sobre o assunto, demonstrando como, efectivamente, a mulher portuguesa tem cumprido a sua missão, pois que é ao nosso sexo que está entregue, verdadeiramente, o destino das raças e a sua defeza contra a absorção estranha. E essa defeza tem de ser tanto maior quanto menos é o poder numérico, que é uma das grandes forças naturais. Segundo ele, que é um consciante optimista, a Natureza dispõe todas estas coisas muito bem, desenvolvendo tanto mais o instinto de defeza, quanto maior é o perigo que rodeia a vida.

Ah, minha querida Regina, não ha nada como os filosofos para nos explicarem o que

sentimos inconscientemente e nos darem a consolação de nos considerarmos humanos, mesmo quando a consciencia sentimental nos diz, às vezes, que somos pequenas e impiedosas feras no pensamento e no sentir.

Reconheci-me, como nunca, uma criatura de instinto, bem dentro, bem integrada na minha individualidade portuguesa, sem remorço, pois, das minhas repugnancias impiedosas, que tanto apoquentavam a bôa D. Ana de Lima. E assim ficamos todos de acordo, e satisfeitos com a discussão, o que nem sempre acontece.

Neste monstruoso navio, um dos maiores e mais luxuosos, da M. R. I. os grupos vão-se formando lentamente, descobrindo-se e agregando-se consoante as suas predilecções e educação. Do grupo dos velhos e honrados commerciantes luso-brasileiros destaca-se de quando em quando o Comendador Vieira, que deixa no *bar* os parceiros do whist e vem até nós para ouvir as graças do Armando e os paradoxos do Leopoldo, por quem tem uma simpatia admirativa, apesar de não poder concordar com as suas theorias commerciaes, algo americanas, que perturbam o seu velho ideal, fixado em cincoenta annos de pratica de commercio de consignações, por grosso e a retalho, com estabelecimento bem conhecido na rua da Quitanda no Rio e sucursal na Rua 15, em São Paulo.

Uma das maneiras de matar o tempo, principalmente para nós que não pertencemos às comissões das festas, nem ao sport, nem ao grupo dos jogadores, que da viagem só teem a sensação das cartas estendidas e baralhadas sobre a méza, é a discussão mais ou menos

acalorada sobre os mais varios assuntos, que o acaso nos traz ao pensamento. Hontem, por exemplo, defendi apaixonadamente o ideal lusitano, exaltando costumes e leis do nosso pais, que, embora mesquinamente, alguns males vieram já remediar. E então ouvi com surpresa o comendador Vieira formular dogmaticamente a opinião seguinte:—«Me parece que a senhora nada fará no Brasil, com essas ideias absurdas.»

E ante a surpresa interrogativa dos meus olhos e o sorriso ironico do Leopoldo, acrescentou: — «É demasiado portuguesa para agradecer lá!»

— Demasiado portuguesa?! Pois há acaso alguém, demasiado português, num pais que tem a nossa historia, a nossa lingua e o nosso sangue? Pois tudo quanto seja levantar o lusitanismo intransigente não é elevar o Brasil, que será tanto mais uma grande influencia moral decisiva, quanto mais fortemente radicado tiver a consciencia do seu passado historico e o orgulho da sua filiação lusitana?!...

E como reparei que ele não compreendia muito nitidamente o meu alto interesse social, apesar da inteligencia que brilhava nos seus pequeninos olhos de velho fauno, perguntei-lhe mais terra a terra: — É a colonia, essa admiravel colonia, vibrando tão intensamente dos sentimentos e paixões da nossa terra?! A colonia não dará o seu apoio moral á obra que é preciso realizar?

— A colonia vive de lá! Gosta muito da Patria, mas nada lhe deve... É do Brasil que tira a sua força. E o Brasil não gosta que lhe

bulam nos costumes e nas leis; é profundamente conservador.

O Brasil conservador?! Confesso-te que me causou riso tal opinião, lançando-a á conta de caturrices do nosso patricio, que decerto não acompanhou o evolucionar extraordinario de uma sociedade, que irrompeu gloriosamente para o momento civilizador, sacudindo os liames e peias duma colonização eivada de todos os preconceitos dos velhos agrupamentos europeus.

Mas, pondo de parte o sentimento limitado da Patria, pois a questão que me interessa e impulsiona pode considerar-se mundial, apresentando em todos os paises de civilização paralela pontos de contacto, que nada tem com os interesses por assim dizer, regionalista, de cada povo, estou certa que alguma coisa poderei fazer abstraindo da minha qualidade de portuguesa.

Sinto que o Leopoldo e o Armando Cabral andam a preparar-me o espirito para uma tremenda desilusão. Os seus manejos não me passam despercebidos, e as suas boas intenções enchem-me de reconhecimento.

Mas será, afinal, como elles dizem, ou terei razão, eu, na grande e instintiva fé e confiança em mim própria, que me tem sempre amparado no caminhar tão difficil da vida?!

O comendador Vieira conhece o meu tio Felisberto Marques de Araujo, grande influente estadual e comerciante muito respeitado em todas as praças.

Quando o Armando Cabral, buliçoso e esperto, orientou politicamente a conversa de modo

a estabelecer a minha identidade, fingindo querer guardar segredo, o velho comendador assoou-se com estrondo e prelacionou:— Pois ela que vá, que vá. Bôa árvore de sombra encontrará. — É dali em diante senti crescer em torno de mim a consideração do grupo, parceiro do comendador Vieira, sem que para isso tivesse feito qualquer coisa, antes pelo contrário. Todo o grupo se solidarizou com o nome respeitado de um dos seus pares, nesse instinto de defeza que faz a força das classes.

Devemos chegar amanhã a Pernambuco, que é o primeiro porto brasileiro onde o navio tóca.

Uma grande ternura carinhosa evoca ao meu espirito este nome, tantas vezes repetido nas conversas da tia Barbara, quando se referia com orgulho aos feitos heroicos das senhoras portuguezas, na defeza do domlnio colonial atacado pelos flibusteiros da Holanda, e me fazia lêr todas as noticias e todas as produções charadísticas e literárias que na colecção do «Almanaque de Lembranças» — uma das glórias da bibliotéca das Penices — vinham datadas de Pernambuco, Olinda, Recife . . . Dôces nomes que lhe recordavam uma das mais alegres e triunfais épocas da sua vida.

Esta gente tem vindo desde a Madeira nos preparativos e realização das festas da passagem da linha, que lançam um ar de folia carnavalesca na cerimónia, de principio mantida com escrúpulo, na primeira classe.

Alguns dos nossos companheiros já se estão preparando para desembarcar, terminando aqui a sua viagem. Vai fazer-nos falta a bôa e esfu-

siante alegria do Dr. Ferraz, que toda Lisboa conhece, partilhando a sua vida entre as duas terras da sua paixão. Brasileiro tradicionalista, como os que o são, o seu largo espirito liberal e a sua viva inteligência de jurista, fazem-no, logicamente, o grande amigo do velho Portugal e o ardente defensor de todas as leis da Republica. Não calculas o sentimento de carinhosa ternura que me liga ao velho doutor, demais a mais tendo nas suas reminiscencias de criança o lindo perfil da tia Barbara, a quando da ultima visita, na liquidação da herança do marido. Ouvindo-o não posso, mesmo, compreender as opiniões do comendador Vieira, pois que, segundo as provas que me dá, o movimento feminista da America foi iniciado por uma brasileira illustre, escritora, jornalista e professora. Não calculas o desvanecimento, o entusiasmo com que me fala dessa patricia, Nysia Floresta Augusta, corajosa riograndense, a primeira mulher que, na sua opinião e conhecimento, na America publicou a primeira obra reclamando direitos para o seu sexo.

É sendo assim — reflecte — é ainda e sempre o papel de percursora ou melhor, de illuminadora, que cabe à nossa raça. . . cheia de ideias e de energias sempre moças. O desembarque do nosso bom doutor vai ser um successo por ser feito na cesta, por meio de um guindaste, ainda a maneira mais segura e comoda de descer para o barco, neste mar sempre agitado e muitas vezes intratavel.

Quando nos voltaremos a encontrar nesta grande terra, que a intelligencia humana tornou a Patria da humanidade, que pensa?! E assim

vamos na vida criando interêsses, que logo se desfazem, agitando o coração e o pensamento numa existência, que já nada tem de comum com o humus fecundante donde provimos.

Neste primeiro porto de desembarque vão ficar bastantes dos nossos companheiros. Uma pobre e desmerecida loira, dama de companhia, que ficará em Pernambuco com a sua linda e opulenta acompanhada, passeia as últimas horas sentimentais, desta noite enluarada e calma, que precede o fim da sua viagem, pelas varandas em meia sombra discreta, pelo braço do viajante duma companhia electricista de Liverpool, que ficou célebre na travessia pela parte que tomou no concerto da festa da «passagem da linha» tocando fleumaticamente um sólo de trombone.

O capitão argentino excede-se em elegancias de guarda-roupa, cada vez mais impaciente e impertinente, na insolencia dos bigodes kaiserianos, envolvendo nos galanteios pouco discretos a gentil brasileira, que amanhã ficará em terra.

A colonia argentina vive um pouco á parte, enchendo todo o navio com a opulencia espaventosa dos seus vestidos e o gralhar perturbante das suas *palras*, sempre comparando, desfavoravelmente para a «Companhia», o serviço de bordo com o dos vapores alemães, que se desfazem em obsequios para os seus patriócios.

A cada momento o mais rico do grupo atira á face da criadagem, impassivel e correctá, com os milhares de pêsos que rendem

as suas manadas, criador feliz, que começou por cavar a terra dura do exílio... ainda menos do que eles.

O grupo de gente moça, que em todas as viagens está sempre pronta para dançar e promover as festas esportivas, também desta vez se não deixou ficar inactivo.

E ao ve-los de todas as nações, de todas as raças e tão semelhantes no ideal... ou na falta dele, sinto-me quebrada em meus grandes projectos e entusiasmos.

E dou, apesar de o não querer confessar ainda, razão ao Leopoldo, que me mostra como exemplo do seu dito essa futil e fragil bonequinha da feira das vaidades, a «mademoiselle», que vai para o Novo-Mundo com o encargo de educar e preparar para a vida o grupo buliçoso das pequenas argentinas.

Reforçando essa opinião, pergunta com fristeza o pai do Luisito, que estuda sempre, aproveitando as horas em que descança das suas leituras scientificas para filosofar no nosso grupo:—Com tais educadoras, o que hade ser a mulher de amanhã?!...—

Eu não quero pensar o que hade ser, contentando-me com a amargura do que é!...

Adeus Regina, recomenda-me a todos e não te esqueças de me dares noticias do Paulo Moraes, pois bem sabes que ele, pessoalmente, mas não dará. E não te esqueças, sobre tudo, de escreveres e mandar a copia dos versos que recitou na ultima noite que estivemos juntos. Fala-me também do Miguel e dá por mim um beijo á Ritinha, servindo um pouco de providencia, para que ele repare na boa e linda

pequena... Desculpa pela bôa intenção a estranheza que o papel te cause.

Adeus Reginal! Até quando? Não te digo que esteja arrependida de ter vindo, mas que sinto uma grande, uma profunda e invencível saudade e uma sensação dolorosa na vacuidade em que me encontro na vida.

Tua do coração

Leonor.

IV

Querida Regina

E esta a ultima carta que te escreverei da viagem, antes de chegar ao Rio.

Não calculas como esta simples ideia me perturba e agita os nervos! Desembarcar no Rio de Janeiro é para mim entrar no Brasil, visto que até aqui ainda não pus o pé em terra americana. E' entrar neste país, que é o desdobramento da nossa propria energia e tem sido o grande sonho de toda a minha vida. Desde criança que pensava em ver o Brasil, não sabendo mesmo se é um desejo imposto pela tradição da raça, se adquirido pela convivencia simpatica da tia Barbara, que tinha pela terra em que o marido ascendera, de simples praticante de farmacia, até ser uma das figuras mais representativas da colônia, uma grande e comovida ternura.

O que te afirmo é que visitar esta terra, onde tão fundas raízes criou a nossa raça, era uma das ambições do meu pensamento. Imagino que será dum grande interesse para a minha curiosidade artistica, encontrar a nossa

lingua, os nossos costumes e tradições num cenário tão absolutamente diverso do nosso.

Bem sei o que me estás respondendo, ao ler esta confissão:—Temos as nossas colónias para nos darem a impressão de exotismo que procuras . . .

Mas as nossas colónias, conheço-as bem, são muito oficialmente Portugal para nos darem a impressão estranha que me deve dar o Brasil, com a sua historia e a sua tradição colonial seguida duma acção energica para criar a sua autonomia espiritual, que corresponda à politica de independencia. Mas . . . basta de filosofar e deixa-me continuar com as minhas notas de viagem.

Pelos bilhetes ilustrados que te mandei de Pernambuco talvez faças uma ideia do encanto dêsse primeiro porto brasileiro em que tocámos e que vi sómente a distância alvejar numa graciosa linha de casario branco, com recortes de zimbórios e torres de igrejas, que me deu, não sei se com flagrança, a impressão duma terra do Oriente. Seguindo o recorte da praia, o Recife abre-se largamente diante do mar, enquanto Olinda se destaca trepando um monte, muito clara e muito nitida no azul encizeirado do céu, em que as palmeiras põem uma nota estáctica de paisagem tropical.

Desde que entrámos nos portos do Brasil a população flutuante tem modificado o aspecto geral do navio. Famílias inteiras entram e saem conservando-se a distância, não chegando a interessar-se nem a criar relações na rapidez do trajecto.

Também não desembarcámos na Bahia, cuja

distância do navio me assustou, em vista das poucas horas anunciadas de paragem. É como do nosso grupo ninguém se resolveu ao sacrificio de entrar na fornalha que o sol acendia na terra, só pelo prazer duma corrida pela cidade adormecida numa sésta tropical, tambem a minha curiosidade não foi além do meu comodismo.

O Leopoldo, apesar de se não resolver ao sacrificio, por atenção ao ligado abalado com muitos anos de África, fala-me com entusiasmo na policromia deslumbrante da vegetação bahiana, duma exuberancia e duma variedade que eu nem sequer calculo, apesar do que conheço das nossas colónias . . .

— Cada jardim — diz-me entusiasticamente — é um fogo de vistas, deslumbrante de côr! Os crotons de folhagem variegada, o ipé de oiro, os ibiscos sangrentos, as rôxas bouganvilles, as fuxias espontaneas, os maracujás de flôr azul e amarela, abrindo-se nas cinco pétalas dum simbólico martirio, os cipós entrelaçando-se como cordame de navio de árvore a árvore cujos troncos são vasos donde irrompem as variadas e extravagantes orquideas, tudo se confunde numa exuberância de côr e de lórma, e salta por cima dos muros, invade os gradeamentos, e trépa pelas varandas e janelas, enquanto do chão brotam, quási sem cultura, os caladios de mãos esguias em desalento, as tradiscâncias e saxífragas de várias folhagens e as begonias veludas na infinita delicadeza da sua folhagem sensitiva. —

Isto diz-me o Leopoldo com um poder de sugestão, que me faz arrepender de não de-

desembarcar. Outros passageiros, e entre eles o Alvaro Cabral, depois de me descreverem, as suas trezentas e sessenta e cinco igrejas, com mais uma, provisoria, nos anos bisextos, falam-me apavoradamente da sua vida mesquinha de provincia isolada, ou louvam a sua acolhedora e fidalga hospitalidade à antiga portuguesa.

No fim de contas, para falar com franqueza, fiquei penalizada por não ter ido a terra e visto por meus proprios olhos o que ao correr do *auto* se pode apreender duma terra estranha.

O vapor segue, com uma linda marcha e já se distingue no horizonte a linha caprichosa da Serra do Mar.

Em dois dias devemos estar no Rio. Todos nós vamos já penetrados do nervosismo proprio do fim de viagem.

Meus tios devem esperar-me, pois a nossa combinação pela ultima carta fixada, foi de que me aguardariam no Rio, onde desembarcarei e ficaremos alguns dias para conhecer a grande capital federal.

Não calculas como os portugueses e os brasileiros, que vão a bordo, falam com entusiasmo do novo Rio, que surgiu dos escombros da velha cidade colonial!

Muitos que, supponho, pelo seu feitio conservador, no seu tempo naturalmente contrariaram o grande plano de saneamento e modernização da capital, sentem-se agora orgulhosos como se todos se julgassem os autores do empreendimento.

— Seu Passos foi um grande homem, um

descortínio e operozidade verdadeiramente-americana...—diz-me o Comendador Vieira, descrevendo-me as miserias e tristezas da sua pobre vida de emigrante, iniciando-se como moço num desses infectos armazens de secos e molhados, que o camartelo municipal, a bem da hygiene, destruiu...

Ontem fiquei em meio para ir ver qual-quer imprevisto da navegação e já não pôde continuar. Esta deixa agora de ser uma carta para se tornar um apanhado de impressões flagrantes. Quero escrever-te assim até chegar ao Rio. Ai terminará este diario de bordo, que é a prova de que a tua amizade me seguiu como uma segura companhia.

Pelo mar fóra, velas brancas de navios mercantes deslizam a distancia. A noite passada, um outro grande trastlantico cruzou-se com o nosso passando como uma sarça ardente na vastidão do mar em sombra; mandavam-nos os acordes da sua orquestra de bordo, como de cá lhe iriam parar as notas atacadas com brio pelos nossos musicos. Não te posso bem explicar o complicado sentimento de saudade que me fez seguir, até de todo se perder no horizonte, essa mancha de luz que segue para a velha terra da Europa, da qual pensamos que nos podemos libertar e segue comnosco como a nossa propria alma!...

Todo o dia os peixes voadores saltam, como laminas de prata a faiscar ao sol, deante da marcha vitoriosa do nosso navio. A cada momento se descobrem coisas que os passageiros mutuamente se comunicam.

A Serra dos Orgãos, com o capricho monstruoso do seu desenho, anuncia-nos a aproximação, cada vez mais certa, do Rio.

Fazem-se apostas sobre a hora da chegada, discute-se acaloradamente esse grande problema, como se da sua resolução dependesse a felicidade do futuro. Uns defendem com argumentos decisivos a probabilidade da nossa chegada á noite, porque adeantámos não sei quantas milhas nos ultimos dias; outros afirmam que não poderá ser antes da manhã porque de noite não se entra nos portos. Portugueses e brasileiros pertencem ao primeiro grupo, enquanto argentinos e outros dizem que a «Companhia» não fará essa excepção... e se a fizer, em chegando a Buenos Ayres terá de repetir... Nessa feira franca de opiniões, cada qual quer dizer mais do que o outro na descrição das belezas surpreendentes desta bahía de Guanabara, a maior do Mundo.

Pelo dia adiante começam a chegar telegramas de boas vindas para os passageiros.

Vem entre nós um senador de responsabilidade politica, que até aqui se conservara num grande retralmento de quem sabe conhecer a propria importancia. Agora, a cada telegrama recebido, abre-se jubiloso num sorriso de triunfo, mostrando-o á sua senhora. Eu tambem recebi um do tio Felisberto; que me comoveu pela ternura da saudação. A terra vai-se reapossando de nós, arrancando-nos á meia inconsciencia destes dias fóra dos seus interesses, passados entre o horizonte largo do céu e do mar, que nos mostra toda a violencia e toda a serenidade forte das coisas que a Natureza

impõe na sua pureza indomável. Penso com sobresalto nessa hora do desembarque, ansiosamente esperada, que será para mim encontrar-me de novo isolada perante uma sociedade, que é um grande ponto de interrogação no meu espirito. As informações que me vêm dando são tão opostas e disparatadas, que não sei bem como fixar o meu juízo.

O Leopoldo promete visitar-me na volta da Argentina, para onde segue neste mesmo vapor.

Os meus amigos têm já todas as suas malas preparadas e eu vou fazer o mesmo para não perder com esses arranjos os momentos da chegada.

Para te falar com franqueza, uma grande ânsiedade me perturba, num nervosismo que domino a custo.

A responsabilidade da minha grande resolução apresenta-se agora com toda a nitidez ao meu espirito sobresaltado. A partir de amanhã a minha existência seguirá um rumo completamente novo, sem que haja a mais leve indicação do que será essa caminhada que vou encetar com a responsabilidade própria.

O que farei, e qual o meu plano de campanha, em vão mo pedirás porque não sou um general, mas um simples soldado . . . um franco-atirador sem guerrilha organizada.

Quais os meios de acção de que poderei deitar mão? . . . Como aí te disse, o que verdadeiramente me atrai é o jornalismo onde se possa lutar de cabeça alta em nome de princípios e de ideias.

Podia ensinar linguas, mas com franqueza, a profissão não me atrai porque requiere quali-

dades de paciência e estabilidade, que se não coadunam com o meu feitio de pensamento e acção multiforme.

Vamos a ver o que diz meu tio, que neste ponto tenciono consultar. Ele deve conhecer bem o meio e poder-me-há dizer como hei-de exercer a minha actividade, de modo a preparar a independência do futuro.

O dia cai rapidamente. A coberta está cheia de gente que fala e grita em diversas línguas a sua admiração perante a grandeza magestosa da cadeia de montanhas, que limita o horizonte. Deitado, o «Gigante que dorme» tendo por cabeça um monte colossal, dá a impressão esmagadora de que vai erguer-se e escalar o céu, mais temeroso do que o terrível Adamastor da lenda.

Ao meu lado um brasileiro que recolhe a S. Paulo, depois de uma viagem de alguns anos pela Europa, fala com ar grave de Roma, de Constantinopla, da Itália, da França e declara: «que em parte alguma achou semelhança com as belesas nacionais.»

O amor dos brasileiros pela sua Pátria enche-nos também de orgulho por essa terra admirável, que à inteligência e trabalho da nossa raça pertence.

Anoitece rapidamente, sem a prolongada e doce agonia dos nossos longos crepusculos, o que, apesar de largos anos de tropicos, sempre me dá uma sensação aflitiva e esmagadora.

Passamos o Pão de Açúcar cujo perfil esbrugado todo o mundo conhece pelos postais e illustrações, tornado como que o característico do próprio Rio. O que, pois, me surpreende não

é vê-lo isolado, rígido, grave como um marco geodésico de gigantes, mas o descobrir a mesma forma esboçada em muitos outros montes e rochedos, como se o *pão* não fosse só um, mas uma grande fornada deles.

Vou terminar por agora. Apesar de te escrever na coberta e poder assim ir anotando o que vejo, reconheço que os meus companheiros se impacientam com esta minha aparente calma e... não desejo irritar a sua sensibilidade de curiosos exteriores com a minha curiosidade, por assim dizer, psicológica.

Do Rio escreverei. Adeus! Diante da grande interrogação do seu futuro te abraça com a maior e mais comovida ternura a

Leonor.

V

Muito à pressa, para corresponder à insistência entusiástica com que o Luisito reclamava a sua presença, Leonor fechou a carta, que já tinha subscritada e estampilhada e na passagem para se aproximar do grupo lançou-a na caixa, como se o confiá-la ao correio implicasse o seu imediato conhecimento para Regina.

O transatlântico avançava soberbamente. Depois duma pequena paragem em que recebera as autoridades do porto, recomeçara um movimento de avanço sem esforço, deslizando por entre outros grandes barcos, colhendo e transmitindo informações pela T. S. F. marcando as ilhas, que povoam a imensa Guanabara pelos montes de luzes que se iam acendendo umas atrás das outras.

A um lado o Pão de Assucar recortava-se em negro com uma trunfa de luses fixando a estação do *trem*, suspenso do cabo, como agarrado pelos cabelos. Em baixo, a Avenida marginal vinda da bravura das ondas atlânticas em Copacabana e Lême, enfiada de luzes que desenhava nitidamente o primeiro contôrno da cidade até aos caes de desembarque.

E era imensa! Sem relévos que lhe dessem a magestade e a graça do porto de Lisboa,

naquela noite tropical que caía rapidamente, sem agonias na luz do entardecer, a linha das iluminações públicas, só por si lhe dava uma grandeza que se impunha e deslumbrava os viajantes.

Na alegria ruidosa da chegada aos grandes portos, toda aquela gente se agitava e comunicava, como se o seu único fim fosse abordar áquela terra de maravilhas, que esplendidamente se desdobrava ante os seus olhos, cançados da monotonia desesperante da viagem.

Da segunda classe um grupo de vozes masculinas elevou-se, acompanhado por guitarras, num fado arrastado e melancólico, acusando todas as vagas e inconscientes saudades ancestraes de gerações e gerações de espatriados, familiarizados com o Novo Mundo.

Ouvindo-os, logo da terceira o côro foi secundado pelas notas portuguesas feridas na guitarra e pelos «ais» prolongados dos cantadores. É durante um momento, naquela entrada soberba dum grande navio inglês no pais dos sonhos de opulencia da raça lusa, a nota portuguesa impôs-se, como que a afirmar os direitos da primasia, que moralmente não quer abdicar, embora a dureza da vida moderna materialmente lho conteste.

Chegando junto do grupo dos amigos, Leonor foi increpada violentamente. Leopoldo acusava-a de haver perdido grande parte do espectáculo dessa maravilhosa entrada no Rio com a sua mania epistolográfica. Ela protestou, risonha, afirmando que do seu posto de observação não perdera nenhum dos detalhes da paisa-

gem com a compensação de ir anotando as suas impressões duma fôrma duradoira.

—O que de duradoiro pôde ter uma carta confiada ao acaso do correio e ao capricho de quem a recebe—observou Armando Cabral.

—É que tu não sabes a mania desta menina — tornou o Leopoldo, sorrindo — olha que tem um tão grande amor ao próprio pensamento, que o seu ideal seria que se inventasse um fixador e registador de ideias . . .

Todos riram da brincadeira de Leopoldo, mas Leonor afirmou perfeitamente convicta:

—Então não era bom? Ha muito pensamento que se perde sem continuidade na acção; ha muitas ideias que atravessam o nosso cérebro e que não tendo sido fixadas com a frescura do primeiro momento se desvirtuam ao contacto de outras influências externas. Fixando-as, tais como foram criadas pelo nosso próprio cérebro, facilitaríamos muito o seu futuro desenvolvimento . . .

A conversa generalisou-se, tomada em graça paradoxal e terminou em risos pela afirmativa de Armando Cabral de lhe dar todo o seu apoio e propaganda, mas com a condição de se poder parar o maquenismo à vontade de cada um.

— Câ por mim, desde já declaro, que deixaria enferrujar o instrumento registador, porque tinha medo de que me levassem para a Penitenciaria, se soubessem o que eu às vezes penso . . .

Em outros grupos o nervosismo especial dos momentos de chegada revelava-se no calor

com que se discutia a hipótese de haver licença de desembarque ainda essa noite.

A maioria constituída por brasileiros e portugueses, era de opinião que sim, que a licença seria dada, atendendo á categoria dos viajantes, especialmente do Senador, pessoa de alta representação política, saúdado em radiograma pelo próprio Presidente da República.

Os Argentinos protestavam porque o infringir as leis no Rio obrigava a infringi-las imediatamente em Buenos-Aires.

Ainda com mais entusiasmo do que os próprios brasileiros os portugueses defendiam a primazia do Rio e as razões fundamentais que devem obrigar todas as companhias a ter por esse porto deferencias especiais.

Indiferente a todas as discussões e impaciencias o paquete avançava num esplendor de luzes, com a música de bordo a tocar com energia os compassos duma valsa.

Como se uma inteligencia própria o animasse parou em frente á cidade deitando ferro com um leve marulhar de cadeias e umas rápidas vozes de comando, ficando imediatamente com a imobilidade e fixidez duma ilha saída magicamente do fundo das águas, como um palácio dos contos de fadas.

De todos os lados, como atraídos por um luminoso e imenso iman, acorreram pequeninos barcos a vapor que, vistos da amurada, a moverem-se velozmente com os pontos luminosos dos farois cortando as águas tranquilladas da baía, davam nessa noite calma e fresca de Junho a impressão de uma festa de prazer.

De repente, descidas as escadas em rápida

manobra acompanhada de ordens guturais e respostas rápidas da marinhagem bem ensinada, todo o navio foi invadido por uma turbamulta de visitantes que vinham esperar amigos, tratar de negócios, buscar passageiros. E todos se atropelavam, empurrando-se, a custo orientados pelo pessoal, que fazia prodígios de inteligência para compreender e para se fazer entender com o seu precário português, sibilando *yesses* e *sis*, rindo e encolhendo os ombros despreocupadamente, voltando as costas, quando desistia de mais claramente se fazer entender.

Desde que foi transmitida a ordem para se permitir o desembarque, tudo se movimentou como se premidos por uma forte mola oculta fossem obrigados a febril agitação.

Leonor, que tinha de aguardar o tio que a vinha esperar ao Rio, não pensando nas suas próprias bagagens, auxiliava os amigos para a salda imediata. E Leopoldo, que seguiria sózinho o resto da viagem, hesitava entre o desejo de passar a noite em terra e o receio de a deixar ali desacompanhada, sujeita á indisciplina que, mais ou menos, sempre se estabelece a bordo nas paragens em portos, especialmente em grandes cidades cosmopolitas, como o Rio.

Depois do fastio de 14 dias de viagem apertados no limite estreito duma primeira classe, sorria-lhe acolhedoramente a cidade, no atrativo forte da sua luxuosa vida noturna. Mas, pesava ainda mais na sua consciencia de homem e no seu respeito de amigo, o desprimor de deixar Leonor desacompanhada a bordo, por mais que ela lhe afirmasse que isso a não preocupava,

tencionando, de resto, recolher ao seu beliche logo que êles saíssem para arrumar as suas coisas e estar pronta de manhã cedo.

Leopoldo sorriu-se das suas razões delicadas e ficava, embora concordasse em que era uma pessoa libertada de preconceitos e senhora das suas acções, capaz de se defender e conduzir sem hesitação na vida.

Os carregadores, chamados e orientados pelos passageiros, marchavam pelas escadas de serviço com os pequenos embrulhos e com as malas de beliche, enquanto os amigos e companheiros de viagem ultimavam os cumprimentos e despedidas.

Não era sem uma ligeira núvem de amargura, provocada pela incerteza do futuro, que Leonor se separava — talvez para sempre — daqueles que durante quinze dias tinham sido os seus amigos e companheiros de horas serenas e inesquecíveis. Faziam-se promessas, trocavam-se bilhetes, fixando direcções, oferecimentos, projectos de novos encontros, mas já antecipadamente sabiam, ao fazê-lo, o que tem de inconsistentes, no incerto da vida, que depois se vai desdobrando diante dos nossos passos.

O Comendador Vieira passeava radiante, abraçado pelos amigos que o vinham esperar e convidar para o desembarque imediato, fazendo os seus cumprimentos exuberantes a Leonor e a Leopoldo, que se encostavam á varanda, olhando com curiosidade a mudança continua de passageiros e visitantes.

Famílias inteiras seguiam as malas e caixas de chapêus, com criadas e amas e filhos, numa

debandada de perigo á vista. Havia gritos, empurrões, chamadas, exclamações e abraços.

E no meio daquêle vai-vem continuado, na confusão dos que desciam e subiam para os vapores, que em baixo baloiçavam as luses multicores e se afastavam rápidamentee, dando lugar a outros, que se aproximavam com novos visitantes e seguiam com novos passageiros, Leopoldo afirmou-se, reconheceu e mostrou a Leonor, um velho que subia vagarosamente a escada e não era outro senão o Comendador Felisberto Marques de Araujo.

Delgado, moreno e seco como se a pele lhe estivesse pegada aos ossos sem parcela de carne a arredondar o perfil, muito correctamente apertado no fraque cinzento, com o chapêu de fino panamá posto com dignidade sobre a cabeça branca, o Comendador Felisberto olhava inquieto todos os passageiros, sem bem saber como iria reconhecer essa fantastica sobrinha, que lhe aparecia de chófre, numa tão extraordinária ligação com o passado, que se lhe ia amortecendo na memoria.

Ao encontrar, logo ao topo da escada, a pessoa vagamente reconhecida de Leopoldo o velho português, teve um sorriso que lhe abriu e desanuveou o parecer, na esperança de vêr diminuida a dificuldade de encontrar, entre aquela multidão babêlica, a pessoa esperada.

Foi com sincera alegria que os dois se cumprimentaram e êle recebeu nos braços carinhosamente abertos, essa rapariga gentil e interessante, com um ar desprendido de viajante estrangeira, a sobrinha que esperava, e vagamente o vinha inquietando, na incerteza

da sua personalidade mal reconhecível pelos retratos . . .

Leonor sorria do imprevisto da situação e alegre por vêr Leopoldo libertado do seu dever de delicadeza, muito bem impressionada pelo aspecto exterior desse vago tio da America, quási um desconhecido, e que tão decisivamente ia entrar na sua vida futura.

VI

No jantar a que o tio a levava para corresponder á muito amavel deferencia do representante dum Estado importante ao Parlamento Federal, Leonor conservara-se de principio um tanto alheada, ouvindo sem interesse o borbullhar de palavras que entercortadamente faziam referencia a assuntos que apenas interessavam a vida interna duma sociedade, que lhe era completamente desconhecida.

Ante o esplendor da dona da casa, formando com as filhas um lindo grupo, todas custosamente vestidas pelo ultimo figurino parisiense, e fulgurantes de joias caras, dum modernismo da ultima hora, compreendeu como o seu tão simples vestido de crêpe da China azul escuro, apenas realçado com um fio de ouro a contornar o desenho dos bordados da mesma côr e um largo cabeção de rendas portuguezas a marcar o ligeiro decote, devia apoucá-la ante aquella sociedade duma elegancia ruidosa e cara.

Habituada a viver só para si e a concentrar-se na sua propria opinião, sorriu, compreendendo a desculpa que o tio lhe dera para a falta da senhora D. Flora:—que a não viera esperar, como estava combinado, por lhe terem faltado

os vestidos e chapéus que de Paris mandára vir, como sempre fazia, quando tinha de estar com demora de alguns dias no Rio . . .

E também compreendia agora a pergunta que lhe fizera sôbre as joias que possuía, vendo-a prender ao pescoço um delgado fio de platina, donde pendia um pequeno quadrado de diamantes de antiga montagem em prata, rematando o decote com outra joia semelhante, recordação carinhosa da sua ultima visita às Penices, em que a tia Barbara a satisfizera imensamente com a oferta dêsse broche de família— um cestinho esmaltado, puro Luis XVI, transbordando de flores de esmeraldas, rubis e diamantes —pequenina joia sem valor real, que no entanto a enchia de ternura por essa longinqua avósinha, fugindo da invasão turbulenta do exercito francês, que para a encontrar em plena serra fizera parar a familia e a criadagem aflita, ligando-lhe um simbolismo de amôr que não a deixava arredar-se do sitio em que se despre-gára do fechú que lhe cobria os hombros.

Rindo explicou ao tio:

«Como seria difficil ter joias de outro valor quem, como ela, era filha dum homem que duma vida de intenso trabalho e dedicação patriótica, apenas retirara o suficiente para viver sem mesquinhas preocupações económicas, e para lhe deixar a pensão certa e o pequeno dote, que ali estava para aumentar, conforme as maiores exigências da vida moderna e a sua justa ambição de trabalho remunerado e proficuo.»

Á pergunta hesitante sobre as joias que lhe deveriam ter cabido da herança da tia Bar-

bara, Leonor respondera com serena firmeza: «Que não lhe ficara coisa alguma, nem esperava que ficasse, visto ser sobrinha em terceiro grau, enquanto éle, Comendador Felisberto Marques de Araujo, era, como irmão, embora dum nascimento posterior o único herdeiro legitimo. Recordara-lhe como coincidira a morte da tia com a sua estada, com demora de alguns anos, em Macau e numa época em que éle, Comendador, e a mulher, passavam em Portugal uma estação de águas.»

—E no entanto—murmurava o velho, com um amargurado sorriso, era de você que ela gostava e com quem mantinha relações de familia. A mim pouca atenção deu sempre e da minha senhora, francamente, não gostava. . .

—Não era não gostar, tinham uma educação diferente. . .—contestou Leonor para amenizar as recordações.

—Não, não! A Senhora D. Barbara nunca se pejou em mo fazer sentir. Bem sabe como ela era cheia de dignidade e respeito da sua raça, não aceitando bem os filhos que o pai, só muito a médo lhe apresentou, legitimados quasi no fim da vida.

—Mas a tia Barbara falava sempre com muita simpatia em V. Ex.^a.

—Sim, menina, sim! . . . Mas só o respeito que lhe tinhamos! . . . Para nós era assim como uma Nossa Senhora ou uma fada, que nos aparecia de quando em quando em sonhos...—E o comendador ria com ternura, recordando a longinqua meninice.

«Era lógico que ela pensasse em vós, descendentes da familia que mais estimava e

de que se orgulhava! . . . Que a Senhora D. Barbara, tão sêria e de tão ponderado critério, deixasse de fazer as suas disposições testamentárias, sabendo que o não fazê-las implicaria o meu único benefício, custa-me a crêr! . . . É uma coisa que me tem preocupado bastante e que me deixa em muita perturbação . . . Foi êste um dos motivos porque aplaudi com todo o entusiasmo a ideia da sua vinda, meninal

Pela primeira vez Leonor ligou uma importância maior a êsse facto que não pouco surpreendera sua mãe, recusando-se mesmo a acreditar, como sucedia agora ao tio Felisberto, que a tia Barbara, tão inteligente e tão providente, tivesse deixado de regularizar a sua herança, prejudicando-as em beneficio dum irmão com quem apenas mantinha umas vagas relações de cerimónia e detestando cordealmente a cunhada, que vira uma vez só, numa das suas passagens por Lisboa, para ir a Paris comprar vestidos e chapéus.

Já á mesa do jantar luxuosamente servido, com todo o requinte da última palavra da pragmatica mundana, a conversa calu, por acaso, sobre o projecto da lei de divorcio, de que um senador da esquerda anunciava para breve a apresentação ao Senado, secundado na outra Câmara pelos elementos mais avançados.

Profundamente surpreendida Leonor assistiu, impassível, á discussão sobre um assunto, posto ainda como aspiração sociológica e que para a sua idiosincrasia nem sequer era motivo de duvidas, em qualquer sociedade organizada legalmente.

Como se êsse assunto fosse o rastilho

destinado a quebrar a monotonia das conversas a meia voz, a discussão generalisou-se e assumiu, desde logo, uma violência contraditória, que a divertiu e surpreendeu um pouco.

De um lado a dona da casa com a filha mais velha, Frederica, apoiadas pelo elemento conservador e positivista, de que o genro se considerava o chefe intelectual, combatiam com ferocidade o divorcio como dissolvente maximo da familia tradicional. Em opposição radical encontrava-se o Senador, que se comprometera já com o seu partido a apoiar o projecto nas Câmaras, secundado por Antonina, a filha mais nova, e por alguns velhos elementos de ideias radicais, mantendo-se em neutralidade irónica os rapazes e raparigas, que preferiam que se discutissem os últimos boatos das festas projectadas na sociedade elegante.

Antonina, duma vivacidade radiosa e intelligencia muito superior à da irmã, falava com verbosidade e graça imprevista, que desorientava os adversários. Sem olhar a conveniências, accumulava argumentos sobre argumentos, que eram apenas escandalos duma sociedade em que as aparências lançavam um véu convencional de tolerância conivente, sem coragem para encarar de frente os problemas dolorosos ou as aberrações morais, que lhe minavam os alicerces. Levada no impulso da sua defesa apaixonada, Antonina citava factos por todos conhecidos, sem atender à mãe, que tentava pôr um dique às revelações escandalosas, suplicando:— «Que ao menos não declarasse nomes . . . »

Impacientada com um longo discurso catedrático do cunhado, que atacava a nova lei que

os radicais queriam impôr ao Brasil, — não em nome da moral católica, porque era livre-pensador, mas em nome da pureza das suas convicções filosóficas, pois que o positivismo do Conte, enveredando para o misticismo religioso da última fase, a forma que mais adeptos criou no Brasil, se opunha à dissolução do casamento, — Antonina expunha razões e alegava argumentos de ordem material, contra as abstrações do Doutor Filomeno.

E quando ele chegou ao argumento máximo da defeza da integridade tradicional da família brasileira, em opposição às tendências anárquicas da europeia, com uma sem cerimônia de criança amimada, escandalizou o grupo conservador, soltando uma expontanea e franca gargalhada, com a declaração de conhecer de perto uma e outra sociedade e não ter encontrado na Europa, nem mais nem menos descalabro moral do que existia no Brasil, especialmente no Rio, com a indossulubilidade a provocar o adultério.

Então, a Igreja, interrogada pela senhora Senadora, falou pela bôca do secretário particular dum bispo, que punha na reunião a gravidade aristocrática da religião triunfante.

— Não! O Divórcio não podia ser admitido nem discutido, por quanto o casamento é indossulúvel e os laços que a igreja santificou só a morte os pôde quebrar. Um divorciado que realizar novo casamento, não é mais do que um adúltero vivendo em concubinação, ainda mais pecaminosa e odiosa do que a outra, porque se estriba nas leis imorais dos homens prevertidos, que querem edificar uma sociedade com

leis civis e com uma nova moral, sem dogmas e sem Deus . . .

Sempre petulante e segura da impunidade, garantida pela manifesta predilecção paterna, Antonina riu desembaraçadamente, aludindo á tolerância abusiva, que a igreja mostrava pelo adultério daqueles que passam a miudo pelo confessionário.

— É que . . . — respondeu, com impertubável e seráfica serenidade o elegante sacerdote, querido de todas as confessadas, que na doçura da sua frase de perdão encontravam o refúgio perfumado aos vagos remorsos de culpas, que a sociedade fingia ignorar decentemente: — É que, não podendo desvendar os segredos das consciências perturbadas, a Santa Madre Igreja é cheia de bondade e tolerância para os pecadores arrependidos! . . . Bem o sabemos todos: há mais alegria no Céu por um pecador que se arrepende, do que por cem justos, que conquistam o lugar pelo direito das suas boas acções! . . .

— Por essa teoria não vale a pena ser bom, nem procurar fazer o que é justo! . . . — riu francamente iconoclasta o Senador, sem reparar no movimento de protesto da mulher, que tentou desviar a atenção do visinho duma conversa que entrava num caminho comprometedor.

Mas, não querendo perder a ocasião de afirmar princípios e ganhar terreno na sociedade dirigente, o confessor respondeu com firmeza:

— A nossa missão na terra é levantar os que caem, amparar os fracos, obrigar a retomar o caminho de Deus áqueles que o abandonam! . . .

— Então, se dois divorciados e casados de

novo, se voltarem para a Igreja, qual dos casamentos é que vale, o que a lei sanciona ou o que a religião católica abençoou?

—Essa pergunta, Antonina?!—reprovou o cunhado.

Mas serenamente, o padre respondeu:

—Felizmente no Brasil ela é ociosa, o poder civil não poderá vencer a influencia da Igreja! . . .

Aturdida, Leonor, seguia com interesse a discussão que se mantivera até aí aflorando o assunto com aquela superficialidade propria da gente, que não vai nunca ao verdadeiro fundo social e moral dos assuntos, para não trazer á superficie farrapos de vidas sangrentas e enso-padas de lágrimas, que perturbam a harmonia elegante duma sociedade, que só vive de exteriorisações.

Perturbava-lhe a consciencia muito nitida das coisas, o encontrar num pais novo, que supunha libertadô de dogmas e preconceitos, que tanto embaraçam ainda as velhas sociedades, quem defendesse ideias que já lhe ficavam tanto para traz, que difficilmente voltava a conta-las como factores a combater.

Menos ainda do que nos países de profundas tradições e opressões morais, parecia-lhe absurdo que uma nova sociedade, que se preparava francamente para um largo futuro, começasse por limitar ou enterrar a expansão legal da familia, fechando-a, aparentemente, numa pureza, que as frequentes irregularidades, corajosamente apontadas por Antonina, de modo algum justificam.

Todos os amargos problemas sentimentais

e económicos de que o divórcio é um triste, mas indispensável remédio, acusando o mal que é chamado a resolver, lhe acudiram rapidamente á memoria.

Recordou Regina, tão inteligente, tão senhora e tão profundamente boa e conciliadora, obrigada a lançar mão da lei para salvar a administração dos seus próprios bens, que um marido imposto aos 17 anos por uma familia ánsiosa por arrumar as meninas e cuidar com esmero da educação dos rapazes, lhe ia reduzindo a nada. Apesar de o não conhecer pessoalmente, horrorizava-a a ideia de vêr a amiga presa toda a vida a esse marido brutal, invejoso, autoritário, que contrariara toda a expansão intelectual e redusira a sua mocidade a uma revolta ingloria, mortificante, contra o autoritarismo tarimbeiro dum homem que não admitia para a mulher ambições que ultrapassassem o circulo estreito dos afazeres caseiros, utilizando-lhe os serviços e as aptidões literárias, quando lhe era necessário apresentar trabalhos para que a sua rudeza espiritual de modo algum o preparara . . .

Pensava em Luisa, tão corajosa, tão nobre na defesa do seu direito de mãe, não querendo deixar aos filhos o escandalo de um pai moralmente despresivel, embrutecido pelo alcool, desqualificado pelo jogo, moralmente e materialmente gafado e desprestigiado, apesar do seu nome heraldico e da criminosa tolerancia duma sociedade cheia de preconceitos e de tiranias hipócriticas. Revivia as horas de amargura que passára a seu lado na incerteza dessa luta

em que a alma da pobre e linda mulher saíra em frangalhos.

Numa rápida visão de quantos sofrimentos lhe tinham passado pelos olhos nos últimos anos de vida associativa que tivera em Lisboa, apareceu-lhe a imagem trágica daquela pobre senhora que tinham conseguido arrancar às unhas rapaces do marido, que protelára dez anos a separação e se defendia do divórcio, para não perder a administração dos bens que pela morte dos pais viriam a pertencer à mulher. Nem amor, nem respeito, nem piedade; nada encontrara nesse caso, que se tornára um verdadeiro e trágico incidente policial, passado á margem da lei e por assim dizer resolvido nas suas pregas e refolhos.

Um arrepio de repulsa a fez ainda estremecer á lembrança dessa luta, em que a desditosa senhora quasi sucumbira, tendo de ser arrancada do hospital de loucos para onde a empurrara uma intriga preparada de modo a excitar-lhe os nervos, esgotados pela miseria e pelo abandono a que os seus a tinham condenado, em nome dos sagrados principios da indissolubilidade, garantia moral da familia... Recordava, mentalmente, o triunfo dessa causa em que as mulheres defenderam corajosamente o seu proprio direito, pondo-se ao lado da vítima do egoismo grosseiro e prepotente dum homem, que tinha do casamento a ideia de que a mulher é a propriedade adquirida pelo homem, mesmo quando, como nesse caso, é ela que leva para o casal a fortuna, a instrução e a intelligencia...

Em criaturas de mais cultura e educação

social, as ideias não se exteriorizam dessa forma rude, mas no fundo são as mesmas, lamentavelmente fortalecidas pela maioria inconsciente das mulheres, que não compreendem a miséria da sua existencia legal. Mesmo com a protecção das leis, a mulher continúa a ser em muitos casos a vítima ancestral, arrastando na corrente dos seus novos ideais os detritos de velhas noções de injusto predomínio e arbitrio.

Impulsionada pelas proprias ideias, que actuavam sobre a energia do seu sentimento de revolta, Leonor, que se mantivera calada até ali, entrou corajosamente na discussão, apoiando Antonina que mantinha as honras da luta como um franco atirador, sem aduzir argumentos que a sua superficialidade lhe não consentira armazenar atravez duma vida fácil e feliz, apesar da sua inteligente visão das coisas e duma cultura literária, que a punha um pouco acima da media, no seu meio.

Sentindo-se fortalecida, redobrou de coragem na argumentação, pedindo detalhes sobre a applicação que a lei tivera em Portugal. Compreendendo a responsabilidade do momento, Leonor ergueu acima de todos o perfil energico do seu rosto, com mais graça do que beleza de perfeitas linhas, e na serenidade firme dos seus olhos palhetados de oiro, sob o doirado meigo dos cabelos frisados, disse quanto soubera da boca dos proprios magistrados, numa reportagem que fizera para os jornais da America. Alguns, que contrariavam e dificultavam a applicação da lei, aferrados a velhas ideias tradicionais e religiosas, não podiam deixar de con-

fessar—quanto a sua existencia era justa para certos casos. Entre todas as opiniões frisava hoje, como o tinha feito nos seus artigos, a opinião do magistrado de Lisboa, que mais divorcios tinha, a esse tempo, pronunciado:—de que três partes das questões que lhe tinham passado pelos olhos de consciencioso julgador, eram apenas o seguimento doloroso de anos de amargura e de desespero. Calculava que uma parte, apenas, seria de questões de ocasião, o resto serviria muito justamente a legalizar situações deprimentes, para a mulher e para os filhos . . .

—Os filhos?! Mas é exactamente por causa da situação moral dos filhos—acudiu o Dr. Filomeno com sinceridade—que mais se deve contrariar a lei dissolvente do divorciol

—Mas é exactamente em face deles que se deve aceitar o divorcio:—Pois será porventura mais moralizadora a situação das pobres crianças, esmagadas entre as disputas e o odio dos pais?! Será mais moralizadora e educativa a duvida sobre a sua moralidade? Será mais propria a inspirar piedade a situação de crianças postas fóra da familia, como cães vádios, e nem sequer pela tolerancia dos esposos poderiam deixar de ser toda a vida espurios? . . .

Do lado, interveio a medo um dos elegantes, que rodeavam Antonina, ambicionando-lhe o dote e a posição social:

—Mas esta coisa de encontrar na rua a propria mulher que passou a ser esposa de outro . . .

—Ah, sim? Preferia que continuasse a usar o seu nome e fosse disfarçadamente com

o amante, não?—respondeu-lhe ela a meia voz, irritada com a interferencia.

O secretário do Sr. bispo dignou-se olhar com certa curiosidade a portuguesinha corajosa, que defendia com tanta energia uma lei com a qual a Igreja não transigia, e interferiu com unção:

— Mas a nossa Santa Religião não revogará nunca a indissolubilidade do casamento, como nunca revogou, nem revogará, o celibato dos padres e freiras!... O sofrimento é a condição humana e Deus acolhe e premeia com a sua divina graça os que mais resignadamente sofrem na terra!...

— Isso apenas se entende com os católicos. Que não aceitem a lei e não tornem a casar, só lhes interessa a eles. Mas querer fechar a sociedade em dogmas e leis morais, que a fé não acompanha espontaneamente, é pura Inquisição!—respondeu serenamente Leonor.

A resposta imprevista caiu no meio da discussão como o transbordar de água a ferver numa pequena labareda. A conversa geral caiu por si, derivando em vários assuntos, que todos se empenhavam em procurar, como a vaga que se espraia sobre a areia lisa e ao retirar se escôa em delgados fios de água, caprichosos e delicados como o sistema venoso sob a pele branca e transparente.

O Comendador Felisberto Marques de Araujo olhava inquieto a sobrinha, ouvindo o comentário que a senadora fazia ao seu vizinho da direita:

—Que horror! Como se uma senhora da sociedade pudesse deixar de ser católica!



O secretário do Bispo, fizera um gesto de apavorada repulsa, olhando Leonor, que seguia conversando serenamente com o Dr. Filomeno, muito interessado em saber as suas impressões, colhidas nas colônias portuguesas, que julgava muito próximas da primitividade paradisiaca, desconhecendo a acção colonizadora e civilizadora que Portugal ia continuando, ininterruptamente, desde as Descobertas.

Já na sala de baile, onde; apesar do calor, se dançava animadamente, Leonor que procurara o recanto da larga varanda enfrentando o esplendido enquadramento da Tijuca, achou-se envolvida numa animada discussão sobre direitos femininos, provocada pela graça espontânea e a inteligência viva de Antonina, que decididamente a recebia no seu coração, numa franca e espontânea simpatia.

Os homens de responsabilidade social afastavam-se discretamente, lamentando que a mulher desejasse perder a sua graça de rainha do lar e princeza do sentimento, para entrar numa concorrência de trabalho, em que a sua inferioridade forçosamente se manifestaria . . .

Um poeta, muito publicado nas revistas elegantes, semi-cerrava os olhos mostrando a Dinorah Machado o anel, distintivo da formatura em leis, que brilhava no indicador da mão direita como uma gota de sangue vivo e generoso, e declarava: — Que essas questões o magoavam no sentimento de voluntário escravidão, que para a sua dama construía uma torre ideal, martelada em rimas de ouro, onde se fechariam em permanente extasi.

— Ideal, você?! . . . — gritou-lhe Antonina

na irrequieta modalidade da sua forma de discutir. — Antes de casar todos vocês são idealidade, mas depois: que seja um letrado ou um analfabeto, que seja um poeta ou uma lapuz, todos encaram a mulher como a metade... que carrega os fardos mais inferiores da vida.

— Você é injusta, Antonina! Pois quem na família sustenta os encargos mais pesados, quem aguenta com as responsabilidades e com o trabalho, senão o homem?! — Intrometeu-se na conversa o Senador Aguiar que de passagem ouvia a conversa.

— Sim, Papá! E por nós compreendermos que é injusto que essa responsabilidade e esse trabalho pesado carregue todo sobre os vossos hombros é que reclamamos a nossa parte, para lhes facilitarmos a missão!... Mas... para os compensar queremos dar-lhes participação nas vantagens e honras da nossa realeza domestica...

E ria ironicamente acompanhando o sorriso do Pai, que abandonava o campo, encolhendo os hombros com tolerancia carinhosa. Leonor sorriu, lembrando toda a miséria feminina, tantas vezes repetida, tantas vezes apresentada e sempre escondida por esse sentimentalismo hipocrita com que a sociedade fecha prepositadamente os olhos, não querendo ver as injustiças que se praticam sob a sua protecção.

— A realeza das mulheres é como a do teatro, despe-se nos bastidores: — Comentou amargamente M.^{me} Jullien, que seguia com um entusiasmo contido e cheio de ternura reconhecida a defeza corajosa de Antonina, sua

discipula predilecta, e a de Leonor, que lhe trazia da Europa toda a saudade áspera da velha terra amada. Com vinte anos de luta rudemente sustentada para conquistar o seu pão e o do filho, que o abandono injusto do marido lhe deixara nos braços, a pobre senhora atravessara essa grande parte da sua existencia sem exteriorizar as suas ideias de revolta numa sociedade feliz, que não lhas podia aceitar nem compreender. Ensinara, ensinara a sua lingua pacientemente, exteriormente, por assim dizer, acatando sem discutir todas as ideias, nunca deixando transparecer a grande cultura social que a leitura nos ultimos anos lhe ia dando, desde que o filho lhe mandava de França tudo quanto estava de harmonia com a sua ardente aspiração de igualdade moral.

Só com Antonina, nos ultimos tempos, desde que a vira tão rebelde e tão contraria aos convencionalismos do seu meio, a bôa M.^{me} Jullien se abria com franqueza, passando-lhe todos os livros que mais correspondiam ao seu ideal de justiça.

Dinorah Machado, com os olhos semi-cerrados e postos no seu poéta, aproximou-se do grupo, afogueada pela ultima volta de valsa:

— Direitos para as mulheres, que horror! Ver uma senhora a suar em bica, num dia de eleições para deitar na urna o seu voto, que não representa nada!... E' de morrer a rir!

— Perdão! Representa uma consciencia, quando quem o dá sabe o que faz... o que não sucede a grande parte dos eleitores masculinos — respondeu Leonor com gravidade.

— O sufragio feminino é para mim uma

coisa moralmente ofensiva, pela falta de estética, de elegancia e de aristocracia no gesto plebeu. . .

— Enquanto a suar. . . as eleitoras não o poderão fazer com mais abundancia do que você, a dançar com um calôr destes, sem atenção ao seu pô de arroz, ao seu *rouge* e ao seu penteado, que se desmanchou horrivelmente. . . — sorriu Antonina.

Enquanto um riso mal contido comentou estas palavras, a rapariga mordeu os beiços com raiva e disfarçadamente começou a pôr mais ordem no seu rostinho de boneca, escandalosamente pintado.

O Dr. Filomeno, que na pureza das suas ideias filosoficas nem se entretinha a jogar nem a dançar, e assim procurava sempre nas reuniões a conversa de algumas pessoas que discutissem ideias, ou mostrassem conhecimentos que o pudessem interessar, chegava a concordar com a necessidade economica do trabalho feminino, para aquelas que não tivessem familia. . . Mas poucas deviam ser, porque o verdadeiro destino da mulher é ser mãe! . . .

O que profundamente o chocava era, efectivamente, essa mania das propagandistas reclamarem direitos politicos, reclamarem o voto, exactamente quando os homens já tão pouca importancia lhe dão! . . .

E enquanto Antonina continuava sustentando em fogo vivo e certo a discussão com o grupo, Leonor expôs-lhe as razões fundamentais porque os direitos politicos são indispensáveis, e todas as feministas conscientes os reclamam, pois que na sociedade constituida

como está, só é possível lutar com as próprias armas que ela fornece. Após as crises sociais em que a mulher é chamada a desempenhar qualquer grande papel, que mostra a sua dedicação e a sua competência, tudo é esquecido e nenhuma vantagem advém para a sua dedicação material e moral, porque não tem a apoiar as suas queixas e reclamações senão a consciência da justiça e essa... bem poucas vezes no mundo tem sido força que se imponha ao predomínio material...

Quando o tio a veio procurar para saber quando se queria retirar, Leonor levantou-se imediatamente e despedindo-se de Antonina e do grupo, seguiu o comendador, que desejou apresentar os seus cumprimentos aos donos da casa.

Fóra, o luar, duma brancura translúcida, dava uma doce e casta tonalidade à paisagem, que o vigoroso colorido do dia torna dum esplendor que oprime e subjuga.

O automovel seguia rapidamente pela Avenida marginal dando em certa altura a impressão de contornar um lago de que o *Pão de Assucar* é o fecho, aninhando na praia, a seus pés, os palacios silenciosos como nos contos de fadas.

— Que lindo, meu tio! E como nos dá prazer a Natureza quando a podemos gozar assim, compensando-nos do desgosto de termos de viver com os nossos semelhantes!

E ria, numa expressão radiante, recebendo no rosto a doce carícia do ar, deslocado pela carreira.

O comendador, satisfeito por a ver tão

alegre, deu ordem ao *chauffeur*, que rapidamente fez uma curva seguindo pela Avenida Atlantica até ao Leme, para prolongar assim o prazer que tão claramente Leonor manifestava.

A bahia, toda picada de luzes, que no esplendor incomparável dessa lua dos tropicos pareciam contas dum grande fio de topazios, sem outra utilidade senão a graça de marcar a irregularidade do seu desenho, alargava-se até ao mar, que vinha rolar as suas vagas de luz na praia, a essa hora adormecida numa solidão, a que os chalés e palacios fechados davam um aspecto ainda mais grave e misterioso.

— Quando assim vou levada em grande velocidade por uma noite de luar como esta, tenho a impressão agradável de que seria possível correr, até deixar o mundo e continuar no espaço, talvez! — uma vida melhor! . . . — disse Leonor a rir, para encobrir uma grande e doce comoção, que a compensava das longas horas de constrangimento que passara.

O tio, incapaz de a seguir no seu sonho de abstracção, ia-lhe indicando os sitios mais conhecidos, dizendo-lhe com desvanecimento a diferença que fazia essa esplendida cidade cosmopolita, cheia de luxo, de elegancia, de orgulho e de opulencia, do Rio que conhecera na sua mocidade, com o ar recolhido e modesto de cidade colonial, e que ainda era o mesmo havia poucos anos . . .

Quasi ao chegarem ao hotel interrompeu as suas informações para perguntar interessado: —

— Que tal a festa de hoje, Leonor? Não,

Ihe parece que não há na Europa quem receba com mais distinção, e com mais luxo?!...

— E' outra coisa, a Europa, meu tio.

— Que outra coisa?!... Não percebo!

— Nem eu!... Tenho a impressão que há uma certa desarmonia entre o modernismo da vida material e as ideias... E daí... não sei!...

— Mas não gostaste da familia?!... São muito importantes!

— Sim, gostei, tio, especialmente de Antonina que é muito viva, muito simpatica e interessante, duma graça muito moderna. E' bastante inteligente e culta!...

— Sim, sim... Antonina é uma moça esperta e engraçada, mas o que faz e diz só a ela é que se perdôa aqui... por ser filha de quem é!... Nenhuma outra se atreveria a tanto! E' preciso não a elogiar muito, não vão dizer que pensas como ela!...

— Mas, sim!... penso! E' como ela que eu penso! E' como ela que todas pensamos! —riu Leonor despedindo-se para encurtar a conversa, deixando o velho um pouco perturbado nas suas opiniões e convicções.

Ao encontrar-se a sós consigo adentro das paredes isoladoras do seu quarto, ainda sorria, pensando que a sua primeira entrada naquele *Mundo Novo* não era de modo algum brilhante, nem lhe prometia grandes triunfos.

VII

Leonor acabava precisamente de se vestir. Já pronta, hesitava entre sair sem dizer nada ao tio para colher alguns aspectos da cidade matutina, como usava fazer quando viajava em país desconhecido, ou bater-lhe à porta do quarto para o prevenir.

Sem ser positivamente uma grande madrugada parecia-lhe que as oito que o seu relógio marcava não era uma hora muito adiantada para quem se deitara às três e meia e temia, por isso, incomodá-lo.

Da grande janela da sacada aberta sobre a Avenida Central via passar a multidão tão elegante, tão apressada como se fosse a hora convencional do passeio para os desocupados, em qualquer cidade da velha Europa, mal acordada ainda para o seu labor àquela hora matutina.

E sentira desejo de descer, entrar na corrente que passava, ir às lojas, procurar conhecer a fisionomia própria desse meio novo, viver a sua existencia de momento e surpreender-lhe a engrenagem, que ainda lhe escapava.

A manhã estava duma luminosidade velada pela nevoa e a atmosfera duma doçura incomparável naquele principio de Junho, marcando

o início do inverno que não consegue ser tomado a sério pelos europeus.

Embora as senhoras reclamem de Paris os modelos de chapéus mais elegantes e dos agasalhos mais opulentos, a natureza briga escandalosamente com essas fantazias na atmosfera de estufa temperada em que a vegetação se expande em permanente verdura, com o recorte imperturbável das palmeiras e a variedade na floração, que não dilimita com nitidez as estações, como nos climas temperados.

Leonor, sem ser uma contemplativa sentia-se absorver pelos seus próprios pensamentos, comparando e vivendo pela recordação todo o passado de convivência com as paisagens fortes e melancólicas das regiões tropicais...

Quebrando bruscamente as hesitações e a vaga meditação sem pensamento fixo, contra a qual reagia o seu temperamento de acção, resolveu descer sem prevenir o tio, quando uma pancada discreta na porta e a voz alegre do Comendador Felisberto Marques de Araujo a fizeram compreender, que a sua madrugada estava longe de o surpreender.

Muito risonho, informava-se da sua saúde e perguntava se queria dar uma volta antes de almoço para ver a cidade, aproveitando o ensejo para a apresentar a alguns amigos.

E ao responder-lhe que estivera hesitando em o prevenir da saída, que tanto lhe apetecia — porque receava ser inconveniente chamando-o tão cedo — o velho ria de gosto e comentava:

— Às oito horas, hein?! Então às oito horas

ainda você supunha que me encontrava na cama?!... Que menina tão prósa! Bem se vê que vem de Lisboa onde a esta hora ainda estão a esfregar os olhos mal acordados!... Aqui a vida é outra!... ás 7 horas já tinha falado com o meu correspondente e preparado as coisas de modo a ultimar uns negociinhos que dão para a viagem e para mais umas extravaganciasitas... — Ria e esfregava as mãos delgadas e secas numa satisfação triunfante, fechando os olhos dum azul aguado, muito vivos, irradiando malícia e finura. — Agora estou livre, já não tenho hoje mais negocios a tratar. Aqui é assim!... Trabalha-se muito, mas sente-se correr nas mãos o oiro, que é a força, que é o triunfo da vida!...

Enquanto Leonor punha o chapéu de feltro cinzento e ajustava o casaco dum rigoroso córte alfaiate, sorrindo á sua radiante alegria, falava-lhe em negocios que representavam o rolar de centenas de contos e dava-lhe notas interessantes da sua vida de combate e de persistente ambição, fazendo-a sentir duma forma palpável esse rude aspecto de luta pela vida, que sob a apparencia duma quasi ociosidade, gasta e dilacera ferozmente os grandes empreendedores da finança, os impulsionadores da industria e do commercio, fulcros em que se firmam as sociedades para caminharem — odiados porque triunfam, desprezados porque são impiedosos, procurados porque são necessários, invejados e adulados quando teem na mão a força que é o numerario, ridicularizados quando são vencidos...

Leonor sentira sempre uma profunda curio-

—sidade intelectual por todas as forças psicológicas, que a sociedade utiliza como elementos productores de energia ou sejam pensamento, ou sejam acção, idealismo metafísico do génio, a realização do artista, a força impulsiva da acção imediata, mesmo no limite inferior das realizações materiais—tudo a interessava e por tudo sentia o respeito do que de facto existe, e é uma força...

— Isto, menina, chegará a ser um viciol...

— confessava o velho— Os médicos aconselham-me o repouso, porque... dizem eles, tenho o coração um pouco atrapalhado e o ligado a dar má conta de si, mas que querem?!... E' mais forte do que eu...

— Efectivamente, porque é que o tio não põe os negócios de parte algum tempo para equilibrar a sua saúde e não vai para o campo, ou para uma praia repousar... — dizia Leonor voltando-se deante do espelho e procurando as luvas e a carteira em cima da mesa.

— Posso lá! Deixar de pensar uns meses na marcha dos negócios, seria a paralisação da vida! Já tenho experimentado... Mas que?! Os primeiros oito dias ainda passam com a mudança, com a viagem, com a novidade... depois é um aborrocimento mortal, uma doença como a do fumador a quem probem o tabaco ou a do bebado a que retiram o alcool ou a do jogador afastado da excitação do pano verde... Começo a pensar em negócios para me distrair e no fim de quinze dias estou no meu pôsto, às vezes tendo já no bolso novos contractos e novos freguezes arranjados nas férias... — Rio satisfeito — E' o habito, é o habito! E é

esta abençoada terra onde parece que o oiro cresce debaixo dos pés . . .

Leonor sorria, calçando as luvas :

— Então sempre o galego tinha razão em dar o pontapé á peça de oiro, que logo á entrada o começava a perseguir ! . . .

— Nada, nada ! O oiro do Brasil é para aqueles que o procuram com amor em anos e anos de luta, e não para os que lhe dão pontapés ! . . . Olhe para mim, são 50 anos de trabalho sem descanso ! Cheguei aqui, ao Rio, um fedelho, tinha 13 anos, veja lá ! . . . Trabalhei como os que trabalharam ! mas enfim, fui feliz !

— Nem todos podem dizer o mesmo, tendo também trabalhado muito . . .

No insolente desprezo dos que triunfam — julgando que só á sua força e intelligencia o devem — pelos que não conseguem vencer, o Comendador fez um gesto de duvida e terminou por um sorriso que expremia bem o seu pensamento.

Depois continuou :

— E' porque não trabalharam bastante . . . ou não tiveram persistencia nas ideias. Ha muitos desses ! Também ha gente que tem a ambição de ganhar sem esforço para gastar sem conta . . . Esses também não fazem nada ! Outros querem vencer desconhecendo o meio em que se encontram e depreciando os elementos de que se devem servir . . . também não vão muito além ! . . .

— Afinal, quem, no fim de contas, pode triunfar, meu tio ? ! . . . Como diz o povo, *só os que têm sorte* ? ! . . .

— Não minha filha, eu sou um pouco positivo, para não dizer que sou *positivista*, como o Dr. Filomeno, porque nunca tive tempo de ser filósofo . . . — É ria com um riso de ternura amável pela vida. — A sorte é um elemento de triunfo, mas não é tudo. O que é necessário para triunfar dentro duma sociedade constituída, e que nós não queremos nem podemos mudar, é estudá-la pacientemente em todos os seus muros e baluartes, ver com segurança qual é o seu ponto fraco e avançar com energia para esse lado até abrir a brecha, que nos dá a passagem . . . depois é questão de nos adaptarmos ao meio e aproveitar todas as oportunidades para vencer!

— Mas assim perde-se toda a personalidade, toda a direcção, é apenas um triunfo de adaptação! . . .

Rindo com o seu bom sorriso silencioso, o Comendador respondeu, já no ascensor do hotel:

— Cada qual procura na vida a sua forma de triunfo. Eu estou-lhe dizendo estas coisas sob o ponto de vista da fortuna imediata e por assim dizer material . . . Para os que teem esse unico fim, triunfar é adptar-se ao meio, diz muito bem, e dentro dele escolher as armas mais rijas para poder dominar . . . Como Leonor me disse que desejava tentar a fortuna pelas suas qualidades proprias de trabalho e de ambição . . . devemos conversar sobre estes assuntos.

— Oh, decerto! Eu adoro trocar impressões com pessoas inteligentes, que vêem as coisas a seu modo, com uma grande pratica da vida . . .

Isto não quiere dizer que concorde sempre, não é verdade? . . .

— Claro! . . . Se a sobrinha quizesse vir para a nossa companhia como pupila e moça de sua casa, não lhe diria estas coisas, que as menininhas não precisam saber, mas eu já vi que Leonor é uma moça diversa das outras . . . Tem que ser tratada com o respeito e com a mesma franqueza com que se tratam os homens inteligentes! . . .

Leonor riu e concordou firmemente:

— Sem duvida! . . .

Em baixo, na grande Avenida asfaltada, em que os *autos* deslisavam vertiginosamente por entre a mais estranha e variada multidão, e os *bondes* passavam com pinhas de passageiros agarrados aos estribos, naquela doce luz perolada duma manhã de nevoa, o Comendador procurou o carro que desejava e indicou ao *chauffeur* a direcção da primeira visita que iam fazer.

Assentando-se ao lado de Leonor, comentou sorrindo, como quem continúa a conversa que o vinha interessando:

— Aqui está um que não conseguiu triunfar durante quarenta anos de luta!

— E tem trabalhado?! . . .

— Se tem! . . . Coitado! Trabalhado como um herói! . . . E sempre com as mesmas ideias.

— Então, já o tio vê, que a sua teoria nem sempre é certa . . .

— Mas é que não soube adaptar-se. Nunca soube ver a vida pelo seu verdadeiro prisma! . . . Veio para cá prégar a *bóia nova* e queria emendar o mundo, sem cuidar de se estabelecer com firmeza na vida . . . Compreende?

—Agora não compreendo, porque não sei qual foi a sua orientação . . .

—Já compreenderá em o vendo. Querer emendar o mundo com ideias não dá aqui resultado! . . . Neste país o que se quer é gente que trabalhe e produza movimento e riqueza! . . .

—Mas são as ideias que produzem esse movimento e essa riqueza!

—Mas não as dele! . . . Ideias humanitárias, ideias políticas, ideias e sentimentos que contrariam, ou são indiferentes à maioria, que tem força e importância, que resultado podem dar?! . . . O triste resultado que se está vendo —a velhice desamparada, a doença e, para morrer, um quarto na Beneficência! . . .—concluiu melancolicamente, com uma funda e sincera ternura nos olhos.

—Perdão, meu tio! . . .—respondeu Leonor com vivacidade—No grande livro caixa da vida nem só o dinheiro é valor a colocar no haver . . . Já Cristo o pré-gou ha dois mil anos: «Nem só de pão vive o homem! . . . »

Surpreendido, olhou-a seriamente, depois, voltou a iluminar-lhe o rosto, cuidadosamente escanhado, o mesmo vago sorriso, que os olhos enchiam de ternura, e respondeu com um leve assento de ironia:

—Me está parecendo que você atira um pouco às ideias do Dr. Filomeno . . . Nasceram para pré-gadores, para apóstolos deste *gentio* . . . mais bravo do que os silvícolas que se arrebanhavam, seguindo as palavras santas dos Nóbregas, dos Rodrigues, dos Anchiétas . . . e agora do meu amigo Coronel Rondon, que lá anda por esses matos chamando os índios à civilização . . .

—E que belo destino o daqueles que teem a fé que os leva a tão grande missão!...

—E' o que eu digo! Nasceram para apostolos!...—e ria com satisfação dos seus proprios dizeres—Se esta moça fosse homem cá tinhamos mais um paladino dos grandes ideais!...

—Sendo mulher, porque o não poderei ser tambem?!...

—Desculpe, desculpe!...—continuou rindo —não me lembrava que as mulheres reclamam de sofrer e trabalhar como os homens... A humanidade deve progredir, sofrendo em duplicado!

—Sofrendo e produzindo trabalho inteligente, tambem em duplicado, para a melhoria do futuro e para o triunfo da justiça e da verdade.

Olhando-a com uma certa surpresa expressa nos traços vincados do seu rosto fino e bem escanhado, perguntou:

—A Senhora D. Barbara conhecia essas ideias?!...

—Decerto!... Ela propria contribuiu com a sua inteligencia e a sua instrução para que eu as pudesse ter, facilitando a minha cultura. O tio não conheceu bem sua irmã; não calcula como era inteligente, como o seu espirito era esclarecido e cheio de tolerancia para todas as ideias novas!...

—Não! Nunca a tive senão como uma pessôa cheia de preconceitos, fechada num grande desprêzo pelos modernismos!...

—Isso sim!... Tão velhinha e doente como estava mas não lhe escapava coisa alguma. Lia

os jornais, interessava-se pelas noticias, seguia o movimento social duma forma tão intelligente, que eu nunca me aborrecia de estar com ella, mesmo naquello isolamento das Penices . . .

—Mal supunha! . . . —Instantes depois continuou:—A menina vai-se entender muito bem com o Feliciano Rabaça, este amigo que vamos visitar. Eu, nem os entendo! . . .

—Não diga isso! O tio tem uma perfeita comprehensão de todos os pensamentos que agitam a sociedade moderna.

—Não, não! . . . —e abanava a cabeça negativamente com um ar entre risonho e melancolico.—Ha muitos anos que estou afastado dos conflitos de ideias. A vida pratica apanhou-me difinitivamente nas suas engrenagens . . . —E tomando um bom ar doce e humanizado, continuou:—Pobre Feliciano! Quanto gostaria de o ver tomar outro rumo, de o ver entrar com mais equilibrio na vida pratica! . . .

O automovel afrouxou a velocidade, embaçado pelo movimento de carroças e carregadores na rua barulhenta e atarefada de ao pé do caes, onde estava instalado o «Lusitano» de que era Director, proprietário e redactor, o velho amigo do Comendador, o portuguez Feliciano Rabaça Lopes.

O *auto* estacou à porta, que uma enorme taboleta marcava como um verdadeiro consn-lado para os portuguezes infelizes, que ali tinham sempre uma voz amiga a protestar por elles.

A' entrada um negro, vestido da immaculada brancura do seu fato de linho engomado, vendia sobre uma pequena mesa em forma de ta-

boleiro, fatias perfumadas de ananaz, que toda aquela gente, a que fadiga duma já longa manhã de labuta causara uma sede horrível, ia comprar, lambusando-se com o sumo assucarado, que lhes escorria pelas mãos.

—Que belos ananazes!— invejou Leonor.

—Não diga ananaz, que ninguém a entende!... E' abácaxi... deliciosos, deliciosos!... Não há nada melhor! Verá! Não há nada que se compare á fruta do Brasil! E as laranjas?!... Em São Paulo são esplendidas, não as há melhores na Europa!...

—Nem as de Portugal?!...

—Parece-me que não!

—Nem as de Setubal?!...

—Hum!... Não sei!... Nem essas, talvez!... E as goiabas? E as mangas? Tudo isto é rico, é lindo, é esplendido! Na nossa chacara temos todos os frutos da Europa e da America!...

Como Leonor ria, duvidosa, para a convencer acrescentou:

—Sabe a sobrinha uma coisa? Eu já me não dava de todo na nossa terra!

—Que horror! Nem diga tal! Há lá no mundo coisa mais bela do que a nossa terra!...

Já na entrada, embaraçada com os carregadores vergados ao peso de grandes sacas de assucar, o Comendador respondeu a rir:

—A nossa terra é onde nos damos bem e onde somos felizes...

—Não, a nossa terra é, a maior parte das vezes, aquela em que mais sofremos e mais infelizes somos!... E talvez por isso é que mais lhe queremos e mais linda a achamos!...

Sem saber como, achava-se exaltada num sentimento de nativismo ao qual, até essa data, não se julgara atreita.

O Comendador, com uma ligeireza que os seus 63 anos secos e activos lhe permitiam, sem esforço, galgou a escada velha e mal limpa a rir do entusiasmo da sobrinha e foi abrir a porta de vidros do primeiro andar onde estava instalada a redacção do jornal.

Leonor que o seguia de perto encontrou-se numa grande sala, inundada de luz que lhe davam as duas grandes janelas de sacada sobre o recanto da rua, larga e limpa.

Por sobre as mesas, pelo chão, em cadeiras, havia papeis, jornais abertos, já dobrados, em maços, prontos para a distribuição.

As paredes brancas de cal estavam cobertas de retratos, reproduções, gravuras, símbolos patrióticos, tudo dominado por um enorme mapa de Portugal e Colonias que a bandeira portuguesa acompanhava num largo panejamento.

Com a entrada dos visitantes toda a azafama suspendeu e Feliciano Rabaça, que se inclinava sobre uma velha mesa cheia de papeis, ergueu os olhos vagos de miope, lançando para traz a cabeleira farta e quasi branca.

Atrapalhado por ver uma senhora, vestiu á pressa o casaco e dirigiu-se para o amigo, que o vinha surpreender em tal desarranjo.

Alto e forte, apezar dos seus 60 anos, o jornalista tinha o ar ingenuo e confiante dos que vivem dentro da sua ideia e obedecem á sua paixão.

O Comendador ria muito, divertido com a

atrapalhação do amigo, fazendo as apresentações e explicando ao jornalista quem era Leonor, dizendo-lhe a ela o que representava essa velha amizade de muitos anos com a recordação dum passado em que as suas generosas mocidades caminhavam a par, no desinteresse e na indiferença pelos negócios...

Feliciano levou os visitantes para o pequeno gabinete da redacção ao lado da sala, onde a opulencia não era maior, mas no qual havia algumas cadeiras e uma secretária mais apresentável

Pelas paredes numa intenção comovedora e sentimental, mais fotografias, desenhos, reproduções de monumentos, recordações de Portugal...

Como se de há muitos anos se conhecessem, a conversa caminhou, numa compreensão e harmonia de pensamento, que fez do velho imigrado, cheio de desilusões e de amarguras, e da recémchegada, verdadeiros e sinceros amigos.

O comendador olhava-os sorrindo, um pouco hesitante, temendo acompanhá-lo no que ele chamava uma perigosa orientação para os imigrantes, que querem ganhar a sua vida.

Sentindo-se forte com essa mocidade cheia de fé que lhe trazia a compensação aos seus desenganos e lutas, aparentemente estereis, Feliciano Lopes voltava-se para Leonor numa queixa que lhe afogueava o rosto largo, um pouco inchado sobre os olhos e duma palidez laivada de sangue de mau agoiro.

—Vê D. Leonor? E' sempre isto! Quando lhes falamos em nome do sentimento e do

orgulho da raça respondem-nos com o interesse mal compreendido, que os faz imaginar que estão no Brasil colonia, em vez de pensarem que são uma colonia no Brasil irmão!... Há quarenta anos, D. Leonor, há quarenta anos que eu prego aos nossos patricios que o seu dever, o seu interesse, o interesse da Pátria e o do proprio Brasil é que fiquem e se mantenham sempre portugueses... de Portugal!... Imaginam que são mais simpaticos e mais uteis ao Brasil porque se desnacionalizam?!... Quanto se iludem! Ninguem pode gostar de renegados!... É nós, ficando portugueses, ajudamos mais a nacionalização do Brasil, do que eles, que se bandeiam com os outros renegados de países diversos. Nós temos por este Brasil, que é a obra maravilhosa do genio da nossa raça, uma ternura paternal!... Defendemo-lo, nós, os verdadeiros portugueses!... da horda exploradora que vem de todos os cantos do mundo... Sabe lá o que isto é?!... Italianos bulhentos, gananciosos, teatrais... — ainda assim os melhores, sabe? áparte os negocios, os seus interesses... no fundo são bons e adaptam-se, não são má influencia no Brasil, pelo contrario!...

— Os italianos?!... — ia a dizer o Comendador.

Mas logo o jornalista, apaixonado, retomou a palavra, respondendo á pergunta que nem fôra formulada:

— Sim, sim, os italianos, porque eu não falo sob o ponto de vista do comerciante nem do fazendeiro, falo como nacionalista. O italiano adapta-se bem ao meio e não reage contra a

lingua, nem mesmo contra os costumes, que são identicos... Os filhos dos italianos, apesar de todo o esforço de propaganda, já não falam italiano...

— Isso era dantes, depois da guerra de Tripoli estão muito prosas!... Todos se julgam herois.

— Deixa-os julgar! ainda bem! Mas não contrariam etnicamente a influencia portuguesa, antes pelo contrario!... Mas esses germanicos audaciosos, casmurros, cheios de ambições nacionalistas contrarias á nossa?!... Esses francezes mesquinhos e aparatosos, cheios duma superioridade que nós lhes emprestamos, esses sirios sem patria, esses amarelos horrendos!... Sabe lá, D. Leonor?! Nós os portugueses, vigiamos o lusitanismo do Brasil com mais intolerancia do que eles proprios!...

— Pois sim, mas somos nós os culpados da mestiçagem com o negro da Africa... — irritou o Comendador.

— Deus do céu! Que eles o digam, vá! Mas tu! Pobre raça negra que tanto auxiliou o progresso desta terra, quando os brancos da Europa não chegavam nem para mandar!... E os mestiços de pretos são piores do que os outros?!... Mestiços, mestiços, são todos desde que não são da nossa raça...

— Não digo!...

— Não podes dizer nada! O Brasil é a obra dos portugueses! E' o nosso sangue, a nossa carne a apodrecer nesta terra que nós descobrimos e fecundámos, são os ossos de milhares de portugueses a alicerçar esta civilização, que é nossa!... Há estradas de ferro, minha que-

rida D. Leonor, que se pode dizer que se fizeram sobre os corpos dos portugueses, como a de Madeira—Marmuré, por exemplo! . . . Háde ver e háde sentir o que estes materialões interesseiros não querem ver, embora devessem compreender o que as nossas ideias dão força á sua acção economica! . . .

Sem deixar o Comendador defender o seu ponto de vista, ele continuava com a sua voz cheia, um pouco pastosa de alemtejano, ofegante pela exaltação e pelo esforço que o coração, na sua doentia preguiça, mal comportava, a contar episodios a que assistira, em quarenta anos de lutas naquelas terras.

—Quando foi da ditadura do Floriano—explicava, voltado para Leonor—os portugueses morreram, morreram sem conta! . . . Fusilavam-nos como revoltosos, que de facto eram! . . . Dum lado e do outro dos partidos politicos os nossos pronunciavam-se como os naturais. Era como no tempo da independencia em que os nomes mais conhecidos e usados em Portugal se batiam aqui pelo Brasil independente ou pelo dominio de Portugal, imperio de áquem e além mar! . . .

—Ambos os gestos teem defeza—sorriu Leonor—Os pontos de vista é que são diversos. E' por isso que o nosso D. João vi é aqui um grande rei?! . . .

—Já compreendeu, não é verdade? Mas é sempre a nossa raça, é sempre o nosso sangue de orgulho a impôr-se! No tempo de Floriano (não é a historia dos livros, vi eu, fui eu mesmo que vi) morreram muitos portugueses que eram monarquistas, como cá dizem. Chorava-me a

alma e não podia protestar! Era a legitima defeza dum regimen que queria viver e castigava como naturais os estrangeiros que se emisculam na sua vida! . . .

— E os representantes de Portugal não protestavam ? !

— Nada, nada ! . . . Uma vergonha, uma baixeza, uma miseria ! E — se o quizessem fazer, se tivessem esse brio, essa coragem . . . a grande massa dos portugueses nem sequer ia aos consulados mostrar os seus papeis ! Sabe lá ! . . . Era a ignorancia do povo, mas era tambem o abandono miseravel, a falta de educação civica e desamparo em que os deixavam vir.

— E continúa . . . — comentou o Comendador arreliante.

— Não ! Isso agora não é verdade ! A Republica deu uma grande atenção ás relações com o Brasil. Nunca veio aqui um representante de Portugal como o Bernardino, que sem deixar de ser amavel e mesmo cativante para os brasileiros, melhor fizesse compreender aos portugueses o dever de ficarem sempre ligados á Pátria, deixando aos filhos e netos o natural enraizamento. Depois da Republica já se sabe que ha consulados . . . Lá isso hasde confessar !

— Da melhor vontade, meu caro Feliciano ! Bem sabes que fui sempre republicano. A sério, a sério, o que dizes é a pura verdade ! Ainda ha dias o Leite de S. Paulo me dizia : « Que á cabeceira da cama quando era um marçanito na loja de loiça, de que hoje é dono, tinha um jornal que um dia achara na rua com os retratos de D. Luls e D. Maria Pia, unica represen-

tação patriótica que lhe chegara, por acaso, às mãos!... Quando aí veio a canhoneira «Patria» e foi a Santos, ia endoidecendo! Foi um deslumbramento, para muitos o despertar da consciencia, de que tinham lá ao longe a Patria grande dos seus sonhos!...

— Era por isso que os portugueses aqui se sentiam como em terra propria!...

— E' certo! Mas não eram só os monarchistas e os ignorantes. Lembra-te de que tambem nós, a mocidade revolucionaria, patriótica, republicana, entrámos apaixonadamente na campanha anti-esclavagista, que não era da nossa conta.— Respondeu o Comendador, sempre calmo e risonho.

— Essa, era então uma campanha mundial e humanitaria, não era uma questão politica, embora os politicos se servissem dela para os seus fins!...

— Aí tens, já vês!... sempre metia a politica da terra!...— acudiu triunfante o Comendador.— Todos temos culpas no cartorio!...

Desviada a conversa para esses factos da mocidade de ambos, recordaram incidentes esquecidos, amigos mortos, outros afastados do seu convivio.

— Olha, disse o Comendador— ainda ha dias encontrei o Gomes de Azevedo, em S. Paulo. Vive numa cidade do interior e está muito velhito e cançado, mas ainda com a cabeça no seu lugar!...

— Que belo caracter! Lembras-te quando foi preso pelos esclavagistas porque publicou uns artigos e umas fotografias em que apanhara umas pobres escravas enterradas na

lama, vivendo como animais em casa dum poderoso senhor?! . . .

— Nós, de longe, sem podermos fazer nada, via-mo-lo sereno e imperturbavel no meio da multidão que o insultava, fraquinho e pequeno de corpo, mas tão grande e forte na alma! . . .

— E' verdade! Não sei se te lembras que enviuvara havia dias e como não tinha ninguém de confiança a quem deixasse a filha—na terra hostil em que os mais irritados eram os proprios escravos, que queriamos libertar, incitados pelos senhores—levava a criança muito espantada pela mão! . . .

Leonor interessava-se vivamente pela conversa, queria saber factos, julgava com um criterio novo, falava num futuro e num ideal da raça que entusiasmava o jornalista, e lhe dava perante o bom senso pratico e comesinho de amigo, uma lorça que até al não tivera, pobre idealista que não conseguira amealhar fortuna e tinha por unica força o semanario com um publico reduzido e espalhado por todo o pais, duma difficil administração e cobrança dispendiosa.

— E a colonia, tão numerosa, tão rica, tão influente, não garante uma vida desafogada ao jornal?! — perguntou Leonor.

— A colonia não dá importancia a um jornal portuguez porque tem os grandes diarios brasileiros, que bastam aos seus interesses economicos, á sua curiosidade de momento e ás paixões politicas. Com os telegramas, a maior parte das vezes tendenciosos e exagerados . . . alguns, mesmo, fabricados aqui, chegalhes para saberem o que se passa em Portugal.

— E também veem muitos jornais de lá. Vendem-se avulsos e ha grande numero de assinantes . . . — interrompeu o Comendador.

— Mas tudo isso não tira a vez dum jornal verdadeiramente nosso, que na colonia mantenha e oriente o ideal da raça . . .

— E' o que eu digo, vês? Tua sobrinha acaba de chegar e já comprehende melhor os interesses da colonia do que vós todos! . . . Egoistas duma figa! . . .

Ria, entre comovido e exprobador, radiante por se sentir apoiado diante do velho amigo, que tão cruelmente o maguava com o seu ar triunfador e a sua amisade em que percebia uma certa piedade desdenhosa pela teima em que se mantinha de não largar ideias, propagandas, journalismos e não aceitar o lugar de valor que lhe oferecia, como empregado comercial numa das casas em que era dirigente ou socio.

Em breve, já impacientado com a demora da visita o Comendador tirou o relógio e com ele na mão, pôs ponto na conversa e marcou para a uma, no hotel, o almoço em que o Feliciano tinha de comparecer.

Foi-lhe impossivel recusar, pois era a unica hora livre, partindo no comboio da noite e havendo visitas e passeios a fazer.

— Como se entendem tão bem, necessitam conversar sobre essa ideias extravagantes . . . — dizia o Comendador já de costas, mas com um ar de bonhomia e de interesse, que o amigo de ha muito lhe não vira.

Na sala da redacção o limitado pessoal empregado foi de passagem apresentado por Feliciano, que detalhava em duas palavras o

caracter de cada um e lhe distinguia a naturalidade, com um ar paternal e feliz, exuberante no seu entusiasmo:

— Este é alentejano, vê D. Leonor? E' da minha provincia. Tem uma familia numerosa e por isso não conseguiu ainda arranjar dinheiro para voltar à terra, mas um dia ha de ser, não é verdade, Diniz?! . . .

— Se calhar! . . . — fez o outro resignado.

— Somos assim, os alentejanos . . . Eu tambem já perdi a esperanza de voltar á Patria, mas tenho-a aqui dentro! . . . — e batia com força a arca larga do peito. Com um gesto teatral, que seria ridiculo sem a sinceridade ingenua que as palavras reflectiam. Lembrou com entusiasmo a sua vila muito fresca, cantante de águas, opulenta na brancura dos marmores, espaçosa e quieta; gloria desse Alentejo áspero e forte, como era áspera a saúdade do seu exilio de 40 anos. E passando a mão pela cabeleira romantica, embranquecida por tantos anos de luta, acrescentou um pouco enfaticamente: — Por mais que queira, na opulencia e na exuberancia desta Natureza sempre igual, não posso esquecer a melancolica paisagem a que os sobreiros e olivêdos dão um ar recolhido e forte, a charneca que cheira a estevas e rosmaninhos, os campos ondeantes de trigo verde ou resequidos nos restolhos dos dias escaldantes de Julho . . . Só o Fialho soube descrever a terra alentejana, nós... só a sabemos sentir... — e disfarçando mal a comoção, continuou: — Olhe este! . . . E' de Lisboa, o maroto, está aqui está na terra, já nôvo rico . . .

— Lá isso não, senhor Lopes, mas juntar

para lá ir para o ano, isso heide!... Só se morrer...

Pálido, o cabelo crescido, deitado para traz, os olhos fundos e febris, havia no seu todo qualquer coisa de tímido e de curioso, que interessou Leonor, mais do que as palavras. E perguntou-lhe:

— Veio ha muito de Portugal?

— Vim ha cinco anos. Andava no liceu... A minha mãe morreu e o meu pai, que estava aqui estabelecido, mandou-me vir. Ele sente-se aclimatado, sente-se bem... Eu preciso de arejar, quero rever Lisboa... deve estar linda!

— Cinco anos?!... Sim, em cinco anos tem melhorado muito... — respondeu Leonor para dizer qualquer coisa, sentindo que, bem no fundo, não era o progresso e a beleza material da cidade o que consumia de saudades o pobre moço, que a tísica parecia rodear de muito perto e cuja alma ficara esgarçada e sentimental a viver na nostalgia dum sonho passado no alvorecer da vida.

E para todo o resto do pessoal houve um sorriso e uma palavra amiga.

Ao cimo da escada o Feliciano Rabaça, segurando entre as suas duas mãos enormes a mão branca, delicada e esguia de Leonor, como uma grande ostra que se fechasse sobre o imprudente que tentasse arrancar-lhe uma perola, dizia-lhe com os olhos embaciados numa comoção ingenua e sincera:

— «O Lusitano» sente-se honrado e feliz tendo recebido a alma da Pátria na pessoa de V. Ex.^a... Parece-me que é um novo Portugal que vem para nós, é outra alma, é outra cons-

ciencia!... Apesar de velho, agora tenho esperança de ver dias mais felizes, tenho esperança!...

Em baixo, o Comendador impacientava-se.

—Deixa-a vir! Logo conversam!... Não faltes! A' 1 hora, olha que esperamos.

Ainda o jornalista se desfazia em cumprimentos à porta da rua já ele no automóvel dizia para a sobrinha:

—Este Feliciano foi sempre assim!... Bom rapaz, mas em se lhe tocando na corda sensível das suas ideias, não ha quem o faça desagarrar!

—Gostei muito dele!...

—E' um bom coração, mas com isso nunca arranjou fortuna!...

—Quem sabe se seria mais feliz se a tivesse arranjado, tendo de se modificar?! Cada qual é tanto mais feliz quanto consegue harmonizar a sua existencia com o seu sonho. O sofrimento tambem às vezes é felicidade...

—Essa *musica* é muito difícil para o meu ouvido—respondeu o velho a rir.—O que lhe digo é que tem de o aturar logo!...

—Não me incomoda, meu tio, gostei muito dele e sentir-me-hei feliz se poder facilitar as coisas de modo a que ele ainda volte um dia a Portugal!

—E julga que se daria lá?! Aquilo são ideias de velho. Já não tem ninguem conhecido na terra, era mais estrangeiro do que é aqui!... A todos acontece o mesmo. Veria!... Não tardava um mês que não pedisse para voltar!

—E' possível, mas satisfazia o seu desejo, a sua aspiração!... O que vale bem todos os sacrificios!

—E perdia para sempre as iluzões! Comigo assim aconteceu . . . A primeira vez que fui à terra, ainda era a minha mãe viva; tive um tal desapontamento que só por amor dela é que lá fiquei um mês. Tudo quanto de cá via grande e belo me pareceu de perto muito mesquinho, muito pobre . . .

—Mas é que o tio veio de lá muito novo, tinha perdido o verdadeiro sentimento das coisas. A sua alma fez-se aqui . . .

—Dessas psicologias, como vocês dizem, também não entendo! . . .

Como o *auto* parasse de novo diante duma pequenina loja de frutas no largo da Carioca, disse sorrindo com um ar misterioso:—

—Vamos ver se se conhecem! . . .

Leonor surpreendida saltou do estribo olhando fixamente um rapaz, que se quedava acanhadamente entre a porta, risonho, corado, com a boca aberta numa grande surpresa:

—A Senhora D. Leonor?! . . .

—Olha o Angelino! . . . Mas como te encontras tu no Rio, negociante, ao que vejo, e com tão belo aspecto?!—ia dizendo Leonor enquanto entrava na pequenina loja impregnada do cheiro sadio e fresco das frutas, expostas com arte e meticoloso cuidado em açafates e caixas apropriadas.

O Comendador esfregava as mãos no seu gesto predilecto, satisfeito pela surpresa, que preparara aos dois.

Angelino explicava, mais senhor de si, posto á vontade pela maneira simples e francamente familiar de Leonor:

—V. Ex.^a bem sabe o que eu era em casa

da Madrinha! Chamava-me para tudo, confiava em mim como se fosse um homem. Eu é que tomava conta dos operários e fazia-lhes as folhas e até ás vezes escrevia as cartas, quando estava mais presa do reumatismo. Eu e a Elvira, mas a Senhora D. Barbara gostava mais de mim . . .

—Tinha razão! . . . que a Elvira nunca foi bôa peça e tu eras um bom rapasinho, e com muita vontade de trabalhar e seres util.

—A Senhora D. Leonor é que era muito bôa para mim! . . . Nunca me hade esquecer que me ensinou a ler!

—E' verdade que sim! Foi numas férias grandes.—E voltando-se para o tio:—Isto era um garoto bravo, sabe lá! O pai deixou-o pequeno para vir para o Brasil e a mãe não se havinha com ele. A tia Barbara queria tê-lo em casa, mas como temia a sua vadiagem não o recebia sem saber ler . . .

— Foi então que a Senhora D. Leonor ficou por mim, levou-me para a Quinta, obrigava-me a andar sempre limpo e asseado e ensinou-me o primeiro livro . . . Depois que me apanhei a ler historias já não me custou nada! Fiz os exames, que até toda a gente se admirou. Fiquei distinto! . . .

— E depois ? !

— Depois a Senhora D. Barbara fazia muita confiança em mim e era eu que tratava de tudo. Por mais que a Elvira fizesse para me intrigar nunca a voltou! . . .

— Claro, a tia Barbara não era para se deixar influenciar por ninguem. E depois? . . .

— Quando a madrinha morreu, como não

apareceu o testamento em que ela falava que me deixava alguma coisa para me estabelecer, o senhor Comendador ofereceu-se para me trazer para cá e ajudar-me, como se fosse a Madrinha. Aqui estou, e, naturalmente, por cá fico.

— Sabe-se lá o que se fará no futuro! . . . O que é necessário é que não esqueças a tua terra, que te lembres da tua velha mãe . . .

— Isso lembro! Sempre lhe mando uma mesadita.

— Tens de ir servir a Pátria quando tiveres a idade e ela te chamar . . .

— Ora a Pátria? ! O que é que a Pátria faz por mim? ! . . .

— A Pátria não tem obrigações para com os filhos e sim estes para com ela — respondeu-lhe repreensiva, o que fez com que o seu rosto, já de si rubicundo, se congestionasse ainda mais.

Não o querendo deixar sob aquela impressão desagradável, acrescentou, com um sorriso doce:

— Quando as saúdares apertarem todas essas ideias mudarão . . .

E despedia-se, chamada pelo tio, que já na rua lhe mostrava o relógio, sempre apressado e inquieto.

— Lindas frutas tens aqui, Angelino! Estas peras magnificas são de Portugal?

— Não, Senhora D. Leonor! São da California. As nossas peras sumarentas e doces, que parecem que se desfazem em assucar na bôca, não chegam cá!

— As cerejas . . .

— Também não! E tão bôas que nós as

temos, que renderiam aqui um dinheirão! Mas não as acondicionam bem, nem as escolhem, a maior parte chegam sem se poderem aproveitar.

— E estas maçãsinhas, tão perfeitas e espelhadas? . . .

— São também da California! Não são tão boas como as nossas, mas que monta? Se são tão bem criadas e iguaisinhas e chegam acondicionadas de forma, que se podem ver por gosto?! . . .

— Olha lá, e as uvas?

— Costumam vir de Espanha! . . .

— Então o que vem de Portugal, que é o pomar de Europa?!

— Poucas coisas vem neste ramo, porque chega tudo fóra de horas e tão mal acondicionado que não pode concorrer no mercado com as frutas dos outros países.

E senhor de si, como quem conhece o assunto:

— Vê estas nozes? São italianas, de Sorrento. As amendoas, também! Estas passas veem de Alicante e os figos secos . . .

— Então um português não tem vergonha de só vender frutos dos outros países?! . . .

— Que culpa tenho eu? Sou negociante e o negocio não tem pátria. Antes de tudo tenho de olhar ao meu interesse! . . . — concluiu triunfante. — De lá não mandam as coisas bem arrançadas nem escolhem a melhor época, Quando veem as nossas coisas já o mercado está abastecido . . .

— Tu proprio estás a responder ás tuas palavras de ha pouco! . . . O teu dever, e dos

outros como tu, é virem aprender cá fóra as necessidades do país e irem depois ensinar os que lá estão! Desenvolver trabalho, ter iniciativa...—vendo a impaciencia do tio, despediu-se á pressa dizendo:—Falaremos, falaremos, estimei ver-te!...

Fazendo-lhe um pequeno sinal de adeus enquanto o *auto* rompia em corrida desabalada, disse para o Comendador :

—Ora o Angelino! Foi uma verdadeira surpresa encontrá-lo no Rio! Coitado! Ainda bem que está encaminhado!... Pobre rapaz!...

—A minha irmã gostava muito dele, não gostava?!

—Todos gostavam dele! Era afilhado da tia Barbara e como o pai não deu mais sinal de si e a mãe trabalhava na casa, protegia-os muito.

—Quando chegámos ás Penices, tendo recebido o telegrama de Elvira, gostei dele. Pareceu-me honesto e dedicado á familia; e para honrar a memoria da Tia resolvi protegê-lo.

—Fez o tio um acto de justiça. Não sei porque o não levou para junto de si?!. . . E' um elemento de confiança!

—Como a Elvira veio connosco e eles se não davam!

—A Elvira tambem cá está?—preguntou Leonor, com desagrado.

— Não sabia?! . . .

— Não soube mais nada desde que recebemos em Macau uma carta muito irritante dessa Elvira, participando-nos a morte da Tia Barbara, que não deixara testamento . . .

— Isso é uma coisa que me espanta! . . .—

murmurou o Comendador, como sempre que o assunto aflorava a conversa.

— Nunca mais voltei á provincia, nem encontrei ninguem que conhecesse de lá! De Macau fomos para Lourenço-Marques, morreu o Pai, a nossa vida levou uma tal volta!... Agora fiquei muito contente de ver o Angelino!... Pobre rapaz! Ainda bem!

— Tambem estou satisfeito com a sua satisfação!...

De novo o automovel estacava numa rua proxima, mesmo no centro da velha cidade do Imperio, em frente duma porta que se abria escancarada para uma escada ingreme.

— Ainda outra visita!...

— Nova surpresa?!

— Não! Agora não é um patricio, é um brasileiro amigo, como os o que são...

O Comendador subiu ao primeiro andar, seguido por Leonor, e foi bater discretamente á porta dum escritorio, que imediatamente se abriu.

— Oh meu caro Comendador!... — Era o proprio Dr. Silvio de Mascarenhas, que ficou um pouco interdito vendo uma senhora nova acompanhá-lo.

— Venho apresentar-lhe minha sobrinha, que chegou ontem da Europa! Á noite vamos para cima, não havia outro dia!... Nem outra hora! Ainda queria mostrar alguma coisa a esta menina!...

— Bem sabe quanto prazer tenho sempre em conhecer os seus patricios, especialmente uma senhora que nos dá a honra de visitar a nossa terra!...

— Não é muito vulgar, não! Demais como esta, que vem por aí fora em cáta dum velho tio, de que mal suspeitava a existencia...

— Oh! Não é tanto assim! Sempre, mais ou menos, estivemos em relações. Mas na verdade, aproveitei com alvoroço o convite do meu bom tio, porque de há muito ansiava por visitar esta terra, que tantos laços de invencível força ligam à nossa alma lusiada!...

— É necessário, é cada vez mais urgente que as relações entre Portugal e o Brasil se tornem como as de irmãos, que se fortalecem um ao outro... — respondeu o advogado.

Partindo deste ponto a conversa seguiu, muito á vontade, muito íntima, na espontanea simpatia que o acordo das ideias traz em si proprio.

Ele conhecia e julgava com muita nitidez a politica portuguesa. Sabia o nome de todos os homens em evidencia, discutia-os e apreciava as suas atitudes, lia todos os jornais que de Lisboa lhe mandavam, tinha uma enorme bibliotheca lusitana, onde os classicos punham o seu ar de gravidade, que condizia com a sua profissão.

Interessava-o o movimento literário dos ultimos tempos e o sebastianismo lusiada fazia-o profetizar um movimento de forte nacionalismo a exaltar uma grande alma tradicionalista.

Entusiasmava-se com o assunto, mostrando na fulguração dos olhos um calor que os seus gestos sobrios e a sua voz um pouco pastosa, mal acompanhavam.

Ao vê-lo ninguém duvidaria de que era

sangue português o que lhe corria nas veias por tal forma os seus traços e a sua côr moreno pálido tinham conservado o tipo racial; só ouvindo-o falar se distinguiria em Portugal, marcando-se-lhe logar entre os que partem e voltam com o sotáque brasileiro.

— Sou brasileiro — dizia sorrindo — filho e neto de portugueses que vieram com a côrte de D. João VI a fugir aos franceses. Nem uma gota de sangue estrangeiro gira nas minhas arterias e ha quasi um seculo que a minha familia se enraizou neste pujante solo brasileiro... pois apesar de ainda não ter ido a Portugal nem possivelmente lá ir nunca, tenho pela vossa terra uma ternura verdadeiramente filial. As alegrias e os triunfos da Pátria portuguesa sinto-os como duma outra Pátria minha, onde ancestralmente vivi...

— Quanta alegria me causa ouvir essas palavras da boca dum brasileiro, que representa a alta cultura deste belo pais!...

— Não pensamos todos da mesma forma!...

— É naturalissimo, mas uma pessoa representativa é já uma grande força moral.

— Aqui não encontro grandes simpatias pela minha maneira de pensar. Os portugueses não gostam que se lhes diga, que o seu interesse é ficarem sempre portugueses e os meus patricios não comprehendem muito bem que seja um brasileiro que se empenhe em conhecer, exaltar e engrandecer Portugal. Há muitos imbecis, permita-me o termo, que supõem que já nada precisamos da nossa velha metropole. Não é assim? — perguntou para o Comendador.

— De facto, escrevem para aí cada blasfêmia!... Mas olhe Doutor que é a *molécagem* sem responsabilidade. Os brasileiros sérios e instruídos pensam como o amigo Doutor.

— Nem todos, infelizmente! Eu bem lhes digo por todas as formas: que devemos querer fazer parte, acima de tudo, duma forte civilização lusitana, mas para isso é necessário que o seu país nos continue a dar o seu sangue, o seu trabalho inteligente, a sua alma de sonho e de ambição!

— Há cá muita gente que melhor faria indo para as Colonias, não fazem falta aqui, há muita gente... — acudiu, muito terra a terra, o Comendador.

— Deixe vir, deixe vir!... Tudo é pouco para combater a onda ameaçadora dos bárbaros! É necessário aumentar o elemento étnico!...

— Mas para isso é necessário que Portugal seja uma grande e forte nação, com a consciência nitida do seu destino, com a certeza do seu futuro!...

— Sim, minha senhora! É absolutamente necessário, para bem das duas patrias lusitanas, unidas num mesmo ideal, que no seu país haja um só coração e um só querer, sem rivalidades mesquinhas, que atraíçõam o sonho messianico da raça!...

— Como tem obrigação de ser, como tem de ser... — concluiu Leonor com os olhos brilhantes de alegria por encontrar tais ideias perfilhadas por um dos maiores jurisconsultos do Rio, como o Comendador lho apresentou.

— Meu caro Doutor — interveio o velho, já

de novo impaciente por continuar o seu programa da manhã — Esperamo-lo hoje para almoçar. Terão tempo de conversar, visto que se entendem tão bem nessas ideias novas, que já me custam a apanhar pela rama... — E ante o movimento de protesto dos dois: — Mas estou muito disposto a deixar-me convencer, descansem!... Convergaremos logo ao almoço.

Não havia maneira de o contrariar quando verdadeiramente queria uma coisa, e assim, sorrindo, o Dr. Silvio de Mascarenhas confirmava a promessa, junto do automovel a que os acompanhara.

— Temos meia hora — dizia satisfeito o Comendador — ainda podemos ir numa corrida a S. Cristovão. E' o palacio do velho imperador. Hoje não podemos ver tudo, mas depois havemos de voltar todos. Amanhã de manhã chegamos a casa sem nos esperarem, é uma bôa surpresa!

Mais tarde, á mêsa, Leonor dizia rindo para Feliciano Lopes que sômente lhe podia dizer que tivera o prazer do ar, da luz, do sol e duma grande velocidade. Vira vagamente um grande palacio e uns jardins lindissimos que lhe deram a noção dum trecho da Europa.

— Pois sim, mas já pode dizer que viu S. Cristovam...

— Teoricamente!...

E para depois do almoço ficou combinado um passeio á Tijuca, mas dessa vez sob a direcção do jornalista, que tinha a vaidade de dirigir como ninguem as excursões de modo a pôr em relevo as extraordinarias belezas da grande Capital, que durante quarenta anos

se tornara familiar, em todos os seus recantos, á necessidade de camaradagem da sua existencia desabrigada de solteirão, que não sabe olhar ao dia de amanhã quando o acaso lhe traz dias faceis para dispender e gosar a vida.

VIII

A chegada a S. Paulo em que o velho Comendador Felisberto Marques de Araujo era um dos mais representativos colossos comerciais, não despertou grande interesse em Leonor que ficara mal impressionada com a viagem nocturna cheia de demoras e de atrasos imprevistos e o frio penetrante que a surpreendeu na humidade dum espesso nevoeiro.

Por mais que o tio lhe quizesse chamar a atenção, e que ela a quizesse fixar, nos esplendores desse cidade que saía do nada duma atrofiada cidadezinha colonial para a grandeza duma capital à americana, com todos os requintes da vida europeia, a nevoa envolvia as casas e os jardins, rompia-se aos pedaços e ficava pendurada nas arvores e nas casas como farrapos sujos, de modo a não deixar uma visão nitida do conjunto. Os proprios vidros do automovel, embaciados, escorriam fios de água do humidade que impregnava e encharcava tudo. Iludida pela deliciosa temperatura do Rio, deixara seguir com a bagagem os abafos mais fortes, sentindo-se enregelada e mal disposta nesse desconfortado amanhecer de verdadeiro inverno.

O palacete do Comendador erguia-se ao

alto na Grande Avenida Paulista; separado da rua por uma grade, coberta de madresilvas e de rosas, era rodeado por um jardim tratado com um pretencioso esmero.

— Ora até que enfim, estamos chegados! — dizia ele premindo com força o botão da campalhinha que lá dentro alarmava a casa, mal desperta na manhã escura e triste.

Foi o jardineiro que apareceu primeiro, atarefado e serviçal, velho português que os acasos da vida ligaram ao Comendador com uma fidelidade cega de amigo, mais do que de servidor. Logo a seguir a cosinheira, descendo a quatro e quatro a escada, e mais duas ou três criadas espavoridas, num levantamento geral que dava bem a surpresa que o Comendador pretendia.

Em cima, embrulhada num opulento roupão de lá dos Pirineus, os cabelos desmanchados e os pés, sem meias, metidos á pressa em pantufas de quarto, D. Flora verberava o marido por não ter telegrafado para os esperarem:

— Sempre a eterna mania das surpresas, sabendo quanto o meu coração se ressentia com qualquer sobresalto! — dizia agressiva.

É foi assim entre queixas e desculpas, ordens e ralhos, que na sala de entrada do palacete do tio, Leonor foi apresentada a D. Flora, sua mulher, que tentava desvanecer a primeira desagradável impressão com palavras de comprimento, que evidentemente tinha pensado e alinhavado para a ocasião e ás quaes a surpresa da chegada havia transtornado o efeito.

— O seu quarto está preparado, a Silvina vai ensinar-lho. As suas malas não tardam a

porque o despachante já mandou a guia. Suponho que não lhe falta nada, mas se faltar peça, porque nesta casa não deve haver privações.

Morta por se encontrar só e descansar depois duma viagem longa e incomoda, Leonor, dispoz-se logo a seguir a criada, voltando-se a cada nova recomendação para agradecer as amabilidades da dona da casa. Silvina na frente abria a porta do quarto onde, efectivamente, não faltava nada para uma instalação imediata.

A cama de ferro muito branca, a mobília toda branca a *ripolin*, dum brilho de novo irrepreensível, e as paredes estucadas num tom ligeiramente azulado davam ao aposento um ar de irrepreensível asseio, embora espiritualmente frio, que a dispôs bem pela sugestão de limpeza e de frescura que lhe comunicavam.

As persianas estavam serradas e como o dia continuava desagradável e murrinhento, a rapariga preferiu não as abrir servindo-se da electricidade para não esfriar ainda mais o ambiente. Sem exuberancias de gesto, com o seu ar amável e serviçal, recebia as malas da mão do jardineiro e punha tudo nos seus lugares com intelligencia e descrição. Expressando-se rasoavelmente, numa voz cariciosa e dolente de creoula, seguia Leonor com os seus grandes olhos humildes, adivinhando-lhe o pensamento para a servir.

Este simples gesto de ternura dava-lhe um certo bem estar depois do isolamento em que se mantivera durante a viagem, dispensando sempre o serviço particular das criadas de vapor e de hotel, que lhe repugnavam pela impressão de comunidade que lhe traziam dos

serviços prestados aos outros passageiros ou hóspedes.

Sentindo-se fatigada e um pouco deprimida moralmente, numa impressão horrível de tédio, talvez pela humidade que de fóra vinha e penetrava todas as coisas, deixou-se facilmente convencer por Silvina que a fez meter na cama para lhe trazer depois uma boa chavena de café quente, desse admiravel café perfumado e espiritual que não se parece com qualquer outro café do mundo, aconselhando-a a que fizesse por dormir até ao almoço, que ao domingo era às duas horas, para que o pessoal tivesse a tarde para descansar. «Por ela não se importaria, salvo se houvesse baile em casa de alguma familia amiga, mas as outras apreciavam muito aquele descanso».

Aconchegada sob a roupa que a mulatita geitosamente lhe arranjara, um doce torpor a invadiu e a pouco e pouco sem mesmo dar por isso fechou os olhos e adormeceu como criança cansada de brincar.

Quando acordou, o nevoeiro tinha-se dissipado e um bom sol claro, embora um pouco palido, a contrastar com a luz esplendida do Rio, desvanecera em Leonor a primeira e algida impressão.

Ao abrir as persianas satisfez os olhos alongando a vista pelo vale que ondulava suavemente, perdendo-se no horizonte onde uns farrapos de nevoa, confundindo-se com as nuvens, davam a impressão de montanhas longinquas a tocar o céu. E inconscientemente no seu espirito deu-se a aproximação, que frequentemente se repetia, de paisagens já vistas e sen-

tidas. Sem querer, lembravam-lhe trechos da terra portuguesa; uma larga visão, a descobrir-se, do Castelo de Estremoz, perdendo-se ao longe nas vagas terras de Espanha. Sobre tudo á sua memória evocativa surgia a maravilha do horizonte contemplado das ruínas do Castelo de Belmonte numa esplendida manhã de sol a alvorecer, claro e puro, dando á terra um ar de nitidez e de frescura, como se tivesse saído nesse momento das mãos de Deus, sem remorsos nem incertezas!

Lembrava-se bem que fôra nesse momento, em que os seus olhos corriam por sobre o desdobramento tumultuoso das montanhas, que se elevavam até se confundirem no azul diafano do céu, que sentira mais intensamente o desejo de realizar essa viagem ás terras maravilhosas que o grande navegador firmara com o seu gesto de posse para a glória eterna da raça!...

Mais sensível ao seu auto-pensamento evocativo do que ao mundo exterior, revivera, assentada nas pedras desconjuntadas do altivo castelo fronteiriço o pensamento de libertação e de força dominadora, que era ainda a aflitiva ânsia de todos os portugueses... Mais do que ninguém o teria sentido, nessa visinhança das aguias da Estrela, o bravo e calado navegador, persistente e firme nos seus propositos, vencendo com a mesma gravidade e energia as ondas do mar, as almas perturbadas dos homens e o impulso do seu proprio entusiasmo triunfante.

Para que uma alma tivesse partido para a vida com tal nitidez na acção e tal pureza no character, era necessário ter penetrado funda-

mente, ter visto com os seus próprios olhos, a grandeza magnífica dessa paisagem acima dos homens.

Ela, também, tivera ali o seu pequeno e mesquinho sonho, porque já não havia grandes sonhos para realizar, e dentro de si própria se formara a certeza dessa viagem às terras da grande descoberta, nesse momento tão longe das suas possibilidades materiais como se afigurariam à mocidade sonhadora do navegador, as possibilidades do futuro . . .

É via agora realizado o seu desejo, como uma coisa certa e matemática, que a não alvoçava porque adentro de si própria já estava de ha muito marcada, com uma certeza que lhe tirava o imprevisto, viagem que sonhara sobre as ruínas do castelo beirão e agora revivia pelo pensamento, mais bela do que na verdade a realizava, porque sempre a realidade ficava nela á quem do sonho.

A paisagem que seus olhos descobriam toda inundada de sol na manhã clara de inverno, por esse vale sem arvores largamente ondulado a perder-se no horizonte que uma ligeira nevoa vaporizava, era bem um trecho da sua própria terra. qualquer coisa já vista e sentida pela sua sensibilidade de emotiva. E outros e outros trechos vistos lhe vinham á memoria . . .

Sorriu: realmente essa sensibilidade comparativa que se fixa numa exagerada memoria visual, estragava-lhe um pouco a vida, diminuindo a grandeza e reduzindo a pouco a variedade do mundo—como, arreliado, lhe dizia o Miguel, nas discussões em que Regina punha a nota pacificante do seu bom sorriso.

Sacudindo aquela impressão pôs os olhos no jardim que debaixo das janelas se estendia um pouco em declive numa exuberancia de côr e de perfume exalado pela variedade enorme de flôres que o velho jardineiro cuidara para esse inverno, que era, afinal de contas, uma esplendida primavera.

Nas ruas largas e areadas duas crianças brincavam silenciosamente e mal a descobriram à janela saudaram-na risonhas, na libertação evidente duma ordem recebida.

A harmonia daquele conjunto repousante dispô-la tão bem, que foi com verdadeiro prazer que se preparou para aparecer e foi com uma excelente disposição que entrou na sala e se dirigiu a D. Flora, triunfante e magnifica, rodeada dos convivas habituais dos seus grandes almoços de domingo . . .

Estava vestida de veludo côr de cereja, com joias de preço e o rosto, que tivera decerto beleza e interesse enquanto lhe durara a graça menineira, escandalosamente coberto de pó de arroz e carmim, que mal disfarçava a côr macilenta da pele.

Ao ver Leonor avançou com solenidade, pegou-lhe na mão e escolhendo frases apropriadas, querendo mostrar-se sabedora de etiquetas e bastante letrada deante da sobrinha do marido, chegada da Europa, e que, alem disso, escrevia nos jornais, começou primeiro por a apresentar aos seus hospedes, detalhando-os para seu melhor conhecimento.

D. Dadásinha, bastante gorda e comprimida num vestido côr de canela, lançara ao pescoço uma deslumbrante boá de penas brancas e fin-

gindo-se atenta ao que dizia um velho magro, compunha boquinhas e covinhas de que fazia muita vaidade.

Foi a primeira nomeada com respeito, como pessoa de consideração, sendo mulher dum alto funcionário da secretaria da guerra, que até já estivera na Alemanha em missão oficial de estudo, onde o acompanhara sua senhora...

Curvando-se até mostrar a careca cõr de cacau, magrinho, risonho, satisfeito, o alto funcionário da guerra confirmava as palavras da senhora, com relativa modestia...

Sem se deter, dirigiu-se logo para outra dama, que se afastara um pouco com um ar sombrio e desconfiado, e nomeou:

— A minha amiga D. Elvira...

— Veja se a conhece, menina... — disse do lado o tio, que esfregava as mãos satisfeito, porque, embora fosse domingo, já fõra ao escritorio e vira que todos os negocios caminhavam bem, certinhos como um relógio inglês...

D. Flora fulminou o marido com um olhar irado, mas já não evitou que Leonor fitasse a nova apresentada, que sob a forte camada de pó de arroz córou duma forma visível.

— Mas... se não me engano é a Elvira!

— Vés? Eu não te dizia que a conheceria logo?! — disse o Comendador, triunfante, para a mulher.

— Não admira, com o seu lamiré... — respondeu D. Flora a querer sorrir para disfarçar a arrelia que tinha em perder o efeito da sua apresentação.

— Perdão — acudiu Leonor amavelmente — não a reconhecia nem a podia reconhecer logo,

pois é uma transformação admirável, não parece a mesma! Viria, decerto, a reconhecê-la mais tarde, se não estivesse já habituada a prevenir-me contra as surpresas que o Tio me está proporcionando cada dia . . .

E para Elvira, que balbuciava algumas palavras comprometidas :

—Tenho muito prazer em a encontrar aqui, feliz e bem disposta como parece, pois a sua dedicação à tia Barbara bem merecia ser reconhecida, e recompensada neste mundo; não é só reservar os bens para o outro . . .

D. Flora aproveitou o ensejo para chamar com um gesto da sua mão curta e gorducha, com um anel de brilhantes em cada dedo, um homem ainda novo, alto e forte como um atleta ou um carregador das dócas, que se conservava um pouco afastado; e com ele teve ocasião de recitar a apresentação que tinha preparado :

—Eis o marido de D. Elvira! E' o nosso primeiro empregado de escritorio, homem de confiança da casa que tem deante de si um belo futuro comercial! O Snr. Freitas casando com D. Elvira, minha amiga e dama de companhia, ligou-se à casa por estreitos laços de sentimento. Teem já a sua propriedade, não é decerto um palácio nem está situada nas avenidas principais, mas denota gosto e uma bela compreensão da vida . . .

Os dois esposos sorriram desvanecidos e puzeram desde logo essa *humilde choupana* às ordens de Leonor, que agradeceu amável, levada já para nova apresentação:—o nosso querido e ilustre amigo Napoleão Larginho, distinto bra-

sileiro cuja fortuna e situação social o tornam um dos elementos mais representativos desta capital...

E Napoleão Larguinho, delgado a contrastar com o seu nome, sorriu discretamente, numa expressão inteligente e discreta, com o ar compreensivo de quem não deseja contrariar ninguém...

Em frente da janela, de costas para a luz, uma outra pessoa ia ser apresentada, mas Leonor reconhecendo-o, cortou o discurso já preparado, dizendo amavelmente:

— Ah, o Snr. Comendador Vieira, já tenho a honra de conhecer, fomos companheiros de viagem, e tive o gosto de conversar algumas vezes com ele, que é um precioso informador sobre o Brasil!...

Escapando ao discurso da tia não escapou ao discurso do velho, que se confessava feliz por encontrar em casa do seu velho amigo, «o nobre Comendador Felisberto Marques de Araujo, uma senhora que representara durante a viagem as altas qualidades intelectuais da raça portuguesa e especialmente da cultura e distinção das mulheres da nossa terra».

Enquanto, reverente, lhe beijava a mão, num exagero de galanteria que soava a ôco, as duas crianças vinham por sua vez apresentar-se, visto que ninguém fizera caso delas, oferecendo uns rostosinhos vivos e amáveis aos beijos da recenhegada, o que divertiu o tio, que os aplaudiu e festejou.

— São nossos sobrinhos — disse D. Flora secamente. Eduardo e Anésinha filhos dum sobrinho do Comendador, casado com uma sobri-

nha do meu lado. O pai faleceu na Alemanha onde a casa o mandou para se tratar . . .

— Agora todos conhecidos e apresentados, vamos ao almoço que já está tardando—gritou alegremente o Comendador, dirigindo-se para a porta. E sem esperar que a mulher dispozesse o cerimonial, como imaginara, abriu a casa de jantar cuja mesa estava ajoujada de pratos, flores e cristais, carregada de pratos de doce, queijos diversos, conservas e tudo quanto fôra possível acumular.

Na colocação dos convivas é que D. Flora não desistiu dos seus direitos e mandando Leonor e D. Dadásinha para a direita e para a esquerda do marido, chamou a si o alto funcionário da guerra e o Comendador Vieira, seguindo-se os outros, pela ordem que ela indicava com um gesto soléne.

O almoço prolongou-se pela tarde fora duma abundancia e variedade de pratos que parecia não terem fim.

Quando algum conviva recusava servir-se ou repetir, os donos da casa insistiam com tanta energia e protestavam tanta abundancia que a defesa era impossível. Leonor, quasi habitualmente vegetariana e sempre frugal, estava apavorada com a prespectiva do futuro, já disposta a uma defesa energica do seu pobre estomago bem conservado á custa de higiene, resistindo assim á sua longa permanencia nos tropicos.

As honras da conversa couberam ao Comendador Vieira a quem o tio dispusera bem, dizendo para Leonor :

— O que a menina quizer saber sobre a

colônia pergunte ao nosso velho amigo, que é uma crônica viva dos últimos 70 anos do Brasil.

—Não chegam a ser tantos! Eu conto 75, vim para o Império aos 10, são portanto 65 anos de existência, passada cá e lá . . .

Leonor interessou-se na conversa, e como era a primeira vez que a ouvia prestou toda a atenção às recordações que o velho, fechando os olhos com unção e interrompendo-se para comer e beber quanto lhe ofereciam, ia intercalando de anedoctas e derivando a cada passo para falar em pessoas importantes da política, que conhecera nos dois países.

E lembrava-se, como se fora na hora presente, desse dia de há 65 anos em que partira da aldeia com um grupo de camponios arrancados à terra pelos engajadores, na fantasmagoria duma fortuna incerta.

Recordava a minúcia do seu fatinho domingueiro e toda a sua bagagem insignificante num saco de ramagens, que a mãe lhe arranjava cuidadosamente, chorando às escondidas para o não desanimar e trabalhando até altas horas da noite à luz da candeia, muito chegadinha ao borralho, que ficara na lareira.

As vezes acordava estremunhado pela noite fóra, chamava aflito e logo a sua voz branda e doce o mandava dormir, para não alvoraçar os irmãos.

—É o que custou desprender-me dos seus braços, que me ligavam ao seu peito arquejante no dia em que parti no burrito da casa, que me levou a embarcar no Douro! . . .

—Não a tornou a ver, senhor Comendador? — perguntou Leonor interessada por essa

amargura dum coração de mãe portuguesa que via partir a criança, que ainda quasi acalentava nos seus braços para o destino tão vago, tão obscuro e tão perigoso aos seus olhos ingenuos e à sua alma de simples, agarrado às pedras da sua terra brava, como o liquens de que se enverdecem cada ano, como o destino dos que marchavam outr'ora à graça de Deus, na aventura das descobertas, por esse mar sem fim . . .

—Felizmente tornei . . . Eu fui daqueles que nunca perdi o tino da familia e tudo por amôr de minha mãe! Quando era pequenino por mais que me puxassem para a terra, não dava nada para o trabalho; e então a minha mãe, como era o mais novo, o mais encangadito, furtou-me quanto poudes à disciplina paterna e mandou-me para casa do tio Padre, com quem ela também se criara, e era abade e mestre de latim numa aldeia arredada algumas léguas. Ia às segundas com o meu farnel aviado e voltava no sabado. Foi aí na escola do meu tio Padre-Mestre, que uma vez rachei a cabeça ao que foi depois um alto vulto na politica portuguesa, o Conselheiro Lopo Vaz de Sampaio e Melo.

—Você era uma bôa peça, Seu Vieira — comentou D. Flora.

—Criançadas! . . . Mas quando o tornei a encontrar, 30 anos depois, num grande jantar politico, olhe que ainda me reconheceu e mostrou a cicatriz que a minha pedra lhe fizera na cabeça . . .

—Olha se o tivesse matado! . . .

—A nação não teria perdido muito, mas eu é que o tinha pago por bom . . .

Descrevia com certo pitoresco de recitativo

a longa travessia no navio à vela; largos dias parados em calmaria no alto mar, á pesca por distracção e para aumentarem os viveres, que nunca se podiam contar de mais em tão problematica viagem.

Os anos de obscuro trabalho no commercio, as desilusões, as amarguras, as durezas dessa escravidão de brancos, mais dura ás vezes que a dos proprios negros, tudo ia dizendo na sua voz pastosa, enfatica, interrompida pela escolha e agradecimento dos bons bocados que D. Flora lhe ia pondo no prato, sempre acompanhados pelos vinhos excelentes com que lhe iam enchendo os copos.

— Quantos anos esteve sem ver sua mãe, senhor Comendador? — perguntou Leonor, que tomara um interesse sentimental pelo episodio materno, pouco lhe importando os incidentes com que o velho constantemente derivava do assunto principal, até fazer vertigens a quem o ouvia na confusão de pessôas e factos quasi perdidos de sequencia.

— Quando voltei pela primeira vez á terra já tinham passado vinte anos. Foi quando me estabeleci no Rio...

— Então já ella estava uma velhinha?!...

— Sim, uma velhinha!... Deixara-a uma mulher ainda nova, trabalhando de dia e de noite, dando volta á casa, cuidando de tudo, arrumando o bragal, fiando, cosendo, fazendo meia, sem esquecer o enxoval deste e daquele, sempre viva e sempre energica, o verdadeiro eixo da familia... Fui encontrá-la um pouco enrugada, um pouco mais seca, mas ainda direita e firme na missão que a Providencia lhe

confiara... Era ela o amparo e a força do velhote, que chorava como uma criança quando não tinha a mulher a seu lado. Os filhos, mesmo casados, ouviam o seu concelho; e noras e netos tinham no seu acolhimento a certeza da maior justiça...

E do fundo mais intimo da sua velha memoria, que os anos não tinham conseguido entorpecer, o Comendador lembrava com certo pitoresco literário a chegada á pobre aldeia, aninhada entre os fraguados do Douro, onde voltara, vinte anos depois da partida, cavalgando uma possante mula com as malas de brasileiro no burro da casa, que o seguia em sequito de opulencia.

E do alto da fraga onde se descobre o caminho todo até quasi se perder nas margens do Douro, lá estava a pobre mãe saúdando o recenchegado, na mesma pungitiva ânsiedade com que o vira partir, criança inexperiente, para os rudes combates da vida. Mal a vira no alto e o almocreve lhe dissera que era ela, a sua mãesinha, a senhora Rosa do Padre, que lhe acenava com o lenço branco a destacar-se entre os mais lenços de parentes e de amigos... confessava a D. Leonor, «chorara e rira como uma criança!...»

— O amôr das nossas mães é o ultimo élo que parte na cadeia de saúdades que nos pre-dem á terra de Portugal!... Ah, as nossas mães, quando nos lembramos delas no meio das nossas arrelias e das nossas dores, parece que nos entra um perfume da terra na alma... E não há mães como as da nossa raça, deixe falar quem lhe disser o contrario!...

D. Flora e D. Dadásinha protestaram... Aquela mania que os portugueses tinham de dizer bem das mulheres da terra, das mães principalmente, que inconscientemente sentiam ser a mais dura resistencia á adaptação do homem á nova patria, irritava-as como mulheres, chocava-as como elementos étnicos do país em que eram factores de enraizamentos para o futuro.

Mas nesse ponto os homens estavam todos conformes e os proprios brasileiros admiravam o sentimento de devoção dos portugueses pelas mães, que lá tão longe ficavam a acompanhar os filhos no lidar de trabalhos duma vida tão difficil, como um amparo e como uma benção.

— Eu confesso! — apoiou o Comendador Felisberto — quando tive a noticia da morte da minha, estive uns poucos de anos sem escrever. Parecia-me que a terra já lá não era a mesma.

— Decerto, decerto!... Todos nós sentimos o mesmo. Quando lá estamos, ás vezes, irrita-nos o espirito severo, conservador e ponderado das nossas mães, que em Portugal são o verdadeiro centro moral da familia, mais longe, quanto nos queremos!... Creia, D. Leonor! Pela prática verá o que os nossos patrios, sem excepção, lhe dizem do amor e da saúde das suas mães! Conheço alguns que se desprenderam completamente da Patria quando lá de longe lhes veio a noticia da sua orfandade.

Sem se desconcertar, sem perder a noção do que estava fazendo, constantemente a esvasiar os pratos e os copos que D. Flora lhe punha em frente, congestionado pela propria

emoção, na sua frase dogmática e pitoresca, o velho Comendador Vieira terminou:

— O nosso culto pelas mulheres admiráveis que são as mães portuguesas, de modo algum é desprimoroso para as mulheres brasileiras, que são as nossas esposas e cujas virtudes todos reconhecemos nas pessoas ilustres das senhoras presentes, muito especialmente distingo a nossa distinta amiga Ex.^{ma} Senhora D. Flora, virtuosa esposa e companheira admirável do meu dilecto e velho amigo Comendador Felisberto Marques de Araujo, honra da Colonia Portuguesa neste futuro Estado!...

Toda a emoção se perdeu no ridiculo do brinde, calorosamente secundado como se todos tivessem empenho em voltar á vida material e comestiva da hora presente.

Mas o velho Comendador não desistiu da palavra, especialmente nessa dia em que ali se encontrava uma pessoa a que ele desejava fazer compreender bem o que representava na Colonia a sua pessoa bem equilibrada e, especialmente para Leonor, ir contando como se vivia no Brasil nuns já longinquos tempos tão diversos da sociedade de hoje:

— A Pátria ignorava a existencia desses filhos que por ela trabalhavam e lutavam, embora inconscientemente; e a eles ninguem lhes falava de Portugal se não para depreciar essa terra que engeitava cruelmente os que gerava nas suas entranhas. Mas a saúde da meninice e a lembrança da mãe, conservavam bem vivos no seu coração o amor á Pátria!...

E comentava cheio de dignidade:

— Para nós, D. Leonor, a Pátria era o pas-

sado, o que conhecemos antes de vir para aqui e o que nos ensinavam as cartilhas do velho mestre escola!...

— Isso quer dizer — comentou o Comendador Felisberto Marques de Araujo a rir, sem respeito pelo ar digno do velho — que se conservaram uns monarquistas ferrenhos, como na nossa terra existiam os sebastianistas e os miguelistas, que conheci de grandes barbas politicas!...

— Perdão, perdão, meu distinto amigo. E' necessário estudar os factos. A Colonia vivia afastada da mãe Pátria, nem tinha illustração para acompanhar a evolução dos espiritos lá da outra banda do Atlantico. Não tinha illustração para conhecer e distinguir os factos e sem interesse nenhum se conservou monarquista...

— Lá interesse sempre havia algum...

— Sim, meu illustre amigo — respondeu soléne o velho Comendador, fechando, os olhos beatificamente e dirigindo-se ao dono da casa; — Sim! Quando os que tinham aqui sofrido e labutado enriqueciam, voltavam os olhos para a terra longinqua e lá eram aceites e considerados pela gente do passado!...

— Que a troco de alguns contos de reis bem distribuidos os enobreciam, com comendas e titulos, não é? Confesse, ande!... cá por mim falo, que para satisfazer D. Flora e os amigos tambem apanhei comenda... — e ria impenitentemente, sem atender á gravidade do velho.

— Não me referia ao meu preclaro amigo, que pertenceu a uma brilhante pleiade de portuguezes illustres que...

— Tinham na Colonia a fama de cabeças

de motim, de pedreiros livres, diga, diga! . . . — e riu.

— Não precisamente, mas alguns eram realmente espiritos de revolta, que nós não compreendíamos. O meu amigo abandonou a tempo as companhias e as ideias, que estão em opposição aos principios e tradições da Colonia, e conseguiu uma posição de destaque, que o honra e honra o nosso país. Mas outros, como esse Feliciano Lopes Rabaça, são impenitentes...

— O' amigo Vieira não diga mal do Feliciano, olhe que a minha sobrinha está encantada com ele. Na sua opinião, e segundo as ideias do novo Portugal, é ele que está na verdade e não os carranças como você e outros . . . — E ria satisfeito de contrariar o amigo, obrigando-o a novo copo de Madeira.

Leonor conseguiu desvanecer a impressão que estas palavras produziram no velho e soléne conviva, e a conversa continuou, generalizando-se daí a pouco no começo das saúdes em que todos, mais ou menos, em discursos apropriados cumprimentaram a recémchegada.

O resto da tarde era destinado a ser passado no jardim onde a companhia se assentava sob a ramada, ouvindo os projectos de D. Flora, sobre essa propriedade, que era o seu maior orgulho, a sua ruina e o seu cuidado constante . . .

Mas o Napoleão Larginho e o Freitas foram para o bilhar continuar a partida interrompida, deixando o Vieira e o alto funcionário da guerra com as senhoras, que os ouviam com o aprasimento da dona da casa.

Leonor encontrou meio de se afastar com

os pequenos, que imediatamente a consideraram amiga.

Quando todos três combinavam com o jardineiro a surpresa que preparavam para darem ao tio no dia de Santo Antonio—um mangerico lindo e redondinho como um pinheiro, que levaria um cravo de papel no meio, com a sua quadra, como é uso em Portugal—o Comendador chamou Leonor de parte, e disse-lhe com um certo receio carinhoso:

—A Menina tem alguma coisa contra a Elvira ?

—Eu?! . . . Nada, de modo algum ! Sempre me pareceu uma bôa rapariga, dedicada á tia. Um pouco autoritária e difícil de aturar pelas outras criadas, mas para mim era cheia de deferencias. Porque diz o tio isso ?

—D. Flora está um pouco maguada porque a menina a tratou como se ela fosse ainda uma criada e . . . ela agora é uma senhora.

—Tratei-a como a tratava antes, porque para mim é a mesma pessoa que era. Ha só uma diferença, é que a ternura reconhecida que tinha por ela, pensando nos cuidados, embora interesseiros, que prestava á madrinha, desapareceu agora ante essa pretensão ridicula. Mas não será por falta de Ex.^a que deixará de ser senhora.

—Aqui não se dão Ex.^{as}, Leonor, mas o Dom é que ninguem dispensa, nem as criadas, nem as mulatinhas de chinela sem meia! . . .—disse naquele instintivo desejo de ironia que tornava interessante a sua conversa, embora lhe faltasse a cultura e as maneiras duma alta vida. E continuou confidencial:

—A Elvira conquistou as boas graças de D. Flora não sei como, nem porquê, e maguar uma é maguar a outra.

—Mas a minha intenção não foi maguar. . .

—Já sei, já sei! A Leonor compreende a situação: Quando, morreu a sua tia, não aparecendo o testamento que, segundo parece, deixava a Elvira independente, nós oferecemos-lhe para vir connosco. . . Era a maneira de a compensar do seu desastre. Depois a D. Flora casou-a com o Freitas e tem-os protegido sempre. . .

Ligeiramente impacientada e com uma ironia, que começava a ser suspeitosa, Leonor comentou:

—Essa historia do testamento da tia Barbara, já me parece um misterio de romance. Pela minha parte nunca pensei na sua existencia nem do seu desaparecimento, senão agora. . .

—A menina não veja nas minhas palavras outra intenção que não seja o interesse que me inspira. . .

—Bem sei, e muito grata lhe estou. . .

Mas aquella prevenção deixara-a aborrecida, sem paciencia para aturar tanta gente estranha ao seu sentimento. E havendo mala para a Europa no dia seguinte, conforme lho afirmara o Snr. Napoleão Larguinho, que amavelmente estava sempre ao facto de todos os assuntos que podiam interessar os outros, pouco depois retirou-se para escrever o seu correio.

Só, nesse quarto a que ainda se não afizera, nem quasi vira, na pressa com que de manhã se preparara para o almoço, Leonor.

começou por garatujar postais com palavras de saúdade e de ternura para os amigos. Depois, nos linguados brancos e setinosos presos em blocos onde costumava escrever as correspondencias para os jornais e as cartas para Regina, começou :

Minha querida:

«O que te direi das minhas impressões, se chego apenas a esta cidade, que apesar da sua grandeza e da sua ânsia de ser tomada como uma grande capital, tem um ar recolhido e pacato de provincia, que não deixa de ser interessante, como contraste com o Rio, estonteante na sua vida em turbilhão de moderna Babilonia?!

«Daqui só te poderei dar noticias da illustre mulher do meu tio e dos seus comensais, mas tão fatigada fiquei de os ouvir durante o interminável almoço, de que me salvei agora mesmo, como de um enorme perigo, que me permitirás que só nas futuras cartas tos apresente com todas as honras . . .

«A minha primeira impressão aqui é de repouso; encontrando já para compensação de muitos e prováveis dissabores o carinho cada vez mais comprehensivo do tio Felisberto, a ternura dos dois pequenos da casa, seus sobrinhos, como eu, afinal de contas! . . . e a alegria dum jardim cheio de flores.

«Parece-me que são motivos já suficientes para que esta minha primeira carta te não chegue ás mãos encharcada em saúdades, como

o soar longinquo das *Ave-Marias* no abandono e na melancolia infinita duma tarde de outôno . . .

«Não te garanto, por certo, a minha adaptação ao meio, mas desde já te asseguro que dentro dele saberei encontrar alguns interesses novos para que me sejam menos pesadas as amarguras do exílio . . . embora voluntario, como teimarás em dizer.

«E que importa, minha querida, que seja voluntario, se da mesma forma é exílio e da mesma maneira nos faz sofrer?! . . .

«Exilados voluntarios somos, afinal, nós todos! Exilados voluntarios foram e são os milhões de portugueses que em quatro séculos longos de história tem andado pelo mundo a curtir saúdaes amargas e dolorosas dessa terra amada com paixão, e que não consentimos que outra haja melhor no mundo . . .

«Estoirando de saúdaes e de orgulho, fatalmente o destino nos leva, nem sabemos, muitas vezes, para onde, nem para qué, na ânsia dum sonho para além dos limites da vida! . . .

«Neste primeiro momento em que me sinto, como os outros, uma «imigrante» nesta terra nova, que é ainda um pouco a nossa terra, tanto do nosso sangue a tem regado e fecundado, o meu primeiro pensamento é de ternura e admiração pela persistencia heroica da raça, que na sua quási inconsciente energia tem mantido, apesar de tudo, a continuidade lusitana do Brasil, resistindo, como um blóco invulnerável a todas as ondas de sangue estranho que veem quebrar ante as energias etnográficas dum povo, que para se fixar em solo novo, leva bem agar-

rado ao raizame de transporte o torrão fecundo da Pátria . . .

«Com todos os defeitos que possam ter — e de facto teem aqui — acrescentados em todos os ridiculos que al lhes encontramos na sua forma de arrivistas, não posso deixar de admirar os nossos portuguezes — brasileiros, como exemplo duma energia e dum trabalho tão árduo e de tanta persistência, que o nosso orgulho pela obra da colónia é mais do que justificado.

«Bem sabes que eu não sinto, como quasi toda a gente, o ódio invejoso ao novo rico; antes por todos êsses que chegam cansados duma luta tão desproporcionada com o destino, sinto uma espécie de tolerancia admirativa por um esforço, que nós não tivemos necessidade de fazer, porque em nosso beneficio muitas gerações já o haviam feito.

«Podemos lá calcular, nós que nascemos num meio em que todas as facilidades nos garantiam uma existência superior pelo pensamento e pela intelligência, o que sejam as horas amarguradas de luta para chegar ao logar que de longe os deslumbra e atrai como o mastro de cocanha?! . . .

«O que há de ingenuidade heróica no triunfo comeseinho dêsses ricaços, que vos irritam, chega a comover-me passando agora pelos meus olhos o que representa em revoltas contidas, em vexames sofridos, em vaidades e orgulhos recalçados durante anos e anos, a insolente vaidade dum enriquecido no Brasil!

«Ouvindo-os e vendo-os de perto, com os seus ridiculos, com a sua ignorancia, a sua

falta de tacto social, que nos choca e magôa involuntariamente, sinto que nenhuma solidariedade espiritual nos aproxima; mas pensando no que fôram e no que êsse triunfo, para nós banal, representa de luta e de energia demonstrativa das qualidades da raça, sinto a injustiça, resumbrando, mais inveja do que ingênita repugnância, que certa literatura pôs em moda.

•Com todos os seus defeitos, com todas as inferioridades, com todos os ódios que os separam, com todas as paixões que aparentemente os differenceiam, pobres ou ricos, triunfantes ou esmagados, adaptados ao meio ou inadapáveis e sempre rezingões e maldizentes, é o conjunto de toda essa amálgama de energias latentes, que eu sinto como que palpitar em volta de mim, neste primeiro contacto com o meio de que salu esta grande nação, que o futuro nos deve.

«Não sei odiar nem invejar os que triunfam por um esforço da propria energia, collocando-se acima do meio em que nasceram; antes tenho por eles uma especie de ternura curiosa, que é um sentimento que te poderei fazer compreender se o igualares ao que representa de assombro e admiração o esforço dum animal amestrado até ao ponto de fazer habilidades, que o grande publico aplaude e admira ingenuamente.

«Não é, decerto, este sentimento de superioridade inacta o que desejariam que sentisse, será mesmo o presenti-lo que os afasta expon-taneamente do meu convivio, porque os inferioriza sem os ofender; mas se é assim mesmo que sinto, não posso nem quero modificar-me, que não é essa a minha teoria da vida...

«Mas basta por hoje de filosofar sobre o vago, que não é positivamente dar-te impressões e notas de viagem o falar-te do que pessoalmente sou e penso, e que tu sobejamente sabes.

«Não te esqueças de me dizer muita coisa do que representa a nossa vida aí, visto que estamos existindo duplamente, num desdobramento de existencias que nos faz viver pelo pensamento nos *dois mundos* em que nos encontramos tão separadas materialmente e tão juntas pelo pensamento e pelo sentir.

«Anseio por ter noticias tuas; as tuas primeiras noticias enviadas para o exilio!

«O que dirás e o que pensarás da historia do testamento da tia Barbara, que é um pensamento fixo do meu caro tio e que já me anda a irritar e a preocupar com o titulo misterioso de romance sensacional?!... Estou inquieta por te ouvir, ou melhor, por te ler, respondendo a todos os assuntos que já nos vão ligando a esta vida, que apenas começa a esboçar-se aqui.

«Lembra-me a todos, Regina, e cré na inalterável amizade da tua

Leonor.

Adentro dos limites do regimen da familia, à força de tenacidade e serenidade, Leonor conseguira uma grande autonomia, que a bôa vontade, e cada vez mais provada amizade do tio favorecia, apesar da guerra surda de D. Flora, que se não resignava a ver escapar ao despotismo da sua vontade caprichosa uma pessôa que vivia sob os tectos da sua casa.

Aparentando não compreender nem sentir a hostilidade que a Senhora ia alimentando em torno da sobrinha, o Comendador facilitava todas as circunstâncias para que Leonor vivesse a sua propria vida, tendo compreendido que sem isso a veria ir-se embora, sofrendo já com essa ideia o affecto paternal que lhe criara.

Sem mostrar também compreender o que se passava, para não magoar o tio, ao qual francamente se afeiçoara, e que a prendia agora muito mais ao Brasil do que queria confessar e a principio julgara, Leonor conseguira viver quasi á parte, num pequeno pavilhão, que lôra de principio destinado ao jardineiro, mas que não chegara nunca a ser habitado.

Encontrara-o ainda por concluir e à alegria de viver numa relativa autonomia, juntara-se

a alegria muito sua de arranjar e ornamentar ao seu gosto a pequenina habitação que ia enchendo a pouco e pouco, com o alvoroço ingénuo duma ave que constróe o ninho, carregando em cada dia uma palha, uma erva ou uma pluma para o afofar.

Era hoje um quarto forrado a papel bem escolhido, um friso artistico, um quadro interessante, amanhã uma cortina que por suas mãos ornamentara para colocar na janela, uma estante que mandava fazer conforme os seus desenhos e até um dia a minúscula mobilia em bambú, que descobrira numa casa que vendia coisas do Japão, e que dava à sala de entrada uma leveza exótica, que a divertia.

Sempre que passava pelas ruas onde o comercio se concentra encontrava maneira de trazer qualquer coisa para aumentar o tesouro da sua casinha de boneca, como lhe chamava, e pela qual ia interessando todos os amigos, que lhe traziam as suas indicações para novas compras.

Sem o parecer, pelo simples facto de ter as suas coisas à parte, Leonor ia-se libertando a pouco e pouco, tudo substituindo do que a principio viera de casa dos tios, inclusivamente a roupa de cama e de mesa, que ajudada por Silvina fizera, chegando à graça de comprar uma pequena *Singer* de mão de que se serviam com muito cuidado, nem uma nem outra sendo maquinistas experientes.

Leonor tinha a paixão do seu meio, das coisas próprias a que o uso dá vida; e o intenso desdobramento da sua personalidade comunicava uma existência espiritual a tudo que a

rodeava, de modo a tornar-se imediatamente um centro de atracção simpática.

Todas as pessoas instintivamente a auxiliavam, sentindo a comunicação magnética da sua força irradiante; hoje era o jardineiro que lhe trazia as mais lindas flôres; logo eram os pequenos que a ajudavam nos seus trabalhos de decoradora, era o tio que lhe oferecia um objecto gabado nos Grandes Armazens, Silvina que nas horas vagas fazia uma renda para um guarda-
napo de chá; os amigos do Comendador que se sentiam honrados quando lhes aceitava, com expansiva alegria, os pequenos mimos da terra.

De principio tentara D. Flora opôr-se àquela maneira de viver nessa quasi independência, que aos seus próprios olhos diminuía a autoridade que se arrogava; e alegara o reparo que a estranhos causaria o facto duma senhora sua hospeda, nova e interessante, viver fóra das mesmas telhas . . . mas o estar o pavilhão ligado por uma passagem interior em comunicação com a cosinha e completamente arredado da rua, não lhe dava pretexto sério para os seus reparos.

Além disso, Silvina, a criadinha mulata, que desde a primeira hora servia Leonor ficara-lhe tão afeiçoada, que definitivamente passara para o seu serviço e das crianças, pela ordem expressa do dono da casa, que raras vezes se metia nos assuntos internos, mas que nessas raras em que o fazia, não admitia ser contrariado. A mulher sabia isso tão bem, que não se opunha senão antes de o ver expressar definitivamente a sua vontade, temendo perder o prestígio de que se queria rodeada.

Leonor tinha apenas de obrigatoria comunidade com a familia as refeições principais, não faltando a elas por deferencia ao tio que não se sentava à mesa sem a ver a seu lado.

Sentia-se relativamente feliz no seu isolamento, cuidando das flôres com que ornamentara todas as janelas do pequeno alojamento, que na sua miniatura de habitação tinha um ar muito íntimo, muito carinhoso e acolhedor.

Em baixo a entrada e sala do trabalho, em cima os quartos de dormir, o tocador, casa de banho e alojamento de Silvina, que se identificava com a sua senhora com o instinto de fraqueza e dependencia das mulheres do seu sangue meio escravo.

As grandes obras de adaptação espontaneamente as mandou fazer o tio, que tomara muito a peito a realização desse plano de vida, sentindo que doutra forma a não prenderia muito tempo ali.

O estar em sua propria casa dava-lhe uma estabilidade à vida, que Leonor era a primeira a reconhecer e que a ia prendendo aos novos interesses criados.

Assim o dizia nas longas cartas para Regina e assim se depreendia das suas correspondencias para o «Lusitano» onde a redacção lhe fazia sempre o mais acolhedor dos reclames amigos e admirativos.

Para mais, as crianças rodeavam-na duma tão entusiastica amizade e sentiam-se tão felizes a seu lado, que para poder justificar essa constante convivencia Leonor propôs encargar-se da sua educação. A ideia teve o melhor acolhimento do tio, que tinha pelos sobrinhos.

uma ternura muito particular, lembrando-se sempre da sua orfandade e pensando muito em lhes garantir o futuro; D. Flora protestou alegando «que as suas maldades só num internato e com uma disciplina de ferro poderiam ser corrigidas.»

De resto já tinha tudo preparado para que o rapaz entrasse no «Instituto Americano» que era a melhor casa de educação da capital e a pequena iria para as irmãs Salesianas, collegio para meninas finas, frequentado pela melhor gente do Estado.

A ideia de que os sobrinhos ficariam em casa a serem educados por Leonor, perturbava extraordinariamente os seus projectos, bem pensados e amadurecidos de acordo com D. Dádá, que lhe aconselhara essa resolução, mostrando-lhe quanto era conveniente para a sua situação social, que a pequena frequentasse o collegio da moda, onde iriam de automovel à visita habitual, hobreando com as senhoras do Presidente, com as dos senadores e toda a alta opulencia social. Assim, elas poderiam entrar na convivencia irradiante da gente que ajudava o Senhor Bispo nas suas tão nobres e tão elegantes obras de caridade, para edificação de igrejas, para moralisação das mulheres perdidas, salvação dos meninos silviculas e tantas outras que fazem parte da vida social duma senhora, que não pode deixar de interessar-se pelos bazares e kermesses, como pelos grandes festivais esportivos, bailes e concertos de caridade, bandos precatorios e todas essas coisas, que patrocinadas pelo alto clero, dão a linha da aristocracia.

Defendendo a sua ideia e querendo vencer o marido pela relativa transigencia, D. Flora já desistia da entrada do Pedrito para o «Instituto Americano», pois que sendo aquela gente protestante apenas eram aceites pela educação física e bôa orientação dada ao ensino, não se impondo socialmente.

«Mas Anêzinha necessitava mesmo, ter uma educação oprimida e orientada segundo os principios da bôa sociedade. Com um bocado de religião, bôas maneiras e prendadinha, criando um nome entre as companheiras como figurante nas festas em que recitasse comedias e monologos em francês, inglês e alemão, com alguns exercicios de piano e outra habilidades, ficaria cotada com um bom partido, sendo pupila e sobrinha da casa.»

Era sua opinião que isso beneficiava tambem a «Firma» que era já um valor social na praça e mais o seria amanhã, acreditando-se entre os elementos respeitaveis e catholicos da politica estadoal . . .

O Comendador riu francamente dessas considerações e D. Flora foi vencida, porque á sua campanha, a que ligara os argumentos de D. Dádá e do alto funcionario da guerra, que tinha pela disciplina monastica o maior respeito talvez porque a ligasse em sua consciencia e observação áquela ferrea disciplina militar que aprendera a admirar na Alemanha, se opusera um grande argumento, muito mais forte na sua fragilidade sentimental, que foram os pedidos e lágrimas dos pequenos, que davam assim toda a força ás razões pedagogicas de Leonor.

O assunto largamente debatido em casa

dividiu os amigos habituais em partidários dos dois lados, formando com D. Flora e os esposos Dádá, a Elvira, o marido e a mais gente dependente da imperiosa senhora.

Com o Comendador Felisberto estava a ponderada e firme opinião de Napoleão Larguinho, que abertamente se pronunciou amigo devotado de Leonor de quem espalhava louvores em toda a cidade, considerando-a um elemento de muito brilho e muito útil na sociedade luso-brasileira.

«Homem da velha guarda,—como êle dizia, —trouxera das lutas do Império uma grande libertação de ideias e uma funda desconfiança pela reacção congreganista, que se notava no Brasil e que não seria permitida no tempo do Senhor D. Pedro II, que mantivera sempre em respeito o clericalismo.

«Era amigo do progresso e da liberdade, e sempre o fôra. Seu pai tinha-se criado na privança dos grandes vultos do Imperio, embora a sua amizade por Deodoro o tivesse feito aderir ao movimento que trouxera a República, mas aquella liberdade que só favorecia as ideias alheias, não lhe agradava.

«Educasse D. Leonor a menina com sua libertação de pensamento e autonomia de proceder, fôsse uma senhora moderna capaz de agir por si própria e ela viria a ser crente, se o seu espirito pendesse para ali, ou descrente em religiões, mas sempre honesta e digna, como a sã filosofia o determinava.

«Ele, por exemplo, era um crente, mais ainda, um místico, mas exactamente por isso não se entendia nada com os frades e menos

com as freiras, cegos auxiliares deles, que só ambicionam o domínio político da sociedade, sem se importarem com as almas sinceras e boas.

D. Flora passara a desprezar um pouco o Sr. Napoleão Larguinho, cujas ideias só agora via tão contrárias ás suas — «que eram as boas, as de toda a gente ponderada e de respeito, que se impunha e tinha nome . . .»

O Comendador Vieira é que, não querendo perder as boas graças de ninguém manobrar muito habilmente, dando razão á senhora e, por outro lado, sugerindo ao Comendador a ideia de se prevenir com uma carta da mãe das crianças em que todos os poderes fossem dados á *firma* para dirigir a educação dos menores, sabendo que a tia, aconselhada por Elvira, lhe ia escrever em sentido contrário.

«Pobre Sinhásinha D. Yá-yá—dizia Silvina metida em toda aquela intriga, muito sagaz, muito apaixonada pela sua senhora e pelas crianças.—Tão boasinha, tão caipira!... Quantas lágrimas a vi chorar, antes de ir na *roça* com os contos que D. Elvira e D. Dádá metiam dela p'rá Sinhá D. Flora! . . . Si ela si casá com nhô fazendeiro Boto, como dizem, qu'importa á ela seus mininos educados aqui ou alá?! . . .»

Efectivamente a carta oficial, cedendo os seus direitos sobre a educação dos filhos á firma «Marques Araujo & C.ª» não se fez esperar e em termos bastante juridicos para não haver duvida sobre a influencia de *nhô* fazendeiro Bôto, um dos bons e estimados fregueses da Casa e com o qual, em carta particular ao tio, D. Yá-yá pedia consentimento para se casar

«não porque esquecesse seu primeiro marido, mas porque assim ficaria mais amparada na sua viuvez e orfandade dos seus meninos...» E não esqueceu também, a bôa senhora, de escrever aos seus filhinhos pedindo que sempre a lembrassem com amôr, pois também pelo seu futuro resolvia casar com *nhô* Bôto.

De tudo, sô compreenderam os pequenos, que os não tiravam de junto de Leonor e que sua mãesinha ia estar socegada e feliz sem precisar da ofensiva e refertada protecção da tia; e com isso ficaram contentes pedindo a Silvina que escrevesse à mãe tudo quanto êles queriam dizer, carta que nunca mais findava e que depois comoveu Leonor pela ingenuidade e pelo carinho daquelas almasitas a despertar, que o acaso lhe punha nas mãos para que as furtasse a influências, que poderiam ser bôas ou más, conforme uma reacção que ninguem podia prever qual fôsse. Na grande ternura duma maternidade espiritual, que era bem o fundo do seu character, Leonor assumiu conscienciosamente o que no seu entender era o papel de educadora, guia vigilante da personalidade a formar-se, e não o dominio nivelador das almas, sem criar individualidades que possam resistir a todos os meios, sem perturbação, nem fraquezas indignas.

E estas suas teorias calam tanto dentro das ideias do amigo Napoleão Larginho, que em breve êle se tornava quasi um mestre dos pequenos aos quais, até aí, pouca importância dava, passando agora tardes inteiras a contar-lhes exemplos e a ensinar-lhes história natural, que era o seu forte.

Cheio de estima e entusiasmo pela acção em que Leonor se encontrava envolvida, todos os elementos lhe pareciam poucos para chamar em seu apoio; e daí o falar-lhe com certas reservas, de principio, dos grupos entre os quais tinha amigos dedicados, e que apaixonadamente estudavam as sciencias occultas e praticavam o espiritismo metódico, organizado quasi religiosamente.

—D. Leonor—dizia-lhe nessa tarde no escritorio da Casa Commercial, onde ela apparecera com os pequenos, de volta do seu habitual passeio, para tratar com o tio assuntos de interesse—meus amigos mi dizem que a senhora está rodeada de inimigos poderosos.

—E o que lhe hei-de eu fazer, meu caro senhor Napoleão—respondia-lhe rindo—se são meus inimigos sem que lhes tenha feito mal é porque a sua inimizade é congenita e para a evitar, demais a mais sendo eles poderosos, só ha um meio . . . desaparecer! Ora ainda me não dispuz verdadeiramente a fazer-lhes o gosto.

—Mi pésa que você não atenda a estas coisas, quando nós estamos empregando todas as nossas energias para a proteger contra os inimigos terriveis que a rodeiam! . . .

—Muito obrigada, meu amigo, sinto-me fortalecida com essa protecção . . .

—Está rindo?! . . .

—Não! Creia que lhe falo com a maior sinceridade. E afastando-se um pouco para o refeitório do estabelecimento, a essa hora sem ninguem, continuou:—Eu não sou uma crente, sabe? Sou uma espectante, deixe-me assim di-

zer-lhe. Vejo que há quaisquer forças que em volta de nós actuam sem que a nossa vontade se manifeste, mas não sei quais elas são, nem tenho a certeza que haja possibilidade em dirigi-las para um determinado fim. Tenho visto muitos phenomenos esplrítas, tenho assistido a muitas sessões, tenho lido tudo quanto sobre o assunto me tem aparecido e, apesar disso, ainda não sou uma crente!

—Mas há de vir a sê-lo! . . . Temos a certeza disso.

—Pode ser, não lhes oponho resistencia, mas também não lhes dou o meu *querer* determinadamente. Convençam-me e convertam-me,—acrescentou a sorrir—mas deixem-me a liberdade de raciocinar o resolver autónomamente.

—Ah, decerto! Esse é o nosso sistêma! É por isso que em nós só temos crentes.

—No entanto agradeço-lhe a simpatia que chamou sobre mim, porque nas forças simpaticas de atracção ou de repulsa, nessas acredito piamente, porque as constacto a cada instante, e de há muito! . . . Se entrar numa casa onde estejam varias pessôas, immediatamente sinto as que me querem e as que me não querem . . .

—D. Leonor, a senhora mi parece ser um grande *médio*.

—Poderá ser, mas não — estou convencida! . . . Não me sinto nada disposta a falar e a pensar por conta alheia, mesmo que seja por conta dos mortos . . .

—Não ria! Pode-se ter condições mediunicas e receptadoras e não ser um *médio* trans-

missôr; exactamente porque se é uma força reagente e autónoma.

—Poís será assim, meu bom amigo, nessa especie de telegrafia sem fios onde a nossa vida espiritual decorre, eu serei apenas a sensibilidade que recolhe as ondas que passam . . .

—Mi autoriza a expor a meu amigo Raul Acaiaba as suas observações? Ele me dirá como explicar a sua sensibilidade, aliada à descrença . . .

—Pode consultar o seu amigo, mas, de facto, o que se dá comigo dá-se com muita gente: negar o que se vê e o que se sente e sabe de fonte segura, é absolutamente estúpido! . . . Acreditar cegamente, sem mais concludentes provas, não é mais inteligente! Em qualquer dos casos devemos reflectir, que tudo quanto sabemos é bem pouco em face do que ainda ignoramos e assim: afirmar ou negar por sistêma é desconhecer as lições do passado e preparar mal o futuro. Há factos que não compreendo hoje, nem posso ainda explicar . . . pois não os nego, registo-os!

—Assim deve ser! Só esse procedimento é inteligente e liberal.—Respondeu com entusiasmo o bem intencionado Napoleão.—Logo vou conferenciar com o amigo Acaiaba e da minha comunicação alguma luz nos virá. Em todo o caso se previna contra as forças hostis que a rodeiam . . .

—Confio mais na vossa vigilância do que na minha—concluiu sorrindo e dirigindo-se para o tio, que se aproximava para comunicar ao amigo a baixa enorme que tinham sofrido as acções do grande Banco de «Construções e

Reservas» de que eram accionistas fundadores, tudo desmoralizado pelas intrigas da ultima Assembleia Geral . . .

—Era exactamente por esse caso que vinha falar com o Tio.

—Pois sabias alguma coisa?! . . .

—Sei tudo! — acrescentou convicta.

—Mas tudo o quê?! . . . — perguntou para vêr até onde iam os conhecimentos financeiros da sobrinha sobre o assunto, considerando a sua opinião como bem agoirada, pois até aí a vira sempre discutir e entrar com acerto nos negocios financeiros, que realisava fóra do giro da casa.

—Sei o que se passou e conheço o maquinismo todo da escrita, que o Senhor Almeida me explicou. Prometi-lhe ontem interessar-me pela realisação immediata da sua ideia, que vejo tão clara e tão simples, que já lhe assegurei o seu auxilio . . .

—Ah, isso não, isso não! . . . Assim tão clara como a menina diz não a vejo eu! . . .

—Ora essa?! Então o Sr. Almeida não lhe mostrou a escrita e não o convenceu da certeza matemática do lucro numa liquidación feita por êle, com um capital relativamente pequeno?! . . .

—Mas quem fala em liquidar um Banco, que vai tão bem encaminhado?! — perguntou Napoleão Larguinho. — Eu cá por mim não cedo as minhas acções.

—Não cede?! Que remédio tem você senão conformar-se? A Assembleia Geral resolveu liquidar, agora não há volta a dar-lhe.

—Mas eu não soube nada!

—Onde demónio estava você no domingo?!

Aquilo foi medonho. Por pouco se não esfaquearam uns aos outros, houve tiros de garrucha... um verdadeiro escandalo!

—Mas que scena! E não soube nada?! Mas então o Banco não estava prospero?!... O relatório que recebi assim o dizia.

—Pois estava, sim! Mas que quer? Meteram a politica no caso e quizeram substituir a Direcção. Como esta se preveniu armaram o chinfrim e está aprovada por maioria de dez votos a liquidação.

—Mas que me conta?! E' escandaloso!...

—Isso é, Senhor Napoleão, mas o caso é que está aprovada! Ora o Senhor Almeida vai propôr ser êle o liquidatário, dando imediatamente uma percentagem em dinheiro... — explicou Leonor.

—Não percebo a vantagem!...

—Pois é facil a quem tem todo o maquinismo dos negócios na mão. Com um capital relativamente pequeno para pagar em numerário a primeira parte, o resto por si próprio se liquida pois é apenas uma transmissão de hipotecas. Compreende?

—Sim, parece-me que compreendo, mas não vejo em que seja necessário entrar dinheiro...

—Ora essa?! O capital disponível é para pagar de pronto a percentagem em dinheiro, que diminue o capital a pagar. Se a liquidação fôr imediata, ali á boca do cofre podemos oferecer 40 % ou menos, que toda a gente aceita, para não pensar mais no assunto, se fôr uma operação demorada, embora segura, temos que dar, pelo menos 75 %. Ora o ganho está exactamente na primeira hipótese.

— O assunto me parece claro e bem explicado... E' o que me veio dizer o Almeida. Mas não será um pouco arriscado? Que me diz, amigo Napoleão?

— Um pouco fortinho!...

— Ora meu tio, um capitalista como o senhor a hesitar dessa maneira, nem parece de um português!...

— Não é hesitar, mas é que a «Firma» não se pode meter nessas aventuras...

— Deixe lá a «Firma». Pessoalmente pode o Tio fazer este negocio que é tão seguro, tão certo que eu desejo empregar nele todo o meu capital...

— Nossa Senhora!... O que diz esta moça?! Então não quiere arriscar tudo quanto tem numa aventura financeira?

— Pena tenho de ser pequeno êsse todo! Pois então?!...

Leonor, segura desse definitivo argumento já não desistia. O que primeiro dissera sem convicção, só pelo desejo de servir o amigo e de vencer a relutancia do tio, tornara-se imediatamente uma parada de azar, a que se agarra com a paixão dum verdadeiro jogador. Terminava, encarando o negocio por todos os lados, com uma segurança, uma convicção, uma firmeza, que levava de vencida os temores dos dois financeiros.

— Sim, meu tio! Eu arrisco tudo sem medo. Tenho a certeza que vou ganhar, mas se perder... deixá-lo! Para outra vez hei de ganhar. A fortuna é um jogo e assim é que eu gosto de a tentar...

— Bem, bem!... vamos lá ter com o

Almeida que está a fazer cálculos ali no escritório.

Entre os portugueses da colônia, que a pouco e pouco fora conhecendo, Leonor tinha já um grupo de amigos com os quais se relacionava mais intimamente, embora não fossem das relações de D. Flora, que não gostava dos patricios do marido, alegando para justificar o seu afastamento da colônia o ser «gente de pouca apresentação, com a mania de elogiar a sua terra, como se não houvesse outra no mundo... e sendo tão boa, dela vêm fugindo para não morrerem de fome...» de principio o marido tentara combater esse procedimento, que estava em oposição absoluta ao seu sentir e á norma da sua vida inteira, mas para evitar questões e desassocegos em casa, que o dispunham mal para a vida de luta e de trabalho exterior, deixara-a com as suas opiniões e fazia vida social à parte, passando quasi por completo a receber as suas relações pessoais na casa comercial, que era na praça um ponto de reunião e de convívio agradável e acolhedor para a colônia.

Com isso não se importára até aí D. Flora, desde que as suas despesas particulares, a abundancia da casa e as contas das modistas, eram pontualmente pagas; agora, porém, que Leonor encontrava nessa mesma colônia, que ela despresára, amigos que a rodeavam dum respeito e dum prestígio que nunca tivera, apesar de ser mulher dum colosso comercial, sentia-se irritada duma forma que Napoleão Larginho achava perigosa para o socego de Leonor.

Esta ria-se de todas essas pequeninas intrigas desprezíveis e seguia francamente o seu modo de proceder e de pensar, em absoluta oposição à tia.

Ora entre os amigos certos que já contava ali, Francisco de Almeida era dos que mais confiança lhe mereciam. Patriota de alma e coração, desses que não perdem nem abdicam uma linha da sua qualidade de portugueses, que fazem resaltar a cada passo na sua vida de exilados, ele mantinha uma atitude de defesa que ia das coisas mais altas e mais nobres até às pequeninas resistências comovedoras de ingenuidade e persistência, como não comer senão à portuguesa, não comprar senão o que no mercado tinha o rótulo de português, não vestir senão o que em Portugal mandava fazer. . .

Leonor, que viêra para o Brasil despreocupada do exagerado sentimento nacionalista, ao contacto com todas essas paixões extremas, que se chocavam e irritavam, cada vez mais entrava na comunhão de sentimentos com os que se mantinham irredutíveis no seu orgulho lusiada.

Dai viera a comunicação do assunto de que tomara uma tão brilhante e triunfante defesa.

Depois de Francisco de Almeida ter mostrado com uma precisão matemática, as vantagens da operação, ficou assente que o capital que Leonor confiara ao tio seria empregado até onde chegasse, suprimindo o restante o Comendador e, uma parte ainda, em nome de Napoleão Larguinho, que estava entusiasmado com o negocio.

Apesar de tudo e já quando o acôrdo se fechára, ainda o tio disse:

— Pense bem Leonor . . . Me pesa um pouco, como que sinto remorso de a vêr empregar assim duma só vez todos os seus capitais . . . me parece uma aventura.

— Aventura não, senhor Comendador; se não fôsse a certeza que tenho nos meus calculos não consentiria que a Senhora D. Leonor fizesse o que fez—acudiu Almeida numa grande expansão de reconhecimento.

— Acabou-se! Está feito! É aventura ou não, considero a vida um belo jogo para os momentos difíceis. Não falemos mais nissol! Se fosse a Monte Carlo arriscava numa só parada toda a minha fortuna. E' um gesto elegante, e é lindo sacrificar tudo a um gesto! — dizia a rir para que não exagerassem a sua resolução, que no fundo, bem no fundo, a deixava um pouco preocupada, porque era a garantia da sua liberdade futura que arriscara num momento.

Mas confiava, confiava apesar de tudo, na intelligencia e nos calculos de Francisco de Almeida e lançando com um belo gesto de despreocupação todas as duvidas para longe do seu pensamento, ao chegar a casa sentia-se completamente tranquila e bem disposta.

Ao entrar na salinha japonesa da sua minúscula habitação particular teve uma verdadeira surpresa vendo assentado, em conversa animada com Silvina o afilhado da tia Barbara.

— Ó Angelino, então tu por aqui?!

— Olhe senhora Madrinha— em criança trabalhava-a dessa forma, estendendo a toda a familia o parentesco simbolico que o ligava à velha senhora — desde que soube que estava no Bra-

asil não me sofreu o animo ficar longe da minha Madrinha.

— Mas deixaste a tua casa? Perdeste aquella situação? Estragaste o teu futuro, rapaz?! . . .

— Ora adeus! Situações como aquella há muitas. Eles dão-nos sociedades, mas é só para terem empregados de graça e nos prenderem ao serviço como burros de nora. Os meus interesses futuros, era uma santa historia! . . .

— Mas emfim, estavas contente quando passei no Rio.

— Sim, não tinha pensado bem . . . Mas a verdade é que o meu socio não me ouvia em coisa alguma e depois da Madrinha lá estar, quando lhe falei em mandarmos vir frutas de Portugal, respondeu-me tais galegadas, que apesar deles nos chamarem galegos, nós nunca diríamos da sua terra! . . . Cresci para elle, minha Madrinha, e se não acode gente aos seus gritos não sei se lhe diga se lhe conte! . . .

— Ó rapaz, que loucural Então isso é coisa que se faça? Podias ir preso, e depois?! . . .

— Qual o quê?! Todos me deram razão. Era quasi tudo português quanto acudiu, até um guarda! Então pedi-lhe contas immediatamente, arranjei a mala e vim por aí acima em cata da Madrinha e fiado no Senhor Comendador.

— Bem; veremos o que se pode fazer! . . . Por agora esperemos o tio, que não tarda a chegar.

Isto agradou imensamente às crianças que saltaram para o colo do rapaz pedindo que lhes contasse historias de Portugal.

Mas Angelino não estava socegado, sentia-

se que uma outra preocupação o resolvera e, baixando a voz e com um ar de misterio, que fez sorrir Leonor, perguntou:

— A Elvira está cá em casa?

— Não, de todo não está, mas vem muita vez. É a companheira da senhora D. Flora...

— Foi o que me disse já a menina Silvina!...

— Mas isso que tem?

— É um perigo para a snr.^a Madrinha, poderer! Pois eu puz-me lá a parafusar nessa ideia e resolvi-me a vir para aqui... Eu a guardarei!

— Estás louco! Deixa lá a creatura, que está na sua casa socegada...

— Socegada?!... Essa é que eu não creio! A ideia de que ainda se ha-de descobrir a história do testamento tem-na sempre em pulgas.

— Olhem que vocês com essa coisa do testamento já me aborrecem todos. Se soubesse que essa ideia estava aqui tão lixada nas vossas cabeças, não tinha vindo; que maçada!...

— Tudo se vem a descobrir, senhora Madrinha e cá ou lá, sempre havia de acabar por pensar nisso. É uma ladra!... Foi ela que o escondeu!

— Mas anda cá Angelino, pensa bem: pois se ela era herdeira da maior parte da fortuna, como diz, que interesse tinha em fazer desaparecer esse papel?

— Da maior parte?! Dum legado, como eu! A herança era toda sua, senhora Madrinha!

— Suponhamos que era assim, mas o legado sempre era mais do que nada!

— Do que nada?! Isso é o que a senhora

Madrinha pensa!... Mas o que ela lá tem é uma herança bem grande.

— Não percebo nada!

— Isso sei eu! Se a senhora Madrinha soubesse o que eu sei já não duvidava das minhas palavras e desconfiava tanto como eu. A Madrinha D. Bárbara tinha tudo muito em ordem, tudo muito explicado. Levou muitos meses a fazer o testamento que tinha na gaveta da secretária e a chave sempre no bolso. Ela chamava-me, ou à Elvira, conforme!... abria uma arca, e dizia: Contem essas cobertas, ou êsses lençóis, ou essa prata... E a senhora Madrinha calcula lá o que saía dali!... Cobertas de damasco bordadas a matiz, com franjas de ouro, outras em ramagens de todas as côres e tamanhos, que os avós tinham trazido da Índia e da China, e que a Madrinha me contava que enchiam todas as janelas do palácio de Lisboa... Eram duzias e duzias de lençóis de linho, atoalhados finísimos, alguns também da China e da Índia com barras de flores vermelhas. Eram baús inteiramente cheios a arrebentar, de fronhas, de toalhas, de rolos de linho por servir!... Eu não me cansava de ver rendas, bordados, coisas lindas!... Eu sei lá!... Nem posso explicar a riqueza do recheio daquela casa!

«Nós contávamos, ela assentava num papel, em cada dia sua arca ou baú, que ficava numerado, e depois ia para o quarto, escrevia, escrevia!... E quem diz roupa, diz loiças, diz pratos, diz tudo quanto naquela casa havia a rôdos. Coisas antigas, de fóra, coisas de que só hoje eu sei avallar a riqueza que representavam. E quem diz isto, diz o dinheiro, porque no tes-

tamento deixava uma relação de tudo quanto havia em casa. Só em dinheiro antigo!... Eu nunca vira tanta moéda em oiro, nem espero de ver! Peças de duas caras, amarelinhas, muito lindas, dobrões grandes, pequenos, com escudos diferentes e libras!... Aquilo contado em castelinhos não tinha lim...

— Meu Deus! Mas isso era um perigo enorme! Eu não sei como a não mataram para a roubar!

— A casa era segura e a caixa forte num esconderijo de que ninguém sabia o segredo senão nós. Ele ainda lá ha-de estar. Se foi roubado só o podia ser pela Elvira, ou pelo pai, que era o feitor, e por mim!...

— E porque não disseste todas essas coisas ao tio?

— Ele não acreditaria na palavra dum garoto e eles teriam meio de se defenderem e atirarem para mim a suspeita do que faltasse!... Se fosse hoje!... Nesse tempo tive medo e a minha mãe não fazia senão recomendar-me que me calasse que me podiam matar!...

— Olha lá Angelino, e eles trataram bem a tia Barbara?!

— Não trataram mal, não! Também o seu interesse era tratá-la bem até ao fim para que ninguém desconfiasse. A Madrinha esteve no seu juízo até final e com uma grande energia, que nem parecia uma senhora daquela idade! Quando a via escrever, até me admirava e ela ria-se e dizia-me: «Olha Angelino, êste inventário que eu faço é para ir certo no testamento, que tudo já estava nos meus papeis antigos. Quero deixar tudo bem explicado e vocês não

deixem mexer em coisa alguma sem vir o meu irmão e a menina Leonor. Para ela, coitadinha, é que será o que tenho, que é capaz de o conservar nesta casa como está e pensar sempre em mim. Meu irmão não precisa de nada. Eu também deixo uma carta para ele . . . » Nem as cartas nem o testamento apareceram.

— Talvez ela falasse nisso e não estivesse feito. Tu bem sabes que os velhos às vezes teem suas ideias e não as põem em prática.

— Não! O tabelião bem sabe que aprovou o testamento.

— E esse tabelião quem era?

— Era o tabelião dela, em Lisboa. Ele bem se lembrava de ter aprovado o testamento, mas isso que monta? Já perguntei no Rio a uma pessoa que me explicou . . . o tabelião aprova, mas os testamentos podem ser rasgados depois, éles não teem nada com isso.

— Sim, é verdade! Mas em todo o caso é uma prova de que havia testamento.

— Ela não o negou nunca! . . . Sabe lá a senhora Madrinha o que é aquela espertalhona?! Foi a que mais chorou e se lamentou, arrependendo-se porque a Madrinha rasgara o testamento ou o escondera em parte que se não descobria . . .

— Tanto se lamentou, que o tio se convenceu . . .

— Sabe, senhora Madrinha? Tenho quási a certeza que o sr. Comendador não se convenceu de coisa alguma e fingiu acreditar para a segurar . . .

— Supões isso?

— Sabe porquê? Pôs tudo fóra de casa.

Guardou os valores encontrados no banco e fechou as portas. Nunca mais entrou ninguém na casa. A Elvira estava danada!... Mas seu tio é muito fino, fez-lhe as vantagens de a trazer para a vigiar. Talvez comigo fôsse o mesmo, para me experimentar, a vêr se eu tinha dinheiro!...

— Isso sim! Não penses em tal!

— Sim, eu era um garoto e a minha velhota, a senhora Madrinha bem a conheceu... se pobre era pobre está.

— Coitadinha! Ninguém podia duvidar da boa Margarida...

— Não é verdade?... — E disfarçadamente limpou uma lágrima ao canto dos olhos.—Mas o pai dela é agora um fidalgo da terra! A minha Madrinha lembra-se dele? Quem lhe deu alma foi a casa, um tendeiro reles... Pois tem um palacete, empresta dinheiro a juros, tem carro e cavalos... Ainda receia... e se não faz mais é porque sabe que o povo murmura. As outras filhas são lá umas morgadas...

—Pois bem, Angelino, eu já vou acreditando no que me dizes, mas não podemos falar sem provas. A D. Flora protege a Elvira e com isso ficaria magoada... E o tio...

— O tio desconfia. A Snr.^a D. Flora não sabe a prenda que ela é, mas em sabendo!...

Silvina que vigiava sempre para que ninguém da casa escutasse as conversas, veio nas pontas dos pés avisar:

— Caluda! Elvira anda com sinhá na chácara...

— É' melhor que não saibam que estás aqui sem vir o tio.

— Olha, lá vem êle! . . .— gritaram os pequenos, que foram a correr receber o Comendador à porta de ferro do jardim e o trouxeram agarrado até ao pavilhão.

X

A vinda do Angelino e o acolhimento carinhoso que o Comendador lhe fizera, colocando-o imediatamente como empregado na casa e, mais do que isso, chamando-o a si como indispensável *factotum*, irritaram profundamente Elvira que nesse gesto queria ver uma desconfiança contra o marido. Até ali tivera no armazem uma situação privilegiada, o que o fazia temido pelos outros empregados, que o não estimavam e agora rejubilavam com o desfavor, que se começara a esboçar desde que o Comendador soubera pelo Angelino que, ao contrário do que lhe tinham dito, o Freitas ao vir para sua casa não era um desconhecido para Elvira, visto ser o mesmo moço que nas Penices, já em tempo da Senhora D. Barbara, a namorava.

Esse facto, não por existir, mas pelo misterio em que o tinham envolvido era um indicio que vinha avolumar as suspeitas em que o seu espirito se debatia.

O que mais dolorosamente o preocupava era destrinçar claramente qual a parte que D. Flora tomava em toda essa obscura intriga.

Se fôsse uma iludida o chamá-la a si, pon-do-a ao facto das suas suspeitas, era uma si-

tuação clara, que lhe libertava os movimentos. Mas se era cúmplice, ou pelo menos consentidora dos manejos de Elvira, em que situação moral se encontrariam depois? O afastamento em que se mantinham adentro das formulas sociais do casamento, não lhe dava segurança para tentar um passo de que podia resultar a maior imprudencia na defesa e, conseqüentemente, a maior dificuldade em apurar o que desejava.

Dola-lhe encontrar a sua propria mulher interessada numa questão em que já claramente via o esboço nitido dum crime contra o seu proprio sangue, mas em face da rigidez da sua consciencia honesta, isso não o faria recuar no proposito em que desde a primeira hora intimamente ficára de esclarecer, duma forma nitida, os factos que o tinham surpreendido, sem lhe terem dado a minima satisfação de herdeiro inesperado.

A fortuna da irmã, de que não se lembrara nunca de solicitar auxilio, mesmo nos dias dificeis das primeiras lutas, encomodava-o agora como uma sobre-carga na vida, que só uma desistência de herança em favor de sua sobrinha, publicamente indicada como herdeira, poderia aliviar.

Mas, a esse gesto de renuncia, que não lhe teria custado nada no primeiro momento, opuzera-se formalmente e com argumentos juridicos D. Flora, que sentia pela memória da cunhada e pelos parentes do marido um especial e injustificado rancor, que fôra na mocidade ciume e que era agora o medo de que a fortuna, cujo blóco financeiro era o seu máximo orgulho, lhe

escapasse pela sua morte, fragmentando-se num regresso à Pátria, que sempre tentara arrancar do coração e da saudade do marido.

Desde a primeira hora do seu casamento que sinhãzinha D. Flora, filha dum fazendeiro que uma imprevista baixa na exportação do café levava às portas de uma desastrosa ruína, não tivera outra ambição nem outro desejo que não fosse satisfazer, aparentemente, os caprichos da sua vaidade infantil e no fundo apoderar-se, sem partilhas, duma fortuna que, a seu ver, pertencia ao solo em que se erguera e não ao cérebro nem à actividade que a soubera captar. Quinze anos mais moça do que o Comendador, nem ela penetrara na alma do estrangeiro, que só representava para a situação aflitiva do pai a ultima esperança, nem éle procurara no convívio da criança futil que lhe atiravam para os braços, como hipotéca do seu auxilio material, outra coisa que não fosse uma familia legalizada, que convinha um pouco à sua vida social, aparentando-o com muitas personalidades que no Interior dominavam na politica, influindo assim nos grandes negocios em que a «Firma» se metia, contando com a boa vontade governativa.

De princípio a esperança de se ver continuado por um filho, que justificasse, no seu orgulho de pai, o interesse de toda a sua vida de luta inteligente e trabalhosa, fizera dele um marido cheio de cuidados e ternura. Essa esperança a pouco e pouco desvanecida, as relações dos dois esposos tinham-se fixado numa tolerancia amável e generosa da parte do Comendador, que satisfazia monetariamente todos os

caprichos e vaidades da mulher que entravam na sua escrita como despêsas próprias e da parte dela numa irritação contínua, que já passara as raias da indiferença para se aproximar dum sentimento de despeito, que por vezes se avizinhava do odio.

Tudo quanto representava para o marido uma ligação, embora tenue, com a terra donde viera como conquistador e dominador, tinha para ela o significado estranho dum insulto, que a maguava em sua propria carne, como a revolta inconsciente do sangue escravizado. Era na inconsciência dum sentimento inexplicável a mesma desconfiança contra esses *reinóis* de violência e de fôrça, que pizavam com orgulho a terra virgem, arrancando-a sem piedade a uma vaga posse de seres inferiores, batidos como fêras para os recessos das brutas florestas ou escravizados a uma civilização que não compreendiam nem lhes fazia falta. Na mansidão aparente do sangue dominado cacheava a revolta que em defesa do seu domínio o jesuita hábil, cosmopolita e interesseiro, soubera criar contra os que vinham, em fôrça dominante e impiedosa, mantendo o senhorio dessa terra que custara o sacrificio do seu próprio sangue, tão generosamente espalhado para que desse gesto magnifico de sagração pudesse sair em poder e em glória, o nome santificado da Pátria, que a raça engrandecia e alargava extraordinariamente por todo o mundo.

Decerto D. Flora não tinha a nitida compreensão do seu sentir, mal pensando até em explicar aquilo que lhe vinha congenitamente da sua própria estrutura moral.

Aquilo mesmo que Ihe parecia que devia ser considerado como gesto de generosa bondade, era no fundo o interesse pela fixação ao solo, que a fizera auxiliar o marido no apoio dado ao sobrinho, casado com o seu aprazimento, com uma das suas muitas sobrinhas espalhadas pelo Interior.

E era neste terreno tão próprio que a influência de Elvira pudera exercer-se como uma planta rasteira que se alastra pelo chão até encontrar tronco de arvore a que se enrosque, vivendo e subindo num parasitismo que dá a ilusão da força e do triunfo. Não era, igualmente, para causar estranheza, a quem psicológicamente estudasse a situação, a manifesta má vontade que Leonor, com grande surpresa, viera encontrar na tia. De principio não conhecera essa hostilidade latente, que atribulra à diferença de educação e de meio em que se tinham criado, mas a pouco e pouco ia compreendendo, não só a atitude tão simpática do tio, a sua amizade, o seu interesse, o carinho em que envolvia todas as suas gentilezas, como a hostilidade da tia e, envolventemente, dos que viviam mais ou menos na sua dependência.

Doía um pouco á delicadeza sensível do seu espirito muito recto, a atitude de desconfiança em que tinha de manter-se, mas, sustentada e até empurrada pelos seus próprios partidários, começava a entrar, com a galhardia dum combatente, na difícil tarefa dessa defesa espectral e continua.

O número dos seus amigos aumentava cada vez mais, formando um bloco de interes-

ses moraes e de relações que desorientava D. Flora, não podendo compreender como pudesse adquirir um tão grande prestigio essa moça sem fortuna e sem posição social :

«Decerto supunham que vinha para herdar do tio. Mas a isso se oporia ela, pois acima dos parentes do sangue está a espôsa à face da da lei e da igreja». — dizia enfurecida, verberando Napoleão Larguinho que era o bóde expiatório das suas raivas, mal sofreadas deante do marido. E nessa tarde em que ele a viera visitar na melhor das intenções, depois duma grande e cerrada acusação, apoiada por Elvira, que mais do que nunca a acompanhava, levá-ra-o á janela e mostrá-ra-lhe em baixo a gente que aguardava Leonor :

— Olhe para isto! . . . Me parece a minha chácara uma côrte dos milágres de toda essa tropa portuguesa . . .

— E que gente por aí aparece! E' um perigo! . . . — afirmava a outra.

— Me assusta, Senhor Napoleão, me cacê-teia ver todo o dia a minha propriedade invadida por êsses maltrapilhos . . .

— Não diga, D. Flora! A acção de D. Leonor é bela e exalta-a no coração de todos os portugueses . . . nós, os brasileiros, temos mesmo que a auxiliar e respeitar, nessa tão linda missão! . . .

— Qual missão, qual nada! . . . Tudo isso não passa duma fita . . . em que meu marido vai caíndo.

— Minha Senhora D. Flora, não diga tal! O amigo Comendador beneficia, mesmo, da situação moral que a sobrinha lhe está criando.

Dantes aceitavam-no pelo seu valor monetário, agora todos o respeitam e lhe dão uma consideração moral, que não gozava . . .

—Bôbices, bôbices . . . é o que é! Ela não faz mesmo nada! . . .

—Isso não! Eu sei quantos têm aqui vindo pedir protecção para se empregarem e com a recomendação de D. Leonor tem conseguido orientar-se . . . Às vezes, nestas coisas, basta a certeza moral de que alguém se interessa por nós . . .

—Vão ao consul que os recomende, é a sua obrigação.

—Não é obrigação consular, D. Elvira, mas que o fosse, isso bastava para não ter o mesmo significado. Só em doentes e infelizes repatriados, quanto não tem sido eficaz a acção moral de D. Leonor, que é atendida com verdadeiro carinho nas sociedades repatriadoras, tanto aqui como em Santos, como no Rio! . . . A gente oficial, nós todos, brasileiros, a devemos auxiliar, pois é nosso dever socorrer os que para a nossa terra veem e nela sofrem . . .

—Quem os manda vir?! . . . Ninguém precisa deles. O que aí falta é gentio de todo o mundo! . . .

—Os portugueses não podem ser igualados aos outros.

—Ora, ora! . . . Tudo é a mesma miséria a cubiçar o nosso oiro.

—Nossa Senhora! . . . Onde estaria o nosso oiro, o que seria a nossa riqueza sem o sacrificio continuo dessa gente?! O que seríamos nós sem a persistência providencial dessa boa raça portuguesa?! . . .

—Ah, o senhor também é dos tais brasileiros que adoram os estrangeiros e acha razão às «Casas» que só empregam os seus patricios?!...

—Vejo isso nas casas alemãs, nas francesas, nas inglesas, nas italianas... Pode ser que algumas portuguesas também tenham as suas razões para o fazer... Mas a verdade é que a maioria não o faz e os brasileiros são empregados como patricios.

—E também acha bem essa coisa que andam a fazer numa casa portuguesa para se juntarem todos a conspirarem contra nós e terem lá as suas escolas, os seus livros à parte?!...

—Decerto! A Colónia unida e patriótica melhor servirá o Brasil, que precisa bem desses elementos de defesa para se não desnacionalizar!...

—Precisa, precisa!... Do que nós precisamos era de não nos deixar roubar. —Veja essa história da liquidação do Banco que o Almeida está fazendo, e que é um roubo ao país...

—D. Flora, não diga! *Seu* Almeida é um homem sério! Essa liquidação faz-se honestamente e se ele ganha e nos faz ganhar é só por ser mais inteligente e mais trabalhador que os outros. O que se faz é lícito, ninguém tem que nos lançar em rosto.

—Logo vi que o Senhor também havia de entrar no negócio!...

—E o amigo Comendador também! É bom negócio, mas honesto, muito honesto!... Bem o devemos à inteligência do *Seu* Almeida e à coragem de D. Leonor que nos convenceu da verdade... E assim vamos tendo bom lucro!...

—A caridade bem ordenada! . . .—comentou Elvira azedamente.

—D. Flora, a senhora deve vir em si desses maus sentimentos, reconhecer os méritos da sua sobrinha e auxiliá-la na bela missão de que se encarregou. Era muito honroso para nossa Pátria . . .

—Não me amóle, *seu* Napoleão. Sabe que mais? . . . Quem é a dona desta casa sou eu. É para verem quem manda vou dar ordem para correrem com todos êsses mendigos que procuram D. Leonor . . .

—Cautela, D. Flora! . . . Olhe que me parece um gesto perigoso.

Mas enchendo-lhe a transbordar a medida da sua furia, Elvira irritava, insinuando a meia voz, como quem não desejava que a ouvisse:

—Então quem é aqui a dona da casa?! . . . Sim . . . Quem é a senhora?! . . .

—Não se trata de dona da casa. D. Leonor recebe todos que a procuram no seu compartimento particular, com autorização dos tios. Em que fica diminuída nisso a autoridade da senhora?! . . .

—Realmente é horrível esta invasão da chácara. Podem até contagiar o pessoal ou serem ladrões, que venham estudar a maneira de assaltar o palacete. Quem sabe lá quantos serão assassinos fugidos à justiça?! . . .

— Não é a D. Elvira portuguesa como D. Leonor e como o Comendador, que deverá lembrar essas coisas a D. Flora . . . — repreendeu o Napoleão . . .

Ela corou e respondeu irritada:

— É mesmo por ser portuguesa que tenho

autoridade para falar, pois o que é essa escória de imigrantes, bem o sabemos, o meu marido e eu!... Cantam agora os louvores a D. Leonor porque a exploram, amanhã serão os primeiros a guerreá-la e a caluniá-la... É um perigo, creia!... De resto, se a dona da casa não autoriza, quem a pode obrigar?!...

— Eu lhe mostrarei se é ou não com a dona da casa... — apostrofou D. Flora, salndo com violência.

— D. Elvira, me parece que a senhora faz mal, excitando D. Flora!...

— Eu só digo o que é de justiça e quando todos se põem ao lado da intrusa, que quer tomar o seu lugar criminosamente, é do meu dever estar ao lado de quem se mostrou sempre minha amiga e é a nossa verdadeira protectora.

E os olhos arredondavam-se em chama, num tal reflexo de ódio concentrado que, na sua bondade filosófica, o bom Napoleão ficou aterrado.

Nesse momento, da cosinha subiam as vozes irritadas de D. Flora que dava ordens à criadagem, junta na hora do café.

Logo a seguir saía quasi empurrada pela cosinheira, miserável, vexada, diante do ar escarinho das criadas affectas a D. Flora, uma pobre figura dolorida, que Napoleão Larginho reconheceu como sendo a infeliz D. Rosarinho!...

— Nossa Senhora!... O que terá feito aquela desgraçada para ser expulsa como um cão?!

— Naturalmente esperava também o bôdo

— comentou Elvira, escarninha. — Fazer generosidade á custa dos outros, não é muito sacrificio.

— D. Elvira, previno a senhora que seu caminho não é justo!... Todas as forças morais lhe são contrárias! D. Leonor faz tanta caridade, que Deus a protege por meio dos seus bons espíritos. Ainda hoje soube que há um mês sustenta de leite um pobre tuberculoso...

— Pois imagina que seja D. Leonor, que diariamente dá o leite ao português tuberculoso do «cortiço»? A Silvina vai lá levar-lho, vai, mas quem há de pagar?!... A casa, decerto!

— E que seja! Amigo Comendador é bastante rico para dar esmolas maiores...

— Mas que as dê em nome da sua senhora. Não vão as honras para estranhos!...

— Honra em fazer bem, é só para a consciência de cada um, não é para o mundo!

— Pois é isso que se não vê aqui! D. Flora dá muitas esmolas na igreja, socorre muitos pobres, pertence a todas as obras das sociedades: dos «Enxovais,» da «Cruz Vermelha,» das «Filhas de Maria...» e não precisa de tornar a sua casa o asilo da mendicidade...

— Cada um pratica o bem como entende e se todos o praticarem, cada um da sua fôrma, maior bem resulta.

— O senhor Napoleão concorda porque entrou no côro dos conquistados, mas se fosse em sua casa que ela metesse uma família de madeirenses a fazer cestos e cadeiras inúteis para ter pretexto de os abrigar enquanto não conseguiu embarcá-los, não ficava satisfeito!

— Esse foi um dos mais lindos casos que D. Leonor tratou! Eu também a ajudei, também comprei cadeiras . . . por sinal bem úteis.

— Com tais defensores não admira que seja uma força! — disse com um grande ar desdenhoso.

— Oiça D. Elvira: então a senhora acha mal que D. Leonor abrigasse uma pobre gente que dormia na rua desde que os guardas lhe proibiram que ficasse na barraca onde os operários guardam as ferramentas?! Uma pobre mulher quási a morrer de miséria, uma desgraçada família que para virem, enlevados nas promessas dos engajadores, tinham trocado a libras a sua casita, tudo quanto possuíam! . . . E aqui, sem trabalho e sem protecção, procuravam nas caixas do lixo qualquer coisa que inda se pudesse comer! . . . Era uma desgraça que como via toda a gente! . . . D. Leonor revelando-a a todos nós e remediando-a dentro das suas forças, foi uma verdadeira intérprete de Deus.

— Acabou-se! Esta foi a primeira! . . . — entrava dizendo D. Flora, ainda vibrante de cólera. — Não-de ser todos corridos. Se o jardineiro não cumprir as minhas ordens é ele o primeiro a ser posto na rua! . . .

— Mas o que foi, D. Flora, que exaltação?!

— Fui à cosinha e lá estava na ária, à espera da senhora . . . imaginem! . . . a D. Rosarinho, a quem tenho matado a fome e que já também vinha pedir protecção ao *Anjo da caridade!* . . . Corri com ela e dei ordem que ninguém mais aqui entre que não venha procurar-me, ou a alguém da minha casa.

—D. Flora, me parece que o amigo Comendador não vai ficar satisfeito . . .

— Que não fique! Tenho a lei e tenho a opinião pública a meu lado. Saberei defender-me nos jornais e toda a Capital saberá o que é a bondade dessa intrigante que vem, á sombra das leis imorais do seu país, para roubar os maridos de cada um! . . .

Napoleão Larguinho que não pudera nunca prever uma tal preversidade caluniosa sentiu-se cheio de força e de indignação e erguendo-se fixou Elvira, que instinctivamente recuára deante de imprudencia com que D. Flora lhe descobria o jogo.

—E' demais, senhora! E' demais! . . . Não desafie nem irrite as forças astrais que protegem D. Leonor!

E como se ele tambem fôsse tomado duma força superior, os seus olhos faiscavam, fitos no vacuø, os braços estendiam-se-lhe como a afastar inimigos invisiveis que se aproximavam e numa voz vibrante, uma voz que vinha de dentro, de muito longe, completamente diversa do seu costumado timbre e doçura, gritou:

—Para traz forças impuras, para traz! . . . Tudo se descobre no mundo com a graça de Deus! Há papeis que tudo explicam! . . . Papeis, papeis rasgados! . . . Miseria! Os maus serão confundidos, a justiça há-de triunfar! . . . Os mortos auxiliam os vivos! Os mortos descançam na justiça! . . .

E como se lhe faltasse uma vida estranha que o amparava e erguia em frente das duas mulheres aterradas, Napoleão Larguinho calu sobre um sofá e ficou imóvel, como em transe.

Aos gritos das duas entraram as criadas que ajudaram a chamar-lhe os sentidos, que parecia ter perdido.

*
* *
*

Ao sair pela porta da cosinhã, miseravel, vexada, deante das criadas... D. Rosarinho sentia-se afundar na sua dôr e desesperança e o peito mais se lhe arqueára num soluço, fazendo-lhe correr pelas faces lágrimas silenciosas.

Voltando para casa com os pequenos, que vinham sempre alegres e bem dispostos, Leonor esbarrou com a pobre senhora que se afastou murmurando uma desculpa... O seu aspecto era por tal fôrma doloroso nos trajos de velhas elegancias em trapos, que pela primeira vez Leonor reparou nela parando para a cumprimentar, depois dos pequenos, que abraçavam a velhinha, por quem tinham uma grande simpatia.

— Está doente D. Rosarinho? . . . — perguntou compungida.

— Oh, não, não . . . — E as lágrimas contidas a custo correram-lhe em fio pelas faces pálidas, duma palidez baça de leve mestiçagem, que em novas dá uma graça e um interesse especial ás linhas delicadas do rosto de algumas sinhásinhas . . .

— Doente não estou. Muito triste, muito desolada, mais me valera morrer . . .

E como o choro redobrava debulhando-se em lágrimas como uma criança mimosa, Leo-

nor não a quiz deixar sair logo pelo portão principal que ia dar á Avenida e com boas palavras a acompanhou ao caramanchão do fundo da chacara onde a fez assentar e a consolou com dôces palavras.

— Socegue D. Rosarinho. Conte-me as suas máguas, que algum remedio se lhe há-de dar! Ora pois, meu tio, ficaria muito incomodado se alguem salsse nesse desgosto da sua própria casa.

— Ah, seu tio, seu tio! . . . Se ele soubesse o que se passa havia de ter muito desgosto, havia! . . .

Sentindo-se animada a escutada, D. Rosarinho contou tudo, toda a sua longa vida de triunfos, de esperanças, de desilusões e privações.

Todas estas existencias que Leonor vinha apanhar na vida, truncadas e baralhadas, chocado-se dolorosamente no embate duma sociedade forte que irrompe tumultuosa e impiedosa da propria terra, despertavam-lhe um grande interesse.

Cada dia era um aspecto novo da vida: cada dia a luta se lhe apresentava mais formidável e complexa, como uma revelação de todo o esforço passado, que se purificava e exaltava a seus olhos.

E ouvia, ouvia com atenção o longo narrar que entre saluços D. Rosarinho ia fazendo no seu português creoulo duma doçura languida em bocas de mulheres.

Foi assim que ela soube que Rosarinho era filha dum português e duma brasileira e que fôra criada com todo o recato e mimo. O pai

viera de Portugal e empregára-se no Comercio, numa cidade do Estado de Santa Catarina e casando com uma bôa herdeira afastára-se do comercio por se sentir com mais queda para a grande vida larga e livre de fazendeiro.

— Oh, Papai era muito rico, muito rico, tinha criação, muitas fazendas — gemia a velhinha esmagando-se na sua desgraça. — E eu me sentia leliz no meio dessa gente tão bôa e que me queria tantol . . .

«De anos a anos nós iamós todos ao Rio de Janeiro e Mamãe se sentia viver porque seu desejo era me vêr casada com um homem de posição. Veio a revolução, veio a guerra e pela fazenda passava muita tropa, muito soldado. Papai conhecia seu Maréchal Deodoro e recebia muito bem os soldados do Governo . . . Um dia vinha um moço em diligencia, era tambem português, Papai descobriu que era filho dum amigo do Rio.

«Era muito prosa, muito bem apêsoado e contava feitos da sua primeira campanha, era ainda um moço cheio de esperanças e de ambições, vencedor glorioso no Paraguay . . .»

Rosarinho entusiasmára-se com o oficial e elle ficára perdido pelos olhos de Rosarinho. E uma bela noite, sabendo que o velho português cabeçudo a destinava a um sobrinho que mandára vir da terra, partiu á frente das suas tropas levando a menina disfarçada de gaúcho, num cavalo junto do seu.

Enchia-lhes a cabeça o exemplo ainda recente de Anita Garibaldi, acompanhando como heroína dos tempos passados a gloria do grande General-Condotieri . . .

Protegidos pela velha ama de c6r, auxiliados pelo pessoal, bem esportulado, da Fazenda, e sob a tolerancia amargurada e romantica da m6e, que esperava obter para 6les, mais tarde, o perd6o paterno, o seu casamento fez-se no meio do campo, com o testemunho entusiastico da guerrilha, comovida perante a solenidade com que o padre traçara o gesto de benç6o sobre as suas cabeças inclinadas, numa pr6ce de humildade e de am6r.

Mas o perd6o do velho Fazendeiro n6o veio nunca e a m6e, proibida de comunicar com a filha, vivendo no desprezo do senhor, n6o resistiu 6 sua propria miseria e morreu pouco depois.

O velho, intrat6vel e f6ro mais se fechou em si proprio, dando a filha por morta e passando a Fazenda ao sobrinho. Este n6o quis mesmo saber da existencia da prima, que na sua infantilidade, m6e aos 16 anos duma criançã que era o seu maior enlevo, tambem n6o pensou mais em procurar reatar a vida com o passado.

E vivera os anos felizes da sua mocidade acompanhando o marido no brilho da sua vida publica, bem accite pela sua fidelidade ao novo regimen. Dinheiro n6o havia mais do que o necessario para passarem 6 farta na existencia que lhes agradava. De principio o futuro n6o entrava em linha de conta nos seus calculos, mas aquele que f6ra outrora um oficial valente da grande guerra do Paraguay e contava a sua campanha gloriosa vindo com os seus homens atrav6s de Mato Grosso, cortando rios, subindo montanhas agrestes, rompendo florestas e matos . . . dizia 6 mulher, apontando-lhe o pequeno

cofre de ferro onde guardava os papeis preciosos: «que nunca perdesse o documento de posse do terreno que demarcara na foz dum grande rio, que se juntava em cachoeira com outro que vinha de S. Paulo. Era a extrema dos dois Estados, um sitio de maravilha através da mais bela floresta, abrindo-se numa clareira onde a agua se dividia em quatro lagôas cheias de vida a palpar na mais abundante pescaria...»

Durante dias ali vivera em repouso com os seus homens encontrando alimento de sobejo na caça, na pesca e nas arvores avergadas ao peso dos frutos. Alguns indios mansuetos passavam em tribus ou desciam o rio, acolhendo-os sem desconfiança e acamaradando na troca de produtos.

Custara-lhe a arrancar dali os seus homens, que já pensavam no futuro duma grande povoação. Fôra o dever que o afastara tambem, retirando daquele paraizo, que bem limitado e demarcado fôra logo registrar ao chegar ao Rio.

Depois desses dias fortes de luta e de triunfo a vida precipitara-se de tal forma, que não mais lhe dera ensejo de voltar, conservando sempre o sonho do seu grande dominio e repetindo á mulher até no ultimo delirio da morte: que se não desapossasse do titulo que lhe garantia a fortuna para si e para o filho! . . .—arrependido e mortificado pela miseria em que os deixava.

Recordando as boas palavras carinhosas do marido D. Rosarinho chorava sem consolação sob os olhos compadecidos de Leonor e o espanto dos pequenos, que não a tinham visto nunca sob esse aspecto tragico.

Num crescendo de mágua narrou a morte

do marido e com ela a decadencia da sua casa, depois a morte tragica do filho, quando já na Escola de Guerra, apunhalado por um *capanga* quando sorria para uma linda moça, que o requestava.

E o documento de posse dos terrenos nunca a abandonara e apesar de todas as suas privações não o cedera em vida do filho para que ele mais tarde reclamasse a posse do dominio e ficasse rico e Senhor do seu Estado, como tinha direito.

Quando ele lhe faltara viu-se a braços com a miseria. Sem coragem para morrer resolvera ir procurar conhecer e tomar posse do que lhe pertencia para depois poder negociar o direito. Vendeu as ultimas joias, vendeu tudo que tinha para a viagem até S. Paulo, mas quando soube que os terrenos demarcados eram a uns poucos de dias de viagem através da floresta, depois da ultima estação, dirigindo-se para o sertão do Mato Grosso, caíra-lhe o coração aos pés. Que fazer, sósinha e impotente, deante da vida tão grande e tão hostil?!...

Pensara em vender o terreno, não pedia muito, coisa que lhe desse para viver os ultimos anos de existencia, cinco, dez contos, fosse o que fosse.

Mas a sua desgraça não lhe deparava quem a quizesse auxiliar, ao menos por dó!...

Leonor começava a Interessar-se pela história, que de principio ia ouvindo, por simples piedade.

— Mas não teve nunca quem lhe quizesse comprar a posse?!...

— Uma vez um moço português me quiz

comprar o direito. E comprava, sim, mas quiz ir ver primeiro. Arranjou um camarada e foram a cavalo... Mas perderam o trilho, andaram, andaram para traz e para diante, quatro dias e quatro noites pela floresta sem ver ninguem, até que chegaram ao mesmo lugar! Quando se viu livre daquela não quiz voltar.

Se Leonor se quizesse certificar esse moço ainda vivia, era engenheiro director da fábrica electrica, «muito considerado, Seu Bernardo de Magalhães, um moço de muito futuro...»

«D. Flora que já lhe dera algum dinheiro por conta do dominio, desde que vira voltar *seu* Bernardo nunca mais quizera ouvir falar em tal e chamava-a *de* intrujona, reclamando o que já lhe dera por conta...»

— Tão pouquinho!... Um conto de reis apenas, aos poucos, para ir comendo!...

E nesse momento, a tragédia chegava quasi ao burlesco, de tal maneira a pobre mulher se encolhia e esmagava na vergonha de passar por caloteira...

Leonor sentia a dôr da desgraça alheia e ao mesmo tempo o seu ridiculo, que sempre de perlo a acompanha.

Consolou a pobre, prometendo-lhe o interesse que ela ia procurar nessa tarde, ouvindo os louvores que todos lhe teciam!... «Mal imaginava a boa D. Josefina Amorim, que a aconselhara a procurar Leonor, como fôra mal sucedida, desafiando a ira de D. Flora!...»

Levantando-a do seu abatimento Leonor tirou algumas notas da carteira e prometeu que iria no dia seguinte a casa de D. Josefina, estivesse ela lá com o documento. Talvez conse-

guisse alguma coisa, pedindo ao tio e aos seus amigos.

A pobre parou de chorar, ergueu os olhos, pôs as mãos trémulas e não teve palavras para agradecer. Já fóra da porta, onde os pequenos compungidos, sem bem compreenderem do que se tratava, a acompanhavam com Leonor, teve um sorriso de esperança que iluminou o carinhoso adeus e lhe deu uma estranha graça na espiritualidade vaga de velha coisa acabada . . .

De Leonor da Fonseca
a Regina de Albuquerque

A tua carta chegada hoje, com treze dias de viagem ao Rio e mais dois até esta cidade, dá-me a impressão da frescura de uma janela aberta para o grande horizonte; enche-me o coração de sol, do doce e claro sol da nossa terra, e reconforta-me o espírito.

Com tão pequena distância material a separar-nos em face do tempo, parece, querida Regina, que entre as nossas pessoas físicas se ergue o impossível de dois planetas que descrevem uma linha paralela no infinito e nunca se encontrarão no espaço.

Sou ainda e — apesar de tudo quanto os *aclimatados* me profetizam — parece-me que serei sempre uma desenraizada. Sou-o, mais ainda do que devia ser — confesso! — em face das circunstâncias e das pessoas que me rodeiam; mas estas coisas sentimentais e psicológicas não se passam conforme a lógica e o raciocínio e são determinadas por factores de character tão intimo e tão subtil, que é inutil a discussão sobre os factos resultantes.

De mês a mês, apesar dos interesses que a minha vontade vai criando e da soma de assuntos e de pessoas, que dia a dia se vêm emaranhando em volta de mim, como uma teia de fios tenuíssimos que me prendem... — enquanto não fizer um gesto de violência que os rompa — a impossibilidade de aclimação, em que cheguei a pensar e que tanto temias, vai-se acentuando. Sinto que as raízes fundas do meu ser mergulham lá ao longe, nessa terra que é a do meu sangue, nessa terra que é a da minha raça.

Logo de manhã, ao chegar o *jornalista* (que é a maneira pitoresca como as criadas chamam o distribuidor dos jornais) procuro nos telegramas as notícias de Portugal — e como elas são, quasi sempre, desoladoras e impiedosas, para quem tão ansiosamente as espera cá fóra, — essas notícias que daí caprichosamente enviam; numa inconsciência de ignorantes ou numa perversidade inconcebível... Crimes vulgares, desastres, ninharias, politiquices sem elevação, movimentos sem grandeza, paixões comesinhas que não deviam passar os limites dumas fronteiras muito apertadas; nada que nos console, nada que justifique no presente o orgulho espantoso da raça, com os olhos no passado!...

O que vale para a consolação no exílio é a correspondência particular, que recebemos e comunicamos uns aos outros numa grande té misteriosa, de quasi conspiração!... Tudo quanto de mau vem nos jornais, nós, os lusíadas, o negamos convictamente, apelando para a correspondência afectuosa das famílias e dos ami-

gos, às vezes até—Deus nos perdôel... — mentindo em nome dos interesses da Pátria.

Quanta verdade psicológica encontro hoje naquela frase de Antero: «não devemos escrever para o público senão quando tenhamos a confiar-lhe algumas palavras boas e de confiança...» E se isto é para o público, para o grande público indiferente, com muita mais razão o devemos aplicar e explicar a todos os que daí escrevem para os exilados! Ainda há dias um velho português, desses que já não sabem a conta dos anos que estão aqui, me dizia com um tal fundo de raiva amargurada que me confrangeu:

— Agora acabou-se! já nem sei se tive outra terra!... Ao princípio escrevia, enquanto a velhota foi viva... depois, as notícias de lá eram sempre tão más, tantas desgraças, tantos lutos, tantos transtornos, que deixei de escrever para não ter mais desgostos!...—

No fundo do seu egoísmo, que nos parece revoltante à primeira vista, o velhote tem razão! Um país de emigrantes necessita de criar uma arte para escrever aos ausentes.

«Esta semana, o correio só me trouxe boas notícias! Comecei por abrir a tua carta que além das costumadas expressões da tua grande amizade, que é o maior, o mais seguro e santo refúgio do meu coração, me deu o prazer das sugestivas frases com que descreves a tua última visita á Batalha.

—Disse-te, no meu postal:—vou, amanhã, ver a Batalha e depois te escreverei, contando-te as minhas impressões. Contar-te as minhas impressões! como se eu pudesse, querida; des-

crever, por mais palidamente que fôsse, o que senti, ontem ao avistar os curuchêus do Mosteiro, e a profunda comoção, a intensa veneração, com que transpuz o pórtico! Não, querida Leonor, nunca te poderei dizer o que senti, o que foram essas horas ali vividas. Só te direi que há muito tempo que não sinto tão profundo abalo. E durante toda a noite ante os meus olhos, passou e repassou o magnífico Mosteiro, e o meu coração permaneceu numa extraordinária vibração. Não mais esquecerei o dia de ontem.—

E através do êxtasi da tua alma de artista e de patriota, também eu, Regina, percorri em saúdade êsse templo que a luz da nossa terra faz transparente, leve e rosado como um sonho de poesia. Contigo, quedei-me nessas admiráveis capelas imperfeitas, que perfeitas ficaram por o serem, pois à sua elegância e graça em aspiração para o infinito só cabia como cúpula o azul do céu de Portugal... E toda a história maravilhosa do grande período da raça passou numa evocação de glória pelos meus olhos!...

Santo Deus! Estou até a sentir-me ridícula no sentimento e na saúdade que qualquer frase me vem despertar!

Mas ouve: além da tua querida e evocadora carta, recebi uma da nossa linda Ritinha, escrita com a necessária autorização do Miguel, dando-me parte da ânsiada alegria com que esperava os pais dele que iam, finalmente, pedir a sua mão. Adorável e querida Ritinha, como ela se sente feliz com o triunfo que o seu amor deve à incansável paciência com que suportou todas as provas porque a fizeram passar

aqueles bons velhos, quási santos no seu egoísmo, que nada julga nem vê, nem sente, senão através do interesse da felicidade que — deshumanamente, quási! — procuram para o filho!

Encantadora Ritinha, como a admiro e me sinto feliz por a ver tão absorvida na realização do unico e exclusivo interesse que soube, até aqui, encontrar na vida! O Miguel juntou á perfumada e ingenua cartinha da noiva, umas palavras de tão profunda e fraterna estima, que me deram uma enorme alegria na certeza de que reencontrei nele a velha e confiante amizade que fez a doçura do nosso convívio de infancia. O pensamento de que eles vão guardar na Rebordosa o cantinho afofado e amigo onde terei sempre um lugar áparte, e nos filhos uns queridos sobrinhos que muito me encherão os dias de isolamento que porventura venha a trazer-me a velhice, dá-me uma sensação de paz e de conforto, que nem calculas! Quero que lhes digas, querida Regina, em suplemento á carta que lhes acabo de escrever, toda a ternura com que daqui acompanho o seu enlevo. E tu, minha Regina, não te enfasties muito com o fatal ridiculo da sua crise de noivado. As tuas frases de comentário fizeram-me sorrir e não me sobressaltam porque sei quanto és boa e como sabes respeitar nos outros a felicidade que te não souberam dar, apesar de a mereceres como ninguém, generosa amiga que és!

Para a minha satisfação sêr esta semana mais completa vinha tambem entre as cartas, jornais e revistas, que daí me enviam os nossos amigos, uma grande e interessante carta de

Marta de Menezes. Apesar de quanto me queres provar que os assuntos que tanto nos interessam nenhuma significação teem para o teu espirito, deixa-me afirmar-te, mais uma vez, que não acredito e só aceito a tua opposição por um desejo de seres convencida, embora o não queiras confessar. . . Porque, de todas nós, afinal de contas, és tu uma das que primeiro pôs em pratica as aspirações feministas, conquistando a tua liberdade de acção e sendo uma mulher absolutamente moderna no sentido de defenderes a perleita autonomia do teu ser consciente. Na sua carta, que é uma excelente pagina de sociologia, a Marta informa-me de quanto se trabalha na Europa pela emancipação economica da mulher, que é, para ela e para mim, o que verdadeiramente impulsiona todos os movimentos humanos. Os belos sentimentos, liberdade, justiça, revolta, direito . . . só a *élite* os comprehende, porque para ela ha um sentimento que é superior ás necessidades materiais: o orgulho do proprio valor, a consciencia da justiça, que individualmente lhe é feita.

A Marta não é uma entusiasta como eu,— talvez porque já tem mais anos de sofrimento e de luta — nem uma descrente, como tu dizes que és.

Formou um plano completo, pôs no triunfo da sua ideia toda a tenacidade e intelligencia enorme que ninguem lhe contesta, e com uma vontade e energia firme caminha com segurança sem dar ouvidos aos adversários, sem esperar reconhecimentos, indifferente ás pessoas e só atendendo aos factos.

E' uma das maiores satisfações da minha

vida o ter-lhe merecido a confiança e simpatia que me tem provado, apesar de tu me queres convencer que é uma amizade de proselitismo, mais do que affecto sincero. E que seja!.. No seu claro espirito encontrei satisfação e equilibrio para as minhas ideias e revoltas instintivas e isso é suficiente para manter a comunhão espiritual que me satisfaz.

Combatendo o desanimo que a minha carta, parece, ter-lhe acusado, diz-me:—Não colheremos o beneficio da nossa propaganda?.. Que nos importa? O melhor momento, o unico consolador e grande, das ideias em marcha é quando são apenas aspiração e combate, é quando pertencem na sua beleza ideal ás *élites* que as compreendem e as sentem antes de serem banalizadas pelas maiorias interesseiras, que só dela aproveitam o que se harmoniza com a sua inferioridade. Digamos sempre o que devemos dizer, sem nos importar até onde vai a nossa palavra, essa força que uma vez lançada já não é possível destruir. O semeador não sabe nunca o que será o fruto do seu lindo e fecundo gesto. E ás vezes é na peor terra que germina e se produz a bôa semente.—

Tudo quanto ela me diz sinto que é a voz da razão a impôr-se na dedução algébrica do raciocinio; mas o que faremos se nem sequer nos deixarem esboçar esse lindo e largo gesto de semear?!. . .

No «Lusitano» posso escrever o que quizer porque o meu querido amigo Felisberto Lopes não pôs condições á minha colaboração. Mas para qué a colaboração social nessa pobre folha, lida só pela Colonia e na qual acima de todos os

interesses deve pôr o supremo interesse da Pátria e da raça portuguesa ?!

De principio, ainda por lusitanismo e a pedido do Dr. Silvio de Mascarenhas, que continua a ser sempre o melhor amigo da Colonia Portuguesa e o mais apaixonado lusofilo, pondo toda a sua paixão de republicano, na defeza das leis da nossa Republica, escrevi os artigos que te mandei sobre a lei do divorcio, sua necessidade imediata, sua applicação e consequencias futuras.

Pois esses inofensivos artigos caíram como chuva de granizo nas almas ingenuas dos meus leitores e estragaram muita da boa semente lusitana que já nelas germinava . . . O próprio tio, que é, como te tenho descrito, bastante inteligente e libertado de certos preconceitos, mostrando-se cada vez mais meu amigo e bem disposto a aceitar as ideias e os costumes novos, ao chegar o primeiro artigo ficou apavorado, por tal forma lhe falaram nêle certos elementos ponderados e considerados da Colonia e em especial o Comendador Vieira, que reclama para si o papel de mentor e deseja sempre aparentar de mediano entre as ideias velhas e as novas aspirações da colonia.

Depois de lêr o artigo e de eu lhe dar razões, apresentando factos e argumentos, o Tio disse-me simplesmente:

— Está bem, acho justo tudo quanto diz. A menina sabe que eu não quero impôr-lhe em coisa alguma e minha vontade e o meu criterio, mas se os seus artigos fôsem de qualquer fórma improprios duma senhora, pedia-lhe para não continuar, em atenção á minha situação dentro

da Colonia e na sociedade deste hospitaleiro país. Pelo que li hoje a sua maneira de expôr a questão é digna e nobre e assim torna-se até educativa.

E disse-me isto no gabinete onde entrei com os pequenos para procurar um livro e pôr flôres novas na linda jarra «Galé» que lhe fiz comprar para substituir um pavor do gosto, que sobre ela encontrei.

Agradei e fiquei, realmente, satisfeita, pois a sua opinião é a unica que me interessa entre o nucleo dos intimos da familia excluindo, é claro, o meu caro Napoleão Larginho!

Uma coisa, porém, me preocupa; é que de dia para dia vejo envelhecer e entristecer o meu simpatico tio.

Aquela segurança e bom humor de homem feliz nos negocios, sempre de relógio na mão a marcar «que o tempo é dinheiro» desapareceu para dar lugar a uma gravidade melancolica, que me comove. Não sei porquê, mas julgo que entro em muito nas preocupações do seu espirito.

Nem já se ri e esfrega as mãos satisfeito com os negocios que se resolvem todos em torrentes de dinheiro a entrar para a «Casa». A liquidação do Banco de «Construções e Reservas» de que te falei, vai seguindo nas melhores condições e por ela, sem dar por isso, só por um simples gesto de confiança vou ser já *um pouco* uma nova rica. E digo *um pouco* por modéstia, em comparação com as fortunas estonteadoras que rolam ante os nossos olhos, como uma vertigem de jogo.

Queres querer que me sinto tão preocupada

e tão desgostosa com o mau aspecto físico e moral do tio, como se na verdade se tratasse dum pai?! E' que me afeiçoei tão sinceramente a este velho parente, que entrou na minha vida sentimental duma fôrma tão estranha, que é elle quem verdadeiramente hoje me prende aqui, pois a propria liquidação final dos negocios licariam bem entregues ao Almeida e ao Angelino.

Quem, cada vez menos, se conforma com a minha existencia e se irrita com a manifesta simpatia que o tio me dedica é a Senhora D. Flora. E muito menos a sua alma danada, aquella Elvira, que tão servil e humilde se mostrava em tempo da Tia Barbara e tão carregada de odios e invejas, tão insolente se apresenta agora, supondo que a mudança material de posição a póde elevar aos meus olhos! Com o seu marido guarda-livros e futuro socio da Casa Marques Araujo & C.^a, com o seu palacete numa avenida excentrica da cidade, com os seus chapéus, as suas plumas, os seus vestidos, as suas joias, é muito menos, para mim do que no tempo em que a julgava uma bóa e honesta rapariga, recebendo no convivio da madrinha qualquer coisa de intelectual e aristocratico, que a tornaram uma dama de companhia apresentável, apesar da sua baixa e desmoralizada origem: o pai acusado de várias falcatruas antes de pôr a tenda, que é hoje o pretexto da sua riqueza; a mãe vivendo á revelia no Porto . . . , mulher *à toa* como aqui dizem pitorescamente.

As duas amigas, com o Espírito-Santo desta antipática Irindade, a D. Dadá, perdem a cabeça na impotência do seu ódio contra mim, pois,

mais do que eu própria os meus amigos me defendem.

Ainda te não fiz a descrição fiel de D. Dadá, mas se te disser, minha querida Regina, que é a D. Policarpa Rodrigues daqui, já a ficas conhecendo. É a mesma aparente virtude que se mostra espartilhada e hostil, as mesmas boquinhas torcidas, os mesmos olhos a revirarem-se diante dos *homens de consideração*, o mesmo pó de arroz em camadas a mascarar as manchas amareladas da bilis mal segregada por um fígado empedrado, as mesmas rugas a acusarem a certidão de idade, a mesma língua envenenada, a mesma perspicacia em descobrir a maldade em todos os actos e todas as palavras alheias.

Fazes lá ideia do que ela conta de toda a gente da cidade, mais do que da cidade do Estado, mais do que do Estado, de todos os Estados, do país inteiro, alastrando em ramificações pelo mundo!...

D. Dadá é uma das más heranças da Colónia, que o Imperio adoptou e a Republica mantém como monumento nacional. Tenho a certeza que veio como coscovilheira na comitiva de D. Maria I, com a caixa de rapé do Padre Teotónio de Almeida e os merinaques da rainha doida. Decerto comentou com azedume os desmandos plebeus da côrte de Carlota Joaquina... E daí talvez não! D. Dadá é muito coronel disciplinador para criticar os que lhe estão hieraticamente superiores. Oh, a odiosa D. Dadá, como sinceramente a detesto pelo que é e, sobre tudo, pela semelhança moral com D. Policarpa Rodrigues, que conseguiu esta coisa infame: fazer do seu proprio telefone um soalheiro onde todas as

reputações e todas as intenções eram desvirtuadas... em nome da disciplina e da moralidade! Eu consigo irrita-la não lhe dizendo nada, que é o peor que se lhe pôde fazer, porque fica sem valvula para extravasar a bilis.

Ontem depois de jantar, á hora rapida do pôr do sol, que se afundara numa grande fulguração de luz, enquanto o café nos era servido no terraço, D. Flora, que era atenciosamente ouvida pelos amigos da casa e apoiada pelas duas, provocou uma discussão sobre a questão do divorcio, alcunhando de imoraes os que o defendem. Essa discussão, que para nós já não tem sentido, na bôca delas nem sequer me interessa. Deixando-a falar á vontade, afastei-me com os pequenos para o extremo da varanda, a vermos centenas de borboletas brancas, como bocadinhos de papel de seda a fluctuar no espaço, batendo estonteadas no grande globo electrico, que ilumina a entrada e o jardim. Os pequenos divertiam-se muito, especialmente com o meu interesse, que é para eles a maior recomendação para o seu proprio. E de facto prendeu-me um bocado a atenção o ver tantas e tantas centenas de vidas em volta duma luz, para nós artificial e banal, tombando na morte gloriosa de um sonho inutil!... Olhando esses pedacinhos de papel de seda que chegam a ser nuvens e a tapar a claridade do reflector, e que de manhã não são mais do que lama asquerosa no chão pisado, liguei ao destino humano a ideia simbolica e tive desgosto da vida... Mas não te vás rir da minha sensibilidade e filosofia de trazer por casa e deixa-me continuar a contar-te o caso burlesco.

O tio, naturalmente cansado de aturar o grupo, convidou os parceiros para uma partida de bilhar, deixando ficar como unico interlocutor o Comendador Vieira, que de acordo com elas trazia um bem estudado e paternal discurso para me fazer compreender como certas ideias são mal aceites nesta sociedade...

Senti-os vexados pela minha indiferença e pelas inconscientes gargalhadas dos pequenos, que são os melhores amigos e constantes companheiros que tenho em casa, o que não lhes é muito proveitoso, porque a tia está cada vez mais irritada com as suas criancices, falando a cada passo em apelar para a autoridade da mãe e desobrigar-se da responsabilidade de aturar filhos alheios... Mas isto é só dito quando o tio não está, pois tendo sido a «casa» encarregada de dirigir a educação das crianças, as coisas fazem-se aqui um pouco comercialmente... Pelo grupo que a semana passada te mandei terás visto como os dois irmãositos são encantadores e que ar de ternura teem comigo. Pobres pequenos! Podes crêr que já não saberia viver sem eles, principalmente aqui onde me sinto, apesar de tudo, tão só?! Como te disse, a mãe tornou a casar e vai tratando da sua nova familia, mas estes teem a especial protecção do Tio Felisberto e tenho a certeza que não lhes faltará nada para o futuro. Adentro desta casa, onde me sustenta a vontade imperiosa do dono, conto só com a dedicação da minha bôa Silvina e a do velho jardineiro, o Venancio, uma potencia na familia, que a propria D. Flora respeita, não se atrevendo a contraria-lo nem a discutir as ordens que ele dá na horta, na estufa e no jardim.

onde se julga o senhor, na absoluta confiança do patrão.

Entra os casos originaes da nossa emigração para o Brasil, este Venancio representa um dos mais interessantes que conheço. Da mesma terra veio com o tio, emigrante clandestino a escapar-se ao serviço militar. Desde que os dois se encontraram isolados na turba-multa dos imigrantes de todos os paizes, uma imperiosa necessidade de defesa e uma grande comunidade de saudosa ternura pela velha terra, que lhes ficava para traz, ligou-os numa tão forte amizade, que não houve sobresalto nem diferenças sociaes que fossem capaz de a destruir. Chegados ao Brasil cada qual foi remando conforme a maré. Enquanto para o tio, já letrado, com recomendações do cunhado e duma grande intelligencia e faculdade de adaptação, o triumpho foi relativamente facil, o Venancio apenas conseguiu viver fiado naquela simples e inacta honestidade, que é uma das forças da nossa colonia.

Quando as condições economicas o permitiram o tio foi buscar o Venancio ao cultivo das chacaras dos suburbios do Rio, onde ganhava regularmente a vida sem grandes ambições e levou-o para casa. Mais tarde quando foi a Portugal visitar pela primeira vez a terra e a familia, quis o Venancio acompanha-lo, mas quando tudo estava preparado para a viagem recebeu a noticia da morte da velha mãe, que passara os ultimos anos numa relativa abastança mercê da mesada que em nome do filho o tio lhe mandava entregar. Tanto bastou para desistir da viagem e não querer ir mais a Portugal! Toda a sua vida affectiva se resumiu depois disso na de-

dicação pelo patrão, que é—pode bem dizer-se— a concentração de todo o seu interesse pela vida.

Houve um tempo em que a harmonia entre os dois esteve a romper-se . . . Ioi quando o tio, homem já bem estabelecido na vida, em plena força da sua mocidade triunfante resolveu casar com a Sinhásinha galante, que é hoje a imponente Sra. D. Flora. Filha dum fazendeiro atrapalhado nos negocios por motivo de baixa de café e desporporção nas despesas de familia, a pequena era uma atraente compensação e um agradável penhor ao capital emprestado. Pelo que posso depreender do que hoje é, e dos retratos que orgulhosamente exhibe na sala, a sinhásinha Flora devia ter nesse tempo todo o interesse duma alma embrionaria e o encanto duns olhos de misterio, acusando vagamente a existencia inquietante do sangue vencido e escravizado em revolta. Deveria ser, na verdade, um belo fruto do mato; mas para o Venancio, rudemente saído da velha terra lusitana, esses frutos, dum sabor acre e pronunciadamente resinoso, não servem para o paladar de gente fina . . .

Pelo que ele proprio me conta, falou rudemente ao patrão e exproboou-lhe a traição á raça, pois já então devia dizer como ainda hoje diz, em estribilho:—mulheres para portugueses, estão em Portugal! . . .

—E é por isso—diz-me com muita convicção—que eu, não podendo ir buscar uma mulher lá á nossa terra antes quiz ficar só toda a vida! . . .

«O tio estava enfeitado—diz ele—e ria-se quando lhe exprobava o ir casar com uma bo-

neca de engonços, que nada sabia fazer senão dormir ao sol pelas varandas da casa, como uma gatinha de luxo.

Esse riso, que scandalizava o Venancio, era bem natural no homem de acção e de força, a quem a fortuna favorecera, e sentia um grande orgulho satisfeito porque a mulher amada lhe vinha para os braços, inutil e sem dote, para melhor afirmar a sua superioridade de senhor.

Perante a inutilidade das suas razões, o Venancio foi-se embora de casa e não quis assistir às bodas.

Algum tempo depois de casado o tio procurou-o na cidade proxima, onde se empregara, e trouxe-o para casa, apesar de toda a sua opposição e protestos.

E D. Flora teve de aceitar na sua intimidade, como um guarda vigilante e desconfiado, aquele que mais contrariara o seu casamento, nada pesando no espirito do marido quanto pudera imaginar contra o velho servo e fiel companheiro de exilio.

E' que o tio, na sua aparente bonomia e brandura é duma tempera que não verga. Vestidos, joias, casa, luxo, consideração social, tudo quanto representa bem estar material, se bem o prometeu melhor o dá, mas aquilo que podia satisfazê-la, como senhora do seu destino, isso, acho que nunca o conseguiu.

Mesmo no principio, quando a adorava como idolo, que materialmente o prendera, as suas almas conservaram-se estranhas, hostis e irreductiveis.

No entanto, querida Regina, os meus tios passam aqui por ser um dos raros casamentos

modelares... Se amanhã houvesse qualquer desinteligencia entre eles, toda esta gente me acusaria a mim de a causar!... E' o proposito odioso em que elas me querem envolver—bem as percebo!

O Venancio é que se não importa com coisa alguma que possam dizer ou pensar e, desde que cheguei, não faz senão repetir, mascando as palavras na sua bôca sem dentes:—Han, han!... Não dizia eu?!... Mulheres para portugueses... há-as em Portugal.

O não haver filhos no casal foi para o tio um fundo desgosto e para o Venancio a confirmação das suas prevenções visto que nenhuma duvida punha em que a falta fosse da mulher e não do homem.

Tu não calculas a ternura, a verdadeira devoção com que este velho original se prendeu a mim! As melhores frutas, as mais lindas flores da chacara são para me dar, não permitindo que ninguem thas tire, nem sequer D. Flora! Confesso-te que chego a recear que dê aso a que ela cometa alguma violencia no seu justo agastamento, porque de facto, é a dona da casa!... Mas vai lá dizer-lho! a sua psicologia é perfeitamente igual à de qualquer rude companheiro de Estacio de Sá, servo da familia, aforado ao sangue, quando desenraizado da terra!

Para ele, a senhora sou eu!... A outra não tem direitos que vão além do capricho do seu senhor, demais a mais sem ter tido filhos...

Este sentimento que o velho Venancio me dedica tão exclusivamente, comove-me, sabes? Vejo nele o ultimo e resistente fio que o prende

à terra enraizadora do passado. Já na curva descendente da vida, quando o corpo só lhe pede repouso, a alma ancestral da raça recua e apavora-se, mantendo-se estrangeira na terra em que não conseguiu mergulhar e firmar o raizame, que se não desembaraçou do torrão natal.

Quanto gosta que vá sentar-me com os pequenos—quando está com o ajudante a escolher sementes e bolbos—a ouvi-lo recordar os anos de garoto lá na aldeia, a liberdade e a alegria desses bons tempos, as correrias pela margem do ribeira a espreitar as rãs e os ninhos... que a tia Barbara não consentia que se apanhassem! Aquilo era uma tentação, mas se algum garoto da aldeia o fizesse, veria!... Apanhava uma sova dos pais, que não queriam perder as boas graças da senhora morgada.

Pregunta-me noticias da casa das Penices, recorda a finura aristocratica da tia Barbara, sustentando com o seu carinho, com os seus conselhos e com o seu dinheiro a população do fugar... «E que ela não tenha feito testamento a meu favor é uma coisa que não lhe passa daqui...»—e faz com a mão em cutelo, um gesto de cortar o pescoço.

Neste ponto, calcularás como ele e o Angelino se ligam bem!... E tambem no odio á Elvira «Aquela lambisgoia que se quer fazer uma grande senhora de têres e havêres!... A neta do José Ferrador e da Rosa Mõcha!...»

Queres crêr, minha querida Regina? Apesar de tudo quanto a minha aventura representa de derrota, nos projectos e ideias que me entu-

siasmavam, sinto-me feliz por ter vindo; alargando o circulo dos meus affectos, porque o destino humano é a expansão e o amor!

Os amigos que já hoje tenho aqui desdobraram extraordinariamente o meu interesse pela vida. Não são muitos, mas são bastantes para me compensarem dos inimigos, que involuntariamente se criaram pela inveja e pela emolação que lhes provoço.

Mas, agora reparo, que esta carta vai tão grande, tão grande, que nem tempo tenho já para te falar doutros projectos e doutros amigos que quero apresentar-te.

Fica para a semana. Por agora só te digo que me encheu ontem de revolta a maneira porque D. Flora expulsou de casa uma pobre velhita só porque pretendia interessar-me pela sua desgraça.

E o caso é que me interessou assim, muito mais!...

Nada me dizes do nosso bom Paulo de Moraes. Ainda não te escreveu desde que partiu? A mim também não; não saberá ele que o affecto necessita de alimento para se manter activo? A propria imagem fisica se vae obliterando da nossa memoria como uma saudade sem perfume, esquecida no fundo duma velha gaveta!...

Adeus Regina!

Não me deixes nem um correio sem carta, lembra-te que estou aqui vivendo do alimento que al me dais.

Um grande abraço da tua
muito e muito amiga

Leonor.

XII

D. Flora, que aliás punha a maior fé em feitiçarias e enguiços, consultando as mulheres de virtude, mandando deitar cartas, fazendo e mandando fazer bruxedos varios nas circumstancias difíceis, tinha por tudo quanto de perto ou de longe lhe parecesse comunicação com os mortos, um verdadeiro terror.

O seu espirito não conseguira desembrulhar-se dos pavores que em pequena vizinhança entre a gente da *roça*, pobres *caipiras* aos quais o tragico da vida envolve na fatalidade incompreensivel da morte; miseros colonos passando de boca em boca as historias arrepiantes de mortos, que de todo não morrem, presos ao *arraial* e á *fazenda* pela saudade e pelo desespero de deixarem mulher e filhos em terra estranha, sem pão nem abrigo. . . Pobres avantesmas gemendo pelo silencio das noites brancas dos tropicos a acompanhar os mios lugubres da onça, vindo sorrateira acabar a obra dos urubús, que não deixam carne insepulta sobre a terra...

Altas horas fatidicas, no perfume intenso, adocicado e enjoativo do cafezal em flôr, esses mortos desgraçados escoam-se em sombras leves de misterio e todos se persignam e murmuram orações á *passagem* do espanhol com

os pés fóra do caixão; do italiano que ficara empenhado ao fazendeiro; do gigantesco alemão que arrebentara sob o peso duma arvore secular, na abertura duma picada na floresta; do negro cantador; do polaco brigão; do português sombrio, que jurara que a terra o não podia comer fóra de Portugal! . . . E as crianças mortas sem baptismo, que aos sete anos choram debaixo da terra! . . . Sombras passando, avisos tragicos, espiritos bemfasejos com avisos de desgraça, querendo evitar crimes e tragedias . . .

Sinhâsinha Flora vivera bem de perto o misterio lugubre do «Alem» entre as almas inferiores, presas á terra como frutos apodrecidos, exalando um perfume de miasmas que perturba e causa a febre dos venenos subtilis. E dessa impressão não pudera nunca libertar-se, fugindo desconfiada e aggressiva dos assuntos espiritas, tão vulgarizados no Brasil.

Todas as vezes que Napoleão Larguinho aludia aos seus estudos teosoficos e falava, ainda que superficialmente, nos fenomenos telepaticos e comunicações espiritas, mostrava-se aggressiva, negava com violencia e revoltava-se, porque — sem o poder evitar — imediatamente sentia um arrepio na espinha e por todo o corpo a pele se lhe encrespava como de galinha.

Na noite que se seguira àquella scena de exaltação em que o bondoso amigo caíra em transe, de que difficilmente o acordaram, D. Flora passou as horas mais angustiosas da sua vida.

Apesar das ordens terminantes dadas ao pessoal da casa para que o lacto não transpirasse, temendo a intervenção do marido e —

sobretudo — que Leonor soubesse as palavras estranhas que o médium pronunciara, sentia que o segredo não seria mantido e que a menor indiscrição na cosinha poria Silvina — que era a mais inteligente das serviçais da casa — na pista do grande escandalo.

Da Silvina passaria imediatamente a Leonor, ao velho Venancio, a Angelino... e qualquer deles poderia requerer a intervenção do Comendador para que lizesse com que o Larginho se explicasse melhor.

Emquanto Elvira se conservou a seu lado, apelando para a sua coragem e resistencia, manteve-se numa relativa serenidade, protestando para não ir à mēsa uma forte indisposição e violentas dores de cabeça. Mas à hora de recolher, o Comendador impusera a saída de Elvira recusando secamente os seus oferecimentos para ficar junto da doente, declarando, da forma categorica que todos sabiam sem replica: «que a ele e a mais ninguem cabia o encargo de velar sua senhora, de quem bem conhecia a doença e o tratamento a fazer.»

Mal se viu só com o marido toda a sua energia calu, sentindo-se esmagada ante o seu aspecto severo, fitando-a com insistencia e dizendo-lhe em frases cortantes de expressivas:

— Agora que estamos sós necessito que me diga o que se passou nesta casa e causou a sua indisposição. Não tente iludir-me porque sei o suficiente para distinguir a mentira da verdade.

Em vez de responder, D. Flora mais se deixou cair do que se assentou numa poltrona e tapando a cara com as mãos desatou a chorar.

Em frente daquela mulher que se amesquinhava, sem reacção ante a severidade do seu olhar de julgador, ele erguia-se com a grandeza quasi tragica dum homem do passado, senhor e arbitro das vidas que lhe estavam confiadas pelo destino, juiz e executor adentro da familia, que só a sua vontade dominava e só dele dependia.

Friamente, visto que a pobre mulher se não resolvia a responder continuou:

—As lagrimas não remedeiam nada, nem com elas a senhora me obrigará a adiar o meu intento. Chegadas as coisas ao ponto que chegaram não desisto de a ouvir para esclarecer todas as minhas duvidas. Ainda que a veja a morrer deante de mim, não desisto, entende bem? Não desisto!... Tolerei muito, tolerei demasiadamente, confesso, mas tudo tem um termo.

«Esperei que a senhora, conhecendo-me como tem obrigação de me conhecer, não visse na minha paciencia covardia; mas desejo de que reflectisse antes de chegarmos a isto!... Agora não valem lagrimas nem suspiros, tem que falar, ha de falar, sou eu que o quero!... Bem sabe que nunca empreguei esta palavra em vão!...

Como se sentisse uma dôr fisica causada pelas palavras a vergastarem-lhe a carne mimosa de favorita, D. Flora levantou a cabeça num assomo de revolta e, limpando as lagrimas num gesto de violencia, respondeu:

—Que lhe diga o qué? Nada se passou aqui que todos não possam saber, e muito mais o senhor, que é o dono da casa.

E num riso nervoso que se esforçava, sem o conseguir, por tornar ironico acrescentou:

—A dona da casa não foi ofendida nem desacatada em coisa alguma . . .

—A dona da casa é a senhora e a ninguém—oiça e compreenda bem—eu admitiria que a ultrajasse.—Respondeu aspero, franzindo a testa numa irritação, que aumentava com a sua resistencia.

—Dona?! . . . Em que é que eu sou dona dentro desta casa, em que ha quem tudo mande com mais saber e seja obedecida com mais alvoroço?! . . .

—As suas habilidades não me confundem. O que quero saber da sua bôca é o que se passou esta manhã com o Napoleão Larginho.

—O Senhor já sabe, para que me pergunta? . . .—gemeu ela, caíndo num redobramento de soluços e gemidos.

—Quero saber da sua bôca, já lho disse.

—Mas eu não sei explicar, parece que foi um ataque de nervos que ele teve . . .

—Mas durante esse ataque, como lhe chama, ele falou, disse palavras que nos interessam . . .

—Não, não! . . . Eu não percebi nada, nada . . .

—E olhava com a evocação apavorada da scena, para os recantos em sombra do quarto.

—E' mentira! A senhora ouviu e percebeu . . . foi por isso que se affligiu!

—Não! . . .

—Sim! . . . Foi ele proprio que me contou tudo, e o que viu tambem! . . .

Curvando-se para ela, numa sugestão de

força que lhe tirou os últimos assomos de defesa, continuou:

—Disse-me o que ouviu e o que viu: «Atraz da senhora formou-se uma sombra fluida, muito branca, que apontava para Elvira num gesto desesperado de rasgar papeis...» Sabe explicar o que isto quiere dizer?

D. Flora ergueu-se de subito e toda a tremer, numa convulsão, estendia as mãos supplicante...

—Cale-se! Cale-se!... Não foi isso, não appareceu nada, não! Foi ele só que imaginou!...

Sem piedade pela sua fraqueza obrigou-a a sentar-se e sentando-se em frente, com as mãos seguras entra as suas, continuou:

—Ele contou-me tudo, mas que não contasse!... Mais dia menos dia tinhamos de chegar a esta explicação, que tenho adiado na esperança de que espontaneamente me dissesse o que deve ser o remorso da sua vida, se é que a senhora acredita em Deus e na sua alta justiça!...

—Senhor, senhor!... Cale-se pelo santo nome de Deus!... —Com os braços retezados, como quem empurra um perigo que ameaçasse esmagá-la, D. Flora tremia numa convulsão tão do interior, tão violenta, que os proprios musculos da face se lhe contraíam num ritus macabro.

—Não me posso calar—continuava serenamente, apertando-lhe as mãos nas suas para mais directamente lhe comunicar a sua vontade dominadora.—A alma de minha irmã não tem socego porque contrariaram a sua vontade suprema e derradeira!...

—Mas não fui eu, não fui eu! . . .

—Mas foi sabedora e não evitou, foi sabedora e não protestou! . . . Foi cúmplice, porque se calou e consentiu! . . . E' criminosa, e especialmente para mim, seu marido, seu natural guia e protector! . . .

A cabeça baixou-se instintivamente no gesto mesquinho da vitima convencida da culpa, sentindo na sua alma a verdade dessas palavras, perante a tradição de muitas gerações de familia sob o dominio patriarcal do pai.

—O que fez Elvira do testamento? — continuou em voz baixa, suggestiva duma grande imposição immediata.

—Não sei! . . . Não sei nada! Mas eu não fiz mal nenhum, eu não fiz mal! . . .—gemia a pobre—Quando chegámos às Penices, mesmo ainda antes do enterro a Elvira pediu-me que a protegesse! . . . Chorou muito, contou-me que tinha ali muitos inimigos e disse-me . . . sim disse-me . . .

—Que minha irmã odiava a senhora. Que Leonor e a familia a instigavam nesso odio! . . Não é isto? — Ante o seu gesto de aquiescencia, ele continuou:

—Essa intrigante disse-lhe coisas infames da minha familia, chorou a sua desgraça pela falta do testamento, mentiu e adulou-a por tal forma que a senhora passou a ser um instrumento de odio nas suas mãos. Opôs-se a que eu desistisse da herança em favor de minha pobre prima, a mãe de Leonor que morreu na dolorosa crença de deixar a filha pobre; quiz opôr-se à vinda quando a soube orfã e sem fortuna e tem-na perseguido com a sua injusta

desconfiança, servindo de instrumento de odio a uma ladra, a uma criminosa, oiça bem...!? Uma ladra!

D. Flora já não resistia e chorava em pequeninos soluços de criança.

— Para fazer a vontade a essa intrigante tornou-se minha inimiga...

— Ah, isso não!...

— Sim!... Porque é ser minha inimiga obrigar-me a ser o involuntario herdeiro duma fortuna, que em consciencia me não pertencia, porque a sua dona o não desejava! E' ser inimigo de Deus e da justiça fazer soffrer os mortos, que só têm socego se lhes cumprem as ultimas vontades!...

— Perdão, perdão!... — soluçou a pobre, deixando-se escorregar da cadeira e ficando de joelhos em frente do marido, no espanto dessa evocação tragica dos mortos.— Eu não fiz nada! Só me calei por dó dela.

— E por vingança contra o meu sangue, que a não aceitou em comunhão de familia, confesse!...

— Mas por Nossa Senhora! Emendemos o mal e dê-me a paz que de ha muito não tenho!...

Sob a pressão da vontade dominadora do marido, que a acarinhava e confortava como a uma criança mimosa, á proporção que as suas revelações se concretizavam em logica sequencia, conseguiu o Comendador reconstituir, mais ou menos aproximadamente, os factos que até esse momento, apesar das logicas deducções do Angelino, lhe pareciam bastante confusos.

Só depois dele lhe contar que o telegrama

que os chamara ás Penices fora da sua iniciativa e não de Elvira, comprehendera a surpresa da rapariga ao vê-lo entrar no quarto onde a pobre senhora falecera e onde não mais a deixaram ficar sô.

Das revelações truncadas e pouco nitidas de D. Flora, que decerto dizia a verdade quando afirmava nada comprehender das intenções da criada particular da cunhada, que julgava pessoa de muita confiança, o Comendador, com uma intelligencia que a muitos profissionais da Investigação criminal tão completamente falta, aproximou muito da verdade a reconstituição do crime: até á ultima hora a irmã conservara a lucidez que tivera sempre na vida e da cama seguia o movimento dos que a rodeavam, embora já mal pudesse falar. Ora o testamento, segundo as informações de Angelino, devia estar numa gaveta do contador que lhe servia de mesa de cabeceira e as chaves sempre de baixo das almofadas. Mas, de facto, nem as chaves lá estavam á ultima hora nem nas gavetas do contador apparecera o testamento procurado. Em qualquer momento em que a doente adormecera e ela estivesse sô — o que, segundo Angelino, poucos seriam — Elvira conseguira roubar o testamento, mas decerto lhe fôra impossivel destrui-lo para não levantar suspeitas. Ali no quarto não o poderia ter feito. Levá-lo para o seu onde as outras criadas a vigiavam e o Angelino a não deixava segura, não podia ter sido!... Logo, o testamento existia ainda e estava no quarto da morta, razão sufficiente para a intriga junto de D. Flora, levando-a a opôr-se á desistencia da herança

em favor da familia. Mais do que razão tambem para justificar a sua insistencia no aconselhar que se mandasse abrir o palacio por intermedio da sua propria familia, pois assim tudo se iria estragando irremediavelmente. Conselho insistente, que ao seu conhecimento viera por intermedio da mulher e do proprio Comendador Vieira, sempre pronto a meter-se em todos os assuntos que lhe não diziam respeito. Mas esta insistencia conseguira apenas avolumar as suspeitas, que desde o principio se lhe erguiam no espirito e as de Angelino mais avolumavam e precisavam.

Na manhã seguinte o Comendador recomendou o maior socego na casa, porque a senhora passara mal a noite e necessitava descansar, proibindo terminantemente a entrada no quarto de quem quer que fosse, sem licença de Leonor.

A quem viesse de fóra responderiam que a senhora estava doente e por ordem do medico seguiria á tarde para o Guarujá, sem poder falar a ninguem.

A criadagem perdia-se em conjecturas, mas nem uma palavra de comentario se fazia, enquanto ele estivesse em casa.

Passando pelo jardim quis prevenir a sobrinha e arvorá-la em guarda da doente, mas já ella tinha saldo para almoçar com Josefina Amorim, a casa de quem a iria procurar a velha D. Rosarinho, como na vespera haviam combinado.

E foi Silvina que se encarregou de ir para junto da senhora, com a especial recomendação de não a deixar falar com ninguem, especialmente com Elvira.

Voltaria breve com o médico e pelo telefone o avisasse do que se fosse passando, pois Angelino no escritório ficaria junto do aparelho para que só a ele fosse comunicado o que lhe mandasse dizer.

*

* *

Leonor sentia por essa nova amiga, que por intermedio de Francisco de Almeida conhecera, uma ternura muito especial e profunda. Entre as mulheres que o acaso ali a fizera conhecer, era esta a que sinceramente podia chamar amiga, porque era a unica cujos sentimentos e maneira de pensar se harmonizavam com o seu proprio sentir.

Filha de açoreanos, que o acaso juntara no Rio, nascera e crescera como flôr de transplantação que o amor apaixonado e a saudade dolorosa duma pequenina mamã, que se não consolava do seu exilio, mantinham no exotismo duma vida fóra do seu meio, na saudade da linda terra dos Açores, o paraizo a que as necessidades irritantes da vida a tinham arrancado, menina e moça.

— E não teria casado — dizia-lhe muitas vezes D. Maria da Gloria, alimentando a paixão patriótica da filha — se o senhor teu Pai não fosse tambem do país! As familias vizinhavam lá na ilha, um nascera no Pico outro no Faial, mas quando ha bom tempo a convivência é continua entre as duas povoações fronteiriças.

De pequenos tinham acamaradado, brincavam juntos aos casamentos, trepando aos

rochedos onde o mar às vezes os cobria de espuma, como véu de noivado, desafiando as gargalhadas da sua inconsciência de golfinhos.

Depois, mocinho, emigrara com a família para o Rio e mais tarde, sem combinação nem conhecimento anterior, ela viera também com a família em cata de fortuna, perdida em anos seguidos de más colheitas e doenças.

E tinham casado simplesmente, como um incidente natural da vida, que girava em torno da ambição duma volta, em paz e abastança, à terra querida da Pátria.

Josefina nascera, crescera e educara-se como quem espera partir a cada momento duma terra que não é a sua e na qual se não instalara definitivamente.

Os anos, porem, passavam e a fortuna, tão ardentemente ambicionada, demorou-se tanto no caminho, que a volta à ilha encantada dos seus sonhos apenas a puderam fazer em sacrificio derradeiro, para mudança de ares do pai, que a tuberculose levou em poucos meses de enlevo e de esperanças, passados na terra.

Depois do desastre voltaram para o Brasil onde estava o resto da família, mas Josefina trazia a alma tão impregnada do encanto da paisagem e do perfume da terra; tão integrada nos usos, nas crenças e tradições do país, que o seu lusitanismo se exaltara a ponto de nunca se considerar brasileira, apesar das exigências da vida a terem tornado, mais tarde, uma das mais consideradas professoras do Estado.

Em sua casa Leonor julgava-se como na própria, por tal forma entrara bem nesse meio

de sinceridade e simpatia, que era para a sua saudade um bocadinho do velho Portugal.

Para elas a amizade de Leonor era a ligação que materialmente lhes faltava para se considerarem verdadeiramente portuguesas no desdobramento do seu sentimento patriótico, que se alargara no orgulho e no carinho por tudo quanto era Portugal, que não só o limite estreito da sua ilha bem amada.

Com verdadeiro assombro para Leonor perguntavam-lhe coisas e referiam-se a assuntos, que a distancia avolumara e para ela tinham passado quasi despercebidos, o que as fazia rir e comentar.

Assim se ia ligando duma forma inquebrável aquela amizade, que era um dos grandes desesperos de D. Flora, a quem D. Dádá informara das Ideias livres e do character independente de Josefina, que era considerada e temida oficialmente, mas cujas relações se não podiam considerar como pertencentes à alta sociedade, de que a Liga Catolica dava a nota nos chás elegantes.

Nessa manhã Josefina, satisfeitissima com a annunciada visita de Leonor, pedira dispensa na escola e esperava-a com a casa cheia de flôres, sabendo que eram a sua paixão. E não descançava nas recomendações à criada portuguesa que o almoço fosse bem à moda da terra, arranjasse caldo verde e outras especialidades...

Quando Leonor chegou já D. Maria da Gloria, radiante com a alegria da filha, que via sempre melancolica, estava assentada à janelle a pontear roupa, ouvindo as lamentações a

queixas de D. Rosarinho, que conhecera em todo o triunfo da sua vida de casada, impondo-se à sociedade carioca pela tafalaria do seu trajar.

— Era mesmo uma teteia, esta D. Rosarinho!... uma menininha que todos tomavam por irmã do filho.

A outra chorava, recordando esse passado como se fosse a existencia duma outra pessoa, por tal forma se afundava, dobrada num farrapo inutil.

Durante o almoço não se falara senão nos terrenos cujo documento Leonor recebera e se puzera a decifrar com Josefina e Francisco de Almeida, que viera, numa hora a custo roubada ao trabalho extenuante da liquidação do Banco.

A todas as duvidas e explicações que pediam, D. Rosarinho evocava o testemunho de *seu* Bernardo de Magalhães que tudo sabia, tudo estudara e tudo podia explicar, informação que os outros aceitavam como um dogma.

De tanto ouvir falar e apelar para essa misteriosa autoridade, Leonor acabou por se impacientar.

— Mas se nós não podemos fazer nada sem o conselho e o apoio desse tal senhor, que nada fez, vamos ter com ele. Detesto mitos e dogmas.

— Não se impaciente D. Leonor! De facto o Bernardo merece a consideração de que gosa, não só entre a colonia como entre os brasileiros! E' um grande valor intelectual e moral, não tenha duvida!... — Disse o Almeida convicto.

— Tambem você entra no côro dos louvo-

res a essa criatura de quem todos falam e que não aparece a ninguém? !...

—Mas não é por orgulho, creia!... *Seu* Bernardo é um homem tão simples, tão bom, tão direito, que ninguém está mal ao pé dele... —acudiu D. Maria da Gloria.

—Pois acredito! Mas como se ha de encontrar essa misteriosa providencia que ninguém sabe onde pára?

—Encontram-no na fabrica. Vive lá com a mulher e o filhito...

—Ah, ele é casado?!

—Infelizmente!... —acudiu Josefina.

—Como assim?!

—Pois claro! Um moço tão perfeito, tão superior, tão bom e ir-se prender a uma pequena sem importancia...

—Italiana, demais a mais! Foi depois do casamento que o Bernardo quasi desapareceu da sociedade. Dantes eramos companheiros certos todas as noites. Fazíamos cada partida, que todo S. Paulo delirava!...

E Francisco de Almeida começou a contar historias e anedotas em que a bravura, a graça, a intelligencia do amigo eram postas em destaque.

—Está bem — terminou Leonor — tudo isso será verdade, mas o que é certo é que neste assunto de D. Rosarinho ele não andou muito bem!...

—Mas que podia fazer ele? —defendeu a velhota apressadamente. — Coitado de *seu* Bernardo! Pois se se perdeu no mato e andou quatro dias e quatro noites com o camarada para traz e para deante sem dar com a picada, o que

havia de fazer o pobre?!. . . — E D. Rosarinho sentia-se orgulhosa porque um senhor tão importante sofrera trabalhos por sua causa.

— Está bem, tudo isso é verdade, mas nada podemos fazer sem lhe falarmos.

— Vamos procurá-lo à fabrica. — Propôs Josefina.

— Conhece-o bem?

— Se conheço!. . . Desde moço. Quando voltou de Portugal a primeira casa amiga que se lhe abriu foi a nossa.

— Mas então o fenómeno é português ou brasileiro?

— E' português, filho dum engenheiro que durante anos foi aqui a maior autoridade em todos os assuntos, que diziam respeito a engenharia! Fez uma fortuna enorme em empreitadas, caminhos de ferro, etc.. etc. . . depois foi para a Europa e ninguem sabe o que aconteceu, só o que se viu foi o Bernardo voltar só, já formado, e começar a trabalhar como quem não tem nada de seu e enceta vida nova.

— Engenheiro, tambem?

— Sim! Com um curso brilhante e a pratica suplementar dum curso técnico adquirido na Belgica. Entrou com o pé direito. Deitou-se ao trabalho e tem levado uma vida de luta proveitosa.

— E a riqueza do pai?

— Não se sabe, ele não diz nada.

— O pai era um pouco fantasista.

— Estou vendo que o filho não é menos. . .

— Não fale, Leonor, olhe que vai ficar apaixonada por ele! . . .

— Eu?! Não creio, não! Ainda não nasceu

o homem que me hade enlouquecer . . . Porque a paixão é uma loucura, não é verdade Josefina?

— Se é! . . . E eu que o posso dizer! . . . — num fundo suspiro continuou. — Vamos procura-lo! . . .

E pondo o chapéu as duas saíram com D. Rosarinho para irem à fabrica falar com o engenheiro.

XIII

Querida Regina

Suponho que o meu silencio prolongado depois de todas essas tragedias que te contei te está a surpreender e a amargar. Decerto não consideras correspondencia os postais que por todos os correios te tenho enviado, alguns do Rio dessa maravilhosa terra de luz que nos penetra, que nos absorve que nos entra no sangue como um filtro . . .

O correio, recebido hoje, deu-me com a tua querida carta a necessidade absoluta de recommençar esta correspondencia, que é apenas o desdobramento da minha alma para a pôr ao abrigo da tua. Ao ler as tuas palavras tão justas e tão amigas — desculpa a franqueza! . . . — Puz-me a chorar! E' que eu já não sou a mesma, Regina! . . . Eu sou outra, que tu não conheces ainda mas que necessita, mais do que a Leonor que partiu — tão arrogantemente libertada de junto do vosso carinho — do teu affecto, do teu apoio, da tua coragem. Leio e releio a tua carta em que me dizes a alegria de reconheceres a minha letra e ris, tão docemente ironica, das minhas censuras à falta das tuas noticias!

E' que sinto sempre, sempre, cada vez mais, a tua ausencia!... Mais do que nunca a tua alma me falta junto á minha, tão perturbada, tão fóra da sua costumada serenidade de fortel... E dizes com tanto carinho: «Não sinto remorso, não, mas o que sentia já, era uma grande saudade tua, saudade do teu affecto, saudade das horas encantadoras passadas junto de ti, discorrendo sobre literatura, ouvindo-te ler os teus artigos tão cheios de fé e de entusiasmo!... Que formosa comparação a que fazes da amizade com uma linda flor de perfume doce e delicado! E' bem verdade o que afirmas de que sentimos sempre a necessidade espiritual de repetir palavras de affecto áqueles que estimamos, como sentimos infinita e consoladora a alegria de ouvi-las, embora não sejam necessarias para nos sabermos queridas. A vida sem carinho, sem ternura, sem estes pequenos nada que muitos julgarão pieguices, não vale nada, é árida e triste como um deserto. Uma palavra amiga, um carinhoso sorriso, representam para a nossa existencia a graça e a beleza que dão aos campos as florinhas da primavera.»

Repito estas tuas palavras porque tanto tempo volvido sobre a hora em que as lançaste ao papel, pensando na tua pobre Leonor, talvez nem te lembres já que as escreveste e não suponhas a consolação que me deram!

Dizes que não te admiras das novas amizades que me rodeiam, e comprehendes todo o meu esforço de propaganda pelo lindo país que Deus nos deu e pelas qualidades da nossa gente...

Nisto fomos sempre uma alma e um só

pensamento; é talvez a mais funda razão da nossa inalterável amizade.

Mas bem, Regina, eu necessito de te abrir a minha alma e encontrando-me em face destas folhas brancas que esperam as minhas palavras... só posso fazer como fazia no principio —contar-te tudo!

E tudo é tanto e é tão pouco, que nem sei como hei de ligar o fio da minha historia! Esta minha historia passada no deslumbramento do *Mundo Novo*, que no fundo é um velho mundo cheio de dôres e preconceitos, como o nosso!...

Já te dizia numa das minhas ultimas pequenas cartas, que estou rica! Por este lado a minha viagem foi um verdadeiro triunfo! A liquidação do Banco correu tal qual o Almeida a imaginou e deu-nos uma pequena fortuna, para começar. O tio não quis retirar da sua parte senão o capital com o juro que lhe dão os papeis de credito, de modo que a maior parte dos lucros reverteram para o Napoleão Larguinho, para o Almeida e para mim. A tia Flora modificou-se por tal forma que a considero hoje como uma verdadeira pessoa do meu sangue. Creio que de harmonia com o tio, que a enche de ternura e carinhos, depois daquela crise de nervos que a fez estar uns tempos no Guarujá, a praia chic por excelencia deste grande Estado, crise que eu não compreendi nunca muito bem, fizeram os dois uma desistencia da herança a meu favor. Mas essa desistencia não está definitiva porque o tio aguarda a volta do Angelino que mandou às Penices procurar o testamento da tia Barbara. Como vês estou vivendo em pleno romance à Conan

Doyle... de todas as formas consegui realizar uma das ambições que me trazia... ser rica!

E no entanto, Regina, nada disto me faz feliz!... Porquê? Misterio!... Não te rias, não! Lamenta-me antes! Todas as hostilidades que me irritavam desapareceram, hoje sou uma pessoa querida, simpática, atraente... E não me sinto feliz! A Elvira e o marido, depois de algumas irregularidades que o tio descobriu no armazem, foram afastados e, segundo me consta, *desandaram* (como aqui se diz) para o Rio, porque sem a protecção da casa os negocios não lhes iam correr bem. Não sei mesmo se a ida do Angelino à Europa os fez, de certo modo, afastar a tempo... D. Dádá constatando que a sua influencia junto de D. Flora diminuia de dia para dia tambem se afastou um pouco mais e quando vem apenas me olha com curiosidade e passa a outro assunto.

Eu vivo entre o carinho dos meus amigos, Josefina, Almeida, D. Rosarinho... Bernardo.

Mas Bernardo é tudo!... É esse *tudo* que tu ainda não conheces, é o vacuo que separa neste momento as nossas almas. Pensando nele parece-me que te devo dizer como um esgrimista: *touché!*... E no entanto ele não é nada para mim senão um amigo, como outros. Como os outros?!... Não, não, ele não é nada, não pode ser nada para mim. Nem sequer uma ternura como o Paulo, nem sequer uma amizade serena como o Miguel! É por ele, Regina, que me sinto tão desgraçada, tão profunda e irremediavelmente infeliz!... E não poder ouvir as tuas palavras de carinho, não ter ninguem que me acalente e console como

a uma filhinha sofredora! Como me sinto fraca e necessitada do teu affecto reconfortante, da força que as tuas palavras dariam à minha pobre alma perturbada e fraca!...

Meu Deus! Mas tu nem o conheces, como compreenderás o meu entusiasmo e o meu desespero! Deixa-me contar-te tudo quanto se tem passado desde a primeira hora em que Josefina nos pôs em frente um do outro, como dois adversarios que se respeitam.

Bernardo é um homem... bonito! Deixa-me confessar-te o sentimento de orgulho e de satisfação com que olhei para um patricio que fisicamente correspondia a tudo quanto moralmente me tinham dito. Alto bastante para ser elegante, hombros largos, forte, com uma pele ligeiramente empalidecida, cabelos dum castanho escuro, quasi preto, uns olhos dominadores e meigos, um sorriso que é tão depressa o ritus desprezador e ironico do ser que olha a vida de cima da sua propria superioridade, tão depressa o sorriso ingenuo duma criança amimada.

O primeiro olhar que trocamos foi de curiosidade e desconfiança.

Depois de Josefina o pôr ao corrente do que se tratava eu entrei no assunto, um pouco bruscamente, explicando-lhe o desejo que tinha de reivindicar para D. Rosarinho esse terrenos que lhe pertenciam, valoriza-los e porventura criar com eles o inicio duma grande fortuna.

Com uma perfeita serenidade Bernardo respondeu-me:

—Já tenho pensado nisso. Conheço a questão!...

—Bem sei! Parece-me que é até a única pessoa que a conhece. E' por isso que o vim procurar e conto com o seu apoio.

Olhou-me, franzindo ligeiramente o sobrolho, com a surpresa de quem pergunta:

—Com que direito se pode contar com a minha vontade e com o meu esforço?!—Mas sem esperar que formulasse sequer essa pergunta que lhe via na ponta dos labios, acrescentei:

—E' uma injustiça que esta pobre senhora morra de fome, esteja sujeita a todas as misérias e a todos os vexames, alcunhada de mentirosa e vagabunda, havendo um português que tem nas suas mãos a reivindicação dos seus direitos, um português que a pode tornar feliz, honrando o nome e a raça...

Aqui D. Rosarinho pôs-se a chorar baixinho e a murmurar:

—Se não fôr um português ninguém, ninguém mesmo terá dó de mim!...

Bernardo olhou-me sorrindo, e, recebendo com uma perfeita gentileza o ataque, explicou-me o que era esse enorme dominio no meio de maravilhosas florestas virgens, que um rio caudaloso em quedas sucessivas fertiliza, formando quatro grandes lagôas, que lhe dão o nome.

Depois que ele tentara a primeira vez conhecer o lugar e desistira por se ter perdido no caminho, conseguira algumas vagas informações. As ultimas davam o lugar como invadido por um grupo numeroso de norte-americanos, que a pretexto de serem caçadores pretendiam fixar-se e fundar uma exploração agricola.

— Expulsam-se! — disse-lhe intimativamente. — O direito é nosso.

Sorriu com muita calma e continuou: — Pode ser! Mas somente o direito não vale aqui! É preciso formar, com elementos poderosos, uma grande companhia colonizadora.

— Vamos tratar disso imediatamente.

Olhou-me com a simpatia de quem encontra uma força, que aumenta a própria força. Na maneira como me fixou compreendi a surpresa com que via diante de si uma mulher completamente diferente das outras mulheres, que ou se submetiam escravizadas à sua vontade, à sua iniciativa, às suas ideias, que não compreendiam, como a sua própria esposa, ou lhe eram francamente hostis, e até inimigas, como Elvira e D. Dádá e outras, de quem depois ouvi os comentários.

Já completamente interessado acrescentou: — Formaremos a companhia. Mas não é bastante. É necessário que a nova estrada de ferro em construção passe por ali. É um pequeno desvio que só trará vantagens ao comércio, à indústria e à agricultura! . . .

— Está bem — respondi — vamos conseguir esse desvio no traçado primitivo.

Josefina e D. Rosarinho olhavam para mim com a surpresa de quem está assistindo à transformação do mundo. Devo dizer-te que a minha segurança era apenas filha da energia e da fé do meu querer. Vagamente, enquanto o negócio se apresentava desta forma larga e precisa, na minha cabeça ia-se fazendo um trabalho de aproximação que girava em volta dum nome — Antonina! Vira a sua força junto do pai e sabia

que o senador representa na actual politica o fulcre de todas as forças vivas na União. O meu plano ainda não estava completamente amadurecido, mas dentro de mim mesma criará-se a necessidade de dar ao Bernardo a certeza da realização dum sonho, que lhe andava bem a dentro da sua alma de forte iniciativa e de imposição criadora.

Com uma serenidade cheia de confiança ele terminou:

— Se conseguir estas duas coisas fundamentais, pode contar comigo para a fundação duma esplendida colonia !

— Faremos uma grande cidade lusitana, não é verdade ? . . .

Sorriu-se duma forma que toda a sua alma se abriu em luz no brilho dos olhos e repetiu:

— Sim, uma grande cidade para a continuação da nossa raça, para o orgulho do nosso sonho lusiada ! . . .

Nesse instante, Regina, senti que a sua alma e a minha formavam um só tódo, que juntos íamos viver um grande sonho e tentar uma formidável realização ! . . .

A partir desse momento começamos a viver em comunicação continua. Ora na minha casa, ora em casa de Josefina, ora no Banco e até na propria fabrica, não se passou um dia sem que nos encontrássemos para estudar o assunto e preparar a sua apresentação e a sua defeza. D. Flora encheu-se de entusiasmo pela iniciativa e levou a sua bôa vontade ao ponto de recolher D. Rosarinho e tê-la comsigo, como familia. Josefina vive o nosso sonho, Napoleão Larginho faz planos e consulta os espiritos e

nós dois vivemos como se tivéssemos adquirido a certeza definitiva de que as nossas almas se haviam completado.

Depois de tudo estudado e preparado partimos para o Rio com D. Rosarinho, que ia radiante por fornar a ver a linda cidade carioca onde a sua ingenua futilidade a tinha feito tão feliz.

Antonina esperava-nos. Não calculas como essa alma encantadoramente superficial apreendeu o nosso sonho, como se meteu dentro dele e como começou a viver connosco o desdobramento do nosso plano! A actividade, a energia, a persistência com que soube impôr o negocio ao pai foram admiráveis!

Antonina é hoje uma força na vida social brasileira. Impõe-se, conquista adeptos, consegue quanto quere dos governos, fala, convence e torna respeitadas as ideias que representa. Por ela o feminismo háde triunfar no Brasil mais cedo do que se imagina, se bem que as outras mulheres pouco façam por êle, satisfeitas da sua condição de escravas felizes. Madame Jullien é a sua secretária e o seu braço direito, as duas realizam um esforço que poucas mulheres poderão mais tarde avaliar.

Bernardo e eu vivemos no Rio dias tremendos de excitação e de trabalho: Antonina foi a chave encantada que nos abriu todas as portas, tudo conseguiu e tudo facilitou!...

A sociedade formou-se com facilidade desde que nós tivemos a autorização parlamentar para o desvio do traçado da estrada de ferro. D. Rosarinho cedeu os seus direitos a troco duma renda vitalicia que a põe ao abrigo de

todas as desgraças e a livra de explorações interesseiras. Antonina entrou com a sua parte de lucros sem risco de capital, como era de justiça. Bernardo tem grandes relações entre a colonia e conseguiu, com relativa facilidade, reunir os capitais imediatos, entrando nós dois com a nossa parte em numerário e em trabalho. O tio está apaixonado pelo sucesso da iniciativa e todos os dias se discute o futuro da colonia.

No meio do trabalho e da excitação desses inolvidáveis dias do Rio não posso deixar de recordar com a mais profunda saudade o deslumbramento das horas que passavamos correndo vertiginosamente em *auto* pela maravilha das avenidas asfaltadas, coleando junto às águas calmas do Guanabara, na linha duma beleza scenografica da paisagem carioca. A beleza do Rio, minha querida Regina, é dum maravilhoso que se não descreve! Sempre a mesma, sim! Mas sempre dum encanto que se repete a cada hora. O acender das luzes no Rio de Janeiro é hoje um dos grandes espectáculos da civilização moderna. Depois, a calma do Leme, já bairro elegante de praia, Copacabana enfrentando o grande mar e o caminho deslumbrante Tijuca pela Gávea, que é uma *Côte d'Azur* da America pitoresca!

Quando voltámos foi um verdadeiro triunfo. Josefina, eu e Bernardo demos volta a todos os armazens de S. Paulo a fazer compras do indispensável para encetarmos a exploração.

O Bernardo teve um trabalho de enlouquecer! Primeiro a reorganização da fabrica de maneira a deixar pessoa de confiança encarre-

gada de continuar a industria, nas condições em que elle a montou. Depois... pobre Bernardo... a mulher, que de principio delirou com a ideia de que o marido iria tornar-se milionario em pouco tempo, em vista das difficuldades da empreza recua apavorada, especialmente com a ideia de que elle a vá levar mais dia menos dia para a nova colonia. Apesar dos *films* americanos, que são o seu encanto, não se decide a acompanhar o marido numa vida de aventuras. Humbertina, que a familia e os amigos tratam, mais simplesmente, por Bertina, é uma pobre menina filha de pais italianos e que Bernardo consentiu em fazer sua mulher por cansaço da solidão. O pai era o mestre da fabrica, a mãe tratava-lhe dos arranjos da casa e a pequena começou por o procurar como criança e acabou por o rodear de tal forma, que o não casar seria o seu descrédito perante toda a gente da *usina*, como aqui dizem. Muito futil, bonitinha, sem um pensamento na sua cabecinha de arvéola, Bertina, como a maior parte das mulheres aqui, não vive uma existencia real, mas sim existe em simples projecções no *écran* da existencia. Não lê, não pensa, não vive nem sente senão atravez dos *films* de que conhece todos os figurantes, procurando imitar todas as atitudes das grandes artistas da scena muda... como elles dizem!

Apesar de todo o meu desejo de ir com a *expedição*, que Bernardo organizou levando algumas familias de confiança, não mo consentiram. Nem eu mesmo podia fazer ideia dos perigos e incomodos duma aventura como esta,

que se pode bem classificar de portuguesa: uma *bandeira* à antiga, quando os nossos penetravam o sertão, desbravando e caminhando em busca das verdes esmeraldas da nossa indomável ambição.

Como já havia notícia, ao chegarem aos terrenos que era necessario demarcar encontraram uma expedição de americanos, que a pretexto de caçar se iam estabelecendo de facto, numa luta feroz com os naturais, pobres *caipiras* quasi selvagens, que ali viviam junto ao rio, caçando e pescando, na horrivel miseria da vida desta pobre gente.

Bernardo que ia feito um verdadeiro explorador, de facão à cinta e pistolas na algibeira, com a sua gente armada e disposta a bater-se com energia, desenvolveu uma habilidade rara no desembrulhar daquele incidente. Com o seu enorme poder de sugestão conseguiu chamar a si os naturais e todos organizaram verdadeiras batalhas contra os americanos, que em face da lei e da energia do ataque se resolveram a marchar, não sei para onde. Foi então demarcada a área da nova cidade e levantadas algumas casas de madeira para os novos colonos e para os pobres *caipiras* com as suas roças para cultivo.

Não calculas a energia, o trabalho, a intelligencia e a persistencia com que Bernardo trata de tudo! Mandou logo abrir caminhos, uma estrada larga, carreteira, onde os automoveis e caminhões podem passar em tempo seco e não ha dia em que me não escreva a contar as suas esperanças, a pedir os meus conselhos, vivendo ambos na expectativa do grande futuro.

Os trabalhos da estrada de ferro não param, com os nossos negocios sempre vigiados e activados por Antonina, que está ansiosa por que eu lhe diga que pode visitar a nova cidade nascente.

Quando o Bernardo poude organizar as coisas de modo a que a vida não fosse impossivel para nós veio a S. Paulo para nos acompanhar. Não calculas a ansiedade, a alegria, o entusiasmo com que partimos; os tios, D. Rosarinho, Josefina, a mãe, o Almeida, o Napoleão Larguinho, a Silvina, os pequenos e eu!

Bertina foi com o filhito, mas para ficar, como era natural. Não fazes a mais pequena ideia do desespero da pobre moça, apesar do Bernardo ter tambem contratado artistas encarregados de *filmar* a colonia e as cerimoniaes a que iamos proceder, do seu baptismo.

A nossa surpresa perante o trabalho realizado por Bernardo e os seus companheiros foi enorme! As casinhas muito alegres alinhadas em ruas bem batidas, com seus jardinsinhos à frente, a praça já delineada, a igreja em começo, a escola, uma esplendida serração de madeira, e no alto, dominando o arraial, uma casinha alegre em forma de bengaló onde instalou a administração e a sua propria casa, com belos aposentos para Bertina e para a criança.

Passámos uns dias admiráveis no trabalho de instalação, fazendo excursões a cavallo pela floresta, vivendo largamente na serenidade augusta duma terra virgem, que nós, nós portugueses do seculo vinte, iamos chamar à intensidade duma vida superior e mais bela!

Aª cerimonia do baptismo soléne da cidade veio Antonina tambem e depois de muito pensarmos e discutirmos, o Bernardo e eu concordámos em pôr-lhe o nome simbolico de *Nova Esperança!*

Vê como é lindo! Agora sô necessitamos de gente, de muita gente para desenvolver as industrias encetadas, para desbravar e cultivar o campo e para organizar o trabalho, tudo preparando para a aproximação da estrada de ferro que não demorará muito. Em cinco anos as plantações de café já feitas serão uma riqueza.

Daqui a um mês esperamos que toda a cidade possa estar iluminada a luz electrica, cuja fôrça motriz o Bernardo está preparando com uma das quedas de água já captada.

Começaram as chuvas e assim os tios tiveram que voltar para S. Paulo. Durante algum tempo fiquei com Bernardo e Bertina, que vive numa constante irritação. Já empregámos o pai, os irmãos, os primos, um batalhão de italianos bulhentos e amaveis, que dão à casa uma agitação irritante para o nosso trabalho. Eu tenho para mlm e Silvina um bengaló independente, ligado aos escritorios pelo jardim, de que nós duas nos encarregamos. Não imaginas como está lindo, cheio de plantas trepadeiras, com flôres que mandamos buscar ao mato e seriam, ai na Europa, uma riqueza.

Emquanto não temos a escola concluida e a professora, que Josefina se encarregou de nos arranjar com todas as qualidades necessárias para o que nós queremos exigir-lhe, eu dou algumas lições á criançada e procuro chamar um pouco de ordem e de higiene para as casas desta pobre gente.

De S. Paulo mandam-nos muita gente e mesmo do interior a Nova Esperança atrai colonos e trabalhadores, desenvolvendo-se duma forma admirável. No entanto, Bernardo deseja ir comigo à Hospedaria dos Imigrantes para contratar colonos, especialmente portugueses, que oponham à invasão estranha a força étnica do sangue. É difícil, talvez, porque a grande massa de imigrantes é hoje de alemães entristecidos, de polacos, sirios, japoneses, espanhóis e gente de toda a parte, um pouco à aventura da vida. O português detesta a Hospedaria dos Imigrantes como detesta os hospitais e os quartéis, tudo quanto de perto ou de longe lhe pareça que vai cercear a sua iniciativa e a sua liberdade individual. No entanto o brasileiro prefere sempre o português, dando-lhe vantagens superiores às que dá aos outros colonos.

E os nossos, indiferentes, sorrindo como quem se sente em terra sua, com a saquinha de retalhos por única bagagem, desdenha as malas em couro, bem organizadas e arrumadas do alemão, as caixas enormes em que o japonês mete toda a mobília, os cestos dos espanhóis as malas do italiano com a família toda disposta ao trabalho.

Fomos ha dias à Hospedaria dos Imigrantes e não calculas os prodígios de inteligência e de persuasão que o Bernardo desenvolveu para os convencer a seguirem para Nova Esperança!

Alguma coisa conseguiu e a nossa colônia é hoje um núcleo de atracção de que se occupam os jornais e aparece em todos os cinemas.

Como vês, Regina, realizei aqui alguma

coisa de grande e de forte, que marcará para o futuro mais uma imposição da nossa raça, mas . . . sinto-me tão profundamente triste que em vez dum triunfo parece-me que a minha acção foi uma derrota.

Adeus Regina! Não deixes de me escrever! Mais do que nunca necessito do amparo moral do teu affecto.

Fala-me de Miguel, de Paulo, de todos os nossos amigos. Fala-me da nossa terra e, se te parecer que vou ser muito desgraçada, chama-me, obriga-me a ir para junto de ti!

Deito os braços em volta do teu pescoço e choro sôbre o teu coração amigo!

Adeus! Tua do coração.

Leonor.

XIV

Querida Regina.

Não sei se esta carta será a ultima que te escrevo antes de embarcar para aí! Sei que esta resolução te não surpreende porque me conheces bastante para comprehenderes que a minha vida moral é insustentavel aqui!

Desisto da defesa, querida! Mas desisto fugindo, não por covardia mas por orgulho. Porque se a vaidade é um dos maiores ridiculos do homem, o orgulho é a sua mais bela virtude. E eu tenho orgulho deste amor que me liga por todas as forças da minha alma à grande e bela alma de Bernardo, mas não suportaria uma existencia miserável e hipocrita sem poder afirmar bem alto o meu direito de sua mulher legitima.

—Preconceitos — dizia-me ha dias a Josefina — a que devia estar superior. Mas não estou! Todos nós temos preconceitos e quando os dos outros nos não prendem, esmagam-nos os que nós proprios criamos.

—E' mesmo incompreensivel que você, que defende a lei do divorcio, a não queira aproveitar para a sua felicidade! . . .

Eu sei que Bernardo é infeliz, profundamente infeliz e que um divórcio que o libertasse dessa pobre mulhersinha que chora dia e noite a tristeza da sua vida sem pensamento nem ideal, seria uma solução que a todos satisfaria; mas como aceitar esse divórcio, que só a ele libertava, porque ela — a pobre! — além de readquirir a sua qualidade de italiana, sem dissolução legal do casamento, é católica praticante?!

Se fôsse apenas uma infelicidade sentimental, vá! Porque sentimento por sentimento o nosso tem direitos superiores, mas com a desgraça social duma pobre mulher sem defesa e duma criança, não posso transigir.

Cada pessoa se deve realizar em si própria com um grande orgulho e uma grande serenidade perante os juízos alheios, eis o motivo por que, consultando a minha própria consciência, resolvo partir!

Não sei o que será o dia de amanhã, não sei como suportarei a vida longe do encanto deste amor que vive comigo como o meu próprio sangue, a minha própria razão de existir; mas sei que devo partir e... vou partir!

Angelino acaba de chegar das Penices triunfante com toda a papelada da tia Barbara num cofresinho fechado e entre ela o testamento em meu favor e uma carta para o tio Felisberto.

O Angelino é um grande homem! Tanto procurou que descobriu um pequeno esconde-rijo na parede onde ela tinha as pratas, as joias, a relação de tudo quanto havia em casa e para onde a Elvira naturalmente lançou o

testamento, quando o tirou da gaveta do contador junto à cama.

Pelo que o Angelino poude rapidamente constatar, o maior interesse de Elvira era fazer desaparecer as listas do que havia em casa, porque falta muita coisa. Deixá-la! Com isso teve de se satisfazer! Não calculas a alegria dos tios e a imensa satisfação com que a tia Flora me viu senhora do cofresinho das joias da tia Barbara, que o Angelino trouxe! Por este lado podemos dizer: *tout est bien qui finit bien...*

Eis-me pois rica, muito rica mesmo, Regina! Era o destino! Vou partir para al com Silvina. Já mandei procurar logar num dos primeiros grandes vapores a saír. Prepara-te que tens de ir comigo para as Penices. Vou-me penetrar dos meus direitos de proprietaria e rever com muita saudade todas essas velhas coisas amadas com que me criei. Os tios irão no principio do verão. Eu não quero, não posso esperar mais. Falta-me uma coisa apenas, a mais dolorosa de todas, voltar à Nova Esperança e despedir-me de Bernardo.

Parto amanhã para lá com Angelino, entretanto a Silvina e Josefina tratam aqui de ultimar as minhas coisas.

Adeus, Regina! Nunca supuz que a vida custasse tanto a suportar depois de a termos vencido e dominado materialmente!

Espero receber as tuas noticias antes de partir.

Um grande abraço

Leoncr.

Querida Regina

Na minha volta de Nova Esperança encontro a tua carta com a noticia tristissima da chegada de Paulo, tão doente como dizes. Pobre amigo! Oxalá eu vá a tempo de o poder tratar, de porventura o salvar com os meus cuidados de enfermeira! Porque, deixa-me dizer-te, fiz o meu curso de enfermagem com todos os preceitos médicos e tenho a certeza que lhe vou ser muito útil. Ao menos quero ser útil aos outros, já que a vida nenhuma utilidade pessoal tem para mim . . .

Tu não acreditas na profundeza da minha paixão, mas hasde compreendê-la quanto falarmos, pois só com o meu coração chorando junto do teu poderás bem avaliar como se sofre quando se quebram voluntariamente todos os laços que nos ligavam à felicidade.

Não creio que haja no mundo quem tenha sentido um tão grande peso da vida, que materialmente me tem cumulado de beneficios, com os quais era impossivel contar quando embarquei nessa viagem de aventura, que tão mal presagiavas, e que não me deslumbram por mais que aos olhos alheios pareça que me

deviam satisfazer. Com todas as facilidades materiais que a fortuna hoje me proporciona, renuncio voluntariamente á felicidade, mas esta renuncia nem sequer me orgulha na satisfação do voluntario sacrificio, porque a minha alma, a minha carne, toda a violencia da minha sensibilidade nervosa se revoltam em mim propria contra a covardia desta renuncia perante o amôr! Eu não sei o que há em mim mais forte do que eu propria! . . . Mas sinto que não poderia resolver o problema moral doutra forma, que o orgulho do meu sangue é superior a todas as outras forças contraditorias que me solicitam.

Se a minha alma estivesse ligada aos preceitos duma religiosidade exterior, para a minha transigencia moral apparecer-me-ia salvadamente o perdão misericordioso da culpa, depois de gosada; mas para a minha religiosidade filosolica, em comunhão directa com Deus, não há absolvição fóra de mim propria, fóra da minha propria consciencia!

E soffro, Regina, soffro como só al te poderia fazer compreender pela miseria da minha alma esmagada nesta tortura sem remedio!

Mas . . . deixemos o que já não há possibilidade de rezolver doutra forma e embora seja esta a última grande carta que te escreva antes de embarcar, deixa-me contar-te quanto se passou na minha visita de despedida á Colonia.

Quando al chegar quero que tu saibas bem a fundo tudo quanto penso e sinto e soffro, ah! mas incomportavelmente! Sofrer quando não há razão para soffrer e o remedio estaria ao alcance da nossa mão é o maior dos martirios,

o mais infernal dos suplicios, que esqueceu a Dante nos seus ciclos infernais! Crê!... Depois de telegrafar a Bernardo segui com o Angelino para o Interior. São dois longos dias de *trem*, como se chama aqui o caminho de ferro, mas dois dias na imensidade dêste país, é uma pequena viagem!

Iste é um mundo, mas um mundo imenso que o nosso sangue fecundou, que os nossos antepassados demarcaram tão largamente que ainda hoje é um assombro o ver até onde chegaram com as suas marcações de posse! Demos-lhe o nosso sangue, a nossa língua, a nossa historia de maravilha, não podemos abandonar agora a nossa obra sem que os ajudemos a realizar o grande sonho da maior imposição da raça. Os outros que venham, bem necessarios são os seus braços e o seu esforço, mas é preciso que os não deixemos viver outro sonho, que se oponha ou contrarie o nosso, que é a compensação magnifica do sacrificio dos nossos avós cumuns!

E tu nem podes calcular pelo que conheces daí, e mesmo do Rio de Janeiro, a imensidade desta terra virgem que se entrega alvoroçadamente ao nosso amor e ao nosso trabalho!

E' bem o *Mundo Novo* que eu sonhava e de que a civilização das grandes cidades me fizera desesperar. Ali vive-se na dependência moral das velhas sociedades europeias e sem o seu equilibrio e estabilidade tradicionalista. São os mesmos preconceitos e os mesmos pontos de vista mesquinhos, mas quasi sempre importados através de espiritos ainda muito perto da primeira escala social, no desejo áspero duma

ascensão que necessita, para ser equilibrada, do esforço continuo de muitas gerações.

Todas as facilidades materiais, que são enormes, não só nas grandes capitais, mas ainda mesmo nas cidades mais inferiores, não conseguem dar-nos uma impressão de força, de consciência e de esperança no futuro, que nos dà a imensidade desta terra que se entrega tão confiadamente ao nosso esforço criador!

Aqui é a terra em toda a sua grandeza espontânea, em toda a sua força esperançosa! Não põe limites ao sonho e à ambição! Ah, como os sinto e compreendo bem, aos nossos avós que largavam toda a segurança e relativa comodidade do litoral, dos arraiais e aldeamentos, pela aventura dominadora do sertão a desbravar!...

Através das janelas do vagon a nossa visão vai-se alargando e o pensamento concentrando na fraqueza da nossa condição de seres humanos, de tão passageira e fragil existência material, perante esta grandeza esmagadora! O homem só, de facto, é grande no esforço continuo das gerações trabalhando o mesmo pensamento, dominando através dos séculos pela mesma imposição de força ancestral e inconsciente na sua continuidade! Assim, eu propria me sinto grande no esforço do meu sangue, que preparou para a nossa inteligente actividade de hoje este campo sem limites...

O comboio corre numa velocidade regular. E são montanhas e vales, rios cachoando entre penedias ou espraiando-se na terra sem margem e embebendo-se mais além na floresta que parece tragá-los. São matas colossais, algu-

mas ainda completamente virgens, vistas tão de cima que o topo das suas árvores seculares nos dão a impressão de mato raso. Depois a campina, de pastagens fartas com bois a viverem serenamente a sua existencia contemplativa, sem guardas nem trabalhos; milhares que a terra faz crescer extraordinariamente, quasi sem cultivo. Logo a penetração em lindos trechos de floresta que parecem parques, com largas manchas de côr, na floração exuberante dos ipês de oiro, as roxas bouganvilles, as delicadas orquideas, as bromelias e todo o emaranhado dos cipós a ligar as velhas árvores, que protegem com a sua sombra amiga as begonias e toda a frágil florescencia das nossas estufas... E' a graça do bambual em moitas dum verde transparente e ondulante, a elegancia esguia dum coqueiro que se eleva acima da propria floresta com a gracilidade duma planta de luxo; é o perfume estonteante dos lírios brancos que nascem na humidade dos pantanos mortiferos e nos penetram do seu perfume doentio.

Depois as grandes plantações, os cafesais a perder de vista com a casa do fazendeiro como um feudo senhorial, olhando de alto as «colonias», que são pequenas aldeias onde os imigrantes se vão lentamente enraizando à terra.

E' uma riqueza sem fim, no imenso isolamento do sólo quasi deshabitado!... ah, como a terra seria desoladoramente triste sem a intelligencia criadora do homem!

De quando em quando, na velocidade do trem que marcha a todo o vapor, vemos ban-

dos de pernaltas que mal se perturbam na serenidade da sua vida meditabunda. São cegonhas brancas, flamingos de asas côr de rosa e outros muitos que a minha ignorancia mal distingue na visão rapida da paisagem.

E logo o *João Grande* na sua faina protectora dos gados, o *João do Barro* a fabricar as suas casitas amoraveis no cimo dos postes telegraficos, os urubús sinistros a espreitar a morte, que é a sua ama . . . e tudo isto passa e se repete indefinidamente dando-nos a impressão dum mundo que não acaba mais, duma grandeza esmagadora.

De quando em quando, no espanto das existencias que se deixam arrastar e não sabem dominar a vida, vêem-se cabanas feitas de pau a pique e barro informe, cobertas de sapé, onde todas as doenças e todas as miserias vencem o homem, na sua primitividade desamparada.

Pelo guia vamos contando as estações, cada vez mais afastadas, até que chegamos à que fica mais perto de Nova Esperança e são ainda dois dias de viagem através de campos e matagais.

Com muita alegria reconheci logo, ainda a maquina arfava arrastando-nos para defronte da plataforma da estação, o grupo encantador de Bernardo, Bertina e o amor do filhinho, aquele lindo Carlitos que já de longe estendia os braços e atirava beijos, gritando: — Mamã bôa, mamã bôa! . . .

Que linda mancha de graça e de elegancia formavam, que bela floração duma sociedade que atingiu o maximo na civilização, que eleva o homem até Deus, junto dessa pobre gente

queimada, feia e triste, com a alma ainda apegada ao barro grosseiro de que foi feita!... Estranhos contrastes a vida nos apresenta aqui!

Nós duas instalámo-nos no *auto* com o Carlinhos, que logo me saltou para os joelhos. O Angelino ageitou-se como pôde com as malas. O Bernardo seguia a cavalo, com uma firmeza e uma elegância admirável. Tínhamos que ir relativamente devagar porque as estradas são carreteiras em que as chuvas a cada passo abrem *abismos*.

Durante a viagem, que dura, como te disse, dois dias com uma paragem forçada de noite numa pousada a meio da floresta, Bertina não fez outra coisa senão queixar-se do horror da sua vida ali, do pavor de ficar só com o marido e do desgosto pela minha partida para a Europa, que lhe causa uma inveja louca!

Calcularás a dolorosa amargura com que a escufava, eu que tudo daria por estar no seu lugar!...

No dia seguinte ao da nossa chegada fui logo de manhã com Bernardo percorrer as novas instalações, visitei a escola e o hospital e dei uma volta por casa dos amigos, para bem me penetrar daquela vida que a nossa vontade tinha conjugado, que o nosso amor fortificara e engrandecera.

Sinto-me impotente para te dar na pobreza da minha miserável prosa jornalística a visão nitida do que foram para mim esses quinze dias de luz que rasgaram momentaneamente as nuvens negras da minha alma!... Agora reparo que até escrevo *romanticamente difícil!*... Calculo como o teu espírito se surpreenderá

indignado e depois te fará rir da tua pobre amiga, à ultima hora sentimental e piegas! . . .

Era o encanto de viver junto de Bernardo — quem sabe se pela ultima vez! — sentir bem palpavel a realização do sonho que nos ligou para sempre, o alargamento infinito da nossa alma em face da vida imortal! . . .

Discutimos novos projectos, decidimos novas emprezas e obras a fazer, combinámos a valorização de mais terrenos a conquistar para plantações, aproveitando os colonos que serão contratados aqui em S. Paulo e Santos e talvez mesmo no Rio, onde não faltam imigrantes que não encontram facil trabalho na cidade.

As nossas condições são as melhores que podem encontrar em todo o Brasil, portanto não é dilicil a propaganda.

—De preferencia portugueses e brasileiros —dizia-me o Bernardo.

De certo que serão sempre esses os preferidos, mas todas as outras raças podem vir que serão absorvidas pelo nosso sangue, com a força da lingua ensinada nas escolas, com os nossos habitos, as nossas tradições e o vinco da orientação que a nossa obra lhes imprimirá.

A colonização caminha admiravelmente. A cidade torna-se garrida, fresca, atractiva, chamando colonos espontaneos de toda aquela imensa e fertil região.

Já temos uma feira mensal, onde vem toda aquela pobre gente do interior, inumeros *cai-piras* da roça e índios semi-civilizados, que trocam os seus produtos por mil coisas que os deslumbram, embora muitas vezes lhes desco-

nheçam a utilidade. São umas crianças grandes, coitados!

A cidade começa, como te digo, a ser pitoresca e alegre na variedade da gente e dos costumes. O sinal mais certo da prosperidade do lugar são os bandos de tropeiros que passam, oferecendo constantemente as suas mercadorias e os mascates turcos (que todos se dizem sirios) que pedem licença para estabelecer as suas tendas.

Sem trocarmos uma palavra sobre a minha partida, o Bernardo e eu vivemos estes quinze dias como se fossem os ultimos da nossa vida ou os primeiros duma existencia que não podia ser quebrada . . .

Na vespera do dia em que decidi corajosamente partir . . . — Não podia prolongar por mais tempo aquele doce martirio, aquele sonho que me levava, nem eu sei mesmo para onde! . . . — Procurei Bernardo no escritorio logo de manhã. Tinha já saído. Aproveitando essa circunstancia, que me dava uma certa coragem, assentei-me na sua cadeira e com a sua propria pena lhe escrevi, dizendo que ia partir para a Europa e que esta visita era a ultima que fazia á colonia . . . Pedia-lhe para mandar preparar tudo para a minha retirada no dia seguinte.

Ao vêr-me ali no seu escritorio, naquela familiaridade de socios, que tanto nos ligava e tão francamente honesto fazia o nosso convivio, os olhos iluminaram-se-lhe, naquela linda expressão de força e de dominio que me penetra, que me absorve e encanta, sem me deixar vencida e inutil, como succede a outras pessoas, que êle tem nas mãos como trapos inúteis . . .

Eu, pelo contrario, junto de Bernardo, sinto-me engrandecida, mais forte e mais serenamente autónoma, como se as nossas almas estivessem organizadas de modo a viverem a par, numa perfeita e completa comunhão, sem absorção.

Estendi-lhe a carta em silencio e vi a palidez natural do seu rosto tornar-se em lividez, os beijos tremerem-lhe nervosamente e uma nuvem passar perturbando-lhe os olhos, aqueles lindos olhos negros, duma limpidez e duma firmeza, que me levariam em extase pela vida fóra . . .

Reagindo, dominando-se rapidamente dobrou a carta e disse-me sorrindo, com um divino sorriso, que guardarei eternamente na minha alma:

—Quer partir amanhã, Leonor? . . . Pois sim, vou mandar uma turma de trabalhadores vigiar o estado da carreteira e vou eu mesmo vêr se o auto está em condições de viajar. Permite-me que a acompanhe, Leonor? Bertina não poderá ir por estar um pouco doente, mas não desejaria que fosse só com o Angelino e o *chauffeur*. E' um pouco perigoso!

—Nem eu atravessaria satisfeita a floresta sem a sua companhia . . . — disse-lhe a rir para não exteriorizar a perturbação que esse ultimo dia que ia passar com êle na serenidade augusta daquela natureza maravilhosa, me causava.

O que foi todo esse dia de agitação e de despedidas nem te posso dizer! Nunca senti uma excitação tão grande sob a calma duma apparencia, que a todos enganava . . . todos, menos Bernardo, tenho a certeza! Como as minhas, as suas mãos tremiam; como os meus os seus olhos

se perturbavam e rasavam de lágrimas quando me fitava . . .

E pela primeira vez na minha vida, senti, querida Regina, que o Bernardo me tinha toda inteira nas suas mãos, que êle era tudo para mim, e o que ia partir de junto da sua alma de posse e de dominio era apenas a minha vida material e inferior! . . . O meu espirito iria desdobrar-se, vivendo com êle daquela vida que ambos tínhamos criado e sonhado!

Deixa-me contar-te um episodio que ficou bem impresso na minha memoria com todo o simbolismo que o momento lhe deu.

No fundo do arraial, já na divisa das nossas terras de cultivo a visinhar a grande floresta virgem, vive um velho indio meio selvagem, que é um dos meus maiores amigos. Quando viemos fundar a Colonia este pobre, com a sua gente, estavam já aldeados junto do rio na orla da floresta, onde se internavam á mais leve ameaça de perigo, constituindo êles um perigo para a Colonia, apesar de mansuétos, porque nunca ninguem sabe o que esta pobre gente quer ou teme. Fui eu e o Bernardo que á força de paciencia, levando pequenas maravilhas para as mulheres, oferecendo brinquedos e comida ás crianças, conseguimos aproximar-nos do velho chefe. Com o auxilio dum interprete, um padre que percorrera o sertão a missionar indios e é agora o capelão da colonia, chegámos a entender-nos. O Bernardo propôz-lhe regularizar o seu aldeamento, mandou-lhes fazer casas de madeira, facilitou-lhes o ensino de pequenas industrias e êles, em troca, juraram não impedir a colonisação até onde possa ir.

Todos nos querem muito, mas o chefe tem por nós a estima dum igual para igual, e por mim, especialmente, uma ternura de velho pai. Era já tarde quando fomos para eu me despedir d'êle. Estava só, toda a sua gente masculina andava na pesca e na caça, que vão depois trocar à Colonia; e as mulheres com os filhos tratavam dos arranjos domesticos, num despertar de civilização ainda rudimentar, mas que já os não distancia muito dos caipiras semi-civilizados.

A' porta da sua casinha, a melhor, e feita com mais cuidado por ordem de Bernardo, o velho, assentado sobre os calcanhares, scismava, fumando. A floresta vivia ali a dois passos e de lá vinham os gritos das oncinhas de mistura com o canto monotono da araponga, a gralhada dos papagaios buliçosos, o martelar do «ferreiro» e os guinchos dos macacos travessos, alguns de barbas, como homens muito feios.

Quando o *trolei* parou, o Bernardo atou as redeas a uma arvore e ajudou-me a descer.

O velho olhou para nós, levantou dois dedos com gravidade e murmurou umas frases na sua linguagem entaramelada e misturada de palavras portuguezas e indias que só nós percebemos, à força de falar com elles :

—Vais e voltas, sinhá branca! Vais e voltas para nossa felicidade! Tudo que é bom vai contigo, tudo que é bom te espera!...

Tirou do pescoço um colar feito de dentes de macaco e lançando-o ao meu, murmurou qualquer coisa que não percebemos, e terminou:—Nosso Pai está contigo, até á volta, até á volta!...

E nada mais consegui que ele dissesse! Apertei-lhe a mão e ele sorriu apertando-me com força a minha e ficou quieto como um manipanço.

O Bernardo, sorridente e misterioso, perguntou-me se não queria levar lírios brancos, de que gosto tanto, que crescem junto ao rio em moitas de perfume estonteante, e parasitas duma delicadeza de colorido e duma elegancia, que não tem no cultivo das mais opulentas estufas.

Enchemos o *trolei* de flores, como uma corbelha onde me assentei, ao lado de Bernardo, que rapidamente tomou as redeas para voltarmos para casa.

Queres crer que eu, Leonor, a tua forte e serena amiga Leonor, tivesse uma crise de lágrimas soluçando como uma criança naquele cair rápido da noite com largas sombras azuladas a caminharem atrás de nós, no perfume estonteante dessas flores dum tão forte e capitoso veneno?! Senti, como nunca, a tristeza profunda e hostil dessa terra que se dá para logo se negar, dura, brava, venenosa e forte como um filtro de feitiçaria...

A' noite, depois de jantar, enquanto Humbertina ficava na sala rindo e cantando com os primos, eu sentei-me na varanda do nosso bengaló, toda florida de jasmims brancos, que trouxe de S. Paulo e tinha plantado na minha anterior visita à Colonia. Em poucos meses cresceram de forma que já quasi cobrem toda a varanda, de mistura com uma linda trepadeira de flores dum amarelo intenso e fuxias que o Angelino foi buscar ao mato e são uma

maravilha, para atrair os lindos e frageis colibris, que nos seus calices sugam o nectar que os alimenta. Tudo aqui se desenvolve e cresce rapidamente, numa pujança de vida que nos chega a assustar, a nós, pobres criaturas acostumadas à calma da vida disciplinada da velha Natureza europeia.

O Bernardo esteve comigo e não te posso dizer o encanto dessas horas lúgivas em que os nossos labios pronunciavam palavras de interesse e de negocio, combinando o que ambos deviamos ainda fazer para o completo triunfo da nossa obra, e os nossos corações batiam numa ânsiedade dolorosa!... Porque, no fim de contas, nós somos socios, isso é que é certo e positivo, o resto é incidente sentimental na nossa vida, que havemos de dominar e vencer. Não é verdade, Regina?

De madrugada partimos. O Carlinhos chorou tanto, tanto, que estupidamente me fez chorar também. A pobre criança parece que adivinhava que me não tornaria a ver! Bertina também estava agitada e triste, invejando a minha vida e a liberdade de voltar para a Europa, que é a sua curiosidade e o seu sonho.

Fizemos as nossas refeições parando o auto no meio da estrada, que estava o melhor possível pelo trabalho da turma de operarios que Bernardo mandara adiante. Angelino serviu-nos e comeu connosco e com o *chauffeur*. Foi uma viagem encantadora e despreocupada como um fim de férias cheio de boas recordações.

A noite escureceu tanto e tão rapidamente que mal tivemos tempo de chegar ao *ranch*

onde é costume pernoitar. O silencio da floresta subjugava-me, o calor da trovoadas que se preparava nas nuvens, poisando quasi sobre as arvores, era esmagador. Não podemos parar sob o coberto, onde havia muitos tropeiros conversando e rindo. Angelino trouxe um madeiro que cobriu com as almofadas do auto e sentamo-nos a conversar. Eu e Bernardo conversámos sempre e sempre temos que dizer! Todo o plano da Colonia foi de novo revisto, todo o nosso sonho, ainda uma vez discutido... De repente a voz dele quebrando-se quasi num murmurio disse-me:— O nosso sonho, Leonor, não se realizará nunca! Para criar a vida é necessária a vida, e nós negamo-la! Nós contrariámos a Natureza!...

—Bernardo—disse-lhe a tremer—não diga essas coisas, que não são a verdade, nós somos apenas a alma que sonha, não somos a materia que vive!...

—Não, Leonor, não nos iludamos! O nosso sonho ha de reviver noutras almas, que já não somos nós... e para ele ser a continuação da nossa propria vida, seria preciso que novas existencias criadas por nós o vivessem em extensão e dominio!...

—Tem o seu filho, Bernardo! Nós o guiaremos e o faremos viver a nossa obra!...

—Oh, o meu filho! O meu pobre filho, sem mãe, o que poderá fazer sózinho?... Será um isolado, como eu!...

—Não diga isso, meu Amigo! Bertina ha de convencer-se de que não está na verdade e ainda se hade tornar uma verdadeira esposa e uma verdadeira mãe de familia! Mas para

isso, ela não pode ser a mãe do filho unico! . . . O Bernardo precisa reconquistá-la, convence-la, prender-lhe o espirito, torná-la a companheira da sua vida de trabalho, de luta e de pensamento . . . — Não pode continuar, por tal forma era perturbadora e dura a expressão do seu rosto.

— Não diga mais, Leonor! Entre nós já está liquidada a vida comum. Ainda que ela pudesse vir para mim sinceramente, eu é que já não a podia aceitar! Não tenho sensibilidade moral senão para um grande amor e os filhos que podem continuar uma vida como a minha, só devem ser do amor! . . .

As suas mãos rapidamente procuraram as minhas e ambos tremulos, gelados, tivemos a sensação de que iam morrer . . .

— Leonor — murmurou-me apaixonadamente — nós devíamos esquecer tudo! Fechar os olhos ao passado que nos esmaga e construirmos o futuro conforme a Natureza o exige, conforme é justo e é belo perante Deus! . . . Mas tu não podes, querida! Eu também não posso! É o teu sangue, é o nosso sangue de dominio e de respeito, que não pode cortar com o passado, com a tradição de orgulho da nossa raça! . . . Sinto-te em mim e não posso impôr-te a humilhação duma vida socialmente inferiorizada, não! . . .

Pela primeira e ultima vez nós chorámos juntos as lágrimas mais doces e mais amargas da nossa vida . . . Depois, fui deitar-me na cama que o Angelino me arranjou dentro do auto e toda a noite senti os passos de Bernardo vigiando o meu sono . . . que não veio nunca!

Na estação despedimo-nos já calmamente, com uma tristeza infinita e doce.

Em S. Paulo encontrei tudo preparado para a viagem. Já tenho lugar marcado para embarcar no Rio. São apenas cinco dias que me restam para tudo quanto ainda tenho aqui a fazer.

A Silvina está delirante, mas em compensação o Angelino não se consola de me ver partir e ele ficar!

O outro dia chegou-se ao pé de mim, quando escrevia ao Bernardo e disse-me:

—Então a Madrinha vai de todo para Portugal? . . .

Para não atraiçoar a minha imensa e dolorosa saudade, apenas lhe disse que sim com a cabeça.

—O Sr. Bernardo sabe? Desconfia, ou tem a certeza?

—Tem a certeza, disse-lho agora na despedida.

—Bem percebi! . . . É muito valente, mas os olhos pisados diziam tudo. Ah, Madrinha, como ele lhe quer bem e como sofre de a ver partir! . . . Que grande alma é o Sr. Bernardo!

—Olha Angelino, não o abandones! Agora que eu não estou aqui, tu deves ir para a Colonia para o acompanhares e ajudares. Se queres falo ao tio que te dê licença. Hasde escrever-me e contar-me tudo quanto se passar.

—Pois eu faço tudo quanto a Madrinha mandar, mas espero que não será por muito tempo que lhe darei noticias do Sr. Bernardo. Ele mesmo lhas irá dar! . . .

—Não pode ser, não digas tal! — Respon-di-lhe, estremecendo, num arrepio de preságio.

—Pois a Madrinha acha que possa haver um português direito, como ele, que tolere a vida que faz aquela mulher?! . . .

—Angelino, o que queres dizer?! . . .

—Toda a Colonia o sabe e murmura, Ma-drinha! Aquela senhora não se dá ao respeito e toda a gente a censura. Parece uma bôba com aquelas palhaçadas das litas e a repre-sentar comédias com os primos. Não são coisas de mulher seria! . . . Toda a gente murmura e admira como o Sr. Bernardo se ligou àquilo!

—Mas Bernardo não consentiria que ela fizesse coisas que lhe ficassem mal, a colonia murmura sem razão! . . .

—Não Madrinha, tudo se quer de raiz. Aquilo é uma mulher à tôa, sem principios, que é a vergonha daquele senhor! Ela não é nada, não tem sangue, nem um bom nome a respei-tar! . . .

Para ter mão na conversa perguntei-lhe se desejava alguma coisa para a terra.

—A madrinha vai estar com a minha mãe? . . .

—Pois é mesmo para as Penices que eu vou, logo que chegue. Tenho tudo lá a pôr em ordem. A primeira coisa que faço é chamá-la para governante. Era o lugar que tinha em sol-teira em casa da tia Barbara.

—Olhe Madrinha, diga-lhe, diga-lhe! . . . Que me lembro sempre dela e trouxe mais saudades do que tinha antes de lá ir . . . Que heide voltar breve, logo que possa! . . .

E também o Angelino limpou uma lagrima que em vão quiz reter.

Oh a tristeza infinita desta vida de exílio em que a saudade nos marca definitivamente, criando affectos cá e lá, que é impossível jámais pôr de acordo! . . .

E disse-lhe para o consolar:

—Digo-lhe que tu irás brevemente e trarás a Joanninha . . . Sempre é uma boa companhia para os anos que vivêres por cá.

—Se ela ainda estiver solteira quando eu fôr, calhava bem! É triste a gente estar aqui sem ter com quem falar da nossa terra! . . .

—Pois está dito; eu trago-te a Joanninha quando voltar . . .

—Não prometa, Madrinha, que tem de cumprir breve! . . .

—Breve?!

—Sim, breve hade voltar!

Como o velho indio também o Angelino se pôs a profetizar a volta! . . .

Adeus Regina! Estas ultimas semanas pouco te poderei escrever, mesmo porque nada adeantaria, pois este barco é rapido e ainda alcançará os outros que partem antes. Adeus! Até breve!

Até à nossa terra que nunca supuz procurar em tão profunda e desolada amargura!

Adeus!

Tua

Leonor.

XVI

Os ultimos dias que Leonor passou em S. Paulo foram preenchidos pelas despedidas aos amigos, chás e festas que todas as senhoras queriam oferecer á viajante; organização de varios assuntos e recomendações aos tios, ao Angelino, a Francisco de Almeida, á Josefina, a D. Rosarinho e a todos os amigos, que a todos tinha que dizer e recomendar.

Era um desprender-se doloroso que a enchia de melancolia, apesar do aspecto de perfeita calma que aparentava. Os pequenos, que lhe queriam como a uma verdadeira mãe, não a largavam e só os consolava a promessa dos tios de que iriam todos no verão seguinte, pois nesse momento não convinha embaraçar a prima com tanto que ela tinha a fazer para tomar conta da sua casa.

Napoleão Larguinho agarrava comovidamente a mão de Leonor e procurava ler o futuro brilhante, que em seu entender devia realizar quando chegasse á Pátria, pois que nas suas linhas tinha todas as condições de triunfo duma verdadeira jupiteriana.

— Os jupiterianos — dizia convicto, com um grande ar recolhido de profecia — teem sentimentos muito altos e muito nobres e ideias tão

largas, tão avançadas e atrevidas que o publico os não comprehende de principio e por isso os hostiliza. Mas quando conseguem fazer-se comprehender tornam-se os idolos das gentes e são os verdadeiros dominadores. Leonor — e olhava-a fixamente — a senhora é um admiravel *medium* magnetico de atracção, e hade vencer todos os obstaculos e contrariedades! . . .

Tristemente ella pensava na impossibilidade de vencer o unico grande obstaculo que se levantava á sua felicidade, porque esse obstaculo era a sua propria vontade, que a afastava para tão longe! . . .

Diariamente, Bernardo, escrevia e telegrafava sobre os negocios da Colonia ao que ella respondia com uma calma de verdadeiros associados de negocios, como se outro sentimento não os ligasse mais do que os interesses materiaes. Aquella resistencia aceite heroicamente dava-lhes uma coragem extra-humana na ligação das suas almas superiores.

Como três annos antes a tinha ido esperar tambem agora o comendador a quiz acompanhar ao Rio, apesar do Angelino se encarregar de todos os assuntos materiaes, que são o lado difficil das viagens.

Nos dias que reservou para na Capital tratar assuntos importantes, que era necessario ficarem bem recomendados aos socios, Leonor não teve um momento de descanso. Antonina mostrava-a, triunfante, como a genial fundadora da cidade magnifica, já conhecida em todo o mundo pelo seu lindo nome de Nova Esperança! A nascente colonização era exhibida em todos os *écrans* do Rio e em breve seria enviada

para os Estados, para todos os países sul e norte-americanos e para a Europa.

A proposito da partida de Leonor os principais jornais fluminenses publicavam largas entrevistas, retratos, gravuras esplendidas de que ela lhes fornecia as fotografias, da exploração agrícola, das industrias, das quedas de agua, da escola, da igreja, do hospital e das casas dos colonos. . .

— Assim — dizia Antonina delirante — toda a gente hade compreender o valor da mulher em geral e da lusitana em especial.

— Perdão, Antonina, se não fosse o Bernardo nós não faríamos nada — reclamava Leonor cheia de justiça.

— Qual o quê?! . . . O Bernardo foi inventado por você, queridinha! . . .

E não havia meio de a convencer do contrario e muito menos fazê-lo confessar.

Auxiliada pela boa M.^{me} Jullien, como presidente e secretária da União Feminina, resolveram que se oferecesse uma grande festa elegante na despedida da sua consocia de honra. Para esse chá, que devia reunir tudo quanto de mais representativo havia no Rio, as duas amigas e algumas das associadas da União, não se pouparam a incomodos e trabalhos, conseguindo reunir não só a sociedade elegante, como todas as senhoras feministas e profissionais-intelectuais, os literatos e jornalistas, e ainda politicos e interessados na grande exploração da Nova Esperança.

Os salões do «Gloria» eram pequenos para conter os convidados que se reuniram á hora marcada.

Antonina sentia-se triunfadora e era com um entusiasmo quasi infantil que apresentava Leonor como a mulher forte e construtiva do futuro, quando todas tivessem direitos e iniciativa igual ao homem. Dinorah Machado, a linda bonequinha *maquilhada*, que publicara o seu novo livro de versos exóticos «Amor histérico» teimou, como sempre, em contrariá-la, porque não suportava a real superioridade que Antonina tinha em toda a parte, embora não tivesse nunca feito um verso . . . Assim declarou só conceder á mulher a liberdade superior e divina da heroicidade, como Joana d'Arc, que encheu a historia com a visão luminosa do seu sonho.

— Encheu a historia . . . da França — respondeu sacudida Antonina — Joana d'Arc foi o genio da reacção vital duma raça, por vezes caída em deliquios, que semelham a morte. Merece o culto dos seus concidadãos agradecidos; mas nós o que temos com isso?! Não é a mulher do nosso tempo, a mulher acção, energia, persistencia, intelligencia e força, como Leonor! Esta sim que nos dá exemplos que todas devemos seguir! Esta mostra o alto valor da nossa raça e quem pode mostrar exemplos destes não tem que admirar os outros . . .

Leonor ria protestando, mas Dinorah não desistia de se fazer ouvir, pelo menos no grupo dos colegas e admiradores, que a seguiam como musa inspiradora; pontificando na revista de arte e de mundanismo, a *Cigarra*.

— Joana d'Arc é o simbolo do povo de todas as raças! É uma predestinada que o céu iluminou, arrancando-a á inferioridade da vida terrena para a máxima gloria do céu . . .

— Pois olhe, a mim interessa-me pouco essa gloria e na versão em que Joana d'Arc me é mais simpatica e a considero mais logica é aquela que nos apresenta a heroína filha dum senhor feudal, reagindo energicamente contra a brutalidade e a inconstancia patriotica dos seus pares, resistindo à igreja e impondo-se pela sua altiva fôrça moral.

— Santo Deus! Como vocês, as feministas, se satisfazem destruindo a santa beleza das lendas poeticas! . . .

— Perdão! Não acho que a beleza da lenda perca em nos apresentar uma heroína com raciocinio e com logica em vez duma criatura instintiva. A heroína pastora e inconsciente é para a minha intelligencia e para a minha consciencia bem inferior à Joana d'Arc que eu visiono pertencendo a essa grande nobreza da Idade-Média, onde a mulher tinha direitos e representava poderes bem superiores aos que hoje temos. O que só pelo milagre a lenda pode explicar numa pastora, bem compreensivel se torna na moça educada na existencia de luta e de fôrça, que era a dum barão feudal! Esta não teria impedimento para ir até junto do rei pusilanime e da côrte covarde gritar a santa indignação duma alma que tinha em si propria a Patria bem amada, num grande desdobramento da propria energia!

— Mas a França consagrou a lenda e a essa historia, mesmo que fosse a verdadeira, quer ignorá-la. E eu que tenho na França a minha Patria espiritual quero venerá-la como ela a venera! . . .

— Faz muito bem — acudiu Leonor, que se

tinha mantido um pouco fóra da questão — mas não compreendo muito bem esse amor a uma terra estrangeira.

—Estrangeira, não?! É a Pátria do nosso espirito, a França amorosa de Musset, a França grandiosa de Victor Hugo, a França dolorosa de Verlaine... a França martir da guerra...

—Todas as Françaes nos são muito simpáticas mas a Pátria é uma só, Deus nos livre de filhos de muitas mães...

—Mas você também considera o Brasil uma segunda Pátria...

—Pois está claro, mas isso é outra coisa! O Brasil é o desdobramento da nossa propria alma. A gloria de Portugal é a gloria da sua terra e o triunfo do Brasil é o triunfo do meu sangue, da minha lingua, da minha propria alma! Quando as duas patrias lusiadas se compenetrarem da sua imensa força hãode juntar-se para realizarem o seu grande destino civilizador!...

—Bravo, Leonor, bravissimo! Assim é que eu gosto de ouvir falar, e hade ser assim que nós havemos de triunfar!...—gritou Antonina abraçando a amiga.

—Mas como quer D. Leonor realizar esse sonho se na sua terra o povo anda sempre agitado e revolucionario?—acercou-se a dizer o Dr. Filomeno sempre risonho e amavel.

—Isso que tem, que se agite e revolucione? E' apenas um excesso de vida. O nosso povo necessita ser impulsionado por uma grande acção porque está cheio de energias. Como as crianças mal dirigidas e cheias de saude e de força faz barulho, porque está aborrecido de

não realizar o grande sonho que lhe anda no sangue e lhe agita a alma!... No dia em que lhe derem uma orientação firme e lhe mostrarem um ideal definido e grande hãode ver! Repetirá as maravilhas que realisou nos grandes seculos lusiadas.

— E serão as mulheres que virão renovar a historia? . . . — quiz ridicularizar um dos companheiros de arte de Dinorah, que sorria ironica e superior.

— Deverão ser as mulheres e os homens. Não ha nada mais ridiculo do que classificar sexualmente as qualidades e os defeitos. Não ha qualidades morais inerentes a um sexo. Perante a inteligencia humana ha só qualidades individuais.

— Assim está certo, assim, concordo com a sua propaganda D. Antonina! — meteu-se um senador nortista na conversa. — Quando você e a sua amiga quizerem ser deputados e senadores, teem um voto, agora as outras não senhor! . . . Só se forem senadores pintados . . .

— As outras não pode dizer, Senador! As que forem como nós que entrem, as que quizerem continuar a vida de *guignol* e de *écran*, que vivem . . .

— Ah se houver mais cõmo as senhoras, concordo que votem e sejam votadas . . .

— Mas tambem nós não concordamos com o voto concedido à maioria dos homens — protestou D. Lili, uma encantadora feminista muito elegante, muito culta e representativa do elemento intelectual de S. Paulo, que viera despedir-se de Leonor.

— Pois eu nem sequer admito que tais

ideias se espalhem, porque são um perigo social — disse um dos do grupo combativo, que era advogado e deputado. — Para mim a mulher é dependencia e sujeição . . . e só assim é bela e cumpre o seu dever.

— Pois nós somos mais generosas: Para nós o homem é força paralela e direito igual.

— Mas um tem de mandar.

— Não sei porque será um e não os dois a mandar, cada um na sua esfera de acção. O senhor nunca viu uma casa de commercio com dois e mais socios?!

— Mas isso é outra coisa, são interesses materiais comuns.

— E o que ha na vida senão interesses comuns, materiais ou morais! . . .

— O Doutor — disse o pai de Antonina a rir — não discuta com elas, olhe que perde as suas esporas de cavaleiro parlamentar . . .

— É por isso que elles não nos querem na representação nacional — gritou D. Lili.

— Mas as senhoras imaginam que se libertam e hão licar mais presas do que nunca! . . .

— Nós sabemos isso! Quando se diz que uma pessoa está libertada de preconceitos não quer dizer que os não tenha, quer dizer que despreza os alheios para respeitar os proprios, mais de harmonia com as ideias do seu tempo ou com o seu proprio character.

— É como aqueles que são acusados de não terem religião — acrescentou M.^{me} Jullien com firmeza, que contrastava com a sua costumada timidez — o que afinal quer dizer que não pertencem a nenhuma confissão dogmatizada e sim leem de todas uma concepção moral ele-

vada e uma crença maior no espirito superior, que é a finalidade suprema.

—Seria assim se todas fossem consciencias libertadas . . . —veiu continuar o Dr. Filomeno embrenhando-se numa conversa filosofica, não largando mais a secretária da *União*.

*
* *
*

Leonor mal tinha tempo de sentir e de pensar na ausencia que ia fazer, pois nem um momento a deixaram só no seu lindo quarto do hotel «Gloria», dominando a baía quieta do Guanabara, à noite toda pontuada de luzes como um colar de topasios, enfrentando o morro da Gloria com a igreja ao alto, como um presépe e o Pão de Assucar impassivel e sereno, bloco da primitiva e forte natureza, destacando-se na luz azulada do entardecer.

A custo encontrou um momento para ir visitar Feliciano Rabaça, muito triste e envelhecido, internado na Beneficencia Portuguesa, numa doença sem esperança de cura.

Choraram ambos no ultimo abraço de despedida, não se deixando animar pelas palavras de carinho com que lhe queria levantar o espirito e a esperança dos velhos dias: — Para a primavera o meu amigo ha de ir com o tio Felisberto, não é verdade, meu tio?

—Decerto, decerto! . . . — dizia o comendador limpando uma lagrima furtiva.

—Não me iludo, não! Agora o que hade ir a Portugal são só os meus ossos. Que eu não

queria que ficassem longe da minha terra, não! . . . Peço-lhes que me mandem ir depois de morto, já que em vida não tive essa sorte! . . .

—Hade ir, hade ir . . . E o jornal hade reviver e nele havemos de fazer a grande propaganda lusitana . . . A Nova Esperança terá nele o seu grande orgão.

—Não na minha vida! . . . Isto já deu o que tinha a dar, é um chavéco desarvorado! . . . Mas tenho a consolação de que alguma coisa liz pela Patria, que levo aqui, nova e forte como na primeira hora . . .—e com a larga mão espalmada abarcava o sitio onde pulsava o seu pobre coração dilatado a sufocá-lo, que dia a dia o empurrava para o eterno descanso.

Então, Leonor contou-lhe os seus trabalhos, os progressos da Colonia, as suas esperanças e as de Bernardo, o sonho que os unia para um futuro de triunfo . . . e pela ultima vez o pobre sentiu o seu sonho a viver e a continuar-se nas almas moças, e sorriu num enlevo de triunfo. Foi a sua ultima hora de alegria.

Ainda noutra fuga Leonor quiz ir despedir-se duma velha senhora paralitica que tivera um collegio *chic* no Rio e agora agonizava na maior miseria, sem nunca perder a esperança de rever a terra santa de Portugal, onde decerto iria melhorar e remoçar . . .

—Como a Madrinha tem paciencia e coragem de ver estes espectaculos tão tristes?! . . . —dizia Angelino que a acompanhara.

—Deixa! Por uns momentos de sacrificio que posso esquecer, tenho a consolação de deixar muitas horas cheias de boas recordações e esperanças! Com a minha visita estes pobres

exilados tem a doce ilusão de se aproximarem da Pátria.

—Mas é que a madrinha é uma santa!...

—Oh! não, rapaz, não digas isso! O que desejo é que a vida seja boa para todos para assim eu também a gosar melhor. Sou uma egoísta, bem vêes!...

—Oh! se todos os egoístas fossem assim, que bom seria o mundo!...

XVII

Chegou finalmente o dia da partida. Muito antes da hora já Silvina e Angelino tinham tudo arranjado para as bagagens seguirem para bordo.

Leonor estava preocupada com as ultimas noticias remetidas de Portugal e devolvidas de São Paulo, que davam Paulo em perigo de vida. A sua amizade pelo poeta era cada vez maior, aproximada como se sentia agora dele pelo sentimento doloroso do seu proprio amor sem esperança. De Bernardo recebeu até à ultima hora cartas cheias de ideias e de afeição, mas simples e calmas como sempre. Na hora da partida o ultimo telegrama dava-lhe a certeza duma ansiedade igual à sua e durante a viagem os *sem-fios* ainda lhe disseram como a sua vida estava suspensa, ligada à terra moça onde deixara o coração . . .

A travessia do Atlantico fê-la na impaciencia de chegar. Agora que definitivamente conseguira vencer e quebrar o encanto que a prendia ao Brasil, o seu coração necessitava repousar junto dos affectos que a chamavam e prendiam na velha Europa. O isolamento desses dias em face de si propria davam-lhe um tormento ainda não sofrido.

Essa viagem, que anos antes fizera cheia de duvidas, mas forte da sua esperança e da sua fé, repetia-a agora triunfante na realização do seu destino material; rica, amada e dominadora, mas tão profundamente ferida na sua alma, que mais parecia uma retirada em derrota!...

O navio que seguia em viagem directa com um andamento regular parecia-lhe que não andava, zombando da sua impaciencia, enervando-a por essas horas sem fim sujeitas às companhias irritantes de indiferentes, a que não tinha coragem de ligar-se em simples relações de sociedade, por tal forma a banalidade cosmopolita das suas atitudes lhe era antipática na disposição de espirito em que se encontrava. Conversava com Silvina no camarote, recordando toda a sua vida do Brasil, que a rapariga conhecia como quem reflexamente a tinha também vivido.

Por ela sabia todos os *can-cans* de bordo e as scenas de miseria material e moral, que a terceira arrastava através do Atlantico.

Pobres dramas de familia em desolação, esperanças falhadas, ansia de vêr a terra outrora abandonada em hora presaga, satisfação de pequenas fortunas realizadas, tudo se amontoava naquele limitado espaço sem conforto nem hygiene onde Silvina tinha conhecimentos que arranjára nas primeiras horas de comunicação nos grandes vapores.

Fóra do tempo em que se conservava no beliche Leonor tinha a sua cadeira no lado menos frequentado e passava o resto das horas a lêr e escrever no salão.

Contava os dias, as horas, as refeições que

faltavam e dizia a Silvina a sua impaciencia de chegar e o seu desgosto, se por acaso o seu amigo tivesse morrido durante esses dias que faltavam para a sua chegada a Lisboa.

Sem uma véla, sem um recorte de terra a variar a paisagem movediça do mar, inalteravelmente azul, o navio avançava, zombando da sua impaciencia, numa bela marcha que não gastava mais de dez dias e meio na travessia. Finalmente, de madrugada avistaram a ponta de Sagres e ao longe os grandes vapores que cruzavam no vai-vem do estreito. Horas depois começava a desenhar-se a serra de Cintra, Cascais, Estoril, São Julião da Barra . . . E ela já não teve coragem de sair da ponte até que entrou o piloto, a visita de saúde, a policia de emigração . . . Toda a baía resplandecia no esplendor magnifico do porto de Lisboa, o mais belo do mundo.

O casarfo defenia-se no recorte de linhas sobre o azul muito limpido da manhã linda de primavera. Lá em cima os torreões da Ajuda, Necessidades, a Torre de Belem, os Jeronimos, o zimbório da Estrela e ao longe as duas torres espalmadas da Sé . . .

Era de novo a terra bem amada de Portugal e esses anos que passára longe, nesse momento deslumbrador, pareciam-lhe um sonho... Qualquer coisa que outra alma tivesse vivido e vagamente lhe tivesse contado. Pessoas e coisas esfumavam-se no vago da sua vida sub-consciente.

Houve até um momento em que as lagrimas a sufocavam dolorosamente e, impotente deante dessa explosão dos nervos tangidos,

Leonor chorou, chorou, desolada, incapaz de vencer a duvida e a amargura que partilhava a sua pobre alma vencida. E só a consolou dessa fraqueza sentimental a certeza de que ninguem conheceria, jámais, esse momento de fraqueza que a vexava . . .

Mal o navio deitou ferro e, debruçada na varanda, descobriu o barco onde vinha Regina, Miguel, Ritinha, Luisa, Marta de Menezes, e alguns amigos intimos, o seu coração socegou vendo a calma alegria com que a saúdavam. Se Paulo tivesse morrido elles não a receberiam assim, depois da ânsia do seu ultimo telegrama.

Aos primeiros abraços logo a pergunta lhe veio aos labios: — Paulo, como está?

— Não completamente livre de perigo, mas a operação correu bem, e os medicos afirmam, que, a não sobrevir qualquer imprevisto trans-torno, se salvará.

— Se a operação fosse quinze dias mais tarde, o Paulo não se salvava. Foi uma coisa admirável!

— O Paulo?

— Não o operador. Foi uma operação que orgulha a nossa sciencia medica; olha que de cem escapa um! . . .

— Ainda bem que esse um foi o nosso amigo! Poderei vê-lo imediatamente? . . .

— Havemos de poder — animou Regina.

— Sabe que eu venho?

— Não! O medico proibe qualquer emoção e a inquietação da espera pareceu-me que lhe faria mal. — Respondeu Miguel. — Mas agora talvez a alegria lhe faça bem.

Mais socegada sobre o estado do doente, Leonor abraçava cheia de carinho todos os ami-

gos. No mesmo abraço apertou contra o coração o Miguel e a Ritinha, envolvendo-os na mesma ternura que lhes dizia o seu grande affecto e a sua alegria de vêr resolvido pelo casamento um dos problemas que mais a tinham irritado em Portugal. Com as mãos dos dois apertadas nas suas preguntava:—Então o meu afilhado quando chega?

A Ritinha córada e linda como uma cereja trugal sorriu e disse:

— Não póde demorar! . . .

— E não — acrescentou rindo o Miguel — Daqui a três meses é a ceifa e precisamos de estar na Rebordosa.

— E teus pais?

— Encantados com a Ritinha e com o primeiro neto, que não nos darão licença de tirar de lá. Para elles é a nora ideal! . . .

— E para ti a unica mulher que te faria feliz. Pódes crêr! . . . — e abraçava-os alegrissima pela felicidade que os dois irradiavam.

Já no automovel, com Regina, Ritinha e Miguel preguntou sorrindo:

— Para onde me levam vocês?

— Vais para minha casa, Leonor. A tua está inabitável e desconfortável com tantos anos de ausencia, apesar de a ter mandado abrir e limpar todos os meses. Assim têmos mais ocasião de conversar, não é verdade?

— Pensaste bem! Por agora só desejo vêr o Paulo e ficar com êle, se vir que lhe sou util. A Silvina acompanha-me para me auxiliar. É a melhor das enfermeiras, cheia de carinho e dedicação. Depois vamos para as Penices. Tu vais comigo Regina, está combinado! . . .

—Quem sabe se na casa de saúde não consentem na tua entrada, Leonor?!

—Não penses isso Miguel. Quando ha dinheiro para pagar excepções, nestas casas fazem-nas sempre. De resto, eu sou de facto uma enfermeira diplomada e uma boa irmã do nosso poeta.

—Mas... pensa bem, não será um pouco extravagante aos olhos do mundo esse teu gesto?!

—Olha meu caro Miguel, bem sabes que só me interessam as opiniões das pessoas que estimo e vocês não dirão mal de mim por cumprir este dever de amizade, não?!

—Em ti tudo é tão natural, querida Leonor, que, aos meus olhos, quanto fazes acho bem!

—Obrigada, Regina! De resto, como milionaria chegada do Mundo Novo poderei ter algumas liberdades e compensações... — terminou a rir.

E o auto correu para a Casa de Saúde onde Paulo mal supunha a alegria que o ia surpreender.

De combinação com o medico o Miguel entrou no quarto e com uma delicadeza que não se suporia abrigada no seu largo arcaboço de caçador e cavaleiro infatigável, foi nos bicos dos pés junto da cama onde o doente mal tinha forças para abrir os olhos e murmurou, na duvida de o acordar em sobresalto, apesar do enfermeiro lhe dizer que não estava a dormir: — Paulo! Está lá fora uma pessoa muito amiga que o quer ver!

—Muito amiga?!... — e um sorriso magoado aflorou-lhe aos labios descoloridos.

—Sim, muita amiga! E amiga de muitos anos!... Não adivinha quem é?... Vem de longe para o ver e tralar.

—Tenho tão poucos amigos além de você e Regina!... — E sorriu voltando a cabeça na almofada, num gesto de desalento e de indiferença que os braços caldos ao longo do corpo mais pareciam assentuar.

—Mas oiça, Paulo, não é um homem!...

—Então é Regina ou a Ritinha... não conheço mais senhoras que me estimem!

—E Leonor?!...

—Ah, essa sim, mas está tão longe, tão longe!... — e de novo os olhos se lhe fecharam em desalento.

Apesar de tudo, a surpresa desse nome era tão grande, que o doente parecia indeciso ante as palavras que a ansiedade lhe trazia do coração aos lábios.

—E' Leonor mesmo — continuou carinhosamente Miguel, cheio de alegria pela alegria causada. Mas logo se arrependeu da sua precipitação vendo o poeta fechar os olhos aturdido e depois duma ligeira vermelhidão que lhe subiu às faces empalidecer mais ainda que de costume.

O enfermeiro adeantou-se diligente e fê-lo beber uma pouca de agua assucarada, murmurando para Miguel, atrapalhadissimo com a scena:

—Está tão fraco que só por milagre lhe daremos vida. Agora já não é tanto a doença é o quebramento de vontade que não ajuda os médicos. — E mais alto, consolador, bom rapaz, limpando-lhe o suor que lhe perolava a testa:—

Então senhor Doutor, isto nem parece dum homem que tem corrido as sete partidas do mundo...

—E' verdade, José, é uma vergonha, — sorriu docemente, procurando com os olhos a pessoa anunciada.

—Se não puder receber hoje as senhoras virão outro dia — lembrou o Miguel, aflito.

—Não, não!... Quero vê-las já!... Mande entrar, Miguel; que me desculpem!...

Emquanto o amigo sala a chamar as visitas pediu ao enfermeiro que o levantasse um pouco e lhe desse um espelhinho de mão e um pente, que passou pela barba crescida e pelos cabelos onde os brancos começavam a vencer os negros.

*

* * *

Com os cuidados continuos de Leonor, ajudada por Silvina e pelo enfermeiro, que ficava de noite, Paulo melhorava dia a dia.

Nessa manhã em que pela primeira vez se levantara, já em franca convalescença, Leonor entrou no quarto com um grande ramo de madresilvas e outras flores do campo e disse-lhe sorrindo.

—Como o seu aspecto é hoje magnifico, meu amigo! Logo, quando a Regina vier, mal o reconhecerá.

—Estou melhor, estou! Sinto que vou melhorar de todo, graças aos seus cuidados, Leonor!...

—Não aos meus cuidados, mas aos do me-

dico e de todos que o estimam. O perigo passou e estamos a entrar de novo na vida. Agora é só necessário não fazer imprudencias, continuar a ser um doente muito dócil, como tem sido, e cantaremos vitoria . . .

Sempre serena, numa grande harmonia de gestos, veio sentar-se junto da cadeira de Paulo, ao pé da janela, depois de ter arranjado as flores numa grande jarra de cristal, sobre a mesa.

—Como é boa, Leonor! Só ao seu cuidado, ao seu saber e ao seu carinho devo a saúde.

—Não diga isso! Eu apenas executei as ordens do medico e evitei que fizesse imprudencias, como agora mesmo está fazendo, tentando um esforço, que ainda não pode.

—Queria vê-la, melhor, Leonor!

—Se é só isso aqui me tem bem de frente — disse sorrindo e pegando-lhe nas mãos para ver se estavam esfriadas.

Fechando os olhos num sorriso quasi infantil, o doente murmurou:

—Que saudades tinha da vida quando pensava que ia morrer, sentindo-me envolvido pela sua ternura piedosa, Leonor! . . . — e uma lagrima rolou-lhe silenciosamente pelas faces emagrecidas e palidas.

—Não se pensa já em morrer. Deite as tristezas para traz das costas, meu amigo?!

—Não estou triste, não! . . . Isto não é tristeza, é uma consolação, uma paz, uma serenidade interior que nem lhe sei dizer! Bem sei que é impossivel, Leonor, sei na minha alma e na minha consciencia que seria impossivel, mas quereria tê-la junto de mim, sempre assim,

dôce, maternal e calma em todas as horas da minha vida! . . . Não pode ser, pois não?!—terminou suplicante.

Leonor estremeceu, córando ante aquele desejo lormulado com tanta delicadeza e pensou com amargura no desencontro continuo de certas almas com a felicidade.

Aquela declaração feita antes da sua partida para o Brasil ter-lhe-ia fixado o destino e a sua vida teria decorrido serenamente, na ternura daquele affecto constante e delicado, sem o desespero da hora presente . . .

Agora, era muito tarde! A saudade dolorosa de Bernardo, moço, forte, desempenado e energico, tomava-a toda, no triumpho da vida que se impunha à sua mocidade, que a absorvia inteiramente.

Junto daquele pobre doente que a sua ternura de irmã conseguira salvar, Leonor via o impossivel dum sacrificio material de que todo o seu corpo sentia a repugnancia invencivel.

—Não pensemos no amanhã, meu amigo!... Agora é preciso, antes de tudo, cuidar da sua saúde e eu não o deixarei sem o ver completamente bom.

Paulo compreendeu a evasiva da resposta e sorriu resignadamente.

—Não iluda a pergunta, Leonor. Eu desejaria tê-la sempre junto de mim, como já uma vez lho disse, lembra-se?! . . .

—Lembro-me, tenho-me lembrado toda a vida das suas palavras, meu amigo! . . .

E pegando-lhe com ternura nas mãos delgadas e transparentes, Leonor confessou-lhe todo o segredo da sua vida.

—Não me queira mal pelo mal que inconscientemente lhe fiz, meu amigo! Mas também, como a sua, a minha vida foi truncada pelo desencontro das nossas palavras! . . . Durante os anos de propaganda libertadora que realizei, mais pela convicção da miseria e da dôr alheia do que por mim própria, que nunca senti o peso da escravidão nem motivos de revolta, pensava de quando em quando com magoada incerteza na antipatia que devia inspirar ao recolhimento orgulhoso do seu espirito o contacto continuo em que me via com o publico, que é a triste consequencia das propagandas directas para a multidão! . . .

«Durante todos esses anos guardei com o maior cuidado, num recanto bem à parte da minha alma, como se fosse uma flôr de saudade, a lembrança carinhosa da nossa velha camaradagem. De quando em quando abria religiosamente essa linda pagina dum velho livro esquecido e aspirava com delicia o perfume delicado desse sentimento, que era um dos mais queridos orgulhos do meu espirito. Quando voltou, sabe meu bom Paulo? . . .—Confesso-lho hoje,—não foi sem um certo receio de que me censurasse, que pela primeira vez o avistei! . . .

—Que deliciosa ingenuidade, Leonor! Como é possível que se conservasse com um coração tão puro no meio dum mundo tão baixo?!

— Ah, mas quando o tornei a encontrar tão conhecedor de todo o movimento de revolta feminina, tão inteligentemente compreensivo e tão piedosamente tolerante para o doloroso sofrimento das pobres, que só teem consciencia da sua dôr, tive um momento de tão grande satis-

fação que nem calcula!... A nossa causa atacada, desconhecida, ridicularizada por tanto imbecil a quem as mulheres desprezam,—e que se julgam nossos superiores só pelo facto de serem homens!... — era defendida e compreendida pela sua grande intelligencia e pelo seu grande coração! Creia, meu amigo, senti-me pessoalmente nobilitada e toda a questão se elevou e espiritualizou aos meus proprios olhos. Porque me não disse o que me diz agora, porque me não repetiu nesse momento o que me tinha dito, porque não insistiu no seu desejo de ha anos, vencendo uma resistencia que era apenas um capricho sentimental de rapariga?!...

— Porque não insisti, Leonor?!... Porque tinha de ser assim. A minha alma não sabe impôr uma vontade que domine e dirija... Precisa de quem a recolha e agasalhe numa ternura sem sobresaltos, nem lutas, nem revoltas...

Leonor pegava-lhe com uma grande ternura maternal nas mãos arrefecidas e inconsolavelmente as lagrimas caíam inestancaveis pelas faces empalidecidas.

— Não chore, não se aflija minha querida irmãsinha!... Era assim mesmo que devia ser! Ha muita justiça nos factos que a vida vai desdobrando, independentes da nossa vontade. Eu não sou um criador, uma força que se imponha e triunfe, sou apenas uma sensibilidade dolorida, que necessita do amparo doutra alma e por isso me tentou a sua, tão bôa, tão compreensiva, tão forte!... Quando a vi partir, não sei explicar-lhe o sentimento de respeito que me conteve no gesto de lhe estender os braços a pedir o socorro do seu affecto!... Reconheci que

estava sentimentalmente livre, pois que ia por sua vontade, para o desconhecido duma vida de luta e de energia . . . E não tive coragem ! . . . Veja como a minha alma é inerte perante a conquista da felicidade ! . . . Não tive a coragem de lhe repetir o meu anseio, de lhe dizer, que aceitasse o meu amor num ofertório de renúncia, na completa adoração de todo o meu ser! Veja que a não merecia, Leonor ! . . . Quando voltou, minha amiga, naquela hora de milagre em que a sua alma piedosa se inclinou para a minha, que languida e exangue se apartava deste pobre corpo sem resistência, tive um deslumbramento divino de fé em mim próprio e na vida. Ah, finalmente, Deus estava comigo ! . . . Volvi às primeiras horas da mocidade, reconheci no caminho percorrido as nodoas de sangue que os meus pés, doridos dos espinhos hostis, tinham deixado e o meu coração ergueu-se alvoroçado num cântico de esperança. Evoquei todas as horas amarguradas da minha pobre existência esmagada e dei-as todas por bem pagas por uma hora só em que a ternura da sua alma reconhecesse a minha ! . . .

Ante aquela resignação tão doce e tão amorosa, Leonor não podia aquietar os nervos que tangiam dolorosamente, aumentando a crise de lágrimas que a sacudia.

E agora era Paulo que a consolava, que a amimava como a uma criancinha:

— Não chore, minha querida irmãzinha, tinha de ser assim! É tão natural que a sua mocidade, a sua força e a sua graça encontrassem uma outra força e uma outra mocidade para a comunhão das suas existências terrenas!

É preciso ser feliz, Leonor! A sua felicidade é necessária como uma bela forma da Natureza triunfante!...

— E eu não sou feliz, meu querido irmão, eu não sou feliz!... Não posso, não sei vencer agora os obstáculos que surgem como um castigo ao meu imenso orgulho!...

— Não diga tal! Hade ser feliz, creia! Ha existencias que teem de cumprir na vida a sua missão de plenitude na felicidade criadora. A sua desgraça, Leonor, seria uma traição à propria vida. Afirmo-lhe que hade ser feliz, diz-mo a serenidade do meu coração perante essa dôr, que me amarguraria infinitamente se a sentisse irremediável.

Como o velho indio, como Angelino, tambem o poeta, com a sua sensibilidade profetica do futuro lhe afirmava a felicidade no seu amor, tão absorvente, tão grande na tragedia dessa renuncia voluntaria.

Foi já num consolador apasiguamento de magua que a conversa continuou:

— Paulo, não me queira mal! Sou tão sua amiga, tanto, tanto, que só queria que fosse meu amigo como sou sua, mais do que dum irmão, tanto como dum pai ou dum filho.

— Minha querida Leonor! O seu affecto enche-me de ternura e amor pela vida, que me dá esta consolação imensa. Só desejo que não me esqueça nunca e quando a vida me levar para longe de si, que me envie de quando em quando uma palavra amiga, um simples jornal sobescrito pela sua letra, isso me basta!... Não necessito mais para saber que se lembra de mim e manter o gosto por esta existencia, que

— He devo agora resurgida, como a devia a minha mãe para entrar na vida.

— Mas não se vá embora, fique connosco, fique em Portugal! E' tão triste pensar no seu exilio! . . .

— Não posso ficar! . . . Não! Deixe-me sentir lá ao longe o prazer de sofrer o meu isolamento! Mais tarde, mais tarde voltarei e na sua familia, Leonor, terei sempre o meu lugar. Não é verdade?! . . .

— Sempre, sempre! Meu querido amigo. O lugar do melhor dos irmãos! . . .

VXIII

Quando Paulo retirou da Casa de Saúde, já completamente curado, Leonor partiu com Regina para as Penices.

O verão ia passando na posse e regularização de todos os assuntos da herança, dando á vida das duas amigas uma calma deliciosa no bucolismo daquela paisagem afogada em verdura, que a casa dominava dum pequeno outeiro em dôce declive.

O rever o velho lar amigo que tivera para a sua infância dispersiva o encanto dum refugio sentimental e tradicionalista, dera a Leonor uma funda e dôce melancolia, que lhe ia quebrando a revolta desesperada e ligando á terra o seu amor sem esperança.

Pela manhã, á hora fresca e pura do primeiro almoço, mandava servir o chá no quarto de Regina e com a larga janela aberta sôbre uma varanda sobranceira ao vale magnifico, que ia morrer ao longe na curva ondulada da serra fronteira, as duas conversavam infindavelmente e sempre tinham coisas novas a comunicar, historias a contar, anedotas que por vezes as faziam rir infantilmente

Durante o dia a nova proprietária tinha que atender a todos os assuntos duma admi-

nistração complicada, da qual se ia apossando com um acerto e uma prática, que deixava desapontados os rendeiros e serviçais, que tinham julgado fácil enganar uma senhora nova e pouco afeita a tratar assuntos semelhantes.

Como se a sua existencia fôsse dupla, duas almas vivendo a par sem se confundirem nem absorverem, conseguia uma disciplina e uma mecânica perfeita na vida exterior, que contrastava com a perturbação dolorosa da sua vida sentimental.

Para Regina era uma continua surpresa o encontrar cada dia mais aberta e sangrenta a chaga viva dum amor desesperado naquele coração, que só para o seu affecto se revelava nas horas calmas de confidencias intimas, vendo-a tão serena, tão forte e senhora de todos os seus gestos e pensamentos, na direcção equilibrada da sua vida material.

Nessa tarde, na doçura calma do sol já a declinar, na varanda coberta pelas glicínias seculares que se torciam como cordame de navio em volta da velha casa familiar, como a atestar os séculos de posse tradicional, Leonor respondia á pergunta que a amiga timidamente lhe fizera :

—Oh, não Regina, nunca!... Pois tu cuidas que se tivéssemos transigido com o nosso desejo um momento que fôsse, se numa só hora de fraqueza as nossas vidas se entrefaçassem na comunhão absoluta das nossas existencias... Acreditas que eu pudesse estar aqui?! Eu sei!...—tinhamos ambos a certeza sem o confessarmos um ao outro...—que no

momento em que a fatalidade do amor nos fizesse beber pela mesma taça o filtro de Iseu, a nossa carne, o nosso sangue, a nossa vida, não podiam mais ser dominadas pela própria vontade!...

—E fugiste?!... Tiveste uma coragem... que poucas teriam... que eu não teria!

—Fugi!... Fugi ao destino miserável daqueles, que não podendo viver em orgulho próprio transigem com uma vida desequilibrada e mentirosa! Talvez digas que o nosso orgulho foi superior ao amor... mas é que o nosso amor é feito de todo o divino orgulho dos dominadores. Amámo-nos para ascendermos numa comunhão para além da própria vida, sem remorso que nos prenda à terra.

—O que me parece, Leonor, desculpa a franqueza!... E' que na vida não vale a pena sofrer em tragedia quando se pode ser feliz com um bocadinho de transigencia e de adaptação!... Sofres tanto, e é tão inutil o vosso sofrimento!...

—Quem sabe?!... O sofrimento engrandece-nos e a felicidade que poderiamos ter na inferioridade das existencias hipocritas, não nos poderia satisfazer, crê!...

—Parece-me que o verdadeiro amor não olha às consequencias, salta por cima de todos os deveres e de todas as considerações. O mundo, a sociedade, os preconceitos sociais, tudo é nada perante a paixão, que nos subjuga e domina!... Perdôa Leonor, mas não compreendo esse vosso amor; aterra-me, parece-me uma coisa tão lóira da Natureza como a vida de S. Simeão Estilita ou qualquer varão illustre

da tradição católica. Deus pôs-nos no mundo para amar o amor e não para o contrariar!... A renúncia na palxão é uma loucura maior e um orgulho tão extraordinário, que a consciência humana não o compreende.

—Ouve, Regina... — E suspendendo-se na frase — Não te pareceu a buzina dum automóvel muito ao longe?... — Ante o gesto de negativa, continuou: — Não? Seria ilusão dos ouvidos, seria!... Ouve, Regina, eu bem te disse sempre que não nos podias compreender! Eu desejava pensar como tu, queria ser superior a mim própria... e não posso! É o ambiente desta natureza, que está no meu sangue; são estas árvores, as paredes desta casa, a saúde dos meus pais, a lembrança de ternura da tia Barbara, que tanto confiava na minha alma... Não sei, não sei Regina, mas perante o proprio tio Felisberto eu não tive coragem de atraiçoar o passado!...

—Desisto de te compreender, mas ainda menos ao Bernardo. São dois herois... Mas duma heroicidade inutil para o meu sentimento; confesso!

—Talvez tu estejas na razão, Regina, mas não ha remedio!...

—Se ha!... O primeiro dever do ser humano é viver a sua propria vida, realizar-se na sua propria alma e ter perante as opiniões alheias a serenidade inteligente de quem não espera dos outros senão o superfluo...

—Mas se eu não posso realizar-me senão na nobreza consciente de mim propria?!... É sem remedio o mal!... É a fatalidade do destino, como dizia o meu amigo Napoleão

Larguinho . . . Ve na minha mão como o dedo anelar . . . acima do indicador . . . Sabes o que isto quer dizer? . . . que os interesses materiais são para mim inferiores aos interesses morais. — E ficou sorrindo na expressiva tristeza da sua boca levemente desdenhosa.

A tarde tornara-se translúcida, duma delicosa frescura cheia de perfume dos frutos que amadureciam nas arvores e da terra que o hortelão ia regando na horta e pomar, descendo em socalcos para o vale.

— Pois só o remedio está nas vossas mãos e não o quereis tomar, que medico será capaz de vencer a doença?! . . . — Continuou Regina um pouco sacudida.

— Não te zangues, Regina! . . . — e beijava-a carinhosamente — Sofro tanto e necessito tanto do refugio moral da tua santa amizade! . . .

— De novo te repito o que te disse na hora da partida, como frizavas na tua primeira carta de exilio, lembras-te? «Partes porque queres! . . .». Agora digo-te: «Sofres porque queres! . . .»

— Não digas, Regina! Hoje, como então, a tua frase é uma ilusão do teu espirito sentimental, que na vida só compreende a dôr momentanea. Nem parti porque queria; nem soffro pelo prazer histérico de soffrer . . . E' a fatalidade do meu sangue, é essa qualquer coisa de superior à nossa propria vontade, que nos domina e faz dirigir os passos para um determinado caminho, que às vezes até nos parece impossivel de transpôr! . . .

— Agora, minha encantadora racionalista; até deste em crêres na fatalidade do destino,

como se fosses uma pobre Aziyadé da velha Turquia!...

— Não o digas a rir, olha... facto eu creio que ha uma força estranha que nos impulsiona e marca o destino!...

— Pobre Leonor!... Decerto a tua consciencia tão limpida e o teu raciocinio tão claro se perturbaram pela atmosfera de sobre-natural que envolve este pobre mundo em dissolução e lá no Brasil se exagerou na ánsia duma nova fé! E' necessario reagires, Leonor! O fatalismo tira-nos a razão superior de viver... E' um novo e perigoso misticismo que toma a vida moderna. Quanto mais belo não é viver como Deus manda em paixão e amor satisfeito?...

A' distancia os carros de bois chiavam melancolicamente pela quebrada da serra. No céu azul as andorinhas passavam em vôo largo duma harmonia perfeita... Vozes dispersas chegavam num quasi murmurio de côros orquestrais casando-se com o gemer proximo da nôra, que fazia tombar no grande tanque do pateo a agua cristalina. De novo Leonor perguntou!

— Não te pareceu o rodar dum automovel que parou no terreiro?!...

— Não ouvi nada, é sonho teu!

— Será talvez ilusão dos meus ouvidos, mas senti nitidamente o soffrear da maquina...

— Estás hoje sobre-excitada, Leonor! Vais adoecer, minha filha! O teu espirito é superior ás forças fisicas...

— Senhora D. Leonor, Senhora D. Leonor!...—E Silvina apareceu tão transtornada

à porta da varanda, que as duas amigas se entre-olharam num pavor.

—O que é, dize! Ha fogo em casa? clamou Regina erguendo-se num gesto de fuga.

—Não, não é nada mau!... E', é... *Seu* Bernardo que está lá em baixo!...

Leonor fez-se tão extremamente pálida, que Regina e a criada correram para a amparar.

Mas logo uma onda de sangue reagiu na maior alegria que lhe radiou na face e foi sorrindo que as afastou:

—Vem só?...

—Trazia pela mão o menino Carlinhos, tão engraçadinho!...

—Vem daí, Regina.

—Achas?...

—Não ha nada que a minha irmãsinha não possa conhecer.

—Vou já ter contigo, vai tu primeiro! Assim o Bernardo ficará mais satisfeito!...

—Está bem, como queiras! — Sorrindo, já inteiramente apossada de si propria, Leonor desceu á sala onde Bernardo a esperava, tambem muito palido, mal respondendo à tagarellice do Carlinhos que passava a todos os objectos da sala uma revista minuciosa.

Quando Leonor appareceu à porta, a criança deu um grito de alegria e correu para os braços que lhe abria, saltando-lhe ao pescoço a beijá-la com entusiasmo.

—Não te esqueceste de mim, bebé queridinho?!

—Não, não!... Tu és a mamã boa!... Bernardo sorria enlevado, e foi num gesto

de humildade quási religiosa, que beijou a mão que ela lhe estendia.

—Que surpresa, meu amigo, que linda surpresa! . . . E Bertina? . . .—murmurou quasi a medo.

—Abandonou-nos! . . .

Silenciosamente tirou da carteira uma folha de papel:

—Aqui tem a copia da carta que me deixou . . .

Carlinhos avistara Silvina à porta e já corraera dos braços de Leonor para os dela, na mesma exuberancia de carinhosa alegria.

—Leva o menino ao jardim, Silvina, vai-lhe mostrar os cisnes e tudo quanto êle queira vêr.

Ficando sós os seus olhos mergulharam bem no fundo uns dos outros e as suas mãos tremulas apertaram-se febrilmente. Sem poder evitá-lo—que a sua vontade se quebrara na violencia do choque—a cabeça de Leonor pendeu sobre o hombro de Bernardo e os soluços fizeram-na estremecer convulsivamente entre os braços, que a enlaçavam brandamente.

—Estou livre, meu amor! . . . Venho buscar-te! . . . Enfim, seremos um do outro para a eternidade . . . —murmurava êle, tambem convulso na mesma vibração de nervos que os aproximava na dôr como na alegria.—Lê, lê essa carta, que tudo explica . . .—insistia, quási inconscientemente, sem encontrar as palavras que correspondessem ao tumultuar dos seus sentimentos.

Já acalmada, sorrindo por entre as lagrimas, Leonor afastou-se dôcemente e pondeu lêr no papel que lhe tremia nas mãos:

Bernardo:

Sinto-me incapaz de vencer a minha paixão pela vida artistica e pela liberdade! Quero ser o que sempre sonhei, uma grande artista da scena muda. A vida neste deserto é-me insuportável! Se não fosse a minha paixão pela arte, talvez me resignasse, embora o meu sacrificio fosse inutil á tua felicidade. Não me procures! . . . E' só o que te posso pedir nesta hora tragica em que vou deixar para traz de mim um passado que não mais poderei reaver! . . .

Estou já contratada para uma grande companhia cinematografica e nada me poderá remover da resolução tomada.

Deixo-te o nosso filho, sei que o farás um homem honrado e tenho a consciencia que me não pertence. Tão estranhos temos sido sempre um ao outro, Bernardo, que nem sei mesmo se o meu sangue corre nas veias dessa criança adorada, que não consegui ligar-nos.

Sei que vales muito, Bernardo! Que te devo tudo quanto sou e os meus hoje são, mas não te compreendi nunca e não posso ser superior á vocação que me arrasta para a vida de Arte!

E's português e por isso podes libertar-te e esqueceres o triste incidente que fui na tua vida, como tu foste até agora o unico obstaculo á minha suprema ambição!

Não me queiras mal. Perdôa e esquece-me.

Humbertina.

Silenciosamente, sem levantar os olhos nem querer provocar confidencias amargas, Leonor

estendeu-lhe a carta bem reveladora da banalidade sentimental da almasinha inconsciente, que fôra o obstaculo supremo da sua vida, e que lêra até ao fim numa ansiada perturbação.

— Guarde-a, Leonor! O original está no processo de divorcio. Estou já legalmente livre!... Nada pôde impedir agora a nossa felicidade! Cheguei ontem a Lisboa e quiz ser eu proprio a vir trazer esta noticia, na surpresa da minha presença inesperada.

— Obrigada, Bernardo! E fica, não é verdade? Um dia, ao menos, para me contar tudo que se tem passado.

— Parece-lhe que o poderei fazer, Leonor?!...

— Porque não?!... Não estou só... Aqui está Regina, que já conhece, não é verdade?... — apresentou a amiga que vinha entrando.

— A mim escusas de mo apresentar. E' o Bernardo, basta dizer isto!... Na hora da sua chegada falavamos a seu respeito e agora reconheço bem que Leonor não exagerava!...

— Como é gentil, Regina! Desculpe-me que a trate já como uma irmã de Leonor!...

— É sua tambem, meu amigo!... Já o estimo tanto pelo que ela me dizia!... Calculará, não é verdade?... — E sorria gentil, beijando Leonor, radiante de frescura e de mocidade, que murmurou quasi em segredo junto da sua face:

— Está divorciado!...

— Deveras?! Ah, ainda bem, ainda bem!... Para mim pouco valeria, mas para vocês... Está bem, está bem.

Exuberante, feliz, juntava-os no mesmo abraço maternal fazendo-os sorrir na sua perturbação.

—Então fica, não é verdade, Bernardo?...

—Com a maior alegria. Vou dar ordem ao automovel para vir...

—Não! Mande-o simplesmente embora porque temos o nosso para o levar quando quizer...

—Minha mãe não sabe ainda da minha volta, queria surpreendê-la e levar-lhe o Carlinhos, que ela já adora.

—Talvez seja melhor preveni-la daqui — lembrou Regina — as grandes surpresas, mesmo alegres, podem prejudicar uma pessoa de idade...

—É que tanto tem sofrido!... Tem razão, vou preveni-la e...

—E eu comprometo-me a expulsá-lo no dia em que se combinar que é preciso ir-se embora!... — concluiu Regina.

—Só expulso, como os nossos primeiros pais, do Paraizo...

Imediatamente se estabeleceu uma atmosfera de carinho e de alegria em que todas as coisas, e o proprio pessoal da casa, parecia sentir-se da mesma felicidade que irradiava dos dois.

Carlinhos enchia de vivacidade e de ternura o ambiente calmo e frio da velha habitação cheia de sombras dum passado, que se renovava para um futuro de vida triunfante.

De novo as longas, as interminaveis conversas sobre a Colonia e todos os assuntos, que eram o interesse dos dois, os prendiam horas esquecidas. Leonor queria saber tudo minuciosamente, os detalhes que as cartas e telegramas mal lhe podiam dar, e revivia espiritualmente todos esses longos dias de trabalho e de

luta que sem ela o Bernardo tinha sofrido lá ao longe na realização do sonho que fizera surgir do nada a garrida Nova Esperança.

A todo o momento se esperava telegrama dos tios, que vinham no Loyd Brasileiro, por desejo patriótico de D. Flora, que o marido não quizera contrariar. Essa notícia fôra fixada para determinar a partida de Bernardo, seguindo depois as duas senhoras para Lisboa, onde Miguel e Ritinha as esperavam porque o nascimento e amamentação do herdeiro não lhes permitia fazer a visita prometida ás Penices. Paulo ia embarcar por esses dias em navio espanhol, que o levaria a Cadiz onde tomava o caminho do Oriente, na continuação da sua existencia errante, e Leonor não queria deixar de lhe apertar a mão, cheia de ternura pelas palavras de carinho com que a consolára nas horas tão desoladas que passára.

—Depois — dizia Bernardo — todo o tempo que nos sobrar é para vivermos aqui, não é verdade Leonor?

—Oh, decerto! O tio Felisberto em se apanhando entre estas paredes amigas não se vai tão depressa!

—Não se vai mais, é o que ele diz. Quer morrer na terra em que nasceu, que o chama, que o atrai e o prende mais do que nunca.

—Os pequenos vão para o collegio e os dois ficam a guardar-nos a casa, a conservar-lhe o calor, que já tinha perdido. Pobre casa amiga, que tão triste passou estes anos de abandono!

—Quando aqui chegámos, agora confesso, senti um frio na alma — confirmou Regina —

que só por vergonha não fugi. Sentia sombras que se prendiam às costas, parecia-me escutar vozes nas salas desertas, o proprio éco das nossas palavras me confrangia. Não queria dizer-te nada, mas confesso-te que só a muita amizade e um certo pavor de te abandonar aqui só, me fizeram vencer o mal estar dos primeiros dias.

—Depois tudo passou... Não é verdade? Agora já não sentes frio nem medo.

—É' curioso, Bernardo, mas à proporção que Leonor se ia apossando bem de tudo, entrando bem adentro da casa, colocando, arrumando, vendo todos os papeis e todas as coisas, parece que tudo tomava um aspecto novo e repousado; a casa adquiriu um ar calmo e carinhoso que nos dá um conforto e uma satisfação inexplicável.

—É' que as coisas também teem alma e conservam em si o calor das pessoas que as possuíram com amor. O espirito gentil da tia Barbara aquietou-se, finalmente, na satisfação da sua vontade cumprida e na certeza da continuidade na vida por tudo quanto conservou qualquer coisa da sua existencia terrena.

—O' Leonor, não digas essas coisas!... — E Regina olhava em volta sentindo um leve arrepió que lhe aflorou a pele.

—Isto não é brincadeira, nem é para assustar, é uma convicção... ou se melhor o entendes, uma impressão minha, pessoal.

—E minha também—disse Bernardo.

—Ah, isso não admiro porque um diz *mata* e outro logo responde *enforca!*...

—Mas não creia que é propositado!...

—Não, bem sei, é que um é o espelho do

outro!... Separados, vocês viviam só meia vida!...

Nessa tarde, a ultima que iam passar na velha casa antes de casados, pois que finalmente chegara o radiograma anunciando a proxima vinda dos tios e Bernardo partia com Carlinhos para visitar a mãe, que respondera radiante; a conversa prolongava-se sem fim, na falta de coragem em que se sentiam de a terminar com a separação.

—Olha Silvina, — lembrou Leonor — chama a velha Margarida. Ela estava tão triste por ainda não lhe ter perguntado noticias do filho! Amanhã já o não pode fazer...

—Pois sim, mas não te tornes piegas, olha que o Bernardo não vai só para o Brasil, — comentou Regina rindo.

De pé entre as portas a velha Margarida sorria, comovida, empurrada por Silvina.

—O seu lilho está muito bom e espera lá a sua visita...

—Ah, isso não! Ele que venha, senhor Doutor! Quem havia de ficar aqui na casa?! Eu é que lhe sei todos os cantos e todas as voltas. Nem o senhor Comendador aqui se aguentava sem uma pessoa que lhe dirigisse tudo, como no tempo da senhora D. Barbara, que Deus haja!

—Como vês, Bernardo, estamos a viver em simbolo. A nossa velha Margarida é a fada do lar...

—Pois então temos que lhe mandar o seu Angelino. Guarde-lhe cá a Joaninha que em breve ele a virá buscar.

—Pois a cachopinha ai está e se hade ser

com outra, bem melhor é que seja com ela, que é cá da nossa terra.

É empurrada por Silvina a costureirinha gentil que Leonor também chamara para junto da futura sogra, ria, corada e satisfeita, espreitando a scena, que alvoroçara o pessoal menor da casa, que era, como dizia Regina, uma verdadeira comunidade em que as irmãs leigas eram mais do que o serviço talvez reclamasse, mas tudo marchando harmonicamente sob a regencia disciplinada da velha Margarida.

XIX

Em Lisboa, instalados os tios no hotel com todas as comodidades, que a sua pequena casa lhes não podia oferecer, Leonor separou-se com magua de Regina que necessitava de pôr as suas coisas em dia para poder acompanhá-los ao Brasil, como lhe exigiam, no cumprimento da sua antiga promessa.

Das Penices trouxera apenas uma cosinheira e Joaquinha. Silvina, era em volta de Leonor como a fidelidade humilde e terna dum cão.

Nessa pequena casa dos bairros velhos, com um jardinsinho entalado entre muros, que lha enchia de frescura e de perfume, e com o largo horizonte sobre o Tejo das janelas da frente, Leonor renovava carinhosamente todo o passado em que ali vivera com a mãe, nos ultimos e melancolicos dias do seu isolamento.

Bernardo visitava-a todas as manhãs com o pretexto de lhe florir a mesa de trabalho e nas horas em que estavam separados, Leonor escrevia febrilmente numa pequena agenda, que êle lhe dera para registar todos os seus pensamentos. Viviam numa exaltação sentimental que os fazia contar em tragedia os

·dias que faltavam para a realização do casamento, que o advogado preparava com a legalidade que o assunto reclama.

Para eles a vida sô tinha valor nas horas contadas juntos e cada separação avultava desproporcionadamente aos seus olhos, como uma tragédia maior do que fôra a grande separação que tinham sofrido.

—A felicidade torna-vos piegas!...—dizia Regina rindo, nessa tarde em que viera buscar a amiga e a encontrara trissima pela ausencia de Bernardo, que fôra buscar a mãe para assistir ao casamento.

—E' verdade, Regina! Tens razão, mas que queres?!... Hoje preferia não sair, sabes? Ia escrever-te a pedir que fôsses em meu lugar ao hotel acompanhar a tia Flora ás sua compras.

—Faço-te de bôa vontade o que desejas, mas tu?!... Ficas aqui sósinha?!

—Sim, fico. Deixa-me ficar só. Não fenho paciencia de ver ninguem, nem me interessa hoje coisa alguma!...

—Bem sei!... Falta-te a mola real da vida, não é? Quem diria que tu havias de chegar a isto, Leonor?!... Vá a gente fiar-se nas feministas, humanistas ou lá o que vocês dizem!... Afinal, chegada a ocasião, são piores do que nós, as sentimentais.

—Mas decerto! Nas pessoas que sentem profundamente a vida e que não são sentimentais, como dizes, o amor é mais forte e mais absorvente, porque vai até à raiz da propria alma e amolda-se-lhe de forma que matar um é matar a outra...

—Bom!... Agora chegaste à tragedia!

E' sem remedio o mal! . . . Se o casamento não fôsse por estes dias recearia que numa hora de ausencia te suicidasses! . . .

—Não faças troça, Reginal! Se tu pudesses ver o que eu sinto em cada momento em que o não vejo?! Eu já nem sei se isto é amor, se é um viver dentro da sua alma, que me tira a posse de mim propria. No dia em que o não vejo sinto-me tão profundamente triste, que toda a minha alma se afoga em lagrimas. Ah, como agora me admiro a mim propria na coragem que tive de fugir-lhe?! . . .

—Agora, sim, compreendo-te, Leonor! Olha, compreendo-te e vibro na alegria dessa paixão tão linda! Guarda-a bem, minha filha, porque na vida só se devem contar as horas de sol de que ela nos inunda a alma! . . .

E despedindo-se:

—Mas vou em cuidado, deixando-te só e triste. Se queres volto logo para te acompanhar.

—Não te incomodes. O tio tem hoje camarote no Nacional e eu desejava que os acompanhasses e os convencesse de que eu não estou doente, que não se apoquentem, que amanhã, ao almoço . . .

—Depois do correio, bem sei! . . .

—Pois sim, depois do correio, vou ter ao hotel.

—E esta noite vais escrever? . . .

—Não! Deito-me cedo e a Silvina vai-me contar historias, como fazia em S. Paulo! . . .

—Voltaste a ser criança, Leonor! . . . Ainda bem, minha filha! Não ha nada como o amor para nos remoçar! E' tão bom ser-se criança quando se ama! . . .

--Tu é que és uma alma em flôr, Reginal . . .

--Crê! A unica verdadeira saudade que levarei da vida, é do amor que me deu! . . . E' verdade, tens visto a Marta de Menezes? . . . Parece que esta pergunta não vinha agora a proposito, mas pensei nela porque me disseram em casa da minha familia, que se ia divorciar. Imagina que disparate!

--Que loucura! Esteve hontem aqui. É sempre o mesmo encanto, a mesma serenidade, a mesma bondade e crença no futuro da mulher. Ela, o marido e os filhos, formam um lar delicioso.

--Sem paixão! . . . Apesar do muito que estimo a Marta, sempre me fez um pouco de frio na alma. Tem uma serenidade no amôr! . . .

--Oh! Sim! A paixão vinha já um pouco fóra de tempo, mas a ternura que os liga vale bem a paixão dos outros.

--Está bem para eles. Acho que está certo, mesmo a Luisa, com a sua felicidade tão discreta, que a gente nem chega a dar por ela . . .

--Depois das ruínas sobre que tiveram de construir a sua vida, uma alegria exuberante não vinha muito a proposito, nem lhe ficava bem a ela nem ao Dr. Manuel Faria . . .

--Sim, filha, eu compreendo isso tudo, mas não é o meu genero . . . E agora, vou-me! Até amanhã, meu amor, não estejas triste! Daqui a oito dias já não ha separações! Sempre é certo que a Ritinha e o Miguel vêm no sabado? . . . Outros que estão vivendo um lindo sonho! . . . Assim é que eu gosto!

E saiu, rindo sempre, cada vez mais moça, na felicidade que a envolvia e entusiasmava.

A' noite, sob a luz dôcemente velada da lampada, que deixava em sombra o quarto, concentrando nas suas mãos delgadas a luz branca da electricidade, Leonor ouvia Silvina, que lhe servia o chá.

— A mãesinha é tão feliz agora, pois não é?! . . .

— Tanto, Silvina, que o ser assim feliz me parece um desafio a Deus! . . .

— Oh, não diga! . . . Deus quer que a gente seja feliz.

— Acreditas em Deus e nos Santos? . . .

— E a mãesinha não acredita em Deus?

— Talvez não como tu, mas acredito.

— E nos Santos?

— Que são almas boas, sim, creio! Mas o teu Deus e os teus Santos não querem que a gente seja feliz na terra.

— Que esperança! . . . Deus quer que a gente seja feliz na terra porque sendo infeliz lhe manda palavras bravas e sendo feliz o louva sempre. . . e os Santos também.

— Mas os padres não dizem isso, Silvina.

— Ué, os padres?! Que importa os padres?! Eles não sabem, quem sabe é o Padre grande dos indios. . .

— Quem te ensinou a dizer isso? . . .

— A mãe que eu tive viveu com eles!

— Que linda hade ser essa religião que não quer que a gente sofra! Conta o que a tua mãe dizia.

— A mãesinha quer que eu lhe conte a historia da mamãe?! . . .

— Conta, conta! . . . Bem sabes que gosto de historias. . .

— A da Vaquinha Bi-be-rá-bá... não é? Como lá em S. Paulo para os pequenos?... Mas esta da mamãe é verdadeira, mesmo!

— Mais bonita será, Silvina! Conta!...

— Pois então é assim: A mãe de mamãe era negrinha de Africa. Era muito engraçadinha e vivia com senhores brancos, que a tinham comprado. Davam mimo á negrinha e ela era muito *prósa*. Um dia brigou com sinhá mocinha e sujou-lhe o vestido. Então Sinhá mãe ficou brava e mandou amarrar a negrinha a uma arvore e dar açoites. Como nunca fôra castigada gritou, gritou e chorou tanto que a patroa zangada a mandou deixar ficar ali amarrada até se calar. Então foram-se todos e ela cada vez gritava mais com medo dos bichos e da noite, que vinha a correr. Nessa ocasião o pai da mamãe era moço indio duma grande tribu, que vivia por aqueles sitios e andava a rondar. Ouviu negrinha e muito sorrateiro, por entre o capim, chegou a ela e cortou as correias que a prendiam. Então ela teve medo de voltar para casa e pediu-lhe por acenos que a levasse para os seus. Levou-a com muita cautela e como deixaram ficar os panos, os patrões julgaram que os bichos a comeram. Não a procuraram e a negrinha aprendeu a lingua deles e o pagé casou os dois. Ela era feliz, mas tinha muitas saudades da vida da gente branca. Contava coisas p'ra ele e assim ele tambem já desgostava da vida do mato. Mas tinham médo do senhô da negrinha!... Um dia ela estava na mata e sentiu tropeada de negrage na picada, foi espiar e conheceu negros de seu sinhô. Então chamou eles. Fizeram grande alarido por negrinha estar salva e foi quando lhe

disseram: — Negro não ser mais escravo! Trabalha si qué e nós não queremos. Você pode ir mesmo na cidade! — Foi chamar seu homem, concertaram ir embora mas foram primeiro ao pagé, que lhes deu a benção e disse como haviam de fazer quando quizessem voltar p'ra eles.

«Arranjaram uma tapérinha vasia, ageitaram-na e ficaram vivendo perto da cidade. E todos gostavam muito deles e da filhinha que tinham, que era muito engraçadinha. Essa era mamãe. E mamãe já era mocinha e todos gostavam dela por ser negrinha e de cabelos lisos e esperta, e um dia um senhor branco chamou-a para lhe dar um vestidinho bonito. Então serviu-se dela! . . . Veja mãesinha como são maus os homens!

— Esse foi mau, Silvina, porque era um bruto.

— Mas era branco, mãesinha. ʃ

— Não importa! Ha brancos muito e muito maus . . . Conta! E depois?!

— Mamãe chorou muito e foi contar á sua mãe dela. Ficou muito triste e já dizia mal da vida de gente branca. Depois nasci eu e o pai de mamãe queria botar-me ao mato, mas sempre tiveram pena e criaram-me ás escondidas. Como era tambem engraçadinha e esperta, senhora professora me tomou. Foi quando aprendi a ler e gostava muito daquela vida e de toda a sua gente. Mas um dia estava só em casa e o filho grande da senhora veio em casa e disse:— Silvina, abra a porta que mamãe me mandou buscar uma coisa ao quarto.—Eu, bôba, menina inocente, abri a porta e ele entrou agarrou em mim, tapou-me a boca e tambem fez o que quis. . .

— A ti Silvina?!

— Sim mãesinha! . . . Fui desgraçada também! Mãesinha vai ficar mal comigo?! . . .—E chorava entristecida!—Vé, que eu não queria contar?! . . .

— Pobre Silvina! Não fico mal contigo, mas indignada com esse animal. Por seres infeliz ainda sou mais tua amiga. Conta, e depois?

— Então eu fui em casa e contei p'ra mamãe e ela também chorou muito. Mamãe estava casada com um da sua gente e tinha mais filhos. E' por isso que minha irmã é doutra côr, lembra-se mãesinha?

— Sim, lembro!

— Então como mamãe não me podia ter em casa combinou com sua mamãe dela e trouxeram-me para uma amiga que tinham em S. Paulo. Foi quando fui para casa de Sinhá D. Flora para arrumadeira.

— Mas não tiveste nada?

— Não! Felizmente não tive filho! Foi sorte.

— E não gostaste de mais ninguem? . . .!

— Ah, não! De homem de côr eu não gosto, homem branco trata a nós como animais! Mãesinha, imaginam que nós não temos alma?! . . .

— Eles é que a não téem, Silvina!

— Muito tempo imaginava que homens brancos eram todos assim . . . só quando conheci Sinhô Felisberto e depois Sinhô Bérnardo e . . . *seu* Angelino é que compreendi que ha homens bons entre os brancos . . . Mas eu só quero viver com mãesinha. E' tão triste ser assim como eu! . . .

— Mas comigo hasde ser sempre feliz.

— Pois é! Sinhô Feliberto mi disse:—Silvina vai com Leonor, vigia por ela e no meu

testamento te deixo uma renda e casa. Mas pa que quero eu, não é? . . . Estou com mãesinha até morrer.

—Sim, mas na tua casinha podes meter a tua irmã . . .

—Sim, ela é desgraçadinha. Seu homem é praça e tem bem pouquinho . . . e dois mininos. Ficam bem na casa. Mas era melhor na colonia. Na Nova Esperança ha logar para todos, não é?

—Decerto! E tu não gostarias de ter tambem uma casa, um marido e filhos? . . .

—Sim, mãesinha, mas isso é impossível. Os seus mininos serão os meus filhinhos. Eles hão de querer-me muito, como o Carlinhos, não é?

—Já se sabe que sim, mas tu não gostas de ninguem? . . .

—*Seu Angelino* mi disse um dia no baile:—Silvina se você fosse portuguesa eu me casaria comsigo.—Eu disse p'ra ele—meu papai era português.—Não é a mesma coisa!—Não é a mesma coisa!—E agora que eu estive cá em Portugal bem vejo que não é a mesma coisa! . . .

A menina Joanninha é mais propria para ele, não é verdade mãesinha?

—Sim, para o *Angelino* ela é melhor, mas nunca se deve desesperar, Silvina! Quem sabe se encontrarás um companheiro para a vida?!

—Não me importa, mãesinha! Estou tão bem comsigo e com *Sinhô Bérnardo* . . . A minha historia é triste, não é? Mas esta tristeza não lhe faz mal, senão eu não contava.

—E's tão boa, Silvina!

—Agoro durma, mãesinha, para correr mais depressa o tempo antes do correio.

E aconchegando-lhe a roupa como se fosse a uma criança apagou a luz e saiu silenciosamente.

XX

De novo um grande navio com todas as comodidades modernas leva Leonor ao Mundo Novo, caminho que a sua ânsia da vida lhe apontara um dia, nas vagas brumas do horizonte; mas desta vez não é já a pobre alma tenteando as asas para vôo incerto e cheio de perigos; mas a confirmação dum destino que se realizou plenamente.

Já não é aquela rapariga inquieta, irritante por vezes, fazendo da sua vontade uma couraça de ferro para não deixar transparecer as suas próprias duvidas, mas a mulher equilibrada, serena e feliz, na certeza dum triunfo tão íntimo, tão estruturalmente ligado à sua própria alma, que ninguém com ele se escandalisa.

Em Portugal ficavam-lhe grande parte das suas afeições, mas a despedida fôra serena, alegre mesmo, na certeza da continua ligação em que iam viver todos, repartindo-se entre os dois países, que formam um todo perfeito a ligar o Oceano num abraço esplendido, numa continuidade de affectos que não se podem extinguir.

Bernardo deixara Carlinhos entregue à mãe, que o reclamara com todo o direito do seu sangue de sacrificio. E fôra Leonor, a filha

que o seu coração carinhosamente recebera, a primeira a dar-lhe razão e a juntar os seus pedidos e razões para convencer o marido àquele sacrifício, que no fundo era uma justa compensação à viuvez e ao abandono em que moralmente a deixara durante tantos anos. Também para ele a falta de Carlinhos ia ser um sacrifício, mas são os novos os que primeiro devem mostrar o exemplo, porque teem mais qualidades de resistencia perante a vida, depois . . . era a natural e tradicional logica dos factos: a criança nascida no Brasil tem de vir mergulhar as raizes da alma na terra bem funda da Pátria da sua Pátria, para a continuação do grande sonho lusiada do futuro.

E o Carlinhos ficára, já senhor do coração estremoso da avósinha, que o ligava à vida tradicional da terra na paisagem severa da Beira, vivendo em pequenino senhor na velha quinta armoriada, onde os seculos passavam como anos, na sequencia da familia.

Sob a protecção carinhosa das velhas arvores, que tinham visto nascer os pais e os avós, numas poucas de gerações; correndo sob o tunel protector dos bucheiros bem talhados a ensombrar as grandes ruas areadas; vendo a agua, cair nos tanques e regar as plantas que os alimentavam; ouvindo da boca da avó e das creadas, que tinham nascido ao abrigo da familia como raizes adventicias da mesma arvore, os mesmos casos e a fantasmagoria maravilhosa dos contos tradicionais; o Carlinhos ia ser bem penetrado, bem absorvido pela raça sem que o podesse prejudicar o sangue de aventura que o acaso lhe dera.

Tambem o tio Felisberto volvia, naturalmente e carinhosamente, à velha terra minhota onde conseguia enraizar, pela doçura dos corações amigos, D. Flora, que se sentia agora feliz vivendo nas Penices, cortando a monotonia da existencia com largas temporadas em Lisboa, para estar junto dos sobrinhos, que se educavam na capital e algumas viagens a Paris, que ficara sendo sempre o seu dogma indiscutivel para as modas e elegancias.

Anézia e Pedrito, sempre os mesmos amigos da prima e agora de Bernardo, despediram-se corajosamente com a certeza de que iriam para o Brasil, completada que fosse a sua educação, para os auxiliarem na obra imensa da Nova Esperança, que era o sonho realizado do seu sangue.

E com eles, Miguel, Ritinha, todos os amigos encarregavam Regina de estudar bem a viagem para lá irem um dia . . . é o sonho sempre latente da raça: ir para alem, para a Terra Prometida, para a realização inconsciente do grande destino de expansão!

O navio seguia imperturbavelmente na calma esplendida dum mar chão, sob o velario de estrelas que tornava o céu transparente como uma fina gaze.

Já o dia da Madeira, com a maravilha da sua paisagem, o sol e a alegria ruidosa dos passeios e excursões, passara. Regina já ligara relações num grupo amavel de brasileiras que a retinham no salão, nesse momento em que Leonor e Bernardo, encostados na amurada, fóra do circulo da luz onde os passageiros se agrupavam, docemente se em-

bebiam na felicidade plena da sua comunhão de almas.

—Acreditas no destino, Bernardo? . . .

—Acredito! Ha uma força que nós não compreendemos nem podemos explicar, que determina as nossas acções, que nos leva, que nos impele, sem nós sabermos, às vezes, para quê?! . . .

—Mas então a nossa vontade, o nosso juizo, o nosso proprio sonho perde todo o seu valor! . . .

—Não, porque a nossa vontade e o nosso sonho são grandes e impõem-se quando se tornam uma forma vivida desse próprio destino inconsciente, que a maior parte da gente não sabe compreender nem viver. É como queres tu que não acredite no destino, se olhar para nós próprios?! . . . Vê tu, meu amor, andaste por todo o mundo, estiveste resolvida a casar com outros; conheceste tanta gente, ouviste tantas opiniões contrarias e no fim, uma vontade superior e mais forte que a tua propria vontade, levou-te para o Brasil onde eu te esperava para a realização de mim proprio. Quando te vi, Leonor, tive a sensação de que eras uma fôrça que aumentava a minha fôrça e a certeza de que os nossos destinos só juntos se poderiam realizar . . .

—Ainda bem que acreditas no destino, Bernardo! Assim . . . tudo que aconteceu devia acontecer, não é verdade?

—Tudo, meu amor! . . .

—A's vezes duvido de mim propria . . . Penso que sou feliz demais . . .

—Tudo é bem pouco para o que devias

ser . . . E dôcemente, sob o chale de velho tonquim que a moda utilizara, e Leonor encontrara nas arcas de canfora da tia Barbara, o braço de Bernardo cingiu-a bem a si numa caricia infinita.

— Sabes, Bernardo?! Tenho uma grande novidade para te dar . . .

— E tens a certeza que eu a não tenha adivinhado, meu amor?! Mas não ma digas, não quero ouvi-la da tua boca senão dita na varanda da nossa casinha de colonos, entre os jasmims e as glícínias que tu plantaste, minha adorada! . . .

— Que linda deve estar agora! . . .

— Que linda, numa noite como esta, calma e lucilante de estrelas, com milhões de pirilampus a passarem no escuro, como aquela em que tive a ultima e definitiva certeza de que um dia havíamos de ser a perfeita encarnação de duas vidas numa só vida magnífica! . . .

— Como podias, nesse momento, pensá-lo?! . . . Como o poderias sentir e prever?! . . .

— Perdôa a minha traição, Leonor! . . . Não te sei explicar como poderia ser nem o que senti! . . . Mas quando encontrei a tua mão entre os jasmims, quando puz nos teus dedos os meus beijos a arderem, senti um grande apaziguamento, uma certeza que vinha de dentro da minha propria alma, de que tudo havia de correr de fórmula a que se realizasse o que era de justiça . . . o que era necessário que fosse. Pois tu crês, Leonor, que sem essa certeza interior, sem essa fé inexplicavel — mas funda! — eu te deixaria vir?! . . . Eu correria o risco de te perder para sempre?!

— O meu sacrificio foi maior, Bernardo,

porque senti a desolação, o vácuo, o horror do fim! Nesse momento vi-me jogada á vida como um madeiro inútil... e sofri!... Deus! Nem quero que me lembres! O que sofri na tragedia do meu isolamento!...

—Meu amôr!... Quanto devo fazer-te feliz pelas horas amarguradas que sofreste por mim!...

—E tu eras ainda o unico pensamento consolador a acompanhar-me e a fortalecer-me na vida!...

—Ouve, Leonor, preciso fazer-te uma confissão!... Amas-me julgando-me perfeito e eu quero mostrar aos teus olhos o que de facto a minha alma tem de humano e inferior!... O que na realidade sou... um criminoso... pelo teu amôr!...

—Que loucura!...—Sorriu Leonor, levemente assustada.

—Ouve... E não me queiras mal, depois!... Para realizar a nossa felicidade, olha meu amôr, cometeria todos os crimes! É o que fiz... talvez mesmo não seja crime para a consciencia de muita gente... mas eu não me absolvo sem que tu me digas, que ainda depois de me ouvires me tens o mesmo amôr como antes!...

—Conta, não me deixes nesta duvida...

—Tu sabes, não é verdade? Bertina não gostou nunca de mim com amôr de mulher. Aceitou-me no deslumbramento duma posição, que a familia lhe preparava e viveu primeiro ao meu lado no respeito duma escrava a quem o senhor, por capricho, um dia ergueu do nada. Eu nunca tentei conquistá-la para a igualdade duma perfeita vida conjugal. Para quê? Casára

como se casa no exílio, para não vêr sempre caras novas e ter uma pessoa que me desse o conforto material da casa, visto detestar a vida sem interior dos hotéis. Foi um casamento criminoso. A família queria casá-la, ela queria ter quem a elevasse da condição modesta em que vivia, eu aceitava o costume, sem paixão nem respeito pelo lugar que ia dar a uma estranha. Dessa união estúpida nasceu o Carlitos, bem sabes . . . o resto conheces.— As nossas existências cada vez mais se distanciavam uma da outra; era um frio que propositadamente eu exagerava. Ao principio Bertina irritou-se, depois começou a distrair-se a architectar novos sonhos . . . E eu via tudo, Leonor! Via e fingia que nada percebia! Era a libertação, era a minha alma a procurar a tua, da qual só esse frágil obstaculo me separava! Todos viam e se indignavam, por me julgarem enganado na minha boa fé . . . O Angelino andava como louco e eu, Leonor, que tudo compreendia, nada queria vêr! . . . Pobre Bertina, quanto dispendio de energia para encobrir o que tanto desejava que ela fizesse! . . . Um dia, chegára o momento desejado, disse-me que recebera carta do pai, que estava doente e lhe pedia para ir a S. Paulo. Foi no fim do almoço; se visses Leonor, o esforço que fiz para conter a minha alegria?! . . .

—Bernardo, foste cruel!

—Não! . . . Ouve! Via-a partir como quem vê abrir-se as portas duma prisão! Como quem vê entrar-lhe na alma a luz, a vida, o sol, o perfume de todas as flores do mundo . . . Não fui cruel, Leonor, fui humano! Ouve, ouve! . . . Timidamente perguntou-me se consentia que

levasse o Carlinhos. — Não! O Carlinhos pertencia-me, não tinha que fazer em S. Paulo. — Ordenei que ficasse com a pagem, que o tratava, e comigo, que olharia por ele... — Não insistiu!

— Pobre!...

— Perguntei-lhe quando queria ir e respondeu-me «que o mais depressa possível. Estava com muito cuidado na saúde do pai...» — Hoje mesmo! — respondi-lhe gentilmente — Talvez apanhes o nouturno de amanhã. As malas? Estava tudo pronto! Telefonei ao Angelino, mandei vir o carro para a bagagem e o auto para ela, que ia acompanhada por um dos primos... Todas as ordens foram dadas com uma pressa, que a ela propria devia ter admirado, se não estivesse tão perturbada e não fosse tão ingenua. As malas levavam tudo, tudo quanto lhe pertencia... E podia ela supôr que eu estava cego e surdo?!... Como a gente se ilude quando pensa iludir os outros! Nos ultimos tempos dava-lhe mais dinheiro para ela se preparar, a pretexto da vida estar mais cara... facilitei-lhe tudo para que seguisse o seu destino...

— Para se perder, Bernardo!

— E achas que ela estava ganha na companhia dum homem que não amava, e que tambem a não amava?!... Quando estava pronta, disse-lhe! «Bertina, não quero que vás ser pesada a teus pais. Aqui tens um cheque que te chegará para a viagem... e para lá estares o tempo necessário... Ela corou, hesitou e aceitou, por fim. Estava aterrado com o receio de que não aceitasse, porque esse gesto con-

duziria a explicações, que não queria ter. Partiu sorrindo, envolvendo-se na grande capa de viagem num gesto estudado de animatografo e estou certo, que daria anos de vida por ter podido *filmar* essa bela scena: «Bertina forçada pelo genio da *Arte do silencio* abandona seu marido, o engenheiro colono e o seu filhinho... »

—Não te rias, coitada! É uma vitima da educação e do meio.

—Mas Leonor, eu rio-me porque de facto eu tinha naquele momento a sensação do ridiculo da vida e ao mesmo tempo a felicidade a escancarar-me a alma, numa reacção deliciosa! Montei a cavallo e acompanhei-a até ao fim do arraial. Ai, despedimo-nos correctamente, como dois amigos. Mal deixei de sentir o auto que se afastava embrenhado na mata, que a picada corta a direito, deitei o cavallo a galope, inquieto por ter na minha mão a carta, a inevitável carta que ela devia ter escrito e que era a prova necessária para a libertação!... Fui ao escritorio, que nessa manhã não abrira para lhe dar ocasião a que a puzesse sobre a minha mesa, como era logico no drama. Não estava! Procurei!... Começava a irritar-me e a lamentar tê-la deixado ir... sem a obrigar a escrever!... Estava estúpido, sem logica, perdia o sangue frio. Essa carta era um documento indispensável... para a minha convicção momentanea. Mas sobre a mesinha de cabeceira, no lugar onde costumava pôr o relógio, ela lá estava para que eu só a encontrasse à noite, quando não pudesse já impedir a saída!... Pobre Bertina, como a vaidade a iludia! Tive o sangue frio de esperar oito dias, dando-lhe tempo de

estar já longe, para chamar o Angelino e mandá-lo a S. Paulo procurar todas as provas documentadas da sua fuga. Pobre Angelino!... Estava um pouco triste e grave, mas quando lhe disse que só queria provas para me libertar, olhou para mim, parece que um raio de luz lhe penetrou a intelligencia e abriu-se todo num riso radiante: «Está bem! — respondeu firmemente — Terá todas as provas!...» Mais tarde soube que ele dissera para a pagem! «O Patrão tem uma força!... Só agora é que sei bem avaliar a força de que ele é!...»

—Pobre Angelino!... Como é nosso amigo!

—Oito dias depois, Leonor, ele trazia-me documentadas e autenticadas todas as provas para o divorcio immediato!... Perdõa, meu amor!... Não fui leal e bom como tu julgavas que eu fosse... Mas que queres? Fui humano, porque te amava acima de todas as coisas e de todas as considerações... Fala, minha querida mulhersinha, dize o que pensas agora de mim. Podia não te contar, mas não quero que me queiras em perfeição ideal, mas na grandeza miserável da minha inferioridade humana... Amas-me, talvez, menos?!...

—Não!...—murmurou gravemente—Amo-te mais, Bernardo! Para o amor todos os crimes são virtudes se são cometidos para o satisfazer!...

—Obrigado, Leonor!... Sinto-me purificado da minha culpa. E o segredo da nossa vida futura... só mo dirás na varanda da nossa casinha de colonos, florida de jasmims e glicínias...

—E esqueces a gardenia que se desfazia em perfume essa noite?...

—E de que cortei uma flor, que tu pozeste ao peito e da qual todos se queixavam menos tu, que a respiravas com delicia?!...

—Bernardo... como a vida é bóa! Eu creio que todo o seu sentido é este viver amando!...

—Sabendo amar, Leonor, como nós amamos, criando assim um *Mundo Novo* de fé e de realização para o futuro!...

*

* * *

—Meu Deus! Ha quanto tempo vos andava procurando — vinha dizendo Regina quando os avistou.

—Pois temos estado sempre aqui.

—Sempre neste cantinho escuro a arru-lhar!... Ora sempre vocês estão uns maçadores?!... Desgraçada de mim se não tivesse encontrado aquele grupo encantador de senhoras, que me intimaram a vi-los buscar para confirmar o que lhes disse da vossa cidade maravilhosa. Não querem acreditar-me, não se fiam no que lhes digo, porque não estive lá!

—Mas é certo! — dizia Bernardo, sorrindo, no grupo buliçoso a que Regina os apresentava. — Uma cidade verdadeira, já marcada no mapa, filmada para todos os *écrans* do mundo.

—A cidade de *Nova Esperança*, no interior de S. Paulo — confirmava Leonor assediada de perguntas.

—Ah, então eu já vi — gritou uma linda mocinha de olhos fulgurantes — mas me parecia que era na America do Norte...

—E eu tambem, vi em Paris...

—Mas é essa, mesmo?...

—É o senhor é o engenheiro Bernardo que captou as águas das quatro lagoas e fundou uma serração, fez plantações, e conseguiu o traçado do trem que em breve lá vai passar?...

—quis saber um velho paulista, entusiasmado com os admiráveis progressos da sua terra.

—Eu proprio!

—Me honro de lhe apertar a mão!...

—É a senhora é que é aquela moça portuguesa, que fez a propaganda da ideia e conseguiu capitais e foi quem lançou a primeira pedra da fundação?!

—Aquela moça elegante que vinha a cavalo com fato de caça e chapéu largo de feltro?!

—Eu propria, ainda que o não pareça — afirmou Leonor a rir.

—É' mesmo verdade, agora a rir é que eu vi que é a mesma!...

—O senhor engenheiro é que se pôs à frente das tropas com todo aquele povo de caipiras, que reunira, e correu com uma turma de americanos que se tinham apossado daquele lugar?!. . . Não foi?!. . .

—O que vem na fita é tudo a verdade — confirmava Regina — eu não lhes dizia?

—Mas que engraçado! Quem o podia imaginar?!. . . Não parecem os mesmos que andavam no mato!...

—Como as nossas amigas nos vão ficar invejando quando souberem que viajamos com os fundadores da Nova-Esperança!...

—Eu gostava que o senhor nos contasse a historia da fundação da cidade!...

—Mas é tudo quanto vem nos *films*!

—O melhor — concluiu Leonor gentilmente — é aceitarem desde já o nosso convite e irem passar uns dias à nova cidade. Ai verão tudo quanto lhes podíamos dizer e ouvirão a história da fundação da boca dos velhos companheiros do seu descobridor...

—Aquele militar que voltava da guerra do Paraguay e encontrou aquele paraizo abandonado, que até parecia esquecido de Deus?!... Não é assim que vem na fita?

—Pois é! Os velhos contam isso tudo e mais a luta com os americanos e todo o esforço de Bernardo para os convencer a retirarem... com vida

—Não fomos mais do que os iniciadores das novas «bandeiras» da raça, em conjunto de esforços para a penetração completa da terra brasileira. — Explicava Bernardo ao grupo mais grave dos homens.

—A cidade de Nova Esperança é apenas o exemplo do esforço que devemos realizar para a conquista civilizadora do Mundo Novo. Ali nos havemos de reunir todos, brasileiros e portugueses no mesmo sonho e na mesma imposição da nossa força invencível, com raízes bem fundas no passado e a certeza na floração magnífica do futuro.

FIM



COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA, L.^{DA}

PORTO

Últimas Publicações

Antão era Pastor , sonetos por Antão de Moraes Gomes, 1 vol. broch.	10\$000
A Verdade , peça em três actos por Francisco Lage e João Correia d'Oliveira. 1 vol.	10\$000
A Regeneração ,—Fontes Pereira de Melo, por Eduardo Noronha—2. ^a parte. 1 vol.	10\$000
A mulher e a creança , por Scipio Sighele, obra de ensinamentos valiosos. 1 vol.	8\$000
Cantigas dum Luslada . Quadras populares, por Eduardo Salgueiro	6\$000
D. Sebastião—Rel e Martir . Notas críticas acerca do livro, D. Sebastião de Antero de de Figueiredo por Carlos Passos. 1 vol.	3\$000
Do meu amor . Versos por Zuzarte de Mendonça (filho). 1 vol.	7\$500
Dom João , (Poema) por Silva Gayo. 1 vol.	7\$500
Fontes Pereira de Mello , por Eduardo Noronha. 1 vol.	10\$000
Manhã de S. João , por Severo Portela, pró-prio para prensa de aço. 1 vol.	7\$500
O Fado . Estudos sobre um problema litográfico-Folclórico, por José Maciel Ribeiro Fortes 1 vol.	10\$000
O Livro da Esposa , por Paulo Combes, nova edição. 1 vol.	10\$000
Os Cegos , peça em três actos por Joaquim Leitão. 1 vol.	10\$000
Ramo d'Oliveira . Romance por Adriano Antero. 1 vol.	7\$500
Relicário de Simão Gouveia , pelo Dr. Sanches da Gama. Edição luxuosa. 1 vol.	25\$000
Ritmo de Bilros , lendas do Minho, por Artur Maciel. 1 vol. lindamente illustrado	15\$000
Três Sols , <i>Sol Nado, Sol Alto e Sol Posto</i> , (Poesias) por Vidal Oudinot, 1 vol.	10\$000
Uma raperiga moderna , por Augusto Navarro, (novela). 1 vol.	10\$000
Vinte cartas de Camilo , por José Caldas, 1 vol. com os autografos de Camilo zinco-gravados.	10\$000